



BHAGAVATA VAHINI



por Bhagavan Sri Sathya Sai Baba



BHAGAVATA VAHINI

Bhagavan Sri Sathya Sai Baba

Copyright 2008 © by Fundação Bhagavan Sri Sathya Sai Baba do Brasil

Todos os direitos reservados:

Os direitos autorais e de tradução em qualquer língua são de direito dos publicadores. Nenhuma parte, passagem, texto, fotografia ou trabalho de arte pode ser reproduzido, transmitido ou utilizado, seja no original ou em traduções sob qualquer forma ou por qualquer meios, eletrônicos, mecânicos, fotocópia, gravação ou por qualquer meio de armazenamento, exceto com devida permissão por escrito de Sri Sathya Sai Books & Publications Trust, Prasanthi Nilayam (Andhra Pradesh) Índia.

Publicado por:

Fundação Bhagavan Sri Sathya Sai Baba do Brasil

Rua Pereira Nunes, 310 – Vila Isabel CEP: 20511-120 – Rio de Janeiro – RJ Televidas: (21) 2288-9508

E-mail: fundacao@fundacaosai.org.br Loja virtual: www.fundacaosai.org.br Site Oficial no Brasil: www.sathyasai.org.br

Tradução:

Coordenação de Publicação /Conselho Central Organização Sri Sathya Sai do Brasil

Organização Sri Sathya Sai do Brasil www.sathyasai.org.br

BHAGAVATA VAHINI

SUMÁRIO

Capítulo 1 - O BHAGAVATA	6
Capítulo 2 - O NASCIMENTO DE UM BHAGAVATA	15
Capítulo 3 - A CRIANÇA PARIKSHITH E A PROFECIA	21
Capítulo 4 - O YAJNA PENITENCIAL	27
Capítulo 5 - OS YAJNAS E A PENITÊNCIA DOS ANCIÃOS.....	34
Capítulo 6 - A RENÚNCIA DE VIDURA	40
Capítulo 7 - VIDURA, O CONSELHEIRO	46
Capítulo 8 - A TRANSFORMAÇÃO DE DHRITHARASHTRA	51
Capítulo 9 - A ASCENSÃO DE KRISHNA	55
Capítulo 10 - O MISTÉRIO DE KRISHNA	61
Capítulo 11 - QUANDO O SENHOR PARTIU - A AFLIÇÃO DOS PANDAVAS	71
Capítulo 12 - O ALVORECER DA ERA DE KALI	76
Capítulo 13 - A COROAÇÃO DE PARIKSHITH	81
Capítulo 14 - O ÊXITO DOS PANDAVAS	86
Capítulo 15 - O REINADO DO IMPERADOR PARIKSHITH	92
Capítulo 16 - REVERÊNCIA POR KRISHNA	98
Capítulo 17 - RELEMBRANDO OS DIAS DO PASSADO	102
Capítulo 18 - A FUGA DE TAKSHAKA	111
Capítulo 19 - PANDAVAS - UM EXEMPLO PARA A ERA DE KALI	116
Capítulo 20 - A GRAÇA DE KRISHNA SOBRE DRAUPADI	122
Capítulo 21 - O EPISÓDIO DE DURVASA	128
Capítulo 22 - A LUTA DE ARJUNA COM OS DEUSES	135
Capítulo 23 - GUARDIÃO NO CAMPO DE BATALHA	141
Capítulo 24 - PARIKSHITH É AMALDIÇOADO	146
Capítulo 25 - A COMPAIXÃO DO SÁBIO	151
Capítulo 26 - MALDIÇÃO OU ENVIO DE DEUS?	157
Capítulo 27 - O SÁBIO SUKA	162
Capítulo 28 - A HISTÓRIA ENCANTADORA	167
Capítulo 29 - O DIÁLOGO INICIA	172
Capítulo 30 - O CAMINHO DO BHAGAVATA	180
Capítulo 31 - DÚVIDAS E QUESTIONAMENTOS	188
Capítulo 32 - PURANAS E ENCARNAÇÕES	195
Capítulo 33 - RAMAVATARA	206
Capítulo 34 - KRISHNA AVATARA	210
Capítulo 35 - GOPALA, GOPAS E GOPIS	221
Capítulo 36 - COMPANHEIRO E REI	227
Capítulo 37 - O DESTINO DOS DEMÔNIOS	232
Capítulo 38 - A SERPENTE KALIYA	238
Capítulo 39 - O ONISCIENTE COMO ALUNO	243
Capítulo 40 - DE MRITA A AMRITA	251
Capítulo 41 - A MENSAGEM DO ADVENTO DE KRISHNA	259
Capítulo 42 - CONSUMAÇÃO EM NANDA-NANDANA	266

BHAGAVATA VAHINI

Bhagavan Sri Sathya Sai Baba

Querido Leitor!

O Bhagavata é um diálogo entre uma pessoa sob sentença de morte e um grande santo que o prepara para esse encontro. Estamos todos sob uma sentença de morte; nossos corações, como tambores amortecidos, estão marcando o ritmo da marcha fúnebre para a tumba. Alguns a atingem mais cedo, outros, mais tarde. Pedimos o conselho de um grande santo para nos prepararmos para o encontro com a Morte e testemunhar o horizonte além Dela.

O Bhagavata é um Ganges, que vem do Senhor e se funde Nele após uma longa viagem através de descrições geográficas, anais históricos, dissertações filosóficas, narrativas, pesquisas epistemológicas e posterior fertilização dos vastos vales das mentes humanas com as águas puras e transparentes dos episódios de Krishna.

Bhagavan retornou novamente como Sathya Sai Baba para restaurar o dharma (retidão) entre os homens. Um dos aspectos importantes desse retorno é o restabelecimento da reverência aos antigos textos espirituais como a Bíblia, o Corão, o Zend Avesta¹, o Tripitaka², os Vedas e o Bhagavata. Nos tempos atuais, a reverência pode surgir somente quando o significado interno das frases e da história for explicado de forma clara e simples, no estilo encantador da própria Pessoa que inspirou a Escritura original.

1 Zend Avesta - Os escritos da religião dos Parsis, ainda utilizada por eles como a base de sua fé.

2 Literalmente “os três cestos”, é o conjunto fundamental das escrituras budistas, divididas em: Vinaya Pitaka, Sutta Pitaka e Abhidhamma Pitaka.

Aqui, neste livro, temos a Sua versão do volumoso texto de devoção (bhakti) que Vyasa compôs, por sugestão do sábio Narada, para que pudesse alcançar a paz e a equanimidade.

Este não é somente um livro, caro leitor. É um bálsamo, uma chave, um mantra -para acalmar, esclarecer e resgatar, para diminuir os apegos, libertar da tristeza e da dor, da sede e da dependência.

Abra-o com humildade, leia-o com diligência, reverencie-o com devoção, observe suas lições com firmeza e atinja o Objetivo que Vyasa atingiu e Narada obteve, que Suka ensinou e Parikshith aprendeu. Que maior recompensa o homem pode esperar?

N. Kasturi

Prasanthi Nilayam,

Guru Purnima, 18-07-1970



CAPÍTULO 1 - O BHAGAVATA

O nome Bhagavata pode designar qualquer descrição das experiências daqueles que contataram Deus e o Devoto (Bhagavan e bhakta). Deus assume muitas Formas e representa várias atividades. O nome Bhagavata é dado às descrições das experiências daqueles que O realizaram nessas Formas e daqueles que foram abençoados pela Sua Graça e escolhidos como Seus Instrumentos.

O grande Trabalho conhecido por esse nome é reverenciado por todos os mestres dos Vedas. É a panacéia que cura as doenças físicas, mentais e espirituais. O Bhagavata está saturado com a doçura do néctar e brilha com o esplendor de Deus.

O princípio do Avatar ou a Descida de Deus na Terra, a Encarnação do Sem Forma na Forma para a Elevação dos Seres -este é o fato básico que torna o Bhagavata autêntico. Por Bhagavata queremos dizer também aqueles ligados a Deus, os que buscam a companhia de Deus. Para esses, o livro Bhagavata é o mais precioso, é o alento de suas vidas. Estar entre esses Bhagavatas é nutrir a própria devoção. A menos que vocês tenham uma tendência aos pensamentos voltados para Deus, não sentirão alegria com Ele. Para criar esse gosto, o Bhagavata relata histórias ligadas à encarnação para o inquiridor mais ansioso. Assim ele desenvolverá o anseio de experimentar a vibração de alegria de Deus em todos os níveis de consciência. Aquele que possui este anseio intenso pode ser um verdadeiro Bhagavata.

As pessoas acreditam que as encarnações de Deus acontecem somente por duas razões: a punição dos maus e a proteção dos justos. Mas estas representam somente um aspecto da tarefa. A garantia de paz e alegria, de um sentido de realização para os buscadores que lutam há tanto tempo - isso também faz parte da tarefa.

O Avatar, ou Forma Encarnada, é somente uma concretização do anseio dos buscadores. É a doçura solidificada da devoção dos aspirantes divinos. O Sem Forma assume a Forma para o bem desses aspirantes e buscadores.

Eles são os motivos principais. A vaca dá o leite para o sustento do bezerro. Ele é o principal beneficiário. Mas, como vemos, outros também se beneficiam do leite. Por isso, embora os bhaktas sejam a causa primeira e a sua alegria e sustento, o propósito principal, outros benefícios incidentais também advêm, como o estímulo do dharma, a supressão do mal, o fracasso do malvado.

Não existe uma regra obrigatória de que as encarnações devam ocorrer somente na Terra e sob a forma humana. Qualquer lugar, qualquer forma pode ser escolhida pelo Verdadeiramente Livre. Qualquer lugar, qualquer Forma promove o propósito da realização do anseio dos devotos, e aquele Lugar e aquela Forma são escolhidos pela Vontade de Deus. Deus está acima e além dos limites do Tempo e Espaço. Ele está além de todas as características e qualidades; nenhuma lista pode descrevê-Lo totalmente. Para Ele, todos os seres são iguais. A diferença entre homem, animal, pássaro, verme, inseto e mesmo um deus é somente uma diferença de “receptáculo” (o upadhi).

É como uma corrente elétrica que flui através de vários aparelhos e se expressa em muitas atividades diferentes. Não há distinção na corrente, ela é a mesma. Falar dela como coisas diferentes é revelar a própria ignorância (ajnana). O Deus único ativa cada receptáculo ou upadhi e dá origem a inúmeras conseqüências. O sábio vê somente uma corrente uniforme; o ignorante sente que elas são todas distintas. Deus considera a consciência da Unidade como o motivo

básico dos atos. Não aprecia a própria atividade como uma só, sem variedade; ela é adaptada para várias necessidades. Os frutos do karma, ou ação, alcançam somente aqueles que se identificam com o corpo e não agem pelo bem dos outros, aqueles que sabem que são o Atma indestrutível.

Mais uma vez, vocês precisam saber que não existe limite para as encarnações que Deus concede. Ele desceu em incontáveis ocasiões. Algumas vezes, Ele vem com uma parte da Sua Glória, outras com um equipamento mais repleto de esplendor, algumas ocasiões para uma tarefa particular, outras para transformar todo um período de tempo, um continente inteiro.

O Bhagavata narra, com esmero, a história da última destas vindas. O drama encenado pelo Avatar e os bhaktas, atraídos por Ele, é o assunto principal do Bhagavata. Ouvi-lo conduz à libertação. Muitos sábios testemunharam a sua eficácia, exaltaram-No, e ajudaram a preservá-lo para a posteridade.

Falando em termos gerais, o homem é atraído pelos objetos dos sentidos – ele é uma vítima dos instintos. Estes facilmente buscam sentir os objetos. Fazem parte do corpo e não são conseqüências de qualquer treinamento. Os bebês buscam o leite no peito da mãe; os bezerros recém-nascidos procuram o úbere. Não é preciso treinamento para isso. Mas ele é necessário para que a criança ande e fale. O desenvolvimento dos bebês não é automático, mas socialmente estimulado pelo exemplo e pela imitação.

O treinamento é essencial até para criar o sentido do prazer, pois é a procura aleatória e despreparada do prazer que promove a ira, o ódio, a inveja, a malícia, a vaidade. Para treiná-lo em linhas salutares e mantê-lo sob controle, certas disciplinas são vitais: japa (repetição

do nome de Deus), dhyana (meditação), upavasa (jejum) e sandhyavandana (adoração ao alvorecer e ao crepúsculo) etc., são essenciais. Mas, embora o seu valor seja apreciado e a sua prática recomendada, as pessoas não desenvolvem um gosto por elas. Isso ocorre porque o desejo pelo prazer sensorial lançou raízes profundas no coração humano. Quando se pede a alguém para fazer ações espiritualmente salutares não há uma disposição interior para isso. Mas não é preciso se desesperar. Até o gosto despertar, as disciplinas devem ser rigidamente seguidas. Esse gosto é o resultado do treinamento; ninguém o tem no início. A prática constante criará o zelo.

O bebê não conhece o gosto do leite. Ao tomá-lo diariamente desenvolve um apego tão profundo por ele que, quando o leite é substituído pelo arroz, o bebê logo protesta. Mas a mãe não se desespera. Persuade a criança a provar pequenas quantidades de arroz cozido diariamente e, com esse processo, ele começa a tomar gosto pelo cereal, e desiste do leite. Este já foi o alimento natural; pela prática, o arroz assume seu lugar e se torna tão natural que, se não houver arroz disponível um único dia, o bebê se sente infeliz.

Por isso, embora os prazeres sensuais sejam “naturais” a princípio, através da prática e do treinamento, e ouvindo as recomendações dos sábios, lentamente o prazer maior e mais duradouro, derivado das glórias do Senhor e da sua recapitulação, é apreendido. A partir daí não se pode existir sem essa atmosfera, sequer por um minuto; sente-se que nada é tão doce quanto a experiência de ouvir o esplendor do Senhor. A companhia das pessoas mundanas que conversam sobre os sentidos e os objetos dos sentidos não mais atrai, mas a companhia que exulta no louvor ao Senhor atrairá e manterá.

Essa é a verdadeira marca do bem. Sadhakas e devotos do Senhor devem ser julgados por isso, e não pela aparência e pelos trajes. Se

alguém se mistura com os homens que se deleitam em conversas e atos sensoriais, se coloca fora dos eleitos. Passem o seu tempo na companhia dos devotos, ligados aos assuntos de Deus. Evitem se misturar com a companhia de pessoas mundanas. Não se liguem às suas atividades e nem ouçam os seus relatos. Somente aqueles que as evitam podem ser chamados de Bhagavatas, ou pertencentes a Deus.

Ler e apreciar as histórias da glória de Krishna em algum local sagrado, em um templo ou casa de oração, santuário ou eremitério de um santo ou sábio, ou na companhia de seres virtuosos e dos bons, é uma fonte de grande prazer e inspiração. Faz com que se esqueça de todo o resto. Podem se aproximar de homens piedosos e servi-los, ouvir os seus discursos sobre as glórias de Deus. O gosto por tais literaturas sagradas é o resultado do mérito e empreendimento acumulados. É esse mérito que recompensa os que desfrutam dessa companhia. Ouvir será o bastante no início. Posteriormente, as histórias despertarão o interesse sobre a natureza e as características de Deus e o aspirante buscará e encontrará para si próprio o caminho da realização.

Ouvir os discursos dos sábios é muito melhor do que lê-los sozinho; ou então a pessoa pode acompanhar o texto enquanto ouve. É preferível ouvir em companhia do que sozinho. Naturalmente, é excelente ouvir junto a outros aspirantes sinceros. Se a pessoa que discursa sentiu a alegria da verdadeira experiência, então essa é a sorte suprema, pois produz os melhores resultados. Sua face resplandecerá com alegria, seus olhos verterão lágrimas de alegria pela contemplação da glória do Senhor. Os que o ouvem captarão aquela inspiração; experimentarão eles mesmos a alegria. No meio de um grupo que chora, as lágrimas cairão dos olhos daqueles que chegam.

Quando uma criança sorri, os outros também sorriem em uníssono. Por isso, as palavras saturadas com devoção a Deus saturarão os corações dos que ouvem. É impossível medir o lucro ganho quando se está na companhia dos grandes seres.

Através do processo de ouvir, um coração obscuro será transformado em um coração iluminado, brilhando com genuína luz. Para os desagradáveis odores da busca sensorial, o entusiasmo ao ouvir as glórias de Deus é um poderoso desinfetante, além de ter, por si só, uma doce fragrância. A audição limpará o coração através do estímulo que dá para o bom trabalho.

Um coração limpo é o altar ou tabernáculo mais apropriado. Nesse abrigo perfumado, o Senhor Se estabelecerá. Nesse momento acontecerá também um outro incidente: o grupo dos seis vícios, que infestava o local, o abandonará sem demora.

Quando esses vícios se afastam, aqueles companheiros mal-intencionados, de tendências más e atitudes vulgares que se alimentam deles irão levantar acampamento e desaparecer sem deixar nem mesmo seus endereços! Então o homem brilhará no seu esplendor original da Verdade e do Amor (Sathya e Prema). Começará, sem impedimentos, a realizar a si mesmo e, finalmente, conseguirá mergulhar no Universal e Eterno. Libertar-se-á da trama da ignorância, ou maya. Sua mente se desvanecerá. O segredo tão escondido será revelado a ele, que descobrirá a sua Madhavathva (Divindade).

A natureza do homem é Prema, Amor. Ele não consegue sobreviver um momento sem Amor. É o próprio alento da sua vida. Quando os seis vícios – aos quais se está há tanto tempo ligado – desaparecem, o Amor passa a ser o único ocupante do coração. Mas o Amor precisa achar um objeto, o Amado. Não pode estar só. Por isso ele

é direcionado para a Divina Criança azul, o encantador Pastor, que é a Pureza Personificada, a encarnação do serviço, do sacrifício e abnegação, que assumiu residência nesse Altar purificado. Não há agora espaço para qualquer outro apego florescer. Passo a passo, esse Amor por Madhava³ torna-se mais profundo, mais puro, mais negador do “eu”, até que, finalmente, não existe mais necessidade de pensar e o indivíduo se funde no Universal.

Quando Vaasudeva⁴ entra no coração do homem, vasudeva não tem mais lugar ali. Em outras palavras, quando o deva de vasu, ou riqueza, está assentado no coração, o Divino Vaasudeva ou Krishna não pode habitar ali.

Qualquer tentativa de acomodar ambos no coração está fadada a fracassar. A escuridão e a luz não podem existir ao mesmo tempo e no mesmo lugar; elas não podem permanecer juntas. dhanam e daivam não podem ser ideais unidos. Quando dhanam, ou riqueza, é desejada, Daivam, ou Deus, não pode ser atingido também. Se ambos forem procurados pelo homem, ele não atingirá nem dhanam e nem Daivam, mas Dayyam (o Demônio).

É admissível que o homem se comporte como homem; é louvável que se comporte como Madhava,

o que ele realmente é. Mas comportar-se como um demônio ou animal é realmente desprezível. O homem, há muito tempo, nasceu como mineral e morreu como mineral; depois se promoveu a uma árvore. Nasceu como árvore e morreu como árvore por longo tempo, mas, no processo, promoveu-se a animal, e agora atingiu o nível de um homem. Essa ascensão de uma escala para outra tem sido

3 Madhava: outro nome de Krishna.

4 Vaasudeva: literalmente, “O doce Senhor”.

reconhecida pela ciência e pela experiência espiritual. Agora, vejam só! Ele nasce como homem e morre como homem. É uma grande vergonha se ele deslizar para um animal ou um monstro brutal. Terá louvor somente caso se eleve à posição Divina. Essa é a verdadeira realização do seu destino.

Portanto, evitem o contato com os vícios, desenvolvam o apego às virtudes, transmutem o coração em um altar para o Senhor, destruam todos os galhos e os brotos do desejo. Então o seu manasa-sarovaram (o Lago da sua Consciência Interior) será sublimado para um kshera-sagara (o Oceano Puro de Leite onde o Senhor se reclina sobre o leito da Serpente). O seu Ser verdadeiro irá, como o Hamsa⁵ Celestial, revelar-se nas águas plácidas do lago assim transformado. E descobrirá a felicidade eterna.

Quem pode marcar o início das ondas contínuas do oceano? É uma tarefa impossível. Se alguém se decidir a fazê-lo, a onda com a qual iniciar a marcação será considerada como o início e a onda com a qual a interromper será para ele a última, o fim. Existe um início e um fim para a sua contagem, não há início ou fim para o processo. Ninguém pode visualizar nenhum dos dois na sua extensão ilimitada e interminável. A Glória de Deus é o oceano ilimitado. Quando alguém começa a descrevê-lo, é o início para ele; quando termina a sua descrição, é o término para ele, pelo menos do que lhe interessa. Mas a Sua Glória está além do espaço e do tempo. Somente as mentes pequenas, mentes limitadas, argumentarão que a Glória de Deus tem um início e um fim. O palco no qual Ele age (Sua Lila) não possui fronteiras.

5 Hamsa: cisne místico representando a Divina sabedoria que está além do alcance do homem

A história da Sua Lila⁶ é puro Néctar. Não possui outro componente, outro sabor ou outro conteúdo. Todos podem beber o que lhe for satisfatório nesse Oceano de Néctar. A mesma doçura existe por toda parte, em cada partícula. Não há nada inferior para estragar a doçura.

O amor de Deus e o amor por Deus são ambos eternamente doces e puros, independente do método para sua aceitação ou alcance. Esse amor é sagrado e inspirador. O açúcar é doce quando é comido durante o dia ou durante a noite, porque é dia ou noite para a pessoa que o come, não para o açúcar. O açúcar se comporta sempre uniformemente.



⁶ Lila: esporte, diversão, passatempo.

CAPÍTULO 2 -O NASCIMENTO DE UM BHAGAVATA

Maharaja Parikshith era um filho de Abhimanyu, que fora para a Morada Celestial dos Heróis⁷. Quando Parikshith era um embrião, crescendo no ventre de Uttara, ele viu uma flecha afiada atirada por Aswatthama para matá-lo, voando em sua direção e emitindo centelhas de fúria e terror. Mas nesse mesmo momento, viu também uma Pessoa de Brillhante Encanto, armada com uma Tremenda Roda, quebrando aquela flecha portadora da morte em uma centena de pedaços. O feto real ficou cheio de admiração e gratidão.

Ponderou profundamente sobre a identidade do seu Salvador. “Quem é ele? Ele deve estar habitando também este ventre, junto comigo, porque pôde ver a flecha no mesmo momento que eu! E foi tão intrépido e habilidoso que a destruiu antes que ela me atingisse. Será ele um irmão uterino? Como ele conseguiu aquela roda? Se ele possui uma roda, como eu não a tenho? Não, ele não é mortal.” Ponderou consigo mesmo por um bom tempo.

Não esqueceu aquela Face, aquela Forma. Era uma Criança com o esplendor de um milhão de sóis. Era bom, abençoado, azul como um céu claro. Após tê-lo salvo dramática e misericordiosamente, desapareceu. Maharaja Parikshith sempre teve a Forma diante dele, pois procurava vê-la novamente. Todos a quem ele via, examinava para descobrir se correspondia com a Forma que ele, com reverência, tinha fixado em sua mente.

Assim cresceu no ventre, contemplando a Forma. A contemplação

⁷ Abhimanyu: filho de Arjuna com Subhadra, irmã de Krishna, e pai de Parikshith; quando seu filho Maharaja Parikshith nasceu, ele já havia morrido em batalha.

transformou-o em um bebê cheio de esplendor. Quando, ao término do período de gestação, ele nasceu para o mundo, o quarto de repouso iluminou-se com uma luz estranha. As atendentes de Uttara ficaram ofuscadas pelo seu brilho, e sua inteligência foi superada pelo assombro.

Recobrando-se, Subhadra, esposa de Abhimanyu, enviou uma mensagem para Yudhishtira, o mais velho dos Pandavas, anunciando o nascimento. Os irmãos Pandavas ficaram tomados de alegria quando ouviram a novidade, a qual esperavam com ansiedade. Ordenou que as bandas tocassem e os canhões disparassem em honra ao evento, pois um descendente tinha nascido na família real -um sucessor para o trono Pandava.

As pessoas ouviram o troar dos canhões e quiseram saber o motivo da alegria. Correram para Indraprastha em grandes grupos cheios de entusiasmo. Cada canto do reino brilhava de alegria pelo evento. Em minutos a cidade foi transformada em um jardim celestial, digno de que os Deuses concedessem uma audiência aos homens. Yudhishtira distribuiu diversas variedades de doces a todos que chegaram. Doou várias vacas de presente aos brâmanes. Instruiu as senhoras da corte a darem cestas douradas cheias de açafreão e kumkum para as mulheres. Os brâmanes foram presenteados com roupas de seda e pedras preciosas. Os cidadãos eram tomados pela alegria, porque a dinastia tinha, agora, assegurado um herdeiro. Noite e dia eles se deleitaram em um júbilo alegre.

No dia seguinte, Yudhishtira chamou o sacerdote da família, Kripacharya, e realizou o rito do Jatha Karma (primeira limpeza da criança). Satisfaz os brâmanes presenteando-os com diversas jóias caras. Os estu-

diosos e os sacerdotes abençoaram a criança e retornaram para casa.

No terceiro dia, Yudhishtira chamou à sua presença renomados astrólogos e famosos quiromantes, e profetas, pois estava ansioso para saber se o bom nome do reino e a sua cultura estariam a salvo nas mãos do príncipe que chegara para continuar com os encargos do Estado. Recebeu-os no palácio com a hospitalidade tradicional. A eles foi dado um assento apropriado na sala e foram ofertados perfumes e sedas.

O Rei inclinou-se diante deles e, juntando as palmas das mãos em reverência, prostrou-se e orou: “Oh, homens sábios que conhecem o passado, o presente e o futuro, examinem o horóscopo da criança que acaba de nascer, calculem a posição das estrelas e das constelações e as influências planetárias que guiarão a sua vida e digam-me como o futuro será formado.” Ele anotara o momento exato do nascimento e o registrara em uma placa dourada que colocou diante deles.

Os pundits pegaram a anotação e traçaram o mapa das posições planetárias e o estudaram com grande cuidado. Comunicaram-se com alegria crescente quando começaram a tirar as conclusões. Ficaram tão alegres que não tinham palavras para expressar a sua surpresa.

O decano do grupo, um grande pundit, finalmente levantou-se e dirigiu-se ao Rei Yudhishtira. “Maharaja! Examinei até hoje milhares de horóscopos e preparei mapas astrais, mas devo admitir que nunca antes havia encontrado um agrupamento mais auspicioso do que o indicado neste horóscopo. Aqui todos os sinais de bons presságios se reuniram em um momento, o momento do nascimento do príncipe. O momento indica o estado do próprio Vishnu. Todas as virtudes se reunirão nesta criança. Para que descrever cada glória em

separado? O grande Manu⁸ veio novamente na sua dinastia.”

Yudhishtira ficou feliz que a sua dinastia tivesse tal sorte. Ficou realmente dominado pela alegria. Uniu as mãos e inclinou-se diante dos sábios que lhe tinham dado tão boas notícias. “Esta família tem sorte de aclamar tal gema preciosa em sua prole, através da benção dos mais velhos e de pundits como vocês e também das bênçãos do Senhor que é o nosso guardião. Os senhores dizem que a criança desenvolverá todas as virtudes e acumulará fama. Mas qual a utilidade de tudo isso se ele não adquirir a qualidade da reverência para com os pundits, sadhus e brâmanes? Por favor, olhem mais uma vez o horóscopo e digam-me se ele terá tal reverência.”

O líder do grupo dos astrólogos respondeu: “Não há necessidade dessa dúvida. Ele reverenciará e servirá aos deuses e aos brâmanes. Realizará vários Yajnas⁹ e Yagas¹⁰ prescritos nos textos antigos. Ganhará a glória que o seu ancestral Bharata ganhou. Celebrará até o Ashwamedha. Espalhará a fama desta linhagem em todo o mundo. Ganhará todas as coisas que deuses ou homens desejam. Ele se distanciará de todos os que vieram antes dele”. Eles o exaltaram de várias maneiras com alegria no coração. Pararam porque ficaram nervosos para recontar todas as excelências. Temeram enfatizar com exagero e lisonjas se continuassem a detalhar as conclusões que tinham tirado do horóscopo do bebê.

8 Manu: o pai da humanidade; o autor dos códigos da conduta correta (Dharma Shaasthras); filho de Surya (Sol) e pai de Vaivasvatha Manu, o atual progenitor da humanidade.

9 Yajna: sacrifício ritualístico.

10 Ashwamedha Yaga: cerimônia religiosa onde o sacrifício de um cavalo absolvía os pecados do rei.

Yudhishtira não estava satisfeito. Queria ouvir mais deles sobre as excelências do caráter do príncipe. Os pundits foram encorajados pelo seu anseio. Disseram: “Oh, rei, vós pareceis ansioso por saber mais aspectos da sorte da criança. Ficaremos muito felizes em responder qualquer pergunta específica que possa se sentir inclinado a nos fazer”.

Notando seu entusiasmo, Yudhishtira se aproximou e perguntou. “Durante o reinado deste príncipe haverá alguma guerra maior? Se ela for inevitável, ele conseguirá a vitória?” “Não”, disseram os Pundits, “Ele não será molestado por qualquer inimigo. Não enfrentará fracasso ou desastre em qualquer empreendimento que fizer. Isso é absolutamente verdadeiro, uma verdade incontestável.”

Ouvindo isso, Yudhishtira e os irmãos Bhima, Arjuna, Nakula e Sahadeva entreolharam-se com grande alegria.

Enquanto isso Yudhishtira começou a falar. “Se assim é...”, mas antes que pudesse completar a sentença inclinou a cabeça e mergulhou nos pensamentos. Os pundits notaram e disseram: “Parece que quereis saber mais. É só perguntar que nós responderemos todas as perguntas”. “Naturalmente estou feliz com as respostas recebidas,” disse Yudhishtira, “Ele será virtuoso, famoso, vencedor sobre tudo, amoroso e gentil, tratando a todos igualmente. Realizará vários yajnas e yagas. Não terá inimigos. Trará honra para a dinastia e restaurará a sua reputação. Tudo isso me dá grande alegria. Mas... gostaria de saber como será

o seu fim.” Os irmãos viram que Yudhishtira ficava tomado pela ansiedade, em vista desse problema. Sua voz tinha tremido um pouco ao colocar a questão.

Eles o consolaram e disseram. “Por que se preocupar com esse estágio? O fim chegará algum dia, de alguma forma. É algo que não

pode ser evitado. Algo causará o fim, uma circunstância o provocará. O nascimento envolve a contingência da morte. Sentimos que a felicidade extrema desta ocasião tenha prejudicado um pouco sua linha de raciocínio.. Pensamos que isto é o suficiente. Devemos deixar o restante no reino da dúvida. Não vamos inquirir mais. Deixemos para Deus.”

Mas Yudhishtira não conseguia desistir do seu desejo de saber como um príncipe tão virtuoso terminaria a sua carreira na Terra. Imaginou que seria um fim extraordinário para uma vida gloriosa. Por isso queria que os astrólogos dissessem a ele qual seria.

Os sábios fizeram novos cálculos e se detiveram algum tempo sobre eles. Com isso, o rei ficou ansioso. Apressou-os e os pressionou para uma resposta rápida. E a resposta foi: “Este príncipe desistirá de seu reino como resultado da maldição de um sábio”. Yudhishtira se perguntou como tal modelo de virtude poderia invocar sobre si a maldição de um sábio. Ficou chocado diante da possibilidade.

Enquanto isso, os pundits disseram: “Nossos cálculos mostram que ele será mordido por uma serpente”. Yudhishtira perdeu o ânimo com essa notícia. Toda a sua alegria se evaporou em um só momento e ele ficou triste e desanimado.



CAPÍTULO 3 -A CRIANÇA PARIKSHITH E A PROFECIA

“O h, então ele terá que sofrer esse destino trágico? Essa é a recompensa por todo o bem que ele traz? As conseqüências dos anos de vida boa de repente podem se transformar nesse fim calamitoso? É dito que aqueles que morrem afogados, os que morrem após caírem de uma árvore ou através da mordida de uma serpente têm uma vida ruim após a morte. São consideradas “mortes inauspiciosas”. Os que passam por esse tipo de morte tornam-se fantasmas e têm que sofrer, dizem. Por que esta criança tem que terminar assim? “Que horror! Que injustiça!” lamentou Yudhishtira, mordendo os lábios para conter a sua tristeza.

Os brâmanes se apressaram em consolá-lo. “Maharaja!” disseram, “não há razão para tal tristeza. Um homem tão poderoso nunca se deparará com uma tragédia assim. Não. No horóscopo desta criança, estudando as posições dos planetas, notamos claramente duas conjunções felizes que indicam vajra yoga e bhakti yoga, ambas poderosas e propícias. Portanto, logo que souber da maldição ele abrirá mão do reino e da sua esposa e filhos, e se retirará para as margens do sagrado rio Bhagirathi e se entregará ao Senhor. O grande sábio Suka, filho de Vyasa, ali chegará e o iniciará no Atmajnana (autoconhecimento) através da repetição das glórias do Senhor Krishna e do canto ao Seu louvor. Portanto, Ele passará seus últimos dias nas margens sagradas do Ganges e terá o seu último alento em adoração ao Senhor. Como pode tal homem passar por uma tragédia ou calamidade? Ele não nascerá novamente, pois através de bhakti yoga ele atingirá a unidade com o Senhor de Todos, Purushothama.” Ao ouvir essas palavras, acabou a tristeza de Yudhishtira e ele sentiu-se feliz.

Disse: ‘Se assim for, não há maldição, mas uma benção única!’

Com isso, todos levantaram. Os brâmanes foram honrados de maneira apropriada pelo seu conhecimento e austeridade. Receberam pedras preciosas e roupas de seda, e o Rei os enviou para casa. Yudhishtira e seus irmãos foram para os seus palácios, mas passaram várias horas falando sobre as felicidades do dia e dos receios que, por sorte, tinham sido removidos. Ficaram felizes pelo rumo que as previsões finalmente tomaram.

O bebê cresceu no quarto de repouso, como a lua na sua metade brilhante do mês. Uma vez que ele nascera como herdeiro de um grande império, após uma sucessão de grandes perigos, todos o adoravam e o cuidavam como a menina dos olhos, como o próprio alento de suas vidas. Draupadi¹¹, desalentada pela perda de seu próprio filho (Upapandavas), Subhadra¹², que sofria a perda inconsolável da morte de Abhimanyu, e os Irmãos Pandavas, que tinham temido que a terrível flecha de Aswasthama direcionada contra o filho póstumo de Abhimanyu, ainda no ventre de Uttara, fizesse o pior e destruísse para sempre a linhagem dos Pandavas, todos estavam aliviados, ou melhor, exultantes quando viram a criança. Estavam extremamente felizes e passaram os dias seguintes adorando o bebê que traziam do quarto das mulheres sempre que sentiam necessidade de vê-lo e pegá-lo em seus braços.

O menino era muito perspicaz. Parecia olhar as feições de todos que vinham vê-la ou que ficavam diante dela. Olhava para os rostos demorada e amorosamente. Todos estavam surpresos com esse estranho comportamento. Cada pessoa que chegava era submetida a

11 Draupadi (Droupadi): esposa dos cinco príncipes e irmãos Pandavas.

12 Subhadra: meia-irmã de Krishna.

essa investigação minuciosa, pois ele parecia determinado a encontrar alguém ou alguma coisa neste mundo em que acabara de nascer.

Alguns disseram tristes: ele procura o pai, Abhimanyu. Outros afirmavam: não, procura o Senhor Krishna. Outras opinavam que ele tentava descobrir algum Brilho Divino. Mas o fato era que a criança examinava a todos, procurando um traço ou sinal que já conhecia, uma Forma que tinha em mente. “Pariksha” foi a palavra utilizada em relação ao “questionamento” que a criança fazia, antes até da cerimônia do nome formal a qual, todos, no palácio e fora dele, começaram a chamar de Parikshith, “aquele engajado em Pariksha”!

O nome Pariksha ficou. Do rajá ao camponês, do estudioso ao iletrado, do monarca ao homem das ruas, todos se referiam ao menino como Parikshith. A fama dele crescia a cada dia. Estava nos lábios de todos. Em um dia auspicioso, Yudhishtira chamou diante de si o sacerdote da corte e encarregou-o de determinar um bom dia para a cerimônia do nome da criança-príncipe.

O sacerdote reuniu seu grupo de estudiosos e astrólogos, e após consultar as conjunções dos corpos celestes, descobriu um dia com o qual todos concordaram que seria uma boa ocasião para o evento. Estabeleceram também a hora na qual ocorreria. Os convites foram enviados para os governantes do país, aos estudiosos e aos pundits e também aos cidadãos mais proeminentes. O Rei enviou emissários para convidar os sábios e personagens cheios de riqueza espiritual. Arjuna foi ao Senhor Krishna e orou com reverência para que Ele derramasse Sua Graça sobre a criança naquela ocasião. Conseguiu trazer Krishna consigo quando retornou.

Quando o Senhor Krishna chegou, os sábios, os brâmanes, os rajás, os governantes subordinados e os cidadãos se aprontaram para

recebê-Lo com as devidas homenagens. Os irmãos Pandavas, magnificamente trajados, esperaram no portão principal do palácio para dar-Lhe as boas-vindas. Quando a carruagem do Senhor estacionou os tambores soaram, as trombetas vibraram e alegres “Vivas!” brotaram de todas as gargantas. Yudhishtira aproximou-se e abraçou o Senhor assim que Este desceu. Levou-O pela mão e conduziu-O ao palácio, onde um trono elevado havia sido especialmente colocado para Ele. Após o Senhor ter Se sentado, todos ocuparam os demais assentos segundo a sua posição.

Sahadeva, o caçula dos Pandavas, foi até os aposentos internos e a criança foi trazida em uma bandeja de ouro, que brilhava como o sol, tornando mais encantadoras as magníficas jóias. Os sacerdotes recitaram mantras invocando os deuses para que abençoassem a criança e Lhe conferisse saúde e felicidade.

Sahadeva colocou o menino no centro do salão. Servas e camareiros vieram em longas filas até onde o príncipe estava, segurando em suas mãos pratos de ouro cheios de perfumes e flores, sedas e brocados. Por trás das cortinas especialmente colocadas, as rainhas Rukmini, Draupadi, Subhadra e Uttara estavam felizes com a cena, observando os gestos de alegria da criança. Sahadeva pegou o menino e colocou-o sobre uma cama de flores, sobre a estrutura comemorativa que tinha sido erigida para a cerimônia do nome. Mas a criança ficou de quatro e começou a engatinhar com determinação, apesar da apreensão das servas. Aparentemente ela queria prosseguir.

Os esforços de Sahadeva para impedi-la foram infrutíferos. Yudhishtira, que observava os movimentos com interesse, disse com um sorriso: “Sahadeva, não fique no caminho. Deixe-o, vamos ver o que fará”. E Sahadeva se afastou e deixou a criança solta. Mas cuidava para que ela não caísse ou se machucasse. Seguia cada passo vigilante.

A criança, com liberdade de movimentos, logo descreveu uma linha sinuosa até o local onde o Senhor Krishna estava sentado, como se Ele fosse um velho conhecido a quem ela procurava encontrar. A criança agarrou o Pé de Krishna e pediu com o olhar para que fosse levada ao colo e acariciada. O Senhor viu o apelo. Riu alto. E então, graciosamente, curvou-se e suspendeu a criança até o Seu colo.

Sentada no colo, o príncipe fitava a face do Senhor sem piscar. Não virava a cabeça nem procurava segurar qualquer coisa com as mãozinhas, e também não emitiu nenhum som. Simplesmente ficou parado olhando. Todos estavam surpresos com esse comportamento, estranho para uma criança. Até Krishna partilhou da surpresa de todos no salão.

Voltando-Se para Yudhistira, Krishna disse: “Não acreditei quando Me disseram que esta criança encarava cada um que ficasse diante dela e examinava seus rostos. Pensei que fosse uma nova explicação dada por estes sacerdotes para as travessuras de uma criança. Mas isto é realmente uma maravilha. Pois ela examina até a Mim! Bem, Eu também vou examiná-la.”

Então o Senhor tentou distrair a atenção da criança de Si mesmo colocando diante dela vários brinquedos, escondendo-Se do seu campo de visão. Esperou que a criança logo se esquecesse Dele. Mas a atenção dela não se fixou em nenhum dos objetos. Seus olhos inexoravelmente procuravam sempre o próprio Senhor, a Ele e a mais ninguém. Tentava retirar os objetos do local onde imaginava que Krishna estivesse. Quando Suas tentativas de transferir a atenção da criança de Si mesmo falharam, Krishna declarou: “Esta não é uma criança comum. Ela passou nos Meus testes. Por isso o nome de Parikshith é o mais apropriado para ela. Ela realmente já vive assim!”

Com isso, os pundits recitaram versos invocando bênçãos sobre a criança. Os brâmanes recitaram passagens relevantes dos Vedas. Músicas de trombetas soaram no ar. As mulheres cantaram canções auspiciosas. O preceptor da família mergulhou uma jóia com nove pedras preciosas em um recipiente de ouro cheio de mel e escreveu o nome na língua da criança; o nome foi escrito sobre grãos de arroz espalhados em um prato de ouro e então o arroz foi derramado sobre a cabeça da criança, como sinal de prosperidade e felicidade. A cerimônia do nome foi celebrada em grande estilo. Homens e mulheres que ali estavam receberam presentes adequados à sua posição e partiram. Todos comentavam, com aprovação, a maneira como o menino procurara o colo do Senhor. Muitos louvaram a firmeza da fé que ele já atingira.

Yudhishtira, perplexo com o comportamento do menino, aproximou-se de Vyasa, o grande sábio, para saber dele qual a razão da estranha busca e saber o motivo dessa atitude. Vyasa disse: “Yudhishtira, quando esta criança estava no ventre e a flecha mortífera que Aswathamma atirou para destruí-la estava quase atingindo o alvo, o Senhor Krishna entrou no ambiente fetal e tornou-o seguro, e a salvou da destruição. Esta criança, portanto, estava ansiosa para conhecer quem a tinha salvo no ventre onde estava. Começou a examinar cada um para descobrir a mesma irradiação que vira, enquanto feto, no ventre. Hoje ela viu essa Forma Divina em todo o seu esplendor e foi direto para Ele, pedindo para ser pegada e colocada em Seu colo. Esta é a explicação para o estranho comportamento, que você estava curioso para saber.

Ouvindo estas palavras de Vyasa, Yudhishtira derramou lágrimas de alegria e agradecimento. Muito feliz com a Graça ilimitada do Senhor, ele rendeu suas respeitadas homenagens.

CAPÍTULO 4 -O YAJNA PENITENCIAL

Acerimônia Namakaranam do príncipe deu grande felicidade aos súditos do Estado e também animou os habitantes do palácio e membros da família real. Mas Yudishtira, o mais velho dos irmãos Pandavas, sentiu que havia algo mais a ser feito. Ele não estava contente somente com o alegre festival. Solicitou uma reunião, para a mesma noite, com os mais velhos, os sábios, os pundits, governantes de outros escalões e os líderes do povo. Pediu para que o Senhor Krishna presidisse a reunião e conferisse alegria a todos. Os sábios Vyasa e Kripa também foram chamados.

Chegando à assembléia, Yudishtira parou diante de todos e ficou em silêncio por alguns segundos, antes de se prostrar aos pés de Krishna e do sábio Vyasa. Depois, voltou-se para os regentes, sábios e líderes, e disse: “Conseguí derrotar os inimigos com a ajuda, a cooperação e os melhores empenhos de vocês, e também com a bênção do Senhor que está aqui presente e dos sábios e santos que O instalaram em seus corações. Fomos capazes, por meio daquela vitória, de conseguir de volta o reino que havíamos perdido. Novamente, através dessas bênçãos, a luz da esperança brilhou nos corações escurecidos pelo desespero quanto à continuação da dinastia. A linhagem dos Pandavas terá continuação através do príncipe que recebeu hoje do Senhor o nome de Parikshith.

“Embora tudo isso me faça feliz, devo anunciar diante de todos que estou subjugado pela tristeza face à contemplação do outro lado do cenário. Cometi pecados sem conta, matando parentes e amigos. Sinto que devo expiar tudo isso ou não haverá felicidade para mim, para a minha dinastia e para o meu povo. Portanto, quero aproveitar

esta oportunidade para obter o seu conselho sobre este assunto. Existem, entre vocês, vários que conheceram a realidade e atingiram brahmajnana (conhecimento de Brahman). Temos também aqui o grande sábio Vyasa. Espero sugestões sobre ritos expiatórios que possam me livrar desta montanha colossal de pecados que acumulei como resultado desta guerra.”

Quando Yudhishtira expôs o seu problema com grande humildade e contrição, o Senhor Krishna disse: “Yudhishtira, você é famoso como Dharmaraja e com certeza sabe sobre o dharma. Conhece as complexidades do dharma e da moralidade, da justiça, da conduta correta e errada. Portanto, estou surpreso que esteja atormentado pela tristeza sobre esta guerra e a sua vitória. Não sabe que um kshatriya (casta dos guerreiros) não incorre em pecado quando mata um inimigo que veio para o campo de batalha armado com a intenção de matar? Qualquer dano, dor ou perda infligida no campo de batalha, durante a luta com inimigos armados, não implica pecado. É o dharma de um kshatriya pegar a espada e lutar até o fim, sem pensar em si próprio, para salvar seu país. Você somente observou o seu dharma. Como pode o karma, junto das linhas do dharma, ser pecado? Não é apropriado duvidar disso e ceder espaço ao desespero. O pecado não pode atingi-lo, rodeá-lo ou incomodá-lo. Em vez de exultar com o festival do nome do príncipe recém-nascido, por que temer calamidades imaginárias e buscar alívio para pecados inexistentes? Permaneça calmo, e sinta-se feliz.”

Vyasa também se levantou e se dirigiu ao rei: “Ato pecaminosos e condenáveis são inevitáveis em uma batalha. Não devem ser causa de tristeza. O objetivo principal da batalha deve ser proteger o dharma de seus inimigos. Se isso for mantido em mente, o pecado não afetará

os que lutam. Um ferimento pútrido deve ser tratado com uma faca; neste caso, não é pecaminoso fazer a cirurgia. Um médico que conheça o procedimento e, sabendo disso, não o realizar e não salvar o homem, incorre em pecado. Portanto, sabendo que o inimigo é fonte de injustiça, crueldade, terror e imoralidade, se essas feridas não forem tratadas pelo cirurgião -que conhece a cura -porque ele reluta em usar a sua faca (o cirurgião sendo o kshatriya), ele incorre em pecado por permanecer inativo, deixando de usar a sua espada. Dharmaraja, você fala sob influência da ilusão. Compreendo que outros menos sábios sejam afligidos por essas dúvidas, mas me pergunto, por que você se preocupa com esses pecados imaginários?

“Se nossas palavras não trouxerem convicção, posso sugerir um outro remédio. Ele removerá todo o medo. Alguns regentes do passado recorreram a ele após a conclusão das guerras, para a remoção dos efeitos dos pecados. É o rito de Ashwamedha, o Sacrifício do Cavalo. Se desejar, poderá realizá-lo como uma cerimônia expiatória. Não pode haver objeção a isso. Mas, acredite, você é inocente de pecados mesmo sem qualquer reparação. Como sua fé está balançando, sugiro o ritual para a sua satisfação.” Após essa declaração, Vyasa retomou seu assento.

Com isso, os mais velhos, os estudiosos e os líderes levantaram-se juntos e aplaudiram a valiosa sugestão dada por Vyasa. Gritaram Jay, Jay, para demonstrar a sua aprovação e apreciação. Exclamaram: “Oh! Quão auspicioso e significativo!” e abençoaram Dharmaraja no seu esforço para se livrar das conseqüências pecaminosas da guerra. Mas Dharmaraja ainda se sentia curvado pela tristeza. Não estava livre do medo. Seus olhos estavam molhados de lágrimas.

Piedosamente, ele pediu à assembléia: “Embora vocês atestem a minha inocência, não estou convencido. De alguma forma a minha

mente não aceita os seus argumentos. Governantes que fizeram a guerra se purificaram através do Ashwamedha Yaga. Eram guerras comuns. Mas o meu caso foi algo muito fora do comum. Meus pecados são três vezes mais sinistros pois, (1) matei meus parentes; (2) matei anciãos sagrados como Bhishma e Drona; e (3) matei várias cabeças coroadas. Oh, o meu destino! Como meus atos foram monstruosos!

Nenhum outro governante foi culpado de tanta iniquidade. Não uma, mas três Ashwamedha Yagas devem ser realizados para limpar tanta sujeira. Somente então terei paz. Somente então a minha dinastia poderá estar feliz e segura. Somente então a administração do meu reino será segura e meritória. Isso deverá ser gentilmente aceito por Vyasa e pelos outros anciãos e sábios.”

Quando Yudhishtira proferiu essas palavras, lágrimas rolaram por sua face e os lábios tremeram de tristeza. Seu corpo estava curvado pelo remorso. Ao ver isso, os corações dos sábios enterneceram-se com piedade. Os súditos do rei emocionaram-se com compaixão. Até Vyasa e Vasudeva (Krishna) foram tocados. Vários pundits verteram lágrimas sem perceber. A assembléia fora pega de surpresa. Todos souberam em um instante como o coração de Dharmaraja era suave. Os irmãos Bhima, Arjuna, Nakula e Sahadeva também ficaram de pé, com as palmas das mãos juntas, em humildade reverente, esperando pela palavra que asseguraria o alívio do Senhor, que ocupava o lugar presidencial.

Então a assembléia, a uma só voz, aprovou os três Ashwamedha Yagas para aliviar a pena de Dharmaraja. Um sábio expressou a opinião da assembléia: “Não ficaremos no caminho do seu desejo. Aceitamo-lo com sinceridade. Deveremos celebrar os yagas na melhor ma-

neira shástrica¹³, até os ritos finais. Pois buscamos a paz mental para você, mais do que tudo. Estamos preparados para fazer aquilo que lhe satisfaça.” Essa declaração foi aclamada por todos na reunião.

Ao ouvir isso, Dharmaraja respondeu: “Sou realmente abençoado, sou realmente abençoado.” Agradeceu profundamente a cooperação prometida. Dirigiu-se onde estavam Vyasa e Krishna e ajoelhou-se a Seus pés: “Oh, Madhusudana¹⁴! Não ouviu o meu pedido? Não testemunhou a minha tristeza? Oro para que nos conceda sua Divina Presença no próximo yaga, que me garanta os seus frutos e me salve deste fardo de pecado.”

Krishna sorriu e ajudou-o a se levantar do chão. Disse: “Dharmaraja, certamente responderei à sua prece. Mas você colocou sobre os seus ombros uma carga tão pesada quanto uma cadeia de montanhas. Este Yaga não é um pequeno empreendimento. Além disso, aquele que o realizará é um Rei, Dharmaraja! Isso significa que deve ser celebrado de maneira conveniente à sua posição. Sei que você não possui os recursos para este empreendimento dispendioso. Os reis conseguem dinheiro somente através de seus súditos. Para gastar em um yaga, o dinheiro retirado deles não é desejável. Somente o dinheiro conseguido através de meios corretos pode ser usado em ritos tão sagrados. Caso contrário, eles trarão mal em vez do bem. E você também não poderá pedir ajuda aos seus governantes subordinados, pois eles também ficaram miseravelmente empobrecidos pela última guerra. É claro que eles nada têm de sobra. Sabendo de tudo isso, como você pode concordar em realizar três Ashwamedhas seguidos? Pergunto-me onde você encontrou tal audácia apesar dessas condições adversas.

.....
13 Shastras: escrituras védicas.

14 Madhusudana: outro nome para Krishna.

E você já as anunciou publicamente nesta grande e distinta reunião. Você não Me deu nem uma pista sobre esta idéia tão dispendiosa. Se assim fosse, poderíamos ter pensado em algum plano. Bem, ainda não é tarde. Tomaremos uma decisão após deliberarmos mais um pouco. Não importa se houver algum atraso.”

Dharmaraja ouviu as palavras do Senhor e soltou uma sonora gargalhada! “Senhor, Você está representando para mim, eu sei. Eu nunca decidi algo sem uma cuidadosa consideração. Nem me preocupei quanto a dinheiro ou recursos. Quando O temos como guardião, com sua Graça inexaurível, por que me preocupar? Quando tenho a kalpatharu (árvore dos desejos) no meu jardim, por que me preocupar em procurar raízes e tubérculos? O Todo-Poderoso Senhor que nos tem guardado por todos esses anos terríveis, como as pálpebras protegem os olhos, não nos deixará nesta conjuntura.”

“Para o Senhor, que com um sopro reduz a pó a maior das montanhas, esta pequena pedra não é um problema. O Senhor é o meu tesouro. O meu alento. Qualquer palavra que disser, eu não hesitarei. Toda a minha força, toda a minha riqueza é Você, só Você. Coloco todos os meus fardos, inclusive o peso do Estado e este novo fardo dos três yagas aos Seus Pés. O Senhor fará o que desejar. Você pode considerar minhas palavras e fazer executar o meu desejo, ou pode descartá-lo e cancelar os yagas. Não me preocupo. Estarei igualmente feliz qualquer que seja a Sua decisão. Será a Sua Vontade, e não a minha.”

Naturalmente, com o Senhor que reside no coração, não há necessidade de um pedido especial. O Senhor enterneceu-Se. Levantou Dharmaraja e o ajudou a ficar de pé. “Não; Eu falei de brincadeira para testar a sua fé e devoção. Desejava demonstrar aos

súditos como a sua fé em Mim é forte. Não há necessidade de nenhuma preocupação. Seu desejo será realizado. Se seguir as Minhas instruções, poderá obter com facilidade o dinheiro necessário para a celebração dos yagas. Conseguirá sem importunar os governantes nem explorar os súditos.”

Ao ouvir isso, Dharmaraja ficou exultante. Respondeu: “Senhor, honraremos a Sua ordem.” Então Krishna disse: “Em tempos passados, o governante chamado Maruth realizou o yaga em um estilo que, desde então, ninguém conseguiu sequer se aproximar. O salão em que o yaga foi celebrado, junto a todos os itens a ele ligados, eram de ouro. Tijolos de ouro foram dados como presente aos sacerdotes que o oficiaram; imagens de ouro, de vacas, foram ofertadas no lugar de vacas, e pratos de ouro foram distribuídos no lugar de terras! Os brâmanes não conseguiram levá-los para casa, por isso só pegaram o que poderiam transportar. O restante simplesmente deixaram ali. Essas peças de ouro estão agora disponíveis em grande quantidade para os seus yagas. Pode pegá-las.”

Dharmaraja não concordou. Tinha escrúpulos. Disse: “Senhor, elas são propriedade daqueles que as ganharam. Como posso pegá-las sem a permissão dessas pessoas?” Krishna respondeu: “Eles as deixaram, totalmente conscientes do que faziam e do que estavam deixando para trás. Essas pessoas não estão vivas hoje. Seus filhos nada sabem sobre a existência desse tesouro. Está agora debaixo da terra. Lembre-se que todo tesouro, dentro da terra que não tem dono, pertence ao Rei do lugar. Quando o Rei deseja tomar posse dele, ninguém tem o direito de objetar. Traga logo esse tesouro e se prepare para a celebração dos yagas” – ordenou o Senhor Krishna.

CAPÍTULO 5 -OS YAJNAS E A PENITÊNCIA DOS ANCIÃOS

Dharmaraja aceitou o conselho de Vasudeva e também as bênçãos de Vyasa. Enviou os irmãos junto ao exército para trazer o ouro que tinha sido deixado pelos brâmanes. Eles partiram após terem realizado oferendas consagradas. Descobriram as peças de ouro que tinham sido dadas como presentes para os sacerdotes pelo Imperador Maruth, na conclusão do sacrifício no passado. Eles as haviam deixado cair às margens da estrada pela qual retornaram para casa. O exército as reuniu e transportou para a capital em camelos, elefantes, carruagens e charretes. Levaram alguns dias para chegar a Hastinapura com toda aquela carga. Descarregaram o ouro sob aclamações do povo.

Os cidadãos estavam impressionados com o sucesso da expedição. Louvaram a boa sorte dos Pandavas. Receberam os príncipes e o ouro entre gritos de “Jay, Jay” até suas gargantas ficarem roucas, pulando e dançando de alegria. Descreveram, entre eles, a grandeza e a importância do sacrifício para o qual o ouro fora trazido.

Os preparativos começaram naquele mesmo dia com a construção de um altar ritualístico e os suplementos necessários à margem do Ganges; a área sagrada tinha várias milhas quadradas de extensão. O chão foi nivelado e limpo. Os tablados foram montados e belas construções surgiram na vasta área. Pórticos e varandas foram acrescentados. Decorações como bandeiras e grinaldas embelezavam as estruturas.

Quando o dia sagrado chegou, líderes, brâmanes, eruditos e sábios saíram de todos os lugares em direção ao local sagrado, apressando uns aos outros, com entusiasmo, para chegarem logo. Estabelece-

ram-se nos locais destinados a eles de acordo com suas posições e necessidades. Passaram a noite inteira contando os minutos, em alegre expectativa dos exagerados mas eficazes Yajnas que testemunhariam quando o alvorecer trouxesse um outro dia.

A manhã surgiu. O momento auspicioso aproximava-se. Os sacerdotes assumiram suas posições e se aprontaram para receber os juramentos iniciais. Ficaram de frente para o Senhor Krishna e o Rei e disseram: “Oh, Rei, compreendemos que você resolveu realizar não um, mas três Ashwamedhas. Isso é correto? Se assim for, você deseja que nós os realizemos um após o outro? Ou deveremos repetir cada fórmula e rito três vezes e realizá-los ao mesmo tempo? Quando sua vontade for conhecida, colocaremos os participantes e os sacerdotes oficiantes de maneira apropriada.”

Então Dharmaraja respondeu: “O que poderia dizer quando vocês sabem o que é melhor? Concordarei com o conselho que me derem. Buscarei somente o consentimento de Vasudeva para qualquer que seja o curso que adotemos.” E voltou-se para Krishna implorando com os olhos. Krishna deixou a decisão para os brâmanes. Eles discutiram entre si por um momento e anunciaram finalmente que o efeito dos “Três Ashwamedhas” seria assegurado com a repetição de cada mantra por três vezes e com a oferenda aos brâmanes que presidiam os rituais com três vezes as taxas usuais. Vasudeva indicou a Sua aprovação da sugestão feita, e com essa indicação Dharmaraja declarou que concordava. Ele desejava que o Yajna começasse.

A recitação dos mantras pelos brâmanes sacudiu tanto a Terra quanto o céu. Os ritos preliminares foram iniciados e os cavalos de sacrifício prosseguiram no caminho planejado. Estavam enfeitados em grande estilo e exibiam em suas testas a declaração desafiando a

qualquer um a capturá-los se ousassem. Quando Ele, O que recebe todos os Yajnas (Yajnaswarupa), assume o papel da autoridade que preside, não há palavras que possam descrever a sorte dos participantes e das testemunhas. Tudo encaminhou-se para um final bem-sucedido com a oferenda de despedida (Purna-ahuthi).

Os conhecedores dos mantras sacrificiais, os sábios e os brâmanes estavam carregados de presentes e honorários. Grande número de vacas, grandes áreas de terra e vastas quantidades de ouro foram ofertadas pelo rei. Toda a nação estava repleta de felicidade. Todos elogiavam o Yajna como indescritivelmente soberbo. Todos os que compareceram foram alimentados, suntuosamente, a toda hora. Sábios e ascetas que viram toda essa prodigalidade exaltaram o Yajna de Dharmaraja como tão grandioso como o realizado pelo Imperador Maruth no passado! Estavam felizes por terem tido a oportunidade de participar neste Yajna. O povo havia declarado que o Yajna realizado por Maruth fora presidido por Indra, o Regente dos Deuses, e sentiam que aquele tinha sido incomparavelmente superior a qualquer outro sacrifício. Mas agora felicitaram Dharmaraja por assegurar que o Próprio Yajnaswarupa (Vasudeva) presidisse o Yajna, um sinal de boa sorte bem superior ao de Maruth e bem mais difícil de ser assegurado.

No final do Yajna, os que tinham vindo de lugares distantes retornaram, assim como outros retornaram a suas casas. Os reis e líderes também ofereceram respeitosas despedidas a Dharmaraja e voltaram com suas comitivas para os seus principados. Os parentes do Rei permaneceram por alguns dias e partiram, segundo suas conveniências, para suas terras.

Contudo, Krishna escolheu ficar mais algum tempo com os Pandavas; por isso permaneceu em Hastinapura. Os Pandavas ficaram

felizes com esse sinal de graça. Eles fizeram os arranjos necessários para a residência do Senhor e O serviam a cada dia, enchendo seus olhos com Sua Beleza e enchendo seus corações com Seus Graçosos Ensinamentos. Passavam os dias em suprema alegria. Após algum tempo na capital dos Pandavas, Krishna retornou a Dwaraka, levando Arjuna com Ele. Os habitantes de Dwaraka ficaram muito felizes quando o seu Senhor retornou para a Sua capital. Receberam-No com reverência e entusiasmo. Deleitaram-se com o darshan do Senhor e mergulharam em ananda (bem-aventurança).

Enquanto isso, notícias chegaram a Hastinapura de que Vidura, tio de Dharmaraja, estava nas vizinhanças da cidade trajado de monge. A nova passou de boca em boca até chegar aos ouvidos de Dharmaraja, o Rei. As notícias foram recebidas com surpresa e alegria. Ele enviou alguns patrulheiros para descobrir se as notícias eram autênticas e logo eles voltaram com a informação – recebida com prazer – de que Vidura tinha realmente chegado e estava presente. Dharmaraja mal pode se conter de contentamento.

“Ah! Quão feliz você me fez!” exclamou. “Este momento sagrado fez com que o tronco seco da árvore da esperança deitasse folhas novamente. Posso agora ver e servir Vidura que nos alimentou, abrigou e orientou, embora temesse não ter esta oportunidade.”

As notícias animadoras foram espalhadas pelos cortesãos entre rainhas e princesas e mulheres da casa real. Dharmaraja não esperou. Falou sobre o grande acontecimento a todos à sua volta. Procurou outras pessoas para dividir sua alegria. Deu ordens ao exército para que fizessem as arrumações necessárias para receber na capital o Sábio Vidura, irmão do seu falecido pai e destaque entre os devotos do Senhor. Os cidadãos também foram alertados e solicitados a prepararem uma grande recepção.

Eles decoraram as ruas e as mansões de ambos os lados; erigiram arcos e penduraram guirlandas e içaram bandeiras. Colocaram à disposição galerias e assentos em cada rua para as crianças, mulheres e os mais velhos, para que todos tivessem uma visão clara da procissão e do grande sábio. Era uma cena inspiradora ver diversas mulheres e também homens idosos andando com dificuldade, apoiando-se em seus cajados e ansiosos para verem Vidura, a quem tinham como a própria personificação do dharma, como o próprio Padrinho dos Pandavas. Alguns pensaram a princípio que a visão de Vidura nos limites da cidade deveria ter sido o sonho de alguém, e não um fato real. Tinham vivido o suficiente para engolir o rumor sem uma verificação pessoal. Por isso, não podiam acreditar que Vidura pudesse ter voltado a Hastinapura. Agruparam-se nos melhores pontos e aprontaram-se para o grande momento, quando poderiam pousar seus olhos sobre o santo. Ao longo do percurso, todos os prédios estavam lotados de pessoas, as árvores tinham jovens audaciosos pendurados, cheios de excitação e expectativa, aclamando a iminente chegada de Vidura.

O rei, adornado em roupas cerimoniais, subiu na carruagem real e saiu do palácio com seus irmãos para trazer o famoso devoto do Senhor.

Vidura surgiu diante deles de pés descalços, calmo e digno, cabelos emaranhados e usando as vestes de um monge. O rei e seus irmãos desceram de seus veículos, inclinaram-se com reverência aos pés de Vidura e postaram-se atrás dele guardando uma distância respeitosa. Os cidadãos correram e caíram aos pés de Vidura, apesar dos pedidos enérgicos dos guardas para que desistissem disso. Os Pandavas não conseguiam expressar em palavras os votos de boas-vindas; sua alegria era imensurável. Mas os olhos falavam com

lágrimas de gratidão. Apertaram Vidura em seus braços e imploraram que ele entrasse na carruagem para que as grossas fileiras de espectadores, em todas as estradas, recebessem o darshan para contentamento de seus corações. Vidura foi persuadido a concordar. Sentado na carruagem real, Vidura deu seu darshan para as pessoas que se acumulavam no trajeto. Finalmente, a procissão chegou ao palácio. Um incessante fluxo de música e alegria fluía pelas ruas da cidade naquele dia.

Alguns cidadãos foram tomados de tal forma pela alegria que ficaram paralisados. A vida árdua de tapas a que Vidura se impusera transmutara tanto sua personalidade que ele parecia outra pessoa -uma pessoa que brilhava com uma aura divina, como Indra, o Rei dos Deuses. As pessoas descreviam sua exaltação umas para as outras. Muitas vertiam lágrimas lembrando das provas e tribulações que Vidura passara e a paz que adquirira. Rainhas e princesas também receberam o darshan de dentro do purdah (área restrita para as mulheres) e ficaram extremamente felizes.



CAPÍTULO 6 -A RENÚNCIA DE VIDURA

Dentro do palácio, Vidura perguntou sobre a saúde de cada um dos seus parentes. Então Kunti Devi, a Rainha-Mãe, veio e, lançando sobre ele seus olhares afetuosos, disse: “Finalmente pudemos vê-lo Vidura!” E não pôde dizer mais nada.

Após algum tempo, ela continuou: “Como pôde permanecer fora tanto tempo, ignorando os próprios parentes a quem você criou com tanto amor, a mim mesma e aos outros que o respeitam tanto? É através da sua Graça que meus filhos hoje são os regentes desta terra. Onde estariam eles hoje se você não os tivesse salvo em várias ocasiões decisivas? Fomos alvos de muitos desastres, mas o maior deles foi a sua distância de nós. Foi isso que nos afetou mais. Até a esperança de vê-lo novamente se extinguiu em nós. Agora nossos corações reviveram novamente. As aspirações dispersas pelo desespero se uniram. Hoje nossa alegria é total. Que dia feliz!” Kunti sentou-se enxugando as lágrimas.

Vidura segurou suas mãos, mas não pôde resistir às suas próprias lágrimas. Ele recapitulava vários eventos do passado nos grupos Pandava e Kaurava. Disse: “Mãe Kunti Devi!, Quem pode suplantar os decretos do destino? O que tem que acontecer, acontece. O bem e o mal que o homem faz tem que terminar em bem e mal. Como o homem pode ser chamado de livre quando está atado por esta lei de causa e efeito? Ele é um brinquedo nas mãos dessa lei; ela puxa os cordões e ele faz os movimentos. Nossos gostos e desgostos não têm nenhuma importância. Tudo é a vontade Dele, Sua Graça.” Quando Vidura estava expondo as verdades espirituais fundamentais que governam os assuntos humanos, os irmãos Dharmaraja, Bhima, Nakula e Sahadeva estavam sentados próximo, prestando muita atenção.

Kunti finalmente levantou a mão e disse: “Com suas bênçãos ganhamos a guerra, mas não tivemos poder para salvar as vidas dos filhos de Draupadi (esposa dos irmãos Pandavas) e o filho de Subhadra. A má sorte nos persegue duramente. Naturalmente, como você disse, ninguém pode escapar ao próprio destino. Bem, que o passado seja esquecido. Não há sentido em nos preocuparmos com o que não pode ser mudado. Devo dizer que a minha sede foi aliviada consideravelmente, pois finalmente encontrei você. Onde esteve este tempo todo? Diga-nos.”

A esta pergunta Vidura respondeu que estivera em peregrinação em vários locais sagrados. Os irmãos ouviram sua história com atenção, estimulando o relato com algumas perguntas. Dharmaraja dizia freqüentemente que estava esperando o dia em que ele também poderia passar por todas essas experiências sagradas. Juntava as palmas das mãos a cada vez que um santuário sagrado era mencionado e, com os olhos fechados, via-se também no local. Enquanto isso, Bhima perguntou: “Você foi até Dwaraka? Conte-nos suas experiências de lá.” Dharmaraja completou: “Você deve ter encontrado o Senhor Krishna lá, não foi? Conte-nos tudo que aconteceu, em detalhes.” Kunti Devi também ficou ansiosa para ouvir a descrição, pois disse: “Diga-nos. Meu filho está lá agora. Você deve tê-lo encontrado. Como estão todos? Espero que os mais velhos, Nanda e Yashoda estejam bem. E Devaki e Vasudeva (mãe e pai de Krishna, respectivamente)?” Uma torrente de perguntas caiu sobre Vidura, antes mesmo que ele começasse a falar.

Vidura não estava ansioso para responder. Falava como se estivesse ansioso para evitar entrar no assunto. Ele ouvira de Uddhava, no caminho para Dwaraka, que o clã Yadava perecera e que Krishna terminara a Sua carreira humana. Não desejava mergulhar os Panda-

vas em tristeza quando eles estavam exaltados por encontrá-lo após tanto tempo. “Por que eu, que lhes dei tanta alegria, seria a causa de acabar com ela agora?” – argumentou. “Certamente eles saberão das notícias quando Arjuna retornar de Dwaraka com as tristes novidades.” Por isso engoliu as notícias que retornavam com frequência a seus lábios. Satisfez a todos e a si próprio descrevendo a glória de Krishna. Disse: “Não quis visitar os amigos e parentes com estas roupas ascéticas, por isso não encontrei Yadava ou Nanda, Yashoda e os outros,” e ficou em silêncio. Não falou mais sobre Dwaraka e a sua própria peregrinação.

“Vim até vocês porque ouvi que ganharam a guerra e que estão pacificamente envolvidos em governar este reino, que é verdadeiramente de vocês. Senti-me atraído a estas crianças a quem nutri desde a mais tenra idade. Foi o afeto por eles que me trouxe até aqui. Entre meus amigos e parentes, quis visitar somente vocês. Não desejo me encontrar com os outros,” disse, e voltou-se para os ensinamentos védicos que queria partilhar. Quando a conversa terminou, Dharmaraja pediu que Vidura ficasse hospedado nos aposentos especialmente preparados para ele. O próprio Dharmaraja o acompanhou até a mansão.

Lá ele designou algumas pessoas para servi-lo e pediu-lhe que descansasse. Vidura não tinha vontade de passar o seu tempo sentado em meio àquela luxúria, mas não queria descontentar Dharmaraja. Deitou-se na cama revendo o passado. Ele suspirou quando compreendeu que os estratégias que o cego Dhritharashtra -seu próprio irmão -empregara para destruir os Pandavas, filhos do seu outro irmão Pandu, voltaram-se contra ele, causando a destruição do seu próprio clã. Admirou Dharmaraja pela magnitude que demons-

trava em relação a Dhritharashtra, apesar de ele ter torturado os Pandavas de várias formas. Dharmaraja o reverenciava com grande fé e devoção, atento ao seu conforto. Sentiu um grande desgosto ao lembrar da fraqueza do coração de Dhritharashtra; envergonhou-se por ele estar espojando-se friamente da luxúria do palácio em vez de cultivar o desapego dos fúteis prazeres dos sentidos, e tentar realizar o objetivo da vida humana, isto é, a liberação do ciclo de nascimento e morte. Experimentou uma agonia incontrolável de seu irmão estar desperdiçando seus últimos anos de vida na Terra.

Sua visão de iogue lhe mostrou que os Pandavas também logo desapareceriam; que o mesmo Krishna que os defendia aqui também olharia pelos seus melhores interesses no outro mundo. Mas suspeitou que o Rei cego sofreria ainda mais após a partida dos Pandavas. Resolveu enviar seu desafortunado irmão em peregrinação, para a realização final do seu destino. Não queria nenhuma demora e nem intervenções. Saiu na escuridão sem ser notado e foi direto para a residência de Dhritharashtra.

O Rei cego e sua Rainha, Gandhari, estavam na expectativa de que Vidura os chamasse, pois sabiam que ele estava na cidade. Por isso, quando Vidura entrou, o Rei o abraçou e derramou lágrimas de alegria. Não conseguiu se conter. Falou sobre todas as calamidades que o atingiram e a seus filhos, lamentando sobre o destino. Vidura tentou consolá-lo com os profundos ensinamentos das escrituras. Mas logo descobriu que o coração petrificado do velho homem não amoleceria com conselhos frios. Sabia que aquela estupidez seria superada somente com golpes duros.

Por isso mudou de tom e recorreu a censuras e insultos. Ao ouvi-lo, Dhritharashtra ficou alarmado. Disse: “Irmão! Estamos queimando

em agonia pela perda dos nossos cem filhos; e você belisca a ferida com as agulhas dos seus insultos irados. Mesmo antes de desfrutarmos da alegria do encontro após tanto tempo, por que tenta nos mergulhar mais fundo na tristeza? Ah, por que eu o acusaria de insensibilidade?! Todos riem de mim, me culpam por tudo, não tenho o direito de encontrar falhas em você.” Com a cabeça pendida e apoiada nas palmas das mãos, Dhritarashtra ficou em silêncio.

Vidura reconheceu o momento oportuno para instilar a lição da renúncia, a qual era a única que poderia salvá-lo da perdição. Sabia que o seu propósito estava além da censura, pois desejava que eles fossem em peregrinação a lugares sagrados e se cobrissem de santidade, encontrassem homens bons e reconhecessem o Senhor interior, salvando a si próprios. Por isso decidiu usar palavras ainda mais fortes visando transformar o Rei e a Rainha. Embora cheio de pena pela condição deles, Vidura tinha em mente os dias terríveis que necessitariam de toda a coragem que somente jnana poderia dar. Por isso estava determinado a colocá-los em ação. Disse: “Oh, Rei tolo, não sente vergonha? Ainda encontra alegria nos prazeres terrenos? Qual o valor deles se você chafurda na lama até a sua morte? Pensei que já tinha sofrido suficiente. O tempo é uma cobra enrolada, esperando para picá-lo. Você ousa pensar que pode escapar e viver para sempre. Ninguém, nem mesmo os grandes, escaparam da picada. Você corre atrás da felicidade neste mundo passageiro e procura realizar seus desejos para obter alguma satisfação desprezível. Está perdendo anos preciosos. Torne a sua vida digna. Ainda não é tarde para começar os esforços. Afaste da sua mente os prazeres medíocres deste mundo. Lembre-se da alegria que o espera, do mundo que o receberá, o final desta jornada. Salve-se. Evite o destino tolo

de perder esta vida na agonia da separação dos parentes e amigos. Aprenda a morrer com o pensamento do Senhor no lugar mais alto da sua mente no momento da partida. É muito melhor morrer em alegria no interior da floresta mais escura do que em agonia no palácio desta capital. Vá, e realize tapas. Saia deste lugar, desta prisão que você chama de lar”.



CAPÍTULO 7 -VIDURA, O CONSELHEIRO

Vidura continuou com seu aconselhamento a Dhritrashtra: “Você chegou até esta idade avançada, mas, sem nenhuma vergonha ou hesitação, está levando uma vida de cão. Pode não sentir vergonha dela, mas eu sinto. Que vergonha! Seu método de passar os seus dias é pior do que o de um corvo”.

Dhritrashtra não suportou mais. Gritou: “Chega! Chega! Por favor, pare. Está me torturando até a morte. Essas não são palavras que um irmão deve dizer para o outro. Ao ouvi-lo, sinto que não é meu irmão, Vidura. Ele não teria me repreendido com tanta crueldade. Dharmaraja, com quem estou agora, é um estranho? Refugiei-me com um estrangeiro? O que está dizendo? Por que estas palavras ásperas? Dharmaraja me acolheu com amor e carinho. Como pode dizer que tenho a vida de um cachorro ou de um corvo? É pecado ter tais idéias. É o meu destino, nada mais.” Dhritrashtra curvou a cabeça e gemeu.

Vidura riu com escárnio. “Você não tem vergonha de falar assim? Dharmaraja pode, por sua bondade, cuidar de você mais do que cuidaria do próprio pai. Pode cuidar de você com mais amor do que de seus próprios filhos. Não é nada mais que um reflexo do seu caráter. É uma extensão do significado do seu nome. Mas você não deveria planejar o seu próprio futuro? Já tem uma perna na sepultura e cegamente enche o estômago com confortos e luxos. Reflita por um momento em como torturou Dharmaraja e seus irmãos para realizar as intenções doentias de seus filhos vis, como planejou estratégias para eliminá-los. Colocou-os em uma casa de cera e tocou fogo, tentou envenená-los. Insultou sua Rainha da maneira mais humilhante diante

de uma vasta assembléia. Você e sua abominável prole empilharam tristeza sobre tristeza nos filhos de Pandu, seu próprio irmão. Cego, senil, elefante de pele grossa, senta-se no trono, perguntando sempre aos que estão próximos a você: “O que está acontecendo agora? O que está acontecendo agora?” Como pode estar sentado neste lugar desfrutando da hospitalidade de Dharmaraja se, na sua mente, rolam as iniquidades perpetradas por você para a destruição dele? Quando planejava o fim deles, eles deixavam de ser seus primos? Ou o parentesco voltou agora que você veio ficar aqui? Você me diz com orgulho que eles o tratam bem, sem sentir a menor vergonha!

“Para que falar tanto? O desastroso jogo de dados aconteceu por iniciativa sua, não foi? Você nega? Não. Eu fui testemunha dele. Avisei-o, e você levou o aviso a sério? O que aconteceu ao amor e simpatia que você sente agora? Hoje, como um cão você engole a comida que os Pandavas colocam diante de você e leva uma vida deplorável”.

Ouvindo as palavras que Vidura proferia, que lhe doíam como golpes de martelo, Dhritrashtra sentiu asco pelo estilo de vida que levava. A intenção de Vidura era fazê-lo levar uma vida de reclusão e de sadhana (disciplina espiritual), para que realizasse o Ser antes que fosse tarde. Finalmente sentiu que Vidura falava a verdade, dando-lhe um quadro verdadeiro da sua natureza depravada. Disse: “Irmão! Sim, tudo o que você disse é verdade, admito. Compreendi tudo agora. Mas, o que devo fazer? Estou cego, por isso não posso ir sozinho para a floresta realizar o sadhana. Preciso de uma companhia. Por temer que eu possa sofrer por falta de comida, Gandhari nunca me deixa só, mesmo que seja por um momento.”

Vidura viu que ele tinha mudado sua atitude e que vira a luz. Enfatizou seu conselho. “Você ficou cego principalmente pelo apego ao

corpo. Por quanto tempo ele o incomodará? Terá que ser deixado de lado, algum dia, em algum lugar. Saiba que “você” não é este corpo, este fardo de coisas nauseantes. Identificar-se com a estrutura física é sinal de extrema tolice. O corpo é permanentemente afligido pela morte com seu exército de doenças. Mas você não tem consciência disso, não se importa com os prós e contras. Tira uma soneca e ronca. Esta encenação tem um fim, lembre-se. A cortina tem que descer. Por isso, vá para algum lugar sagrado, sem demora, e medite sobre Deus e salve a si mesmo. Deixe a morte vir e levar seu corpo, este é o melhor fim. Não morra como um cão ou uma raposa em algum lugar, de alguma maneira. Levante-se e vá, desenvolva o desapego. Afaste-se da ilusão, saia desta casa.”

Assim foi plantada em seu coração a semente da renúncia. Dhritrashtra ponderou e irrompeu em lágrimas. Seus lábios tremeram. Moveu as mãos de um lado para outro em busca de um contato com Vidura. Finalmente segurou suas mãos e disse: “Vidura, O que posso dizer a quem me deu este conselho valioso, conselho que certamente promoverá e auxiliará os meus interesses? Embora seja o mais moço, seu jnana (conhecimento) o torna o mais velho de nós. Tem total autoridade para falar desta forma. Não me considere fora das suas relações. Ouça-me com paciência. Certamente eu seguirei o seu conselho.” E começou a descrever suas condições para o irmão.

“Vidura,” ele começou, “como posso ir sem informar Dharmaraja, que está cuidando de mim com mais cuidado até do que a um filho? Não será apropriado. E ele poderá insistir em vir junto conosco, pois é da sua natureza. Você precisa me salvar deste dilema. Leve-me a um lugar onde eu poderei realizar o sadhana.”

Enquanto ele argumentava, Vidura respondeu: “Suas palavras soam estranhas. Você não irá para a floresta para um banquete, para

testemunhar grandes festas ou desfrutar da beleza do cenário. Você estará desistindo de tudo com um real sentido de desapego. Levará uma vida de austeridade e disciplina espiritual. E ao mesmo tempo, você fala de “deixar” os parentes e amigos. Isto é estranho. Você resolve dispor do corpo na busca do Ideal, mas está considerando como obter permissão dos homens aos quais está ligado através do corpo. Estes elos não ajudam o sadhana. Nunca o liberarão. Prepare-se para partir e enterre estes elos. Saia deste lugar com somente as roupas do corpo. Não gaste mais um só momento da sua vida.”

Vidura o admoestou sem misericórdia, sem mudar o seu tom. Enfatizou a importância da renúncia imediata. Dhritharashtra ouvia deitado em sua cama e ruminava sobre o próximo passo. Disse: “Vidura, suas palavras são verdadeiras. Não preciso descrever para você as minhas dificuldades especiais. Este corpo está decrépito, os olhos estão cegos. Preciso de uma pessoa pelo menos para guiar meus passos, não acha? Sua cunhada “cegou” os olhos com uma bandagem para compartilhar da minha deficiência e sofrer da mesma maneira. Como podem duas pessoas cegas se moverem na floresta? Temos de depender dos outros durante toda a nossa vida.”

Vidura viu as lágrimas rolando pelas faces do homem, sentiu pena, mas não a revelou. Assegurou: “Bem, estou preparado para levá-lo para a floresta. Estou pronto. Não haverá maior prazer do que tirá-lo daqui para um propósito sagrado. Venha, levante, ande. Vidura esperou. Dhritharashtra levantou-se da cama e ficou de pé. Gandhari ficou de pé ao seu lado, com uma das mãos em seu ombro. Pediu: “Senhor, também irei com você, estou pronta para tudo.”

Mas Dhritharashtra disse: “Oh, é muito difícil cuidar de uma mulher na selva. O lugar é infestado de feras e a vida será cheia de priva-

ções.” Falou sobre isso por algum tempo, mas ela argumentou que não poderia deixar o seu senhor, que suportaria as privações melhor do que ele, que era seu dever continuar a servi-lo até a morte, que ela somente seguia a tradição estabelecida pelas melhores mulheres indianas, que não seria o dharma evitar que ela observasse o seu dharma, que a vida na zenana (apartamento das mulheres) sem ele seria insuportável para ela, que ela dava as boas-vindas à vida na selva com o seu senhor. Gandhari ajoelhou-se aos pés de seu senhor e pediu permissão para acompanhá-lo.

Dhritharashtra ficou em silêncio. Não sabia o que dizer. Foi Vidura quem falou. “Não é momento para discutir o dharma em seus detalhes. Como pode esta senhora, que nunca ficou longe por um minuto sequer, de repente deixar a sua companhia e viver separada? Não é apropriado. Deixe que ela venha. Nós cuidaremos dela. Os que marcham para as austeridades não têm medo e nem ilusões, nem fome e nem sede, nem tristeza e nem sofrimento. Não é tapas (penitência) queixar-se ou antecipar as dificuldades. Quando o próprio corpo está sendo renunciado, o que podem fazer as privações? Venha, não há justificativa para mais demora.” Vidura adiantou-se conduzindo Dhritharashtra, seguido pela silenciosa Gandhari, que continuou com sua mão sobre o ombro do marido. O Santo devoto de Deus, Vidura, conduziu o par sem ser notado pelos guardas e pelos cidadãos através das ruas laterais e saiu dos limites da cidade. Apressou-os para que atingissem a floresta antes do amanhecer. Mas o Ganges tinha de ser atravessado em um barco, e não havia nenhum barqueiro que os levasse antes do alvorecer. Por isso, foram forçados a esperar na margem do rio sagrado. Vidura os fez descansar um pouco em um abrigo e ele próprio procurou um barco que os levasse para a outra margem ainda de noite.

CAPÍTULO 8 - A TRANSFORMAÇÃO DE DHRITHARASHTRA

Dhritharashtra e Gandhari chegaram à floresta junto com Vidura. Ele procurou um local onde pudessem praticar as austeridades. Aconselhou-os sobre os melhores modos de buscar a auto-realização. Passaram dias em companhia sagrada e com pensamentos sagrados.

Enquanto isso, em Hastinapura, assim que o sol levantou, Dharmaraja despertou, fez suas abluções e realizou o ritual de adoração do “Fogo Doméstico.” Distribuiu, por caridade, os presentes diários usuais para os necessitados. Depois foi a pé ao palácio de Dhritharashtra, seu tio pelo lado paterno, como de costume, pois nunca iniciava as suas atividades diárias sem verificar primeiro seus pequenos deveres. O Rei e a Rainha não estavam em seus aposentos. Por isso esperou um pouco aguardando o retorno deles, procurando-os até mesmo enquanto esperava, com ansiedade, pelo regresso dos dois. Notou, entretanto, que as camas não estavam desfeitas, os travesseiros não tinham marcas de uso, os utensílios do quarto não tinham sido mexidos. Duvidou por um momento que os quartos talvez já tivessem sido arrumados. Mas, não. Um vestígio de receio que eles tivessem ido embora passou por ele, e por isso correu para o quarto de Vidura somente para descobrir que ele também se fora. Sua cama não tinha sido usada.

Os criados disseram que ele não retornara do quarto do Rei e da Rainha e não sabiam para onde ele fora. Assim que ouviu as notícias, Dharmaraja levou um choque. Voltou para o palácio e procurou em cada aposento com grande cuidado, mas seus piores receios foram confirmados. Os pés e as mãos cobriram-se do suor do desespero,

a língua ficou seca, as palavras não puderam ser pronunciadas. Caiu no chão como se sua vida tivesse deixado o seu corpo. Recuperando-se, murmurou palavras sem nexos. Chamou por Vidura mais de uma vez e os atendentes à sua volta temeram pelo futuro. Todos correram para a sua presença, pressentindo alguma calamidade. “O que aconteceu?” Pararam formando um círculo, à espera das ordens do seu senhor.

Então, de repente Sanjaya entrou. Dharmaraja segurou-lhe ambas as mãos e disse: “Meus parentes se foram, veja só! Encontrei seus quartos vazios. Por que se comportaram desta forma? Ele lhe disseram alguma coisa? Por favor, diga-me. Se eu soubesse para onde foram, poderia ajoelhar-me aos seus pés e pedir perdão pelas minhas falhas. Diga-me logo, Sanjaya, para onde eles foram.” Mas ele também não sabia do paradeiro deles; somente que Vidura deveria estar envolvido no caso. Também derramando lágrimas e mantendo as mãos de Dharmaraja entre as suas, disse com uma voz abafada pela emoção: “Senhor e Mestre, acredite-me, falo a verdade. Naturalmente Dhritrashtra costumava me consultar e pedia as minhas sugestões, mesmo para os assuntos de menor importância, mas neste caso ele agiu sem discutir comigo e nem mesmo me informou. Estou chocado pelo que possa ter motivado este ato. Embora estivesse próximo a ele, não soube a respeito desta viagem. Não posso imaginar o que o levou a agir assim. Nunca pensei que fosse me decepcionar. Ele me mostrava algum respeito e também confiança, mas parece que isto era falso. Só posso dizer que foi falta de sorte minha.” E Sanjaya começou a chorar como uma criança.

Dharmaraja consolou-o, dizendo que na verdade deveria ser uma consequência dos seus próprios pecados e não de Sanjaya. “A ex-

tensão da nossa má sorte pode ser medida por este ato. Nosso pai nos deixou quando nós ainda éramos crianças; este tio nos criou desde pequenos. Estávamos reverenciando-o e cuidando-o como pai e tio. Devo ter cometido algum erro por ignorância. Não sou capaz de fazer isso conscientemente. Tanto o tio quanto a tia estavam lamentando a perda dos seus cem filhos. Eu estava ansioso em lhes proporcionar um pouco de paz, por isso eu e meus quatro irmãos estávamos servindo-os com sinceridade para que não ficassem lembrando a agonia da terrível perda. Cuidamos para que nada faltasse a eles. Não houve redução no respeito e nem no afeto. Qual o motivo de eles terem deixado este lugar? Que tragédia, que golpe terrível!” – lamentou Dharmaraja.

“Meu tio e minha tia são ambos idosos e fracos; além disso, são cegos. Não compreendo como conseguiram deixar este local. Como devem estar sofrendo! Nem sequer um criado os acompanhou. Qual o benefício de eu ter tantos? Tateando, a esta altura devem ter caído no Ganges. Oh, como tenho pouca sorte! Eu os abriguei como pessoas muito queridas, mas permiti que ambos tivessem um destino trágico.” Dharmaraja batia no peito, expressando sua profunda tristeza.

Os irmãos ouviram os lamentos e correram para o lado de Dharmaraja. Kuntí, a mãe, também perguntou ansiosa pelo motivo da aflição. Andou pelos cômodos e, não encontrando Gandhari nem o cunhado, perguntou a Sanjaya o que tinha acontecido. Este não pôde responder; somente chorava. “Para onde foram, tão idosos e naquelas condições? Diga-me”, ela pedia, mas não obteve resposta. Enquanto isso, Dharmaraja chamou os irmãos a um lado e fez alguns gestos que eles não compreenderam a princípio. Então, ele reuniu coragem e levantou-se do chão. Conseguiu narrar os acontecimen-

tos desde o início da manhã. Pediu a Bhima que enviasse tropas em todas as direções para procurá-los e encontrá-los, pois não poderiam ter ido muito longe, já que eram cegos e não podiam andar rápido. Deviam estar tateando bem próximo dali.

Bhima, Nakula e Sahadeva obedeceram às ordens do irmão e enviaram as tropas em todas as direções. Percorreram todas as estradas, becos, vielas, olharam dentro de poços, em todos os tanques e lagos, mas não encontraram vestígios do casal. Acreditando que poderiam ter caído no Ganges, contrataram especialistas para percorrer as margens e até para mergulhar nas águas. Todos os esforços foram em vão. Os irmãos Pandavas entraram em uma terrível tristeza por não terem podido salvar o Rei e a Rainha daquele destino cruel.

Enquanto isso, Dhritharashtra e Gandhari estavam felizes contemplando Deus, sentados nas posturas prescritas, com a mente rigorosamente sob controle. Quando estavam perdidos na Contemplação Divina e imersos em alegria suprema, um imenso fogaréu passou rapidamente, consumindo-os num assalto ígneo.

Vidura teve um grande desejo de abandonar o corpo no centro de Prabhasakshethra, e assim ele escapou do fogo. Cheio de alegria pela imensa boa sorte do casal, continuou sua peregrinação e chegou ao local que escolhera como cenário para sua saída. Ali abandonou o corpo, que era composto dos cinco elementos e que era, portanto, material e passageiro.



CAPÍTULO 9 -A ASCENSÃO DE KRISHNA

Dharmaraja, que se contorcia de agonia pela partida do tio e da tia – Dhritarashtra e Gandhari –, tinha ainda outra dor insuportável que era como uma agulha penetrando por baixo de suas unhas. Para onde se virasse, começava a ter maus pressentimentos no seu reino. Percebia em cada ato à sua volta contaminado pela falsidade, crueldade e injustiça. Deparava-se com isso a cada passo, o que confundia as suas idéias.

Como resultado, uma angústia inexplicável tomou conta dele. Sua face tornou-se pálida pela apreensão. Estava marcada por uma constante agitação e ansiedade. Ao verem isso, e também ficando agitados, os irmãos – Bhima, Nakula e Sahadeva – procuraram o irmão mais velho e expressaram o desejo de saber as razões para aquela estranha loucura. Pararam-se diante dele, com as mãos unidas, e inquiriram: “Senhor e Mestre! A cada dia encontramos seu semblante mais e mais conturbado; parece mergulhado em uma agonia incomensurável, na qual afunda mais a cada hora que passa. Tornou-se fraco demais para se manter firme. Se algum de nós causou esta dor, por favor nos diga. Vigiaremos nossas ações para não repetir o gesto e oraremos para que nos perdoe. Se tudo isso é devido a outra coisa, é só nos dizer o que é, e mesmo com o custo de nossas vidas nós a eliminaremos para restaurar sua mente. Quando se tem servos obedientes como nós para corrigir qualquer coisa, sem importar quão elevada e poderosa seja, não é apropriado se deixar dominar pela tristeza. Informe-nos do motivo e dê-nos o seu comando,” eles pediram.

Dharmaraja respondeu: “O que posso lhes dizer, queridos irmãos? Vejo coisas terríveis à minha volta. Desde a casa dos cidadãos comuns

até os eremitérios dos santos e sábios, onde meus olhos caem vejo somente mau agouro, má sorte e ausência de alegria. Perguntei-me se isso é o resultado somente da minha imaginação deformada e tentei reunir coragem e confiança. Não quero ser vítima dos meus medos. Mas não consegui. Recordar as cenas torna o meu medo ainda pior.

“Para agravar a tristeza, vi também algumas cenas que são contrárias à moral estabelecida e ao Dharma. Não somente elas vieram ao meu conhecimento, como a Corte de Justiça neste reino tem recebido requerimentos e contestações quanto a erros, injustiças, iniquidade e maus atos, o que torna a minha tristeza mais profunda.

“Vi situações ainda piores. Ontem à tarde, quando voltava de um passeio pelo reino, vi uma vaca que se recusava a alimentar e proteger seu bezerro recém-nascido. Isso é muito estranho e contrário à natureza. Vi algumas mulheres maliciosamente desperdiçando tempo no bazar. Esperei que corresse para suas casas quando me viram, mas não. Não tiveram a menor reverência pela autoridade. Continuaram como se eu ali não estivesse. Permaneceram conversando sem comedimento com os homens. Vi isto com meus próprios olhos. Simplesmente saí daquele lugar horripilante.

“Próximo do Rajabhavan, quando ia entrar, percebi um brâmane vendendo leite e coalhada! Vi pessoas saindo de suas casas e fechando suas portas! Elas colocavam um pedaço de ferro para que as portas não pudessem ser abertas. (A referência é evidentemente a fechaduras, que eram desconhecidas no reino de Dharmaraja, pois não havia medo de ladrões). Minha mente muito se preocupou com todas essas transformações trágicas.

“Tentei esquecer este estado de coisas e iniciei os rituais da tarde, o rito sagrado de oferecer oblações ao Fogo consagrado, e posso

lhes dizer o que aconteceu? O fogo não acendia, por mais que eu tentasse. Que calamidade! Meus receios de que esses eventos pressagiem uma grande catástrofe são alimentados também por outros acontecimentos. Eles estão confirmando minhas premonições a cada minuto. Sinto-me fraco para enfrentá-los. Acredito que talvez tenha se iniciado ou esteja para começar a era de Kali.

“De que outra forma poderemos explicar um fato como este: uma esposa discutiu com seu marido e continua a argumentar diante do juiz na corte que se deve permitir a ela voltar para os pais e deixar o marido sozinho. Como posso encarar este pedido na corte de permitir a dissolução do casamento, a esposa voltar para a casa dos pais e deixar o marido? Uma petição dessas foi aceita ontem na Corte de Justiça! Como posso ignorar essas abominações?

“Para que repetir esses fatos? Ontem os cavalos começaram a chorar nos estábulos reais. Vocês ouviram? Derramaram lágrimas copiosas, disseram os cavaleiros. Sahadeva tentou investigar as causas da tristeza, mas nada descobriu e ficou perplexo e consternado. Estas são indicações de uma destruição total, e não de um perigo ou mal pequenos.” Dharmaraja apoiou o queixo na mão direita e assim ficou, pensativo.

Bhima não se entregou ao desespero. Soltou um riso de escárnio e começou a falar: “Os incidentes e eventos que você mencionou devem ter acontecido por acaso. Eu não os nego. Mas como podem trazer um desastre para nós? Por que devemos desistir de todas as esperanças? Todas essas anormalidades podem ser consertadas com um reforço de medidas administrativas. É realmente surpreendente que você esteja tão preocupado com esses assuntos menores que podem ser corrigidos por nós mesmos. Ou será uma outra guerra iminente

que o preocupa? Talvez esteja ansioso para evitar as devastações que o restabelecimento da guerra possa trazer. Essa contingência é impossível. Todos os nossos inimigos foram exterminados, juntamente com suas famílias. Restamos somente nós cinco, e temos que procurar amigos e inimigos só entre nós. A rivalidade não existe entre nós, nem em nossos sonhos. Então, o que o faz ficar agitado? Não compreendo a sua aflição. As pessoas rirão por você levar em consideração estas coisas menores e perder a paz mental com isso.” Bhima disse isso e, mudando o seu poderoso cetro de uma mão para a outra enquanto falava, teve um riso que mais pareceu uma zombaria.

A isso, Dharmaraja respondeu: “Tenho o mesmo senso de discernimento e inteligência que vocês nesses assuntos. E nem tenho o mínimo receio que os nossos inimigos nos subjuguem. Não nos defendemos de guerreiros renomados como Bhisma, Drona e os demais, os quais podiam, com uma só flecha, destruir os três mundos? O que pode um inimigo fazer contra nós? E o que poderia nos agitar, nós que enfrentamos até as calamidades mais horrendas com bravura? Como poderão surgir diferenças entre nós, agora que permanecemos firmes nos dias de tensão?

“Talvez vocês suspeitem que eu esteja temeroso de algo que possa me acontecer pessoalmente. Não, eu nunca me agitarei com algo que me acontecer, pois este corpo é uma bolha sobre as águas, composto dos cinco elementos à espera de ser dissolvido de volta aos seus componentes. A dissolução acontecerá algum dia, está fadado a falhar, cair, apodrecer, ficar reduzido a pó ou a lama. Não me incomoda este destino.

“Minha única preocupação é quanto a um assunto em particular. Falarei sobre ele, sem tentar ocultar sua seriedade. Escutem. Faz agora mais ou menos sete meses que nosso irmão Arjuna viajou

para Dwaraka. Apesar disso, nada ouvimos sobre o bem-estar do Senhor de Dwaraka. Ele não enviou nenhum mensageiro ou mensagem, pelo menos para dizer que chegou a Dwaraka. Não estou preocupado sobre Arjuna ou se ele chegou ou não a Dwaraka. Sei que nenhum inimigo pode resistir a ele. Além disso, se alguma coisa tivesse acontecido a ele, Sri Krishna teria enviado informações para nós. Quanto a isto não há dúvida. Por isso confio que não existam razões para me preocupar quanto a ele.

“Devo confessar que estou preocupado com o próprio Senhor. A cada minuto que passa, a ansiedade aumenta. Meu coração sofre com uma agonia insuportável. Estou tomado pelo receio de que Ele possa ter deixado este mundo e tenha retornado à Sua morada permanente. Que razão maior poderia haver para tristeza?

“Se essa catástrofe realmente aconteceu, não devo continuar a governar esta terra, enviuvada pelo desaparecimento do Mestre. Para nós, Pandavas, este Vasudeva era os nossos cinco ares vitais juntos. Se Ele parte, nada mais somos do que corpos mortos, desprovidos de vitalidade. Se o Senhor estivesse sobre a Terra, estes sinais de agouro não existiriam. A injustiça e a iniquidade só existem na Sua ausência. Não tenho dúvidas quanto a isto. Minha consciência é clara. Algo me diz que isto aconteceu.”

Quando Dharmaraja expressou sua preocupação, os irmãos também se sentiram desesperados. Perderam toda a coragem. Bhima foi o primeiro a se recuperar para falar. Reuniu coragem, apesar da onda de tristeza que o sufocava. Disse: “Pela razão de Arjuna não ter retornado ou de não termos notícias dele, vocês não devem conjecturar sobre tal calamidade e começar a imaginar catástrofes. Deve haver uma outra razão para este silêncio, ou o próprio Krishna deve ter negligenciado as notícias. Vamos esperar e procurar pela luz.

Não alimentemos fantasias que uma mente nervosa pode tecer. Não vamos cobri-las com a vestimenta da verdade. Falo assim porque o nervosismo é, muitas vezes, capaz de moldar tais medos.”

Mas Dharmaraja não estava propenso a aceitar isto. Respondeu: “O que quer que diga, por mais que seja habilmente argumentado, sinto que a minha interpretação está correta. Ou então, como uma idéia dessas surgiria em minha mente? Meu ombro esquerdo está tendo tremores, vejam! Este é um sinal que confirma meu receio de que realmente tenha acontecido. Vocês sabem que é um mau presságio quando isso acontece no ombro esquerdo dos homens e no direito das mulheres. Isso aconteceu no meu corpo, e é um mau presságio. E não meramente o ombro, mas todo o meu ser – mente, corpo e inteligência – todos estremeceram. Meus olhos obscureceram e estou perdendo rapidamente a visão. Vejo o mundo como um órfão que foi privado do seu Guardião e Senhor. Perdi a minha faculdade de ouvir. Minhas pernas tremem sem cessar. Meus membros estão petrificados. Não há vida neles.

“Vocês precisam de uma prova maior que indique que o Senhor partiu? Acreditem-me, queridos irmãos. Mesmo que não o façam, os fatos não mudarão. A terra treme sob nossos pés. Não escutam os sons assustadores do coração agonizante da terra? Tanques e lagos estão sendo sacudidos. O céu, o ar, o fogo, a água e a terra, todos lamentam o seu destino, pois perderam o seu Mestre.

“Quantas evidências mais vocês precisam para se convencerem? Notícias de alguns dias atrás falam que choveu sangue em algumas partes do reino.”

Ao ouvir essas palavras, lágrimas correram pelas faces de Nakula e Sahadeva quando ainda estavam diante do irmão. Seus corações estavam chocados pela dor, e eles não conseguiram se manter de pé, pois suas pernas cederam.

CAPÍTULO 10 -O MISTÉRIO DE KRISHNA

Bhima tentou reunir um pouco de coragem. “Irmão! Deixe-me partir e irei até Dwaraka em um instante e retornarei rapidamente trazendo informações do que aconteceu para acabar com o seu receio.” Mesmo enquanto Bhima, de joelhos, pedia permissão, o sol se pôs e as lâmpadas começaram a emitir uma luz débil de vários lugares.

Enquanto isso, um guarda da entrada principal entrou correndo anunciando que Arjuna se aproximava do aposento real. Todos se levantaram como que insuflados repentinamente de vida. Correram para encontrar Arjuna, sedentos de notícias de Dwaraka. Arjuna entrou, deprimido e desanimado, evitando qualquer sinal de alegria. Sem olhar os irmãos no rosto, caiu aos pés de Dharmaraja.

Dharmaraja notou os sinais que confirmavam os seus receios e ficou ansioso para inquiri-lo. Perguntou sobre o bem-estar dos amigos e parentes em Dwaraka. Arjuna não conseguiu levantar ou virar a cabeça. Os irmãos viram os pés de Dharmaraja sendo molhados por lágrimas e ficaram imobilizados pelo choque. Dharmaraja perdeu todo o controle de sua mente. Tentava levantar Arjuna e sacudindo-o pelos ombros, e gritou em agonia perto do seu ouvido: “Irmão! O que aconteceu? O que aconteceu? O que aconteceu aos Yadavas? Diga-nos. Nossos corações estão prestes a explodir. Salve-nos desta terrível angústia.”

Mas Arjuna não respondeu. Não conseguia levantar e nem proferir uma palavra. Contudo, Dharmaraja continuou a fazer perguntas, inquirindo sobre o bem-estar dos Yadavas e dos outros, citando seus nomes e perguntando sobre cada um separadamente. Arjuna não reagiu nem com este ataque desesperado. Não tinha resposta. Não levantou o rosto para encarar o irmão.

“Não precisa nos dizer do restante; mas precisa nos dizer isto. Vasudeva enviou-nos você para dizer qual a Sua mensagem para nós. Diga-nos.” Dharmaraja pediu. Arjuna não conseguiu mais suportar. A tristeza que guardara por tanto tempo irrompeu em uma forte corrente. “Não temos mais Vasudeva. Estamos órfãos. Não conseguimos mantê-lo, não temos mais sorte” disse, caindo no chão aos prantos.

Sahadeva compreendeu a situação e as possibilidades, e fechou todas as portas que davam para o salão. Retornou tentando minimizar a tensão.

“Por que vivemos para ouvir isto, que destino! Oh, destino, como pôde tratar o mundo tão cruelmente?” os irmãos lamentaram juntos. “Senhor, por que deixaste os Pandavas desta forma? Por que essa perda de confiança? Sobrevivemos para ouvir essa notícia, este é o resultado do acúmulo de pecados durante várias gerações”, perguntaram e afirmaram. Cada um sucumbiu à própria tristeza e desespero. O salão ficou tomado por um silêncio sombrio.

Foi Dharmaraja quem reagiu primeiro. Enxugando as lágrimas dos olhos, questionou Arjuna em tom patético: “Tem notícias das condições dos pais, de Nanda e Yashoda e dos outros Yadavas? Fale sobre eles. Devem estar sentidos com a separação do Senhor. Quando nós também ficamos reduzidos a este profundo desamparo, o que podemos dizer deles? Devem estar imersos em um desespero inominável. Como conseguem manter corpo e alento unidos? Por que nos referimos aos indivíduos? Toda a cidade de Dwaraka deve ter afundado em um mar de tristeza inconsolável.”

Dharmaraja soluçava de tristeza ao imaginar essas cenas. Ao vê-lo nessa condição, Arjuna disse: “Irmão! O povo de Dwaraka tem, de longe, mais sorte do que nós. Somos os menos afortunados. Somos

seres embrutecidos que suportaram o choque da notícia da partida de Vasudeva deste mundo. Os outros deixaram o mundo antes mesmo da notícia da Sua partida.”

Com isso Dharmaraja exclamou: “Hari, Hari, oh Deus! O que disse agora? Que catástrofe é essa? Não compreendo nada... o mar subiu e engolfou Dwaraka? Ou uma horda bárbara invadiu e tomou e cidade e matou a população? Arjuna, fale o que aconteceu. Coloque um ponto final nessas surpresas aterrorizantes que formam quadros medonhos.” Dharmaraja segurou a mão de Arjuna e virou o seu rosto em uma tentativa de fazê-lo responder as perguntas.

Arjuna disse: “Não, o mar não se enfureceu e engoliu Dwaraka, e nenhum governante comandou seu exército contra a cidade. A fraqueza e a mesquinhez cresceram loucamente entre os próprios Yadavas e insuflaram sua disputa e ódio a tal ponto que eles se mataram com suas próprias armas.” Dharmaraja perguntou: “Arjuna, deve haver uma força superpoderosa que incitou o clã Yadava, jovens e velhos, para que se sacrificassem em holocausto. Não há efeito sem causa, não é?” -e esperou para ouvir os detalhes do que realmente levava à matança.

Arjuna fez uma pausa para superar a tristeza que aflorava e então começou o relato dos acontecimentos. Os outros três irmãos se aproximaram para ouvir a trágica história. “Aprendi naquele dia que nem o menor dos eventos acontece contra a vontade de Vasudeva. Fiquei inteiramente convencido disso. Ele é Suthradhari, o que segura os cordões que faz os bonecos se mexerem para desempenhar seus papéis, mas Ele está sentado entre os espectadores e finge não conhecer o enredo, história ou o elenco. Os personagens não podem se desviar uma linha das Suas instruções. Sua Vontade guia e

determina cada movimento e gesto. As diversas emoções e eventos no cenário no qual o drama se desenrola afetam os corações daqueles que testemunham a peça, mas não causam a menor agitação no coração de Suthradhari.

“Ele decide o que esta pessoa deve dizer ou o que aquela outra deve fazer e coloca nelas as palavras e os atos apropriados. E a consequência do karma realizado e herdado por cada indivíduo das vidas anteriores também adiciona a sua quota neste destino. Os Yadavas, que são nossos parentes, eram personagens espirituais, cheios de devoção a Deus, como todos vocês sabem. Talvez um dia algum sábio tenha lançado sobre eles uma maldição... pois, como podemos explicar esta súbita reviravolta em sua história, esta tragédia inesperada?

“Eles realizaram um sacrifício (yajna) magnífico no Prabhasakshethra. Por sete dias inteiros o yajna foi celebrado com pompa e estilo sem precedentes; a oferenda de despedida no fogo sagrado foi desenvolvida em total grandeza védica na presença do próprio Senhor Krishna; os participantes e sacerdotes realizaram depois o banho cerimonial nas águas sagradas; os brâmanes receberam sua parte da oferenda do yajna, que também foi distribuída para os Yadavas. Tudo se passou em uma atmosfera de calma, contentamento e alegria perfeitos.

“Antes do meio-dia os brâmanes receberam alimentos. Depois os Yadavas se sentaram em longas filas para participar do banquete. Durante este, como que por má sorte, alguns dos Yadavas beberam, perderam o autocontrole e confundiram seus parentes com inimigos. Começaram a discutir, e a discussão cresceu a ponto de se tornar uma briga de violenta ferocidade. Esses deviam ser os planos de Deus, pois mesmo que um homem possa ser descontrolado e vil, ele

não mataria com as próprias mãos seus próprios filhos e pais. Que horror foi aquilo! Na escaramuça que se seguiu, filho matou pai, pai matou filho, irmão assassinou irmão, genro matou sogro, genro matou filho, em orgia insana de ódio cego até não haver mais ninguém vivo”. Arjuna não conseguiu continuar. Apoiou-se contra a parede, segrou a cabeça entre as mãos, expressando sua dor e tristeza.

Dharmaraja ouviu o relato com angústia e perplexidade. Colocou as mãos sobre as costas de Arjuna e disse: “O que está dizendo? É uma história inacreditável. Como sua língua jamais falaria uma verdade, sou forçado a acreditar na sua correção, pois de que outro modo poderíamos sequer imaginar tal súbita transformação de caráter e um massacre de tais proporções? Nunca vi ou ouvi, em qualquer outro lugar, tão grande relação de amizade e coleguismo como a que existia no clã Yadava. Além disso, eles não desviariam do caminho traçado para eles por Krishna. Não se desviariam nem nas ocasiões mais tempestuosas e selvagens. Se essas pessoas, na própria presença de Krishna e independente de todas as regras do bom comportamento, se bateram até a morte, isso é realmente estranho. Essa reviravolta nos eventos acontece somente quando o fim do mundo está próximo.

“Bem, Arjuna, Krishna não poderia interromper a luta e os aconselhar a desistirem? Ele tentou algum compromisso entre as facções e enviou-as de volta a seus lugares? Krishna é o grande adepto das artes da guerra e da paz, não é? Que Ele não tenha tentado interromper esta tragédia me faz pensar ainda mais sobre esta terrível história de destruição”.

Dharmaraja estava mergulhado na tristeza. Sentou-se com a cabeça apoiada sobre o punho fechado, a outra mão sobre o joelho; os olhos

cheios de lágrimas que rolavam continuamente pela sua face. Arjuna tentou pronunciar algumas palavras de consolo. “Maharaja! Você conhece a Glória e a Graça de Krishna, mas, mesmo assim, faz perguntas e tem dúvidas se Ele fez isto ou aquilo. O que posso dizer em resposta? O destino dos Yadavas é o mesmo do nosso clã. Não éramos nós e os Kauravas irmãos? Tínhamos parentes de boa índole em ambos os lados e tivemos o mesmo Shyamasundar (outro nome dado a Krishna) em nosso meio, e tivemos de realizar a batalha de Kurukshetra. Será que não conseguimos ver que esta guerra não teria acontecido, se isso fosse da vontade Dele? Os quatro milhões de guerreiros que morreram no campo de batalha não teriam sido perdidos. Alguma vez desejamos governar esta terra após matar todos eles? Nada pode acontecer sem o Seu comando expresso. Ninguém pode agir contra a Sua vontade e nem contra o Seu comando.

“Este mundo é um palco onde cada um desempenha o papel a ele destinado, onde cada um permanece pelo tempo que lhe for dado por Ele e cada um deve obedecer Suas instruções sem falhar ou hesitar. Podemos pensar orgulhosamente que fizemos isso ou aquilo, mas a verdade é que tudo acontece de acordo com a Sua Vontade.”

Quando Arjuna concluiu, Dharmaraja pensou em voz alta: “Arjuna! Muitos motivos nos impeliram para a guerra de Mahabharata. Tentamos pela melhor das diplomacias e meios pacíficos obter de volta o nosso reino, nossa posição e o que era legitimamente a nossa herança. Suportamos pacientemente muitos insultos e contratempos. Tivemos de vagar pelas florestas como exilados. Através da Graça Divina escapamos de várias armadilhas para nos matarem. Tentaram nos incendiar e envenenar. Lançaram infâmias públicas contra nossa rainha. Partiram nossos corações com um tratamento doentio sistemático.

“Ainda assim, existem apenas três razões para a batalha final em todas as partes: riqueza, poder e mulheres. Mas veja os Yadavas. Eles não tinham razão para entrar em um combate mortal entre si. Parece que o destino foi a única razão preponderante para esse cataclismo.

Os Yadavas desfrutavam de pleno sucesso e abundância. Não tinham falta de grãos e nem de ouro. E suas esposas? Eram modelos de virtude, fé e devoção. Nunca se afastaram dos desejos e comandos de seus maridos. Não traziam insultos e nem contratempos de nenhum lugar para seus senhores. Como, então, o tumulto e o conflito mortal poderiam elevar suas cabeças, de repente, entre eles?

Arjuna respondeu: “Meu querido irmão! Vemos as circunstâncias externas, os processos que resultam no evento final e, em nossa ignorância, julgamos que esse grupo de causas produziu esses efeitos finais. Supomos sobre a natureza das emoções e dos sentimentos com base naquilo que percebemos dos acontecimentos. Porém circunstâncias, eventos, emoções e sentimentos todos são simplesmente “instrumentos” em Suas mãos, servindo à Sua Vontade e ao Seu Propósito. Quando o momento chega, Ele os utiliza para o Seu plano, causando a luta que Ele deseja. Ele é a personificação de Kala, ou o Tempo. Ele vem como o mestre do tempo e, através de alguns desfechos da trama, Ele encerra o drama. Aquele que determinou o nascimento traz a morte também. Ele encontra razões para ambos, no mesmo grau. Procuramos saber por que existe um nascimento? Então, por que procurar saber por que ocorre a Morte? Ela ocorre, isso é suficiente. A descoberta do porquê é uma ocupação supérflua.

“Ele motiva os seres a criarem seres e motiva os seres a matarem os seres. Corpos nascem, corpos morrem; nada de mais sério acontece no nascimento ou na morte. Isso nos foi ensinado por Vasudeva

muitas vezes. Por que, então, devemos duvidar ou nos desviar da coragem inabalável que Ele procura nos dar?

“Talvez você diga que não é justo que Ele, que causou o nosso nascimento, seja a pessoa que nos mate. Entre o nascimento e a morte, o homem possui a capacidade de ganhar punya e papa, mérito e demérito, e isso tem alguma influência sobre o curso dos acontecimentos. Dentro desses limites, o Senhor faz um jogo com o nascimento, a morte e a vida.

“Nascimento e morte são dois penhascos altos entre os quais flui o rio da vida. A força da fé Átmica (Atmasakthi) é a ponte que transpõe o precipício e, para aqueles que desenvolveram essa força e essa fé, a correnteza não preocupa. Com Atmasakthi como um apoio seguro, podem atingir a outra margem, enfrentando todos os perigos. Oh, Rei! Tudo isso não passa de um teatro de bonecos de um grande Mestre Diretor. Os Yadavas hoje, como os Kauravas ontem, não possuem uma individualidade própria. Não há sentido em culpar ambos.

“Pode este corpo material, composto dos cinco elementos – terra, água, fogo, ar e éter – se mover ou agir sem o Seu estímulo? Não. É o divertimento Dele causar o nascimento de alguém através de outro ou causar a morte, também utilizando outra pessoa. De outra forma, como poderíamos explicar o fato de a cobra pôr os ovos, aquecê-los, fazer nascer a prole para depois comer os filhos assim que nascem? Mesmo entre eles, ela come somente aqueles cujo tempo acabou, por assim dizer, e não todos. O peixe que vive na água é apanhado na rede quando o seu tempo termina. Por que os peixes pequenos são comidos pelos grandes, e estes por sua vez são engolidos por outros ainda maiores? Esta é a Sua Lei. A cobra come o sapo, o pavão come a cobra; é o Seu grande jogo. Quem pode investigar as Suas

razões? A Verdade é: cada evento é a decisão deste Balagopala¹⁵.

“Não podemos perceber o mistério do Seu Jogo. Não conseguimos compreendê-lo. Não há proveito em se preocupar com o fracasso agora. Com esta forma humana ilusória, Ele Se moveu conosco, misturando-Se conosco, comendo, comportando-Se como se fosse o nosso parente ou alguém que nos deseja o bem, como nosso amigo e orientador, e salvou-nos de muitas calamidades que ameaçaram nos envolver. Ele jorrou a Sua misericórdia divina e dissolveu para nós os piores problemas que desafiaram soluções, de maneiras admiravelmente simples. Durante todo este tempo em que estive próximo de nós e sendo muito estimado, ficamos fascinados pelo orgulho de termos a Sua graça. Não tentamos nos preencher com aquela Alegria Suprema e mergulhar fundo na corrente da Sua Graça. Nós O buscamos para a mera vitória externa e benefícios temporais; ignoramos o vasto tesouro com o qual poderíamos ter preenchidos nossos corações. Nunca contemplamos a Sua verdadeira realidade.

“Ele nos guardou como se fôssemos os cinco alentos vitais (Panchaprana) para Ele. Veio para nos ajudar e nos conduzir em todos os empreendimentos, mesmo os pequenos, e realizou todos para nós. Irmãos! Que mais posso dizer? Devemos nascer ainda muitas vezes, porém nunca teremos um amigo e parente como este. Recebi Dele um amor muito mais intenso do que o de uma mãe, um amor que mesmo uma mãe não pode conferir.

“Em várias ocasiões Ele tomou para si os problemas dos Pandavas, como se fossem Dele, para nos aliviar das preocupações. Costumava planejar as ações até as minúcias para alcançar o sucesso final. É

15 Balagopala: outro nome do Senhor Krishna, por ter vivido entre pastores na sua juventude.

devido ao dom da Sua graça que os Pandavas sobreviveram neste mundo até hoje.

“Para que repetir tudo separadamente? Cada gota de sangue que corre por estas veias nada mais é do que uma gota da Sua graça. Cada músculo é somente uma manifestação do Seu amor; cada osso e cartilagem nada mais que um pedaço da Sua misericórdia. Incapazes de compreender esse segredo, vangloriamos-nos gritando “Fiz isto” e “consegui aquilo.” Agora ficou claro para nós que, sem Ele, nada mais somos que sacos de pele.

“Naturalmente o destino de todos os homens é o mesmo. Esquecem que o Todo Poderoso Onisciente, que tudo rege, joga com eles como se fossem bonecos; assumem que são os verdadeiros agentes e verdadeiros apreciadores; como eu, estão mergulhados na ignorância da verdade básica. Quando nós, que somos heróis e guerreiros famosos, estamos nesta triste luta, o que podemos dizer das pessoas comuns que não têm a oportunidade de despertar para este jnana (conhecimento)?

“Para isso, a triste experiência que tive em meu caminho é a prova direta.” Ao dizer isso, Arjuna caiu para trás, recostando-se contra a cadeira que estava atrás dele, pois não podia suportar a separação do seu apoio e orientador da vida inteira, Krishna.



CAPÍTULO 11 - QUANDO O SENHOR PARTIU - A AFLIÇÃO DOS PANDAVAS

Dharmaraja, que estava perdido em seus pensamentos, recordando-se dos conselhos, ajuda, graça, amor e simpatia que tinha ganhado do Senhor Krishna, de repente levantou sua cabeça e perguntou: “Arjuna, o que disse? Que calamidade o apanhou no caminho? Conte-nos, tudo, irmão” ao mesmo tempo que levantava com suavidade o queixo de Arjuna. Arjuna olhou o irmão na face e disse: “Irmão, toda a minha habilidade e realizações se foram com o Senhor Krishna. Estou agora sem poderes, incapaz de qualquer realização, mais fraco do que o mais fraco; de fato, sem vida alguma.

“Ouça, irmão. Este companheiro sem sorte não teve a oportunidade de estar com o Senhor Vasudeva quando Ele partiu para a Sua residência, embora estivesse em Dwaraka naquele momento. Não ganhei méritos suficientes para ter essa chance. Não pude receber o darshan (bênção pela visão) do nosso divino pai antes de Sua partida. Mais tarde o cocheiro do Senhor, Daruka, deu-me a mensagem que Ele deixara para mim quando partiu. Nela, Ele nos escrevera com Sua própria mão!”.

Dizendo isso, retirou das dobras de sua roupa a carta que considerava mais preciosa do que a própria vida, pois era de Krishna e havia sido escrita pela Sua própria Mão. Entregou-a nas mãos de Dharmaraja, que a recebeu com reverência, entusiasmo e ansiedade. Pressionou-a contra os olhos, que se encheram de lágrimas. Tentou decifrar a escrita através da cortina de lágrimas, mas não teve sucesso.

Ela começava: “Arjuna! Esta é a minha ordem; execute-a sem demora até o fim. Execute-a com coragem e dedicação”. Após essa determinação expressa, Krishna descreveu a tarefa com as seguintes

palavras: “Terminei a missão pela qual vim. Não estarei mais neste mundo com um corpo. Estou partindo. Daqui a sete dias Dwaraka afundará no mar; o mar engolirá tudo, exceto a casa que ocupei. Portanto, você deve levar para a cidade de Indraprastha as rainhas e as outras mulheres que sobreviverem, junto com as crianças e os bebês, os velhos e os decrepitos. Estou partindo colocando toda a responsabilidade pelas mulheres e outros sobreviventes Yadava em suas mãos. Cuide deles como cuida da própria vida; arrume-os em Indraprastha e proteja-os dos perigos”. O pós-escrito dizia: “Assim escreve Gopala ao ir para a Sua casa.”

Dharmaraja terminou de ler a mensagem. Notou que Bhima, Arjuna, Nakula e Sahadeva derramavam lágrimas copiosas, agachados como pedras, abstraídos de tudo. Arjuna disse: “Irmão! Não desejo viver nem por um momento a mais sem que o Senhor esteja entre nós, por isso tinha resolvido mergulhar no mar que engolirá Dwaraka, e decidido a rachar a minha cabeça com este arco e morrer. Mas esta ordem me forçou a desistir; a ordem Dele, que comanda o Universo, me uniu a esta terra. Não tinha tempo de planejar mais nada, tudo devia ser feito com rapidez.

“Assim sendo, realizei os últimos ritos para os mortos segundo os shastras (escrituras védicas), depois, em grande ansiedade por medo que o mar engolisse Dwaraka antes que as mulheres, crianças e os velhos fossem evacuados, incitei-os a sair e ir para Indraprastha, como ordenado por Krishna. Deixamos Dwaraka sem querer abandoná-la. Conseguimos chegar até as fronteiras do Panchanada (Punjab) com os corações pesados pela ausência de Krishna, porém fui forçado pela necessidade de obedecer ao Decreto Divino e a suportar, segundo essa ordem, as preocupações daquelas pessoas.

“O sol estava se pondo, não ousamos cruzar àquela hora um rio cheio que impedia o nosso progresso. Decidi acampar na margem por aquela noite. Recolhemos as jóias e as peças valiosas de todas as mulheres e guardamos tudo num lugar seguro; as rainhas desceram dos seus palanquins e as servas se espalharam para repousar. Aproximei-me do rio para realizar os rituais da tarde, me arrastando por causa da tristeza da separação de Krishna. Enquanto isso, a escuridão desceu cobrindo o local e logo ouvimos gritos selvagens e bárbaros vindo das trevas que nos rodeavam. Perscrutei a noite e descobri uma horda de nômades, habitantes da floresta, que correram para nós com varas, paus e punhais. Pegaram as jóias e os valores, e começaram a arrastar as mulheres, amarrando-lhes os pés e as mãos.

“Gritei com eles e ameacei-os com conseqüências terríveis. Por que cair como traças no fogo?” – perguntei. “Por que imitar os peixes que encontram a morte no desejo de ter o verme do pescador?” – disse. “Não procurem a morte nesta tentativa fútil de saque!” – avisei. “Imagino que não sabem quem sou. Não ouviram sobre o formidável arqueiro, Arjuna, filho de Pandu, que dominou e derrotou os três conquistadores do mundo – Drona, Bhishma e Karna? Despacharei todos vocês, agora, para o reino da morte com um zunido deste arco, meu incomparável Gandhiva. Sumam antes de encontrar a destruição ou alimentação este arco faminto com suas vidas!” – anunciei.

“No entanto, eles continuaram, sem interrupção, o terrível ataque; caíram sobre nosso acampamento e ousaram atacar até a mim. Aprontei-me e dirigi as setas divinas para eliminá-los. Mas, oh, uma coisa terrível aconteceu e não posso explicar como ou por quê. Da fórmula sagrada que dá potência ao míssil, nada pude recordar. Esqueci-me do processo de invocação e anulação. Estava perdido.

“Diante de meus olhos, os bandos de ladrões arrastaram rainhas, criadas e outros. Eles gritavam em agonia, chamando-me pelo nome: Arjuna! Arjuna! Salve-nos, resgate-nos, não nos ouve? Por que está surdo aos nossos apelos? Está nos entregando a esses bandidos? Se soubéssemos que esse seria o nosso destino, gostaríamos de ter morrido no mar como a nossa cidade, Dwaraka. Ouvi tudo em terrível agonia, a tudo assisti. Gritavam e fugiam em todas as direções, mulheres, crianças, idosos e os enfermos. Como um leão que perdeu os dentes e cujas garras foram aparadas, não podia ferir aqueles desordeiros. Não consegui esticar o meu arco. Ataquei-os com as setas em minha mão. Logo elas acabaram. Meu coração doía pela ira e também pela vergonha. Fiquei triste com a minha própria pusilanimidade. Senti-me como se estivesse morto. Todos os meus esforços foram em vão. Minha aljava, um abençoado receptáculo de flechas sempre “inesgotável”, me falhara após Vasudeva ter ido embora.

“Meus poderes e minhas habilidades tinham ido com Krishna, quando Ele se foi. De que outra forma poderia acontecer esta má sorte de ser apenas uma testemunha inútil deste rapto de mulheres e crianças, entregues aos meus cuidados? Fui torturado por um lado pela separação de Krishna e por outro pela agonia de não obedecer às Suas ordens. Como um vento forte que aumenta o fogo, essa calamidade trouxe combustível para a agonia do meu coração. E as rainhas – aquelas que viviam em palácio dourados em grande luxo! Quando contemplo o seu destino nas mãos daqueles selvagens furiosos, meu coração se reduz a cinzas. Oh, Senhor! Oh, Krishna, foi para isso que nos resgatou do perigo no passado – para nos infligir esta drástica punição?”

Arjuna chorou alto e bateu com a cabeça contra a parede em desespero e a sala encheu-se de tristeza. Todos tremiam em desespero

pero. A pedra mais dura teria se derretido de compaixão. Dos olhos de Bhima, as lágrimas corriam. Dharmaraja ficou tomado pelo medo quando o viu chorando também. Aproximou-se e falou-lhe com ternura para consolá-lo. Bhima controlou-se após algum tempo. Caiu aos pés de Dharmaraja e disse: “Irmão! Não quero mais viver. Deixe-me ir. Irei para a floresta onde me imolarei com o nome de Krishna em meus lábios e chegarei à Casa. Este mundo sem Krishna é um inferno para mim.” Enxugou as lágrimas.

Sahadeva, que estava em silêncio, aproximou-se de Bhima e disse: “Acalme-se, não se excite. Lembra-se da resposta de Krishna a Dhritharashtra, naquele dia na assembléia aberta, quando Ele ficou do nosso lado e negociou a paz entre nós?”



CAPÍTULO 12 -O ALVORECER DA ERA DE KALI

Bhima disse: “Quando Krishna foi questionado na corte de Dhritrashtra por Duryodhana, Dussasana e os outros sobre o motivo de Ele ter interferido nas disputas familiares dos Kauravas e Pandavas, favorecendo um lado mais do que o outro, como se os Pandavas fossem parentes mais próximos a Ele do que os Kauravas, o que o Senhor respondeu? Lembrem-se daquela resposta e revejam a cena que ocorreu diante de seus olhos. Andando de um lado para o outro como um filhote de leão, ele rugiu: “O que disse? Se os Kauravas são tão próximos a Mim quanto os Pandavas? Não, nunca poderão estar no mesmo nível. Ouçam, direi a vocês o elo que parentesco que me une aos Pandavas: neste corpo Meu, Dharmaraja é como a Cabeça, Arjuna é como os Ombros e os Braços, Bhima é como o Tronco, Nakula e Sahadeva são os dois Pés. Os membros agem com a força do Coração; sem ele, não têm vida.”

“O que esta declaração significa para nós? Significa que nós, os Pandavas, não teremos vida se o Coração parar de agir. Acontecerá a dissolução. O Senhor, que é o tempo encarnado, está lutando para nos unificar a Ele. Temos de estar prontos para responder ao Seu chamado.

“Essa é a prova suficiente de que a Era de Kali começou. No dia em que Krishna deixou este mundo, as portas de Dwaraka se fecharam e foram abertos os portões de Kali. De que outra forma essas forças malignas e mentes doentias correriam descontroladas? Poderia este Arjuna, que nunca esquece a fórmula do ritual para cada flecha divina enviada de seu arco, mesmo quando a batalha ruge feroz e rapidamente, poderia ele esquecê-la na terrível crise dos bárbaros

atacando mulheres e crianças? Certamente é o espírito do tempo da Era de Kali que causou essa imensa calamidade.”

Nakula também se uniu aos comentários nesse momento. Disse: “Irmãos! O céu oriental revela a aproximação do amanhecer. Vamos informar as rainhas e a nossa reverenda mãe desses acontecimentos; vamos decidir sem demora o próximo passo a ser dado. O corpo não será dissolvido imediatamente após o alento tê-lo deixado, não é? Naturalmente a vida se foi de nós no momento em que Krishna foi embora, mas os membros ainda estarão aquecidos por um tempo. Nós também teremos de atingir a presença de Krishna hoje ou amanhã. Não percamos tempo com tristeza e agonia. Pensemos no caminho que trilharemos a seguir e preparemo-nos para a viagem.” Todos concordaram com essa sugestão de sábio desapego.

Houve alguma ansiedade sobre como as novidades afetariam Draupadi, Subhadra e a mãe idosa, porém ignoraram aquela ansiedade e decidiram dar as notícias. Pois, se o próprio Senhor Se fora, por que haveria ansiedade sobre o que aconteceria com os outros? Os irmãos resolveram que o mais velho deles, Dharmaraja, falaria com a mãe; pensaram que assim seria apropriado.

A alegria faz o tempo passar rapidamente, mas não a tristeza. Quando os homens estão alegres, o tempo passa rápido; quando estão tristes, ele se move lentamente. A tristeza pesa como uma grande montanha, é a inundação final. Embora a capital de Dharmaraja fosse Indraprastha, o trono ancestral ainda estava em Hasthinapura porque aquele lugar perdera as suas outras glórias quando a Guerra de Mahabaratha levava as princesas da linhagem real e todos os descendentes mais velhos. Por isso, Dharmaraja estava passando alguns meses em Indraprastha e o restante do ano em Hasthinapura.

Sem saber disso, Arjuna foi a Indraprastha e, vendo que Dharmaraja não estava lá, deixou as poucas mulheres de Dwaraka que ele havia retomado das hordas bárbaras e foi sozinho para Hasthinapura. Estava com ele um solitário Yadava, neto de Krishna, de nome Vajra, o único sobrevivente da população masculina de Dwaraka. O pobre Vajra não sabia como se mostrar aos outros, pois tinha vergonha de ter sobrevivido. Sentia-se tão infeliz com a morte de todos os outros que se escondera em uma sala escura lamentando, triste e sozinho.

A rainha mãe, Kunti Devi, logo ouviu de uma empregada que Arjuna tinha chegado. Kunti Devi ficara de vigília durante toda a noite esperando que Arjuna corresse a ela e desse notícias de Dwaraka. Manteve as lamparinas acesas, recusou-se a dormir. Ela se levantava feliz pensando que Arjuna tivesse chegado, sempre que o menor barulho de passos era ouvido, pronunciando as palavras: “Oh, filho, estou feliz que tenha chegado. Quais são as notícias?” Quando não houve resposta, ela chamou a sua criada pelo nome e perguntou: “O que significa isso? Você não me disse que Arjuna chegou de Dwaraka? Por que não veio me ver? Você deve ter se enganado. Deve ter visto alguém chegar e pensou que fosse Arjuna. Se ele tivesse chegado certamente teria vindo me ver imediatamente.” Kunti passou uma noite insone entre a expectativa e o desapontamento.

O dia amanheceu. Todos começaram a se ocupar com os seus afazeres. Enquanto isso, sua mente questionava qual a razão de Arjuna não ter vindo vê-la. Será que ele tinha realmente chegado? Teria sido mantido afastado por algum problema político urgente que tivera de ser discutido entre os irmãos madrugada adentro? Ou estava tão cansado da viagem que resolvera ver a mãe no dia seguinte cedo, em vez de na mesma noite? Ou teria havido alguma crise em Dwaraka e Krishna

o mandara consultar Dharmaraja e trazer a sua reação e a solução? Teria esquecido das suas obrigações com a mãe na confusão das crises? “Naturalmente viria com o amanhecer do dia”, disse a si mesma.

Por isso, levantou-se quando a escuridão ainda envolvia a terra. Banhou-se, colocou roupas novas e aprontou-se para receber o filho. Então outra dúvida surgiu em sua mente e agitou-a. A cada noite, todos os seus filhos invariavelmente vinham vê-la, um após o outro, ajoelhando-se a seus pés, pedindo sua bênção. Ela perguntou-se por que nenhum deles tinha vindo naquela noite. Isso fez com que a sua ansiedade crescesse mais ainda. Enviou empregados aos aposentos de Draupadi e Subhadra e descobriu que nenhum dos irmãos sequer partilhara do jantar! Kunthi afundou na ansiedade.

Quando a sua mente estava contorcida pela angústia, uma idosa empregada veio e informou-a que Dharmaraja, acompanhado de Arjuna, estava chegando para vê-la. Kunti estremeceu de medo pelo que diriam a ela; sentia alegria por encontrar Arjuna após tão longa ausência, e ansiedade para ouvir as novas dos Yadavas. Foi um amálgama de expectativas. Estremecia porque era incapaz de conter a ansiedade.

Dharmaraja entrou e ajoelhou-se a seus pés, permanecendo em silêncio. Arjuna não conseguiu se levantar após ter se ajoelhado por algum tempo aos pés da rainha mãe. Foi Kunti quem falou a ele palavras de consolo. “Pobre rapaz! Como conseguiu ficar longe de mim por tanto tempo?” Acariciou-o, mas antes de pronunciar palavras de bênçãos ou de questioná-lo sobre sua saúde e bem-estar, ela perguntou: “Arjuna! Soube que chegou ontem à noite. É verdade? Por que não veio me ver durante a noite? Como pode uma mãe, que sabe que seu filho retornou após uma longa ausência, dormir em paz sem vê-lo? Bem, pelo menos estou feliz que tenha vindo agora, ao nascer do dia. Conte-me as novas. Seu sogro, sua sogra e seu avô

estão bem? Meu irmão Vasudeva está bem idoso agora, ele tem passado bem? Está em pé ou preso a uma cama como eu? Está sendo cuidado como eu, dependendo dos outros para tudo?” Segurava as mãos de Arjuna, com os olhos fixos em sua face. De repente perguntou: “O que vejo, meu filho? Por que está tão cabisbaixo? Por que seus olhos estão inchados e avermelhados?”

“Compreendo! Dwaraka é distante e a longa viagem pela selva o esgotou. A poeira, o sol e a exaustão da estrada estão no seu rosto. Vai passar. Diga-me o que meu Shyamasundar, meu Krishna, lhe pediu que me dissesse. Quando virá aqui? Ou não deseja me ver? Ele disse alguma coisa? Naturalmente, ele é Vasudeva, pode ver tudo de onde está. Quando O verei novamente? Esta fruta madura ainda estará na árvore quando Ele chegar?”

Ela repetiu as perguntas várias vezes e respondeu a todas. Não deu oportunidade para que Arjuna ou Dharmaraja dissessem o que queriam. Dos olhos de Arjuna desceram lágrimas sem disfarce. Kunti observou o fenômeno estranho. Puxou-o para mais perto e colocou a cabeça dele sobre o seu ombro. “Filho, Arjuna, o que aconteceu? Diga-me. Nunca vi lágrimas em seus olhos. Gopala descobriu alguma falha em você e mandou-o para cá porque você não é digno de estar com Ele? Alguma calamidade terrível aconteceu com você?” Estava tomada pela tristeza, mas tentava consolar o filho da melhor forma.

Então Dharmaraja cobriu a face com ambas as mãos e lamentou entre soluços: “Mãe! Ainda fala sobre o nosso Vasudeva? Já se passaram dez dias desde que Ele nos deixou. Voltou para a Sua própria residência. Todos os Yadavas morreram.” Enquanto ele falava, Kunti arregalou os olhos perguntando: “O quê? O meu Gopala... meu Nandanandana... o tesouro do meu coração... enviuvou a Terra? Oh, Krishna... Krishna...” e como se fosse buscá-Lo naquele momento, partiu.

CAPÍTULO 13 -A COROAÇÃO DE PARIKSHITH

Kunti Devi pegou a estrada que Shyamasundar tomara. O que foi deixado foi um corpo sem vida. Arjuna chorou alto: “Irmão! O que posso dizer? Perdemos nossa mãe.” Dharmaraja, que estava de pé, foi sacudido pelo choque. Correu para o corpo e viu a face empalidecida. Ficou petrificado.

As criadas do lado de fora ouviram as palavras de Arjuna e olharam para dentro do quarto. O corpo de Kunti Devi jazia no chão, a cabeça no colo de Arjuna. Ele contemplava sua face com lágrimas nos olhos. As criadas do palácio transmitiram as notícias. Compreenderam que a Rainha Viúva os deixara, sem possibilidade de retorno. Choraram alto diante da imensa calamidade.

Enquanto isso, as novas chegaram até as rainhas nos aposentos internos. Em segundos, as dolorosas notícias espalharam-se por Hasthinapura. As rainhas ficaram tomadas pela tristeza, cambaleantes, batendo no peito com ansiedade. Em intermináveis e sofredoras filas, os habitantes do palácio inundaram os aposentos. Bhima, Nakula, Sahadeva e os ministros estavam subjugados pela tristeza.

O ar estava impregnado de uma agonia indescritível. Ninguém acreditava que Kunti Devi que, há poucos minutos, esperava tão ansiosa pelo filho Arjuna para ouvir as notícias de Dwaraka, tinha partido tão rápido. Os que chegavam emudeciam e ficavam paralisados. Os lamentos das criadas, das rainhas e a tristeza dos filhos emocionavam os corações mais empedernidos.

Dharmaraja consolou a todos e incutiu um pouco de coragem. Disse-lhes que não se rendessem à tristeza, enquanto segurava as

lágrimas. Movia-se bravamente dirigindo-se a todos, infundindo-lhes ânimo. Isso fez com que todos admirassem o seu auto-controle. Os ministros se aproximaram e disseram: “Oh, rei, sua natureza serena nos enche de admiração. Reverenciou e cuidou de sua mãe como se fosse o seu próprio alento de vida. Como o seu coração suporta a sua morte de forma tão valente?” Dharmaraja sorriu diante da ansiedade deles. “Ministros, estou preenchido de inveja quando penso em sua morte. Ela é, na verdade, mais afortunada. O mundo retirou a sua vida logo que ouviu as notícias sobre a ida de Krishna para a Sua morada celestial. Ela partiu imediatamente para lá, pois não pôde suportar o sofrimento da separação Dele” disse Dharmaraja.

“Não somos tão afortunados. Estávamos tão próximos a Ele; retirávamos Dele a nossa Ananda (bem-aventurança). Ouvimos sobre a sua partida, porém continuamos vivos. Se tivéssemos realmente a devoção que dizemos ter, teríamos deixado o corpo como ela fez quando ouviu sobre a grande perda. Que vergonha! Somos apenas um peso sobre a Terra. Todos os nossos anos são um desperdício.”

Quando os cidadãos e os outros souberam que Kunti Devi morreria assim que soubera da partida de Krishna deste mundo, choravam mais alto ainda, pois a tristeza da perda de Krishna era ainda maior do que a perda da Rainha Viúva. Muitos se comportaram como se tivessem ficado insanos. Muitos batiam com a cabeça na parede de suas casas, pois se sentiam infelizes e abandonados.

Foi como se tivessem jogado gasolina no fogo. Em uma concentração de angústia insuportável, nascida da dupla perda, Dharmaraja era a única alma calma. Consolou as rainhas falando gentil e firmemente com cada uma, disse-lhes que não havia sentido em lamentar a perda da mãe ou a partida do Senhor. Cada um possuía um destino

segundo um plano pré-determinado. “Resta a nós realizar o nosso destino em etapas apropriadas” -afirmou.

Dharmaraja chamou Arjuna para perto e disse: “Arjuna, querido irmão! Não adiemos mais, os ritos funerários de nossa mãe devem começar imediatamente. Devemos coroar Parikshith Imperador. Devemos deixar Hasthinapura esta noite para seguirmos nosso caminho. Cada momento parece uma década para mim.” Dharmaraja estava tomado por total desapego. Porém Arjuna sentia uma renúncia ainda maior. Levantou a cabeça da mãe do seu colo e colocou-a sobre o chão. Ordenou a Nakula e Sahadeva que fizessem os preparativos para a coroação de Parikshith. Deu instruções aos outros membros, aos ministros, oficiais, todos sobre os arranjos que deveriam ser feitos em vista da decisão do rei e dos príncipes. Ocupou-se bastante. Bhima dedicou-se aos arranjos do funeral da mãe.

Os ministros, cidadãos, sacerdotes, gurus ficaram surpresos, admirados e tristes com os estranhos acontecimentos e incidentes no Palácio. Todos mergulharam em tristeza e desespero, mas tiveram de se controlar. Também foram afetados por uma forte onda de desapego. Chocados pela surpresa, exclamaram: “Ah, seu tio e tia paternos deixaram o palácio repentinamente; as notícias da partida de Krishna caíram como uma bomba sobre suas cabeças, já perturbadas por esta calamidade; logo depois a mãe faleceu; antes de o corpo ser removido Dharmaraja já prepara a coroação! E o imperador planeja desistir de tudo – poder, riquezas, posição, autoridade – para ir à floresta com todos os irmãos! Somente estes Pandavas podem ter tal coragem e renúncia. Ninguém mais é capaz dessa ousadia.”

Em poucos minutos, foram realizados os ritos funerários. Chamaram-se os brâmanes; Dharmaraja decidiu que a cerimônia da coroação

seria bem simples. Os regentes subordinados e os reis tributários não seriam convidados e nem os cidadãos e parentes em Indraprastha.

Naturalmente, uma coroação na dinastia Bharatha, colocando um regente no sagrado trono do Leão daquela linhagem era, em geral, um grande acontecimento. A data normalmente seria fixada com meses de antecedência, o momento auspicioso escolhido com um cuidado meticuloso e os preparativos, elaborados em uma escala magnífica. Mas, agora, em questão de minutos tudo ficou pronto com o material disponível e com as pessoas que estivessem próximas. Parikshith recebeu o banho cerimonial e as jóias da coroa lhe foram colocadas. Foi levado ao trono pelos brâmanes e pelos ministros e, enquanto Dharmaraja colocava o diadema cravejado de diamantes em sua cabeça, com suas próprias mãos, todos na sala choravam desconsolados. A autoridade imperial, que deveria ter sido assumida sob a aclamação alegre do povo, foi imposta ao menino acompanhada de lamentos e soluços.

Parikshith, o novo imperador coroado, chorava e até Dharmaraja, o homem que o coroava, não conseguia interromper as lágrimas, apesar de seus maiores esforços. Os corações de todos os espectadores estavam dilacerados pela grande tristeza. Quem podia impedir a força do destino? Ele executa cada ato no momento, no local e da maneira que deve ser feito. O homem nada é diante dele; fica totalmente indefenso.

Parikshith era um menino virtuoso e bem criado. Observou a tristeza em cada face, notou os acontecimentos e incidentes no palácio. Sentou-se no trono, pois sentiu que não devia transgredir o comando dos mais velhos. Porém, de repente, caiu aos pés de Dharmaraja e implorou pateticamente: “Meu senhor! O que desejar, honrarei e obedecerei. Mas não parta e nem me deixe sozinho.” Continuou

agarrado àqueles pés chorando e orando. Todos os que viram a cena trágica, choraram, mesmo os mais indiferentes não puderam evitar o pranto. Foi terrível, carregado de tensão.

O menino caiu aos pés do seu avô, Arjuna, e chorou copiosamente. “Avô! Como pode sair deste lugar com paz no coração, após ter colocado este pesado encargo, o império, em minha cabeça? Sou uma criança que nada sabe. Sou tolo. Ignorante. Não possuo qualificações. Sou incompetente. Não é justo e nem apropriado que me deixem este império que foi cuidado por uma longa linhagem de heróis, estadistas, guerreiros e sábios, e se retirem para a floresta. Deixem outra pessoa suportar esta responsabilidade. Levem-me com vocês para a floresta” – implorou.



CAPÍTULO 14 -O ÊXITO DOS PANDAVAS

Foi uma visão deplorável. Parikshith, o pequeno menino, com a coroa em sua cabeça, aproximou-se melancolicamente do avô e dos outros, e segurando seus pés com rapidez, pediu para acompanhá-los até a floresta. Comería raízes e frutas com alegria, faria as cerimônias sagradas e seria feliz. “Por favor, confiem o reino a algum ministro virtuoso e permitam-me acompanhá-los para que eu possa servi-los e tornar a minha vida digna” – pediu. Os que estavam próximos foram tocados por suas lágrimas de agonia de ser deixado para trás. Até as rochas teriam derretido se tivessem ouvido sua angústia.

Dharmaraja lutou heroicamente para reprimir suas emoções; levantou o menino e colocou-o em seu colo. Falou palavras de consolo e encorajamento. “Querido menino! Não se torne uma pessoa de mente tão fraca. Você nasceu na dinastia da Índia. Pode um cordeiro nascer em uma dinastia de leões? Seu pai, sua mãe e seus avós eram cheios de coragem, destemidos campeões da verdade que tornaram seus nomes famosos no mundo. Por isso, não é apropriado que você chore deste modo. Além disso, esses brâmanes são seus avós, seus parentes. Ouça seus conselhos e governe esta terra de acordo com eles. Viva à altura da grandeza e glória de seu nome. Pare de se afligir por nós.”

Mas o menino estava inflexível apesar dos conselhos e persuasões dos mais velhos. Lamentou: “Avô! Sou muito jovem para convencê-lo com o meu lamento. Bem sei. Mas, ouça. Perdi meu pai antes de nascer. Você me criou com os cuidados e afeto que meu pai teria se fosse vivo. E agora que quero cantar, brincar e passear com meus companheiros, você levanta sobre minha cabeça este grande império. Isso é correto? É justo? Em vez de me deixarem a sós, mergulhado na

tristeza, vocês poderiam partir após separar minha cabeça com sua espada. Ai de mim! Que mal fiz eu a vocês para quererem me punir dessa forma? Não teria sido melhor ter me dado fim ainda no ventre de minha mãe no dia em que meu pai morreu? Meu corpo sem vida foi ressuscitado para que vocês infligissem a mim esta tarefa?" Parikshith continuou a se condenar por seu destino com severidade por muito tempo dessa maneira.

Arjuna não pôde mais suportar. Cobriu a boca do menino com sua mão. Acariciou o menino com afeto e pressionou os lábios em sua cabeça. "Criança! É uma desgraça para o clã Kshatriya se você se comportar como um covarde. Também perdemos nosso pai. Também crescemos sob os encorajadores cuidados de monges e ascetas. Finalmente fomos capazes de ganhar o afeto de nosso tio, e após termos superado imensos problemas estabelecemos nossa soberania sobre este reino. Aquele que nos guardava, nos orientava e direcionava nossos passos por toda parte, certamente será seu guardião e orientador. Não se desespere. Siga os conselhos que esses brâmanes e ministros darão por alguns anos. Mais tarde será capaz de resolver por si todos os problemas do império", disse ele.

Parikshith não ficou convencido. "Avô! Está descartando o trono e o reino e colocando-os sobre minha cabeça? Bem, fique comigo por alguns anos, ensine-me a arte de governar e os princípios e depois parta. Eu era feliz e livre, fazendo artes e perambulando sem me preocupar, pois confiava que tinha um avô que me protegia, embora tivesse perdido meu pai. Agora, se você também me abandonar, qual será o meu destino? Você era o centro de todas as minhas esperanças, o apoio com que eu contava. E agora me coloca de repente em desespero, querendo partir." Chorava alto, tocando o coração

de todos os que viam e ouviam. Rolou no chão para segurar os pés dos mais velhos.

Arjuna levantou-o com ambas as mãos e abraçou-o. Colocou-o no ombro e acariciou-o. Enxugou as lágrimas que rolavam pela sua face. Não conseguiu segurar as próprias lágrimas. Voltando-se para os brâmanes à volta, que observavam tudo, Arjuna perguntou por que eram somente testemunhas silenciosas e não tentavam consolar o menino.

Na verdade, eles estavam por demais tomados pela tristeza para pensar em acalmar Parikshith. Disseram: “As palavras ásperas que esta criança está sussurrando ferem como flechas; sua angústia nos petrifica. O que podemos dizer? Como podemos consolá-lo? Como podemos instigar a coragem nele agora?”, -eles, que também estavam tomados pela angústia.

Kripacharya, o professor da família, conseguiu finalmente controlar seu sofrimento. Limpou as lágrimas dos olhos com a borda do seu paramento e falou com Arjuna: “O que deseja que falemos ao menino? Não queremos dizer nada. Estamos em estado de choque. Você neste dia renuncia ao império que ganhou após a vitória na qual verteram rios de sangue, pela qual milhões de pessoas deram suas vidas, pela qual lutaram anos a fio. Você não o governou por mil anos, não, nem mesmo por alguns séculos ou até mesmo por setenta anos. Quem pode dizer o que existe no ventre do tempo? Naturalmente os atos dos grandes seres possuem um propósito interno. Perdoe-nos, vocês são nossos chefes supremos. Sabem melhor que nós.” Kripacharya permaneceu com a cabeça pendida, pois estava vergado pela tristeza.

Dharmaraja adiantou-se alguns passos e dirigiu-se ao Acharya (mestre espiritual). “Cada ato meu foi sob o comando de Krishna,

como você sabe. Dediquei toda a minha atividade a Ele. Desempenhei o meu papel como Ele ditou. Não desejei ou retive qualquer individualidade. Todos os meus deveres e obrigações desapareceram com a partida do Senhor. Qual a utilidade da sobrevivência de Dharmaraja sozinho, agora? Não devo continuar nesta terra nem por mais um minuto, desde que Kali chegou para governar. É sua obrigação agora cuidar deste menino, orientá-lo e treiná-lo para que ele fique seguro no trono. Preserve a observância do dharma, continue com as tradições da dinastia. Mantenha a fama e o bom nome da linhagem. Ame-o e cuide dele como se fosse seu próprio filho.” Dizendo isto, colocou as mãos de Parikshith nas mãos de Kripacharya. Todos os que ali estavam, inclusive Dharmaraja e o Acharya, choraram naquele momento.

Em poucos minutos Vajra foi chamado. Foi informado que, a partir daquele dia, o Imperador de Bharath era Parikshith. Por isso Vajra prestou suas homenagens a ele, como cabe ao suserano do continente. Os ministros e os brâmanes também prestaram homenagens ao governante com a devida cerimônia. Após Dharmaraja ter colocado as mãos de Parikshith nas de Vajra, anunciou: “Este é Vajra, o Senhor dos Yadavas. Eu o instauro como Rei de Mathura e do Estado de Surasena.” Colocou na cabeça de Vajra uma coroa de ouro cravejada de diamantes. “Sejam irmãos, ambos, firmes aliados na paz e na guerra, inseparáveis na amizade” exaltou-os. Puxou Vajra para um lado e avisou-o que tratasse Parikshith como um tio paternal; avisou a Parikshith para reverenciar Vajra como se reverenciasse o próprio Aniruddha; disse a ambos que deveriam assegurar a continuação incontestável do dharma e a considerar o bem-estar de todos como o próprio alento de suas vidas.

Então os irmãos Pandavas jogaram grãos de arroz sobre as cabeças de Vajra e Parikshith. Os sacerdotes brâmanes recitaram os mantras apropriados. Soaram as trombetas e os tambores vibraram. Com lágrimas nos olhos, Vajra e Parikshith prostraram-se diante de Dharmaraja e dos outros. Os irmãos Pandavas não conseguiam encarar os dois seres amados de frente; eles haviam superado a separação. Deram somente um ligeiro abraço amoroso antes de partirem com nada além da roupa do corpo.

Com isso, parentes, cidadãos, rainhas e outros da residência das mulheres, cortesãos e damas, todos deram vivas sem muita animação. Os cidadãos se atiraram no caminho do regente para segurar seus pés. Oraram piedosamente para que ele ficasse firme. Pediram para que os aceitasse. Alguns afastaram as suas objeções e também se aproximaram. Os Pandavas, contudo, não voltaram. Não disseram uma única palavra. Seus ouvidos ficaram fechados para as súplicas. Suas mentes estavam fixas em Krishna. Para os outros, agiram como se fossem homens cegos por uma resolução fanática, prestando atenção em nada, nada considerando.

Draupadi, com suas criadas, veio correndo chamando um por um separadamente pelo nome. Parikshith também os seguiu pela rua, mas foi pego pelos ministros que tentaram acalmá-lo, embora também estivessem muito emocionados. Mas os Pandavas andavam firmes, sem pedir aos que os seguiam para parar e nem permitindo que se unissem a eles. Centenas de homens e mulheres tiveram de parar quando se cansaram e voltaram lamentando para a capital. Outros mais resistentes continuaram. As mulheres, não acostumadas aos ventos e ao sol, se cansaram rapidamente e caíram desmaiadas na estrada. Criadas, lamentando os terríveis acontecimentos, tenta-

vam reanimá-las; alguns se aventuraram até a floresta, porém logo retornaram após se depararem com os horrores da selva. Quando surgiram tempestades de poeira, muitos cidadãos colocavam o pó com reverência sobre suas testas, como se fosse o pó dos pés de Dharmaraja. Atravessando os arbustos e a vegetação, os irmãos logo desapareceram de vista. O que poderia, então, fazer o povo? Retornaram a Hasthinapura curvados pelo pesar.

Os Pandavas fizeram o voto de Mahaprasthanam. Esse voto requeria que eles não comessem ou bebessem nada no caminho, que não descansassem, que prosseguissem direto para o norte até que caíssem mortos. Esse foi o voto observado, tão severo e duro.



CAPÍTULO 15 -O REINADO DO IMPERADOR PARIKSHITH

Os Pandavas viajavam com os olhos voltados para a frente, esperando pelo momento em que seus corpos entrassem em colapso pela completa exaustão e a morte finalizasse mais cedo suas carreiras terrestres. Seus corações estavam tomados por emoções voltadas para Krishna, Suas brincadeiras e travessuras, Sua Graça e Sua Glória. Não tinham espaço para outra emoção ou pensamento. Draupadi, a Rainha deles, arrastou-se por uma distância considerável, mas ficou fraca demais para continuar; seus senhores não se viraram, mesmo quando ela os chamou. Ela compreendeu, tão inteligente e devota que era, que estavam ligados por um voto inflexível. Ela concluiu que o laço que a unira a eles, por tanto tempo, tinha terminado e que ela devia encontrar o seu fim. Desmaiou e caiu, dando o seu último suspiro com a mente fixa em Krishna.

Os Pandavas também andaram dentro de uma rígida disciplina e encontraram seus fins separadamente, em momentos e locais onde cada um deveria deixar o seu corpo. O corpo virou pó, mas a alma mergulhou em Krishna. Atingiram a imortalidade, fundindo-se na essência imortal de Krishna.

Do trono da Bharat imperial, Parikshith regeu o seu domínio seguindo os princípios de justiça e moralidade, amando e cuidando amorosamente de seu povo e resguardando-o com cuidado e afeto paternos. Qualquer que fosse a tarefa que chegasse às suas mãos, Parikshith não se movia sem antes chamar por Krishna e seus avós, orando para que fosse coroado com o sucesso. Orava pela manhã e à noite para que o dirigissem no caminho correto da virtude. Sentia-se como se fosse o coração do povo e este, seu corpo.

Em todo o império, o próprio vento relutava em deslocar qualquer coisa, pelo medo de ser implicado por roubo. Não havia nenhum temor de ladrões. Não havia traços de injustiça, imoralidade ou má vontade. O reino ganhou grande fama. Ao menor sinal de qualquer mal, Parikshith o afastava através de punições terríveis e instituiu passos preventivos que decididamente o impedia. Como o dharma era cercado de amor e reverência, até a natureza ficou gentil. As chuvas vieram no momento certo, as colheitas cresceram, os silos ficaram repletos, o povo estava contente, feliz e sem medo.

Quando Parikshith estava no trono, regendo o seu império com grande cuidado, os ministros e os mestres espirituais, que eram os guias da dinastia, conferenciaram-se entre si e resolveram que deveriam se aproximar do rei com uma proposta para que ele entrasse no estágio Grihastha, tomando uma parceira por casamento. Também fizeram preces. Quando o viram concordando, pediram ao seu tio materno, Uttara, da família real de Virata, a mão de sua filha. Os brâmanes enviados a Uttara voltaram com a feliz notícia que ele ficara feliz com a proposta. Os sacerdotes determinaram o dia e a hora propícios e o casamento de Parikshith e Iravathi, filha de Uttara, foi celebrado com grande pompa e esplendor.

A rainha Iravathi era uma grande sadhwimani (jóia entre as mulheres virtuosas). Era dotada de um amor obstinado pela verdade; era devotada ao marido. Quando ela ouvia que alguém no império sofria, afligia-se como se a dor fosse dela própria. Misturava-se às mulheres da capital e conhecia suas aspirações e realizações. Passava para elas coragem e consolo. Proporcionava a elas o crescimento da virtude ensinando pelo exemplo; estabeleceu instituições para promover e proteger o bom caráter. Permitia que mulheres de todas as castas se

aproximassem dela, pois não tinha falso orgulho. Tratava a todos com reverência, era um anjo de firmeza e caridade. Todos a tratavam como a deusa Annapurna (a que confere alimentos) sob forma humana.

Durante o reinado deste rei e sua rainha, homens e mulheres viviam em paz e plenitude, sem problemas de desejos. Parikshith também concebia a realização de vários sacrifícios e rituais védicos pela prosperidade da humanidade. Instituiu a adoração nos templos e casas de Deus sob Seus vários nomes. Por estes e outros meios, a fé em Deus e no amor dos homens foi implantada no coração de seus súditos. Promoveu medidas para assegurar paz e harmonia entre sábios e santos que viviam reclusos nas florestas. Guardava-os em seus retiros silenciosos contra homens e feras. Encorajava-os a entrarem em si mesmos e descobrirem as leis do autocontrole. Supervisionava pessoalmente as medidas tomadas para assegurar-lhes proteção e segurança.

Assim Parikshith e Iravathi regeram seu império como Iswara e Parvati, que regem o Universo com amor e cuidado paternos. Logo, notícias de que a Rainha esperava um filho espalharam-se entre as mulheres e foram confirmadas. Os súditos oravam a Deus em casa e em locais públicos de adoração para que Ele abençoasse a Rainha com um filho que fosse dotado de todas as virtudes e força de caráter, um defensor firme e inflexível do dharma e que vivesse bem todos os seus anos. Naqueles tempos, os súditos amavam o seu Rei tão intensamente que renunciavam às suas próprias alegrias para agradá-lo. O Rei também os amava e cuidava deles como se fossem a menina dos olhos.

Parikshith viu e ouviu o entusiasmo dos seus súditos com a auspiciosa perspectiva do advento de uma criança para continuar a dinas-

tia. Derramou lágrimas de alegria quando compreendeu quanto seu povo era ligado a ele. Sentiu que o afeto era a contribuição do seu avô e um presente da Graça do Senhor Krishna.

Parikshith não se afastou da resolução de servir aos melhores interesses do seu povo; abriu mão dos próprios gostos e antipatias para dedicar-se à sua grande tarefa. Via os súditos como filhos. A ligação que unia o Rei e o povo em um relacionamento tão particular e amoroso era realmente de uma ordem altamente sagrada. Portanto, seu povo costumava dizer que preferia o seu reino ao próprio céu.

Enquanto isso, em um dia auspicioso, o filho nasceu e toda a terra se encheu de uma alegria indescritível. Os sábios, os estudiosos e os estadistas enviaram bênçãos e bons votos para o rei. Declararam que uma nova luz começava a iluminar o Estado. Os astrólogos consultaram seus livros e calcularam a sorte da criança, e anunciaram que ela aumentaria a glória da dinastia, aumentaria a reputação do nome de seu pai e ganharia a estima e o amor do seu povo.

Parikshith convidou a família do preceptor para ir ao palácio e consultou também os sacerdotes brâmanes para escolher um dia para a cerimônia do nome da criança. Durante um elaborado rito do festival, o menino foi chamado de Janamejaya. Os brâmanes presentes receberam presentes caros, por sugestão de Kripacharya, o decano entre os conselheiros brâmanes do rei. Vacas com ornamentos dourados nos chifres e nas patas foram distribuídas em grande quantidade. Todos foram alimentados de maneira esplêndida por dias seguidos. Quando Dharmaraja chegara ao final da sua jornada, confiara o pequeno menino que subira ao trono a Kripacharya e, como um verdadeiro administrador, Kripa aconselhara o menino-Rei e o treinara nas artes do Estado. Quando cresceu, essa dependência

tornou-se frutífera; o rei raramente desviava dos conselhos, sempre os buscava e os seguia com fé reverente. Portanto, os sábios e reclusos do reino oravam pela sua saúde e vida longa, e louvavam a felicidade do povo e a preocupação do regente pelo seu bem-estar.

Parikshith era o senhor de todos os reis da terra, pois tinha a bênção dos maiores, o conselho dos sábios e a Graça de Deus. Após sua longa campanha de conquista, acampou nas margens do Ganges e celebrou, como marca de sua vitória, três Sacrifícios do Cavalo com todos os rituais prescritos. Sua fama espalhou-se não somente por toda a Índia, mas além das suas fronteiras. Foi aclamado em todas as línguas como a grande jóia da família real da Índia. Não havia Estado que não se dobrasse sob seu jugo. Não havia regente que não aceitasse o seu comando. Não precisava marchar à frente do seu exército para subjugar qualquer povo ou regente. O que todos queriam era prestar suas homenagens. Ele dominava todas as terras e todos os povos.

O espírito de fraqueza e vício, conhecido como Kali, já chegara com o fim da Era de Krishna; então, a sua cabeça venenosa crescia. Mas, Parikshith estava vigilante. Adotou medidas para atacar suas estratégias e maquinações. Procurou seguir o caminho de seus avós, em todo o reino, nas reformas que introduziram e nas instituições que estabeleceram. Lembrava ao povo, sempre que havia uma ocasião, da nobreza e aspirações deles; falou-lhes de Krishna, da Sua Graça e Misericórdia. Derramava lágrimas de alegria e gratidão sempre que relatava essas histórias. Lamentava sinceramente a oportunidade que perdera de ter os Pandava e Krishna ao seu lado.

Sabia que Kali entrara no seu reino e se esforçava para fixar isso nas mentes dos homens. Quando tomou conhecimento das suas

atividades, investigou as condições favoráveis para a sua disseminação e, com a colaboração ativa dos seus Mestres e Anciãos, ditou leis especiais para atacar as tendências que Kali fazia surgir. Quando os mais velhos o avisaram que estas precauções precisavam ser tomadas somente quando as fraquezas emergissem como crimes, Parikshith não apoiou essa opinião. Queria um alerta maior. Queria liderar o povo. “Yatha raja thata praja” (Assim como o regente são os súditos) é o provérbio, disse. Declarou que Kali, ou a fraqueza, poderia se insinuar somente através da incompetência do regente, da perda da autoconfiança entre o povo, da incapacidade em obter a Graça. Esses três são fatores que auxiliam os planos de Kali. Sem eles, o homem não cai em seus truques. Sabendo disso, Parikshith andou pelo reino e buscou, dia e noite, retirar Kali para fora das suas fronteiras. Isso significa dizer que ele tentou não dar espaço para a injustiça, para o abuso da força, o mau caráter, a inverdade e a violência. Seus planos de prevenção foram eficazes. Tinha tanta paz no reino que podia efetuar campanhas bem-sucedidas até nas distantes regiões de Kethamala, Uttarakuru e Kimpurusha.



CAPÍTULO 16 -REVERÊNCIA POR KRISHNA

Sempre que o Maharaja Parikshith passava por alguma região, os regentes e reis daquela área o recebiam com entusiasmo, com as honrarias civis e militares apropriadas. Declaravam que estavam sempre prontos a prestar um serviço leal, de qualquer natureza, que lhes fosse solicitado. Parikshith respondia que ele não tinha necessidade dos serviços e que esperava deles somente a promoção da felicidade e da prosperidade do povo confiado aos seus cuidados. Aconselhava-os a dedicarem uma atenção especial à proteção dos brâmanes e das mulheres, guardando-os de todos os males. Incentivou-os a encorajar a adoração a Deus em seus domínios. Esses eram os únicos pedidos que fazia aos que eram seus reis tributários.

Em algumas regiões importantes do império o povo o divertia com canções do folclore, descrevendo a fama e as proezas dos seus ancestrais. Cantavam as excelências e feitos dos irmãos Pandavas. As cantigas falavam da misericórdia e Graça que o Senhor Krishna derramara sobre os Pandavas e a devoção e a fé com as quais os Pandavas sempre reverenciaram o Senhor Krishna. Também representavam peças do folclore assumindo os papéis de Pandavas e Kauravas, com Krishna no meio, desenvolvendo a história que Ele planejara com esses instrumentos.

Quando Parikshith via essas peças e ouvia essas músicas, as lágrimas rolavam pela sua face, apesar dos esforços para controlar as emoções. Os cantores e contadores de história, os atores, todos descobriram que seu Imperador era fascinado somente pelas cantigas e peças deste tema; desistiram dos outros assuntos na busca por material de inspiração e concentraram a sua atenção na história

da dinastia de Parikshith e na descida da Graça com a qual Krishna o salvara. O Imperador ouvia com reverência e grande devoção. Sua gratidão era também demonstrada de outras formas. Estava extremamente feliz e afirmava aos ministros e aos mais velhos que as histórias eram verdadeiras. Com isso sua fé e devoção cresciam e ele buscava essas oportunidades cada vez mais. Tratava os atores e músicos com muito afeto e cobria-os com ricos prêmios.

Quando as notícias – de que Parikshith se deliciava com cantigas sobre seus antecessores e sobre Krishna -se espalharam, os que tinham tido alguma experiência nisto reuniam-se em torno dele, onde quer que ele fosse. Estavam ansiosos para ver um governante tão cheio de devoção. Um dia, enquanto voltava de Mathura, um velho brâmane estava entre a multidão na beira da estrada para vê-lo passar. Parikshith aproximou-se dele para perguntar pelo seu bem-estar. O brâmane respondeu: “Maharaja! Anos atrás, quando seu avô Dharmaraja realizou o Sacrifício do Cavalo na divina presença de Krishna, eu o officiei como Rithwik, o sacerdote-chefe, e conduzi o ritual. Naquela ocasião, Krishna aproximou-se de mim e perguntou-me sobre o meu bem-estar, com tanto afeto quanto o senhor demonstrou agora. Suas palavras me trouxeram à memória aquelas mais antigas.” O restante das palavras do brâmane perdeu-se entre os soluços e lágrimas. Parikshith exclamou: “Oh, és afortunado! Ter falado com o Senhor no Yajnasala (templo)!” Tomou o manto que tinha no ombros e, dobrando-o sobre o chão, pediu ao velho homem que sentasse e contasse mais sobre a sua experiência no Yajnasala e em outros locais com o Senhor.

Ele falou trêmulo: “Meu coração está em pedaços porque não pode suportar a tristeza e os erros que cometi naquele dia” -disse

chorando. O Maharaja perguntou: “Senhor, qual foi o erro? Se quiser falar, eu gostaria de saber.” Segurou as mãos do ancião, unindo-as e pedindo para que falasse.

O brâmane respondeu: “Naquele dia todos nós, os que éramos iniciados na sagrada ordem de sacerdotes para o yajna, vestíamos as roupas sagradas e entramos no local santificado. Então o Senhor Krishna, sentado em um tablado dourado, em frente a um prato de ouro, verteu água de um vaso de ouro e – não consigo falar – não tenho palavras”. O ancião soluçou e não conseguiu prosseguir com a narrativa.

Essa súbita interrupção da história, justo quando chegava ao ponto crítico, somente aumentou a curiosidade do imperador. Ele pediu: “O que aconteceu, mestre? Diga-me, por favor.” O brâmane reuniu coragem para prosseguir. “Oh, rei, o que posso dizer? Pediram aos rithwiks que colocassem os pés naquele prato de ouro e que o Senhor lavaria os pés de cada um. Ele os secou depois com o manto do seu ombro. Aspergiu a água da lavagem em Sua cabeça. Como eu era o chefe, Ele me consultou sobre todos os detalhes do ritual. Finalmente, no dia da Oferenda Final no fogo sacrificial, Ele nos deu uma visão de Si mesmo, com sankha, chakra e gada¹⁶ em Suas divinas mãos, e aquela visão nos libertou de toda escravidão para sempre. Agora que o Senhor Misericordioso está longe de nós, vendo o Rei, sinto-me como um pobre ser que está morrendo de sede sob o sol calcinante do deserto e prova algumas gotas de água refrescante.”

O brâmane concluiu sua narrativa e, segurando as mãos de Parikshith, colocou na cabeça do rei alguns grãos de arroz santificado

.....
 16 Sankha, chakra e gada: respectivamente, concha (símbolo da criação), disco (representando o Intelecto ou Espírito Universal) e maça (significando a força vital), elementos que caracterizam Krishna.

que levava consigo amarrados em uma das pontas do seu dhoti. Parikshith aceitou a bênção e exclamou: “Mestre! Sou realmente afortunado. Embora não pudesse ver o Senhor Krishna em pessoa, hoje tive a boa sorte de encontrar os pés que Ele reverenciou.” E assim dizendo caiu aos pés do brâmane. Chamou os ministros e instruiu-os para que colocassem o brâmane em um palanquim e o levassem para a sua casa. Deu a ele também muitos presentes e tesouros valiosos.



CAPÍTULO 17 -RELEMBRANDO OS DIAS DO PASSADO

O imperador Parikshith viajou por todo o continente indiano, inteirando-se da excelência do governo de seus avós, com o exclusivo relacionamento que eles estabeleceram com o Senhor Krishna que viera à Terra como homem, ouvindo as experiências de vários santos e estudiosos que viveram naqueles dias de paz e refletindo sobre aquelas lembranças alegres enquanto viajava. Muitas vezes era tomado pelo remorso por não ter estado vivo naquela época, quando os avós desfrutavam de tal felicidade.

Enquanto estava imerso na alegria daquelas lembranças das vidas de seus predecessores e a glória daqueles dias passados com Krishna, Vyasa, o grande sábio, apareceu diante dele de maneira inesperada. Ele o acolheu com grande honraria e ofereceu-lhe um lugar elevado. O sábio elogiou o governo de Parikshith e disse-lhe que lembrava o reinado dos Pandavas. O jovem rei ouviu com respeito. Após algum tempo, Vyasa disse: “Filho, devo ir agora.” Mas Parikshith respondeu: “É como colocar um prato de iguarias diante de um homem faminto e quando ele estica a mão para apanhá-las, o prato é retirado. Seus relatos sobre as aventuras dos meus avós e o esplendor de Krishna são como gemas preciosas espalhadas diante de mim, mas me causa um desapontamento doloroso recusar-me a tê-las. Sua partida agora me faz sentir desesperadamente triste.”

Implorou ao sábio que ficasse um pouco mais. “Diga-me qual a missão que o trouxe. Fique comigo por mais algum tempo e mitigue a fome que me toma. Não tive a grande sorte de meus avós que passaram suas vidas com o Próprio Senhor. Eu salvarei a mim mesmo da decadência, pelo menos ao ouvir sobre as façanhas e devoção deles

que atraíram Sua Graça.” Ao ver o Rei pedindo com tanta ansiedade e humildade, Vyasa disse: “Filho, não se sinta de modo algum inferior ou menos dotado de boa sorte. Declaro que ninguém teve tanta sorte quanto você. Pois conseguiu a Graça do Senhor no momento em que nasceu. O Senhor, Vasudeva, deu-lhe o alento de vida; levantou-o em Seus braços e brincou com você enquanto era um bebê. Você também se agarrava tanto a Ele que raramente ficavam afastados. Seu avô mais novo, Sahadeva, tinha de afastar você de Krishna à força, para levá-lo para as mulheres nos recintos interiores. Você recebeu o nome, na cerimônia, do próprio Vasudeva. Como foi memorável a cena! Você nos mostrou que era uma criança maravilhosa; seguia o Senhor com os olhos para onde quer que Ele fosse, para qualquer lado que Ele virasse. Pretendia “pariksha” (descobrir) onde Ele estava, como se ninguém mais estivesse na sala, naquele dia. Krishna escondeu-se por trás das pilastras e tentou por vários meios distrair a sua atenção; mas você se mostrou esperto demais, até para Ele! Seus olhos estavam sempre buscando-O, viam somente a Ele e a Sua forma esplêndida. Todos nós presentes ficamos impressionados com a sua devoção e concentração. Parecia que você examinava cada rosto e tentava descobrir se era o de Krishna. Entristecia-se quando não era Ele; e se abria em sorriso quando O via, e só via a Ele. Eruditos, simples camponeses e reis compreenderam que você era uma criança notável. Essa é a razão por que seu avô Dharmaraja pediu a Ele que lhe desse um nome apropriado; Ele o chamou conforme o seu notável comportamento, Parikshith (aquele que examina, que tenta encontrar).

“Quando o Senhor anunciou esse nome para Dharmaraja, na audiência com um grande grupo de cortesãos, estudiosos e sábios,

todos eles aplaudiram dizendo: “Muito apropriado, excelente”. Tendo sido tão abundantemente favorecido, não é aconselhável que você se condene como desafortunado. Você foi afagado pelo Senhor; Ele brincou com você e observou suas travessuras; Ele lhe deu um nome. Poucos têm esta sorte! Não considere isso como presentes comuns de sua Graça.”

Lágrimas de alegria correram dos olhos de Parikshith com essas palavras. Tinha uma pergunta atravessada na garganta, mas Vyasa o viu engolindo-a, por isso colocou a mão sobre o ombro do Rei e encorajou-o a fazê-la. “Filho, parece que você tem alguma pergunta para me fazer. Pergunte sem hesitação, não desista.” Tomando coragem, Parikshith perguntou: “Respeitado mestre. O homem não pode conhecer o valor da alegria ou da tristeza a menos que tenha consciência delas. Os contatos alegres que o senhor relatou me foram proporcionados quando eu tinha pouca consciência da felicidade deles. A verdadeira felicidade pode ser sentida somente quando se tem consciência do seu valor. Se uma criança receber um diamante no valor de bilhões de rúpias, ela o verá somente como um pedaço de vidro. A felicidade de estar com o Senhor, que disse que tive na infância, é tão ineficaz quanto a alegria experimentada nas vidas anteriores. Não sabia, então, como eram preciosos aqueles momentos. Se soubesse, se fosse capaz de sabê-lo, eu os teria guardado para sempre como um tesouro. Agora é somente uma suposição. Não tenho uma prova ocular da Graça do Senhor, que recebi na época, por isso dependo de uma prova audível. Por isso, fale-me da grandeza e glória de Krishna para que meus ouvidos possam beber o néctar dessas histórias.”

Vyasa condoeu-se com a súplica. Concordou: “Filho, você acha que as Suas lilas (passatempos divinos) são somente uma ou duas?

Como posso relatá-las se elas estão além da capacidade de alguém enumerá-las? Por isso pergunte sobre algo que Ele fez em relação a uma pessoa em particular, ou durante algum incidente, ou situação, e eu ficarei feliz em contar os detalhes.” Parikshith sentiu-se estimulado. Com as mãos postas, pediu: “Mestre, diga-me como surgiu este grande elo entre meus avós e o Senhor Krishna.”

Vyasa caiu na gargalhada. “Filho, sua ansiedade me surpreende muito, pois somente os indivíduos ansiosos podem obter jnana (conhecimento). Fico feliz em ver que você possui esse anseio profundo. Então, vou responder à sua pergunta. Ouça.” Dizendo isso, ajeitou-se confortavelmente sobre o assento. Parikshith também aprontou-se para ouvir, com o coração pulando de alegria e os ouvidos abertos ansiosos para escutar.

“Filho! O rei Drupada cresceu ansioso para dar à sua filha um noivo apropriado, mas não conseguiu nenhum apesar de uma procura diligente. Por isso anunciou um swayamvara (festival para a escolha do noivo) e reis de grande poder e majestade reuniram-se na capital, junto com estudiosos dotados de personalidade encantadora, todos ansiosos para casar com a princesa cuja beleza era insuperável nos três mundos. Todos estavam orgulhosos da sua riqueza e valor, pois achavam que poderiam conquistá-la com isso.

“Na sala da assembléia, o Rei tinha fixado um aparelho em uma pilastra. Era uma roda que girava rápido, refletida em um espelho d’água abaixo da pilastra, onde estava montada. A roda tinha um ‘peixe’ atado a ela. Pedia-se àqueles que competiam pela mão da princesa que se adiantassem, um por um, com o arco retesado e, olhando para o reflexo, acertassem o peixe. Drupada anunciou sua intenção de dar a sua filha em casamento a quem atingisse o alvo. A

cidade estava repleta de príncipes e reis que tinham chegado para tentar ganhar a mão da princesa naquele campeonato.

“As notícias do festival chegaram aos ouvidos dos seus avós, que tinham assumido o papel de brâmanes para enganar os espertos Kauravas. Pensaram, a princípio, que não deveriam se mostrar naquela ocasião, porém Arjuna, seu avô, conseguiu persuadir os irmãos a irem ao festival, pois nenhum Kshatriya deveria se omitir quando havia uma competição por algo de valor.

“Então, os cinco irmãos foram para a assembléia, vestidos como brâmanes, como um grupo de leões com um halo de heroísmo em torno deles. Todos os olhos se voltaram para eles, as pessoas comentavam a sua presença, muitos com admiração, outros com menosprezo, alguns louvando-os como campeões, outros rindo dizendo que corriam atrás dos prêmios. Os murmúrios percorriam toda a sala.

“O Senhor Krishna veio ao festival. Seus olhos estavam fixos em Arjuna o tempo todo. Isso foi notado pelo irmão Balarama, que comentou algo. Finalmente o swayamvara teve início. Um por um, os candidatos fixaram a atenção na imagem vista na água, tentando acertar o ‘peixe’ que girava acima. Falhavam e voltavam aos seus lugares abatidos pela frustração e humilhação, e sentavam-se mergulhados em tristeza.

“Krishna não tinha a intenção de se levantar e fazer uma tentativa. Ficou quieto em Seu lugar. Se tivesse a intenção, com facilidade atingiria o ‘peixe’ e ganharia a disputa. Mas quem pode medir a profundidade de Sua mente?

“Então, Arjuna levantou-se e se aproximou do aparelho, lançando um brilhante raio de luz da aura de sua destemida personalidade sobre a assembléia. Draupadi, a princesa, levantou a cabeça e olhou-o com ad-

miração. Sua mente foi captada pelo brilho da aura. Em um instante, a flecha de Arjuna atingiu o 'peixe'. Os aplausos foram altos. A princesa adiantou-se e comprometeu-se com ele, colocando uma guirlanda de flores em torno do pescoço de Arjuna e segurando suas mãos.

“Quando Arjuna saiu da sala segurando a mão da princesa, a multidão de reis e príncipes derrotados gritou que as regras da competição tinham sido violadas, pois um brâmane não tinha o direito de participar de uma competição e ser declarado vencedor. Lançaram-se sobre seu avô, zangados. Mas Bhima arrancou uma árvore pelas raízes e atirou-a sobre os reis enfurecidos.”

“Observando a contenda entre o grupo de perdedores e os irmãos Pandavas, Krishna e Balarama sorriam interiormente, contentes com o sucesso de Arjuna. Seu avô não sabiam quem eles eram, nunca os tinha visto antes.

“Mas quando os Pandavas chegaram à sua residência, uma casa humilde de um oleiro, com a noiva recém-conquistada, a filha de Drupada, e quando Dharmaraja, o irmão mais velho, descrevia excitado os acontecimentos do dia, Balarama e Krishna, vestidos em seda amarela, magníficos, entraram na cabana. Caíram aos pés de Kunti, mãe de seus avós. “Tia, somos seus sobrinhos. Somos os filhos de Nanda e Yashoda,” disseram apresentando-se. Então tocaram os pés de Dharmaraja, prostrando-se à sua frente. Krishna aproximou-se de Arjuna e levou-o para um canto com uma expressão simples de afeto. “Eu o conheço; mas você não me conhece, eu o estou vendo agora pela primeira vez. Sou o filho de Vasudeva; meu nome é Sri Krishna. Sou mais jovem que você, mas quando você conseguiu a vitória no palácio real reconheci que eram os irmãos Pandavas e compreendi que tinham escapado do palácio de cera, onde vocês

estavam quando este pegou fogo. Desde o momento em que meus olhos pousaram sobre você entre aqueles pretendentes, de alguma forma senti que você era Arjuna e comentei com meu irmão. Este é meu irmão, Balarama. Fiquei muito feliz quando o reconheci e meu irmão partilhou da minha alegria. Finalmente posso estar com você. A noiva é a personificação da virtude e da inteligência.”

“Falando assim, Krishna chamou Arjuna para um canto e murmurou em seu ouvido: ‘Primo, não é aconselhável que você se revele tão cedo. Permaneça disfarçado por mais algum tempo, ficando curtos períodos em lugares diferentes.’ Então, Ele pediu permissão à sua tia e aos outros e partiu, levando consigo Seu irmão mais velho, Balarama.

“Daquele dia em diante, o afeto entre Krishna e Arjuna ficou cada vez mais intenso. Transformou-se em uma árvore imensa que rendeu muitos frutos doces, que compartilhavam. Naquela doçura, suas mentes se mesclaram e se tornaram uma só. Observe! A primeira vez que seu avô se encontrou com o Senhor Krishna, Ele estava na sala de casamento de Draupadi, o kalyana mantapa (hall de festividades). O significado disso está no fato de eles permanecerem ligados através dos anos pelos laços do afeto e da amizade incontestáveis. Para consumir essa amizade, Krishna ensinou-lhe a mais Elevada Sabedoria. Notou como eram íntimos o Grande Trapaceiro e seu avô?” Com essa pergunta, Vyasa levantou-se e pegou suas coisas, em uma tentativa de ir embora.

Observando isso, Parikshith pediu piedosamente, secando as lágrimas de alegria que enchiam seus olhos. “Mestre, com as suas descrições das lilas e da Graça, a figura do Senhor ficou clara diante de mim. Por favor, fale mais das várias ocasiões em que o Senhor derramou a Sua Misericórdia sobre meus avós, como Ele ficou próximo

deles e os resgatou de calamidades. Descansar é abandonar meus olhos e me estimular a ouvir as histórias do Senhor. Torne esta noite sagrada relatando-me a glória do Senhor. Somente isso pode me dar satisfação. Deixe-me passar a noite pensando Nele... Seu silêncio me causará grande agonia.”

Vyasa viu a firmeza e a devoção de Parikshith e mudou sua decisão. Disse: “Filho! Se os milagres de Krishna fossem um ou dois, eu poderia descrevê-los para você. Se alguém soubesse falar um milhão de línguas e toda a eternidade pela frente, a descrição da Sua majestade nunca seria exaurida. Todos os deuses se ajoelhavam diante Dele, com as mãos postas. Algumas vezes Ele pode elevar Seus bhaktas (devotos) para os céus. Logo os puxará de novo para baixo. Ele tratava o mundo como um teatro de bonecos. Estava sempre radiante em Seu sorriso. Não conhecia a ansiedade, o desapontamento ou a tensão. Comportava-se às vezes como um homem comum, algumas vezes como uma criança inocente, em outras como um parente da família, ou um amigo íntimo, ou um monarca poderoso. Algumas vezes, comportava-se como um divertido rapaz pastor de gado. Possuía a capacidade e a habilidade de assumir todos os papéis com uma distinção única. Amava seu avô, Arjuna, com um fervor especial. O Senhor costumava levá-lo junto, qualquer que fosse a ocasião ou o lugar. Por isso, Arjuna podia andar livremente nos aposentos internos da residência do Senhor. O Senhor costumava brincar nas águas do Yamuna com seu avô, mergulhando em um ponto e surgindo bem distante para surpreendê-lo, incitando-o a fazer o mesmo se conseguisse, competindo em vários jogos que não podem ser descritos ou identificados. De repente, Ele levava Arjuna para um local solitário e conversava sobre alguns mistérios. Costumava, com

freqüência, descartar a cama de seda macia e dormia com a cabeça sobre o colo de Arjuna.

“Seu avô também retribuía aquele amor completamente. Embora algumas vezes se zangassem um com o outro, falando como se estivessem enraivecidos, logo resolviam tudo e rapidamente voltavam à conversa amigável. Meu filho querido, pode-se dizer que eram como Nara e Narayana, como o corpo e o alento. Não havia Arjuna sem Krishna, nem Krishna sem Arjuna. Não havia segredo que seu avô não partilhasse com Krishna ou que Krishna não partilhasse com seu avô. Qual o episódio em particular no seu relacionamento que devo narrar a você? Pergunte sobre algum que queira saber e eu o relatarei com prazer.”



CAPÍTULO 18 -A FUGA DE TAKSHAKA

Quando Vyasa lhe deu aquela oportunidade, Parikshith, que era todo atenção, respondeu com a voz trêmula por causa da emoção: “Mestre, não vejo claramente a razão pela qual meu avô destruiu Khandavavana (a floresta Khandava) por meio de um incêndio. Diga-me como o Senhor Krishna o ajudou nessa proeza. Far-me-á feliz com o relato desse episódio.” Parikshith caiu aos pés do sábio, implorando para que ele o descrevesse. Vyasa aquiesceu: “Certo, você fez um pedido que lhe faz jus. Vou atendê-lo.”

Continuou: “Uma vez, quando Krishna e Arjuna estavam descansando felizes nas mãos de Yamuna, esquecidos do mundo e de suas confusões, um velho brâmane aproximou-se e disse: ‘Filho, estou faminto. Dê-me um pouco de alimento para aplacar a minha fome, pois de outra forma não continuarei vivo.’ Com essas palavras eles, de repente, se deram conta da estranha presença. Embora externamente parecesse natural, havia um brilho divino em torno do ancião, o que o distinguia dos outros. E Krishna aproximou-se dele e o saudou: ‘Grande brâmane, você não parece meramente humano. Não ficará satisfeito com a comida comum, posso imaginar. Peça o alimento que deseja, e eu certamente o conseguirei.’ Arjuna ficou mais distante, observando surpreso a conversa. Ouvia Krishna, que aplacava a fome de todos os seres em todos os mundos, perguntando a este magro e faminto brâmane qual o alimento que o satisfaria! Krishna perguntava tão calmamente e com tanta consideração que Arjuna se encheu de curiosidade e surpresa.

“O brâmane de repente começou a rir e disse: ‘Senhor, não me reconhece? Não há nada – nada – em todos os quatorze mundos que

esteja além do seu reconhecimento. Sou Prana, um princípio vital na Sua criação. Sou Agni, o Princípio-Fogo. Lamento informar que até eu caí doente. Para curar a minha indigestão, sinto que devo consumir a seiva das árvores da Floresta Khandava. Essa floresta deve pegar fogo. Somente isso poderá apaziguar a minha fome e restaurar o meu apetite.'

"A isso, Krishna disse: 'Bem, vá consumi-la; por que veio a Mim por isto? É realmente surpreendente; você tem o poder de reduzir o universo a cinzas! Por que deseja ajuda?' Quando Krishna falou, fingindo ser ignorante, Agni respondeu: 'O Senhor sabe de tudo. A grande serpente Thakshaka não mora em Khandavavana com seus parentes, servos e associados? Indra, o Deus da Chuva, é seu amigo íntimo e por isso assumiu a responsabilidade de guardar a floresta contra o fogo e outras calamidades. Ele deu sua palavra de honra que salvaria a floresta, e assim salvaria Thakshaka. Por isso, assim que eu começasse a comer a floresta, Indra enviaria seus servos e ensoparia o local com chuva. Eu me tornaria inofensivo na inércia e não poderia comer mais. Por isso procuro refúgio no Senhor."

Krishna riu dos medos dele. Disse: "Se assim for, nós o ajudaremos. Diga-nos o que fazer e estaremos prontos." Agni ficou maravilhado. Exclamou: "Sou realmente abençoado. Fui salvo. O Senhor pode, se quiser, manter a chuva de Indra afastada, cobrindo a floresta com um telhado de flechas que me permitirá consumir Vana (floresta) sem ser perturbado." Krishna assegurou que seu pedido seria realizado. Seu avô dirigiu-se para Agni: "Você pode queimar Vana sem hesitação. Meus braços têm força suficiente para se opor e subjugar não somente Indra, mas até dez milhões dele, porém não trouxe comigo flechas suficientes para essa operação e um carro que pudesse

suportar todo esse peso. Se houver flechas suficientes realizarei a tarefa, com a permissão de Krishna.”

“Agnideva, o Deus do fogo, ficou feliz com isso. Atendeu as duas condições de Arjuna: um suprimento inesgotável de flechas, com o qual poderia atirar continuamente e um carro com a bandeira de Maruthi¹⁷. Além disso, criou a agneya-asthra, a Arma do Fogo, e, colocando-a nas mãos de Krishna, afastou-se de ambos.

“Filho, Parikshith! Krishna, você deve se lembrar, aceitou aquela arma somente para satisfazer o Deus do Fogo, pois não precisava de armas. Não existe arma mais eficaz do que a Sua Vontade. Pode, em uma fração de segundo, transformar a terra em céu e o céu em terra. Age como um ser humano quando anda entre os homens e, por isso, os homens recebem seus pedidos sem compreender o significado interior de Seus atos. Isso é somente conseqüência da ilusão que cobre a visão do homem.

“Após deixar Krishna, Agnideva começou a consumir a Floresta de Khandava. Então, exatamente como fora antecipado, Indra enviou seus atendentes com a missão de salvar a floresta da destruição. Seus esforços falharam. Retornaram ao Mestre e relataram o fracasso. Então o próprio Indra com seu exército de seguidores correram para o local para salvar Khandavavana e caíram sobre seu avô, Arjuna.

“Arjuna recebeu-o com uma chuva de flechas atiradas com o famoso arco Gandiva. Indra também lutou com todas as suas forças. Em minutos, os seguidores de Indra fugiram, incapazes de suportar a chuva de flechas que os atacava de todos os lados. Indra compreendeu que a pessoa a quem atacava era seu próprio filho Arjuna. Ficou tomado pela vergonha. Lamentou que não pudesse vencer a própria prole e retornou triste e castigado.

17 Maruthi: deus do vento.

“Enquanto isso, o Deus do fogo consumia a floresta alegremente, com grande apetite, engolindo tudo com suas milhares de línguas vermelhas e provocando um imenso incêndio. Restavam somente cinzas após a sua passagem. Ao ver isso, pássaros e feras da floresta tentavam, em vão, escapar do holocausto, mas não conseguiam. Eram capturados pelas chamas e queimados vivos. Krishna corria em volta da floresta, evitando que seus moradores corressem para o campo aberto em busca de segurança, especialmente os animais e as cobras. Descobriu a serpente Thakshaka, grande amiga de Indra, tentando escapar do fogo. Krishna chamou Arjuna para mostrá-la a ele. Isso deu a Thakshaka a oportunidade de se livrar e correr para Kurukshethra.

Mas Agni perseguiu a serpente. Buscou a ajuda do Deus vento para capturá-la com a sua grande velocidade. Então Thakshaka buscou refúgio em Maya, o arquiteto dos devas (seres celestiais) e dos danavas (demônios). Ele e Maya moviam-se rapidamente para Kurukshethra. Krishna notou o esforço e foi atrás deles. Então Maya entregou-se a Arjuna e buscou proteção para si e para a sua protegida Thakshaka. Arjuna atendeu ao seu pedido e Maya, em gratidão, caiu a seus pés dizendo: ‘Oh, filho de Pandu, nunca esquecerei esta gentileza. Tudo que estiver ao meu alcance, eu lhe darei com alegria. Terá somente que indicar o que deseja.’

“Seu avô refletiu por um momento e respondeu: ‘Maya, se deseja satisfazer-me, exijo somente uma coisa: construa um sabha (sala de assembléia) para meu irmão na corte, uma que não possa ter igual na Terra. Deve ficar acertado que nenhum deva (deus), danava (demônio) ou gandharva (semideus) possa esperar construir uma igual para si. Deve maravilhar a todos que a vejam. Esse é meu único desejo. Krishna fez uma sugestão: ‘Nesta sala de maravilhas, você

deve colocar um trono de maravilhas para que Dharmaraja possa se sentar; somente então a sala será magnífica.’

“Você notou, Parikshith, o quanto Krishna amava seu avô? Precisa de uma prova mais convincente do que esta para saber que Ele está sempre preocupado com o bem-estar dos Seus devotos? O mal-intencionado Duryodhana ficou tomado pela inveja ao ver a sala surpreendente. Duryodhana e Dussasana e seus companheiros ficaram confusos e desconcertados pela humilhação quando foram levados a acreditar que havia água onde antes não havia nenhuma e portas em locais onde não houvera nenhuma antes! Caíram em tantos lugares e bateram com as cabeças em tantas paredes que nutriram um ódio profundo pelos Pandavas. Os Kauravas conspiravam incessantemente para destruir os Pandavas, mas como estes tinham a Graça de Krishna em grande quantidade, eram capazes de superá-los como se fossem jogos de criança e se divertiam com as manifestações da Sua Misericórdia. Os Kauravas desenvolveram também um ódio violento contra Krishna, pois sabiam que o filho de Yashoda era o doador da sorte dos Pandavas. Mas o que se pode fazer contra o próprio Senhor da Criação? Cultivar ódio contra Ele é sinal de ignorância, só isso.”

Enquanto Vyasa relatava a história de Thakshaka, Parikshith ouvia extasiado. Quando terminou, Parikshith fez uma pergunta: “Qual foi a razão que levou os perigosos Kauravas a maltratar e insultar minha avó Draupadi? Como meus avós suportaram os insultos à sua esposa? Por que a família foi mera espectadora, incapaz de retaliar ou punir, apesar de sua indubitável coragem e virilidade, quando sua esposa foi desonrada publicamente na corte real? Está além da minha compreensão como esses incidentes ocorreram. Conte-me os fatos verdadeiros, e ilumine-me. Tenho certeza que poderá esclarecer as minhas dúvidas.”

CAPÍTULO 19 - PANDAVAS – UM EXEMPLO PARA A ERA DE KALI

Parikshith pediu com lágrimas nos olhos e com tanta humildade que Vyasa disse: “Filho, Os Pandavas seguiam a lei moral, nunca se afastavam da palavra dada. Observavam a regra que a parte prejudicada não tinha direito de desafiar os vencedores. Seu avô e seu irmão mais moço reconheciam a superioridade moral de Dharmaraja, o irmão mais velho, e se calaram. Se não fosse isso, teriam levado os tolos Kauravas a patinar no próprio sangue, lançando seus corpos aos cães e abutres.

“Apesar disso, seu tio-avô Bhima ansiava por cair sobre aqueles homens depravados como um leão preso a uma árvore. Ria com cinismo do delicado apego que Dharmaraja mostrava pelo dharma. Mas, o que podia fazer? Havia se tornado inofensivo por vontade do próprio irmão mais velho. Tinha que se comportar como uma pessoa incapaz.”

Quando Vyasa disse isso, Parikshith perguntou por que os avós agiram como subjugados. Vyasa sorriu e respondeu: “Filho, devo lhe dizer. Seu tio-avô, Dharmaraja, celebrou com uma grandiosidade sem precedentes o rajasuya-yajna (ritual de sacrifício pela supremacia) na sala da assembléia que Maya construiu para ele. Os Kauravas foram convidados para o Yajna e, como disse, eles ficaram chocados com a magnificência e a pompa. Também ficaram tomados pela inveja e por um espírito de vingança como se tivessem sido insultados pela influência e poder dos Pandavas. Buscaram conselho com seres inferiores e buscaram meios para solapar aquela boa sorte. Finalmente urdiram um plano.

“Era o torneio real de dados. Comportavam-se como se estivessem movidos pelo amor fraternal e motivados pela maior afeição. Suas palavras eram gotas de mel envenenadas e injúrias envoltas em manteiga. Persuadiram o velho pai cego a enviar um comunicado a Dharmaraja: ‘Filho! Todos os irmãos estão juntos. Venha, una-se a eles e divirta-se com um jogo de dados.’ Ao receber o convite, seu tio-avô, que não tinha idéia dos embustes de que os Kauravas eram capazes, tendo ele mesmo uma mente sincera, aceitou e observou as regras do jogo proposto por eles, sem saber dos estratagemas que tinham planejado. Foi então tentado a apostar seus irmãos, e finalmente a sua Rainha, Draupadi. Não compreendeu que o jogo estava repleto de movimentos que violavam as regras e de trapaças conspiratórias. Nunca imaginou que seus primos o colocariam em uma miséria abjeta. Por isso, sob as regras do jogo, Draupadi tornou-se propriedade dos vencedores. Eles também, a fim de descarregar o ódio e acalmar seus opressivos sentimentos de aversão, planejaram desonrar a rainha dos Pandavas à vista de toda a Assembléia dos Cortesãos. Mentres imundas só podem engendrar planos imundos.”

Ao ouvir essas palavras, Parikshith não se conteve e perguntou a Vyasa com a voz interrompida pelos soluços: “Como o cego Dhritrashtra, ele próprio um Imperador, tolerou esse comportamento degradante imposto a uma mulher e Rainha? Naturalmente não tinha olhos para ver, mas certamente ouvidos para ouvir. Teria ele tapado seus ouvidos para que seus gritos não o atingissem? Ou eles também se tornaram cegos? Os Shastras ensinam que nenhuma mulher pode ser injuriada ou insultada. Ela deve receber ajuda e socorro. E esses governantes, que deveriam dar o exemplo a seus súditos de moralidade e justiça, tiveram a audácia de violar os Shas-

tras com impunidade. Como podem pessoas corruptas como essas ser Imperadores? Não eram os piores dos mortais? Somente o pior dos pecadores conseguiria insultar e desonrar a esposa indefesa de um outro homem. Acredito que esta terra foi separada em pedaços só por causa de pessoas abomináveis como essas terem subido ao poder. Finalmente esses desastres trouxeram a destruição total. Deus não é cego, não é?”

Parikshith continuou seu lamento de protesto. “Até os ogros e os bárbaros respeitam suas mulheres. Entre eles, se uma mulher for insultada, a vingança é como se toda a tribo tivesse sido insultada. E neste caso, os mais velhos do clã, o imperador, seus preceptores, sábios e homens de cultura estavam todos presentes, observando na assembléia aberta este ato de atrocidade. Será que a inteligência dos que ocupavam os altos postos tinha repentinamente se desintegrado? Seus olhos estavam cegos por alguma doença medonha? Teriam se alimentado de grama e seu bom gosto se tornado bestial? Esqueceram-se, em sua animalidade, da honra da raça? E os mais velhos! Seu senso de discernimento os desertou e eles devem ter parecido caricaturas patéticas deles mesmos.”

Vyasa interrompeu aquela acusação contra os mais velhos que haviam se sentado em silêncio durante aqueles momentos terríveis. Disse: “Filho! Parikshith! Não tire conclusões apressadas, nem se confunda. Nenhum dos mais velhos da assembléia era favorável ao comportamento de Duryodhana, Dussasana e os outros. Eles os avisaram das conseqüências dos seus atos. O que podiam fazer contra os pecados daqueles homens ignominiosos? Quando Dussasana agarrou Draupadi pelos cabelos e a arrastou para a sala real repleta de cortesãos, a agonia de Vidura, Bhishma e Drona ficou além do

controle. As palavras são inadequadas para descrever a cena. As lágrimas corriam por suas faces. Não conseguiam levantar o rosto e olhar para o grupo abominável.

“Havia também um outro motivo. Faíscas saíam dos olhos zangados de Draupadi enquanto era torturada, e se seu olhar tivesse caído sobre alguém na sala, a pessoa teria sido reduzida a cinzas. Felizmente ela olhou somente para o seu avô mais velho, Dharmaraja. A fortaleza e a equanimidade dele imprimiram-se em sua mente e, por isso, os homens da assembléia foram salvos da destruição. Ou Duryodhana, Dussasana e o restante do grupo não teriam sobrevivido.

“A face de Dharmaraja, tão tranqüila, teve um efeito transformador. Seus avós Bhima, Arjuna, Nakula e Sahadeva olhavam para aquele rosto enquanto seus corações se dilaceravam pela luta de Draupadi. Mas, à medida que olhavam, seus corações esfriaram. A face intocada de Dharmaraja salvou a todos de um cataclismo naquele dia. Caso contrário, todos teriam sido consumidos no fogo da ira, tornando a batalha de Kurukshethra supérflua.

“Nada acontece fora da vontade de Deus, não é assim? Como alguém pode suplantar a vontade do Senhor Krishna? Ela lamentou que nenhum dos seus senhores tivesse se levantado para salvá-la, embora ela os chamasse e os lembrasse dos seus valores e bravura. Então, o pensamento de Krishna, o Salvador, brilhou como um relâmpago e encheu de coragem seu coração cambaleante. “Oh, Shyamsunder! Gritou. Isto não é um insulto feito a mim. E nem uma injúria infame dirigida aos Pandavas. É um insulto, uma injúria a você. Você representa a todos. Dependemos de você para tudo. É justo que você tolere agora esta cruel injúria sendo perpetrada sobre a nossa honra? Temos dedicado o nosso coração a você. Ouça! Eu me

dediquei a você. Talvez não esteja contente com o que, até agora, tem sido oferecido aos Seus pés. Que prevaleça a Sua vontade.” Então, ela se rendeu, totalmente e sem reservas, ao Senhor.

“Com isto, o Guardião dos Desamparados, o Salvador daqueles que se entregam, o Senhor, assumiu para Si a tarefa de resgatá-la do sofrimento. Moveu-se em silêncio, sem ser visto, e abençoou-a, sem ser notado. E, maravilha das maravilhas, o sari, que os ogros humanos tentavam remover para desgraçá-la, foi refeito. Todos, inclusive os atormentadores, ficaram surpresos com a demonstração da Graça de Krishna e a devoção de Draupadi. Os homens bons e sábios compreenderam que sathya e dharma nunca podem sofrer dano. As lágrimas de alegria que rolaram de seus olhos deram prova do regozijo que experimentaram. O fraco Dussasana caiu exausto e humilhado. Draupadi não sofreu a menor desonra. Toda ela caiu sobre os Kauravas, e os Pandavas não foram atingidos.

“Deus permitiria que os justos e morais Pandavas sofressem uma humilhação? O dano que os Kauravas planejaram infligir aos Pandavas recaiu somente sobre eles próprios. Essa foi a conseqüência direta da Graça que o Senhor Krishna derramou sobre seus avôs e avós e da devoção e da fé que eles depunham no Senhor Krishna.

“Pretendendo declarar ao mundo a intensa devoção dos Pandavas e a sua eficácia, e também mantê-los como exemplos para a Era de Kali que estava por vir, o Senhor planejou este drama palpitante; não existe nada mais nisso além do propósito do Senhor. Você pode estar sujeito à calúnia, insulto e desonra; pode estar mergulhado na pobreza ou na dor, mas a pessoa que se entrega à Vontade de Deus aceitará cada uma delas com alegria e as suportará com tranqüilidade. O Senhor nunca abandonará Seus filhos. Os devotos de Deus devem ter paciên-

cia e calma sob as provocações mais venenosas. O fato é que os piedosos e tementes a Deus são aqueles que são visitados pelos problemas e dores. Para ensinar à humanidade estas grandes verdades, Krishna encenou esse drama, com os Pandavas como atores. Cada incidente em suas vidas foi uma cena em Sua Peça.



CAPÍTULO 20 - A GRAÇA DE KRISHNA SOBRE DRAUPADI

O sábio Vyasa continuou: “Ouça, oh Rei! Draupadi estava tomada pela surpresa quando experimentou a Graça de Krishna, que garantiu as intermináveis dobras de suas roupas para proteger a sua honra. Ela derramou muitas lágrimas de gratidão e exclamou em êxtase: ‘Krishna, Krishna!’ com tal agitação e zelo que os presentes no auditório foram tomados pelo medo. O esplendor brilhante de sua face os fez suspeitar que ela fosse a verdadeira Deusa (Shakthi) que energiza o Universo.

“Enquanto isso, Krishna manifestou-Se sob forma concreta diante de sua avó Draupadi e disse: ‘Irmã! Estás confusa? Eu assumi o nascimento com o propósito expresso de destruir estes homens maus e cegos pelo orgulho. Garantirei que a glória e a fama dos Pandavas sejam mantidas no auge para admiração deste mundo, pelas gerações que virão. Console-se.’

“Com isso, ela caiu aos Pés do Senhor, lavando-Os com suas lágrimas escurecidas pelo colírio em seus olhos; os cachos de seus longos e abundantes cabelos, que haviam sido soltos pelas mãos dos malvados, caíram sobre Seus Pés, cobrindo-Os. Ela rolou pelo chão, cercado-Os.

“Seu contentamento colérico e sua exaltação indignada espantou a assembléia de cortesãos e guerreiros. Krishna levantou-a e, colocando Suas mãos sobre sua cabeça, abençoou-a. ‘Levante-se. Ate seus cabelos novamente. Espere com paciência os eventos que acontecerão nos próximos dias. Vá, junte-se aos seus companheiros

nos compartimentos interiores,’ disse. Ouvindo essas palavras, Draupadi levantou-se como uma serpente que prepara o bote. Seus olhos brilharam sob o véu de cabelos que cobria sua face. Seu olhar era como um clarão do relâmpago entre as nuvens.

“Ela ficou de pé no centro da assembléia e, virando-se para Krishna disse, em um tom deliberadamente alto: ‘Krishna! O pano rasgado pode apenas ser costurado; o rasgão não pode ser consertado de outra forma. Uma noiva virtuosa pode ser dada somente uma vez. O leite coalhado não retorna ao seu estado de pureza anterior. As presas do elefante não podem voltar para dentro da boca, de onde provém. As tranças de Draupadi foram afrouxadas pelas mãos destes homens tolos. Nunca mais poderão ser atadas como antes para sinalizar a felicidade de uma esposa.’ Com isso, todos deixaram pender a cabeça em silêncio, tomados pela vergonha do insulto à Rainha.

“Krishna, porém, quebrou o silêncio. ‘Então, quando penteará seus cabelos como antes, irmã? Estas tranças soltas a tornam realmente assustadora.’ Ouvindo isso, a Rainha rosnou como uma leoa: “Senhor, ouça, por favor. O canalha imundo que ousou tocar este cabelo, segurando-o em sua mão e arrastando-me para esta sala, deve ter sua cabeça partida em pedaços e seu corpo dilacerado por raposas e cães; sua esposa deve ficar viúva, deve ter suas tranças desfeitas e vagar com uma dor insuportável. Nesse dia, prenderei novamente meus cabelos, não antes.” Ouvindo essa maldição, os mais velhos na Sala alarmaram-se pelas terríveis conseqüências. Cobriram os ouvidos para não ouvir mais. Pediram perdão, paz e calma, pois sabiam como era desastrosa a maldição de uma mulher virtuosa. O coração de Dhritrashtra, o velho pai cego do grupo que a insultara, foi tomado pelo medo; seus filhos tentaram mostrar faces corajosas,

mas em seu interior haviam sido assolados por um furacão de pânico. Uma onda de terror passou pela assembléia, pois eles sabiam que as palavras dela se tornariam verdade, o mal deveria ser vingado com a punição que ela proferira.

“Para reforçar essa apreensão, também Krishna disse: ‘Oh, Draupadi, que aconteça como você falou. Destruirei estes homens maus que causaram tanta tristeza aos seus maridos. As palavras que você proferiu devem se tornar realidade, pois você nunca maculou sua língua com falsidade, nem mesmo por diversão, desde o seu nascimento. Sua voz é a Voz da Verdade; a Verdade triunfará, apesar de tudo.’”

“Essa foi a garantia dada à sua avó pelo Senhor; os Kauravas foram destruídos e a honradez dos Pandavas foi demonstrada diante do mundo. Onde existe o dharma, ali o Senhor está; onde o Senhor está, ali acontece a vitória: este é o axioma ensinado ao mundo pelo Senhor através dessa tragédia.

“Você notou? Quão grandes foram seus avós para merecer esta torrente contínua da Graça do Senhor Krishna! Sua ligação com o dharma, sua submissão à Verdade, isso lhes conquistou Sua Graça. Embora possamos realizar yajnas e yagas caros e elaborados, se simplesmente aderirmos ao caminho do dharma e da Verdade, poderemos atravessar o oceano da mudança e da tristeza e atingir a praia da libertação. Senão, quando o sábio do terror, Durvasa, foi para a floresta para ‘queimar’ seu avô, como planejado por Duryodhana e sua gangue, como eles teriam sido resgatados? O pobre Durvasa teve de aprender que a Graça de Deus é mais eficaz do que os ganhos dos anos de ascetismo e privações. Ele, que fora enviado para destruir, partiu com grande admiração por suas pretensas vítimas.”

Enquanto Vyasa descrevia com orgulho a devoção dos Pandavas pelo Senhor, Parikshith levantou a cabeça com curiosidade: “O que disse? Durvasa sofreu uma derrota nas mãos do meu avô? Ah, como sou afortunado por ter nascido na dinastia que provou ser superior até mesmo para aquele grande sábio! Diga-me, Mestre, como isso aconteceu? Por que Durvasa foi a eles e qual foi o resultado?”

“Ouça, oh Maharaja – Vyasa continuou – seus avôs, exilados na selva, foram capazes de passar seus dias lá, felizes, com a fama e a hospitalidade intocadas através da Graça do Senhor Krishna. Sentiam que a selva era mais feliz do que Hasthinapura, de onde tinham sido exilados. O coração dos grandes ficará tão repleto de contentamento divino e tranqüilidade que não será afetado pelos altos e baixos da sorte. O perfume de uma flor deleitará com sua cativante fragrância a pessoa que a segura, esteja na mão direita ou esquerda. Por isso, estejam no céu ou na floresta, aldeia ou cidade, nas alturas ou em um vale, os grandes serão igualmente felizes. Não se importam com as mudanças, como fizeram seus avôs.

“Quando os bons estão felizes e vivendo em paz, os maus não conseguem tolerar e desenvolvem uma intensa dor de cabeça. Eles têm que contemplar as perdas e as dificuldades que os bons enfrentam para serem felizes. A perda sofrida pelos bons é o ganho das mentes más. A doçura do canto do cuco é mais amarga para o ouvido do corvo. Da mesma forma, a vida feliz dos Pandavas causava sofrimento e dor aos os Kauravas na capital.

“Mas, o que mais podiam fazer? Tinham amontoado sobre eles tanta mágoa quanto podiam, tinham lançado sobre eles o máximo possível dos abusos. Finalmente os tinham compelido a sair do reino. Foram enviados para a floresta com os estômagos vazios.

“Estômagos vazios! Sim. Foi o que imaginaram, mas a verdade era outra. Suas estruturas estavam saturadas e repletas do Senhor Krishna. Lutar contra corpos repletos de Deus é se engajar em uma luta inglória. Foi por isso que os Kauravas retiraram suas posses materiais e mandaram os corpos para fora do reino. Após o jogo de dados, todas as propriedades e posses foram retiradas. Os Kauravas tentaram, ao máximo, criar uma disputa entre os irmãos e espalhar um escândalo horroroso que afetaria um ou outro. Mas os irmãos respeitaram a Verdade e se agarraram a ela, por isso nada conseguiu separá-los. O fato de nada conseguir reduzir consideravelmente a felicidade dos Pandavas consumiu os Kauravas como o fogo em uma floresta.

“Em um momento de desespero, Durvasa, que era a própria encarnação da raiva, veio a Hasthinapura com dez mil discípulos, determinado a passar quatro meses de retiro na cidade real. Os Kaurava conheciam bem os poderes ascéticos de Durvasa, bem como suas fraquezas e caprichos. Por isso, convidaram-no para ir ao palácio e verteram sobre ele e seus seguidores a sua hospitalidade durante os quatro meses da sua permanência. Planejaram utilizar o sábio no seu estratagema e, por isso, mostraram um entusiasmo extraordinário em atender aos desejos dele e da sua comitiva. Eles se asseguraram de que Durvasa não tivesse motivo para ficar desapontado, rejeitado ou descontente. Por quatro meses eles o serviram com um zelo fanático. Quando o sábio tinha seus acessos de raiva, eles baixavam a cabeça e com as mãos juntas, suportavam todo o fogo despejado sobre eles. E assim o visitante foi abrandado e vencido.

“Um dia, quando Durvasa estava descansando após uma deliciosa refeição, Duryodhana aproximou-se de sua cama e sentou-se próximo. O sábio falou: “Oh, Rei, o seu serviço tem me agradado

bastante. Peça-me qualquer coisa, não importa o valor, e eu lhe darei.” Duryodhana estava pronto para pedir o que queria a Durvasa. Ficou contente por ter chegado o momento. Exibiu uma grande humildade. “Mestre, a sua satisfação com o nosso serviço já é a maior das bênçãos. Esta afirmação já é suficiente para mim. O que necessito de riqueza e fama? Mesmo se conseguir a soberania nos três mundos, não terei alegria nesta autoridade. Lamento que, enquanto pude servi-lo por quatro meses, meus irmãos, os Pandavas, não estivessem aqui comigo. Que eles também possam salvar a si mesmos prestando este serviço, este é o meu desejo. Por favor, vá ao refúgio deles também, com todos os seus discípulos, e dê a eles esta oportunidade. Meu irmão mais velho, Dharmaraja, é um firme seguidor do dharma e, apesar dos nossos protestos e preces, escolheu ir para a floresta e manter sua palavra. Ouvi que mesmo lá recebe com grande hospitalidade a milhões de convidados e visitantes. Ele pode servi-lo com banquetes mais esplêndidos e jantares mais alegres do que os daqui. Se tiver em mente contemplar-me com a sua Graça, peço-lhe somente um favor: quando for até os Pandavas, vá após Draupadi ter comido a sua refeição.” Com essas palavras, Duryodhana caiu aos pés de Durvasa para agradá-lo ainda mais. O sábio compreendeu o estratagema e rompeu em gargalhadas.”



CAPÍTULO 21 -O EPISÓDIO DE DURVASA

Vyasa apressou-se em explicar a estranha risada de Durvasa. “Durvasa, entretanto, aceitou as súplicas de Duryodhana! Dirigiu-se para a floresta dizendo: ‘Certo! Farei isso’. Nessa súplica havia um profundo propósito sinistro. Este era: uma manhã, ao alvorecer, quando os Pandavas adoravam ao Sol, Ele apiedou-Se de sua condição e, em Sua Graça imensurável, deu a eles uma vasilha cujo conteúdo não diminuiria apesar do uso. Era chamado de akshayapathra. Draupadi, uma esposa zelosa, costumava alimentar-se somente após os cinco irmãos terem comido. Até ela terminar de comer, o vaso ficava cheio de comida, embora muitos já tivessem dele se utilizado. Quando ela terminava e o limpava, ele não fornecia mais alimento. Por isso, uma vez ao dia, o vaso ficava repleto até ela comer. Antes disso, podia alimentar milhares, até milhões de pessoas. Mas quando ela retirava a sua comida, ele perdia o seu poder para aquele dia. Isso significava que deveria haver alguma partícula de alimento que podia ser multiplicada e utilizada. Essa era sua glória peculiar. Duryodhana pediu a Durvasa que se aproximasse dos Pandavas e exigisse hospitalidade após Draupadi ter se alimentado, pois tinha um objetivo em mente.

“Quando o inflamado sábio procurasse por comida e os Pandavas fossem incapazes de satisfazê-lo e ao seu imenso número de acompanhantes, ele certamente invocaria uma maldição terrível, sob o sofrimento da fome, que destruiria os irmãos para sempre. O complicado problema de conviver com eles estaria resolvido e os Kauravas poderiam governar o reino inteiro em paz. Esse era o intento de Duryodhana. Mas os Pandavas buscaram auxílio não em algo ou alguém de fora, mas no Senhor dentro deles. O que poderia fazer

a maldição de um sábio, embora poderoso, a tais pessoas? Quando o Senhor todo poderoso está ao seu lado, como os embustes de uma mente doentia irão atingi-lo? Sua conspiração falhou ignominiosamente. Os mal-intencionados Kauravas não compreendiam que, quando planejavam em uma direção, o Senhor planejava em outra.

“Durvasa apareceu diante dos Pandavas, com seus dez mil discípulos, quando Draupadi repousava após ter comido e limpado o vaso sagrado e conversava com seus senhores. Dharmaraja viu o sábio chegando na direção da cabana de sapé onde eles passavam seus dias. Levantou-se rapidamente, recebeu-o com entusiasmo, limpou seus pés e ofereceu flores em adoração prostrando-se diante dele. Declarou: ‘Realizei a minha maior ambição na vida. Este realmente é um dia de sorte suprema.’ Derramou lágrimas de alegria e permaneceu com as mãos juntas. Seus irmãos e Draupadi ficaram ao seu lado, após as reverências, com as cabeças inclinadas em homenagem.

“Durvasa, visivelmente exausto pela longa viagem, falou com evidente exasperação: ‘Vamos ao rio para tomar banho e realizar os rituais do meio-dia. Tenham a comida pronta para mim e meus dez mil seguidores quando eu retornar.’ E dirigiu-se rápido para o rio.

“Quando ouviu essas palavras, Dharmaraja sentiu um choque; seu coração quase parou. Consultou Draupadi e descobriu que o vaso já tinha sido cuidadosamente limpo e guardado. Todos mergulharam em tristeza, temendo o que poderia acontecer a eles. ‘Dez mil para alimentar. Oh, Deus, o que este dia guardou para nós?’ eles lamentaram, imersos em angústia. Para Draupadi, a esposa ideal, a oportunidade de entreter os convidados com comida era um presente. Mas naquela hora tardia, com tantos para serem alimentados, na selva

onde não havia provisões disponíveis, ela ficou desesperada. ‘O convidado que chegou até nós é o celebrado Durvasa, cujas realizações e capacidade são conhecidas em todo o mundo. Com um simples pensamento pode transformar em cinzas aquele sobre quem sua raiva recair. Ah, meu Deus, que calamidade aguarda meus senhores!’ – ela espantou-se, tremendo de medo.

“Não conseguia decidir sobre qualquer plano para alimentar a multidão que chegara. Quem mais poderia ajudá-la senão o Senhor, o Salvador dos bons, Krishna? ‘Oh, Gopala, salve meus senhores, guarde-nos da destruição que nos ameaça, mostre-nos os meios para satisfazer estes ascetas e o sábio.’ Ela chamou por Krishna, com lágrimas brilhando nos olhos e a angústia apertando o coração. Orou ansiosa ao Senhor. O que a aguardava, ela não se importava, mas orou para que os maridos fossem salvos e sua posição de esposa – mangalyam – permanecesse intacta. Chorou alto, com um sofrimento irreprimível. Os irmãos Pandava ouviram o choro e sua agonia redobrou. Também oraram a Krishna, seu único refúgio. ‘Oh, Nandanandana, salvaste-nos de todas as calamidades enviadas pelos Kauravas. Guardaste-nos como uma pálpebra protege o olho. Por que nos envias esta terrível calamidade hoje? Perdoa nossos pecados e faltas. Salva-nos do perigo, ajuda-nos a satisfazer o sábio e sua imensa comitiva.’

“As preces dos Pandavas e as lágrimas de Draupadi suavizaram o coração de Krishna em Mathura e O trouxeram de lá. Ouviram-se passos. Os Pandavas, que estavam cabisbaixos pela ansiedade sobre a volta de Durvasa do rio, levantaram os olhos e viram Krishna entrando na cabana espalhando luz com Seu sorriso, e Sua veste amarela cobrindo o chão. Eles exclamaram: ‘Krishna! Krishna!’ e cor-

reram para o Senhor. Draupadi ouviu aquela voz e saiu dos aposentos interiores, percebendo que deveria ser algum sinal da Graça de Deus caindo sobre eles. Mas quando viu Krishna, apressou-se em cair a Seus pés e lavá-los com suas lágrimas. ‘Salve-me, salve meu mangalyam, satisfaça os sábios e seus seguidores.’ Krishna, o perfeito Diretor do Universo-drama, parecia estar desligado das ansiedades deles, porém imerso em Sua própria fome! Ele disse: ‘Draupadi, isto é estranho. Tenho fome. Primeiro, aplaque Minha fome e depois poderá pedir o que precisa. Dê-Me imediatamente algum alimento’ e esticou a mão como se não pudesse mais esperar.

“Draupadi disse: ‘Oh, Senhor! Esta não é uma ocasião para brincadeiras, mas um tempo de provas. Salve-nos, e não ria do nosso apuro.’ Enxugou o fluxo das lágrimas com a ponta do seu sari. Orou com as mãos estendidas em súplica. Krishna levantou sua cabeça com Sua mão e disse com tom suave: ‘Criança! As lágrimas chegam aos olhos das mulheres à menor provocação. Mas, será que Minha fome poderá ser aplacada com elas?’ Evidentemente o humor de Krishna estava sarcástico. Draupadi respondeu: ‘Gopala, Você é o segundo pedinte em nossa porta hoje. Mas se não Lhe dermos o que pede, não nos amaldiçoará e nem trará destruição para nós. Mas o outro pedinte nos espera com dez mil seguidores para aplacar a fome em um jantar. Seremos reduzidos a cinzas. Onde conseguiremos um grão nesta floresta? Como posso satisfazer a fome de tantas pessoas tão rapidamente nesta floresta desolada?’ Ela explicou a razão do desânimo que dominava a todos.

“Gopala riu alto. ‘Você disse dez mil convidados, mas não vejo nenhum. Só posso rir de suas palavras. Você está afastando uma criança de você para afagar outras que estão distantes. Primeiro, sat-

isfaça a Minha fome e depois pense nos outros que estão afastados.’ Krishna estava inflexível de que ele deveria ser assistido primeiro. Representava perfeitamente o papel de uma pessoa faminta. Draupadi teve que se explicar. ‘Senhor, a Vasilha possui uma variedade de alimentos, e depois que todos se servem o alimento acaba. Eu como por último. Limpei a Vasilha sagrada dada pelo Sol e a guardei. Como conseguirei comida agora? Como poderei aplacar a Sua fome? O Senhor é o nosso único refúgio. Se o Senhor, que tudo sabe, nos causa sofrimento, o que poderemos esperar dos outros? Draupadi recomeçou a chorar novamente.

“Gopala disse: ‘Traga a Vasilha. Se tiver ao menos uma partícula de alimento, ficarei satisfeito.’ Ela saiu e retornou com o recipiente, colocando-o nas mãos de Krishna. Gopala passou os dedos cuidadosamente pelo interior procurando alguma partícula que tivesse escapado da limpeza. Encontrou, próximo da borda, um pedaço de uma folha cozida. Perguntou a Draupadi: ‘Vocês tiveram folhas cozidas para o almoço de hoje?’

“Draupadi ficou surpresa pelo fato de Krishna ter encontrado um pedacinho de folha no vasilhame que ela tanto esfregara. ‘Deve ser um milagre Seu, pois faço meu trabalho com cuidado. Não devo tê-lo limpadado com tanta desatenção’ – ela riu. Quando se aproximou, Krishna mostrou-o a ela dizendo: ‘Veja, tirei isto da sua Vasilha. É o suficiente para aplacar não somente a Minha fome, mas a de todos os seres do universo.’ Colocou-a em Sua língua com a ponta do dedo e exclamou: ‘Oh, Minha fome acabou.’

“Nesse momento, Durvasa e seus dez mil discípulos na margem do rio sentiram seus estômagos repletos. A fome acabara. Experimentaram uma grande felicidade, livres das garras da fome que tinham

sofrido até então. Comunicaram sua satisfação entre si primeiro com gestos, depois com palavras. ‘Nossos estômagos estão realmente repletos, não há espaço sequer para um grão de arroz. Dharmaraja estará nos esperando com um banquete de pratos deliciosos e insistirá para que experimentemos sua hospitalidade. Mas não temos espaço para comer mais nada. Estamos de fato num grande embaraço!’ – disseram. Alguns se lembraram do incidente quando seu Mestre Durvasa amaldiçoou Ambarisha e sofreu nas mãos da própria vítima da sua maldição, por causa da intervenção de Krishna.

“Reportaram sua condição e suspeita a Durvasa. O sábio, que sabia da Graça obtida por Dharmaraja, abençoou-os profusamente. Deixou o lugar com seus discípulos por um outro caminho, evitando a residência dos irmãos Pandavas.

“Mas Krishna tinha encarregado Bhima de ir até o rio e trazer o sábio e sua comitiva rapidamente para o almoço. Quando Bhima os viu saindo por um outro caminho, correu para os discípulos, mas estes, temerosos de suas intenções, correram para a floresta para se salvarem. Bhima encontrou-se com Durvasa e disse: ‘Mestre, meu irmão mais velho ordenou-me que o encontrasse e o levasse, pois o almoço já está pronto.’ Durvasa pediu: ‘Bhima, não podemos comer mais nada, estamos repletos. Não estamos desgostosos com vocês. Eu os abençoo para que alcancem toda felicidade. Virei até vocês quando estiverem governando o mundo como soberanos irrefutáveis e então receberei a sua hospitalidade. Aqueles que me enviaram a vocês com motivos pecaminosos sofrerão uma destruição total.’ Desejando aos Pandavas boa sorte, Durvasa se foi com todos os seus seguidores.

“Você notou, Parikshith? A devoção e sentido de entrega dos

seus avôs não podiam ser iguados; por isso, também a Graça que Krishna derramou sobre eles não foi superada.” Quando Vyasa revelava estes incidentes para mostrar a Parikshith a fé inabalável dos Pandavas e a Graça de Krishna, Parikshith ouvia com atenção, respeito e reverência, com a maravilha e a ansiedade alternando-se em sua mente. Durante a descrição do dilema dos Pandavas, agitou-se. Na descrição de uma calamidade iminente, lágrimas de compaixão brotavam de seus olhos, e quando acontecia o sucesso, as lágrimas eram de alegria.



CAPÍTULO 22 -A LUTA DE ARJUNA COM OS DEUSES

Vyasa continuou: “Oh, Rei, seus avôs estavam prontos a renunciar tudo por Deus, se a necessidade surgisse. Estavam preparados também para lutar com Deus, se necessário. Pois estavam somente observando o kshatriya dharma (atitude de guerreiro) quando lutaram. Você deve ter ouvido a história do seu avô lutando contra Shiva e ganhando Dele a arma divina de Pasupatha-asthra.” Neste momento o Rei, de repente, levantou sua cabeça e perguntou: “Mestre, o que disse? Meu avô travou uma batalha contra Shiva? Não ouvi nada sobre isso. Conte-me, satisfaça a minha sede de saber sobre isso.” Parikshith caiu aos pés de Vyasa pedindo-lhe que contasse a história.

Vyasa pigarreou. “Filho! Quantas histórias terei de contar a você? O relacionamento entre os Pandavas e os Deuses, para a sua descrição total, precisa não de horas, nem de meses, mas de anos! Mas, como você implora, narrarei tantas quantas for possível, dentro do tempo disponível. Ouça, oh Rei. Os Pandavas estavam vivendo na floresta. Um dia, Dharmaraja foi tomado pela ansiedade. Sentiu que os primos maus, os Kauravas, não o deixariam ficar em paz mesmo após o término do período de exílio. Duvidava até que eles dessem a sua parte do império. Dharmaraja temeu que a guerra fosse inevitável e que os grandes arqueiros da época, Bhishma, Drona, Karna e Aswathama ficassem do lado das hordas dos Kauravas. Ficou apreensivo de que os Pandavas talvez não pudessem suplantar essa concentração de força. Temeu que a guerra terminasse em derrota e que os Pandavas tivessem de passar a vida na floresta. Vendo-o nesse estado de ânimo, Arjuna aproximou-se e pediu sua bênção e permissão para ir lutar e ganhar, pelo ascetismo, as armas dos Deuses

para derrotar os inimigos. Dharmaraja indicou-lhe que prosseguisse e agradasse os Deuses, ganhando, através de Suas Graças, as armas para vencer a guerra.

“Arjuna foi para a área de Gandhamadana, que era inacessível até para o maior asceta, e realizou tapas (penitências) para acalmar Indra, o soberano dos Deuses. As forças divinas ficaram impressionadas com o rigor de suas tapas e com a sua firme persistência. Por isso, Indra apareceu diante dele dizendo: ‘Filho, estou feliz com suas penitências, mas para que seu desejo seja realizado, primeiro conquiste a Graça de Shiva, depois eu o levarei aos céus e o armarei com todas as armas que os céus podem conferir.’

“Seguindo o conselho de Indra, Arjuna começou a meditar em Shiva para ganhar a Sua Graça. Enquanto isso, Shiva resolvia um drama. Eu lhe direi qual era. Um grande javali, muito feroz, correu para o local onde Arjuna fazia sua penitência. Ele o viu e, embora durante uma penitência não se deva fazer mal a nenhum ser vivente, rapidamente tomou do seu arco e flechas quando o animal estava prestes a cair sobre ele. Naquele momento, um Bhil da floresta, também armado com um arco e flechas, apareceu com sua esposa diante de Arjuna. Arjuna ficou surpreso ao ver uma mulher acompanhando um Bhil naquela floresta fechada onde ninguém ficava em segurança. Mas, ao observar com mais cuidado, viu uma enorme comitiva atrás do Bhil, consistindo de homens e mulheres de aparência feroz, gritando e gesticulando de maneira estranha. Arjuna ficou perplexo e atônito.

“A pessoa que apareceu primeiro, o caçador com fisionomia feroz e olhos injetados, falou a Arjuna: ‘Você, aí. Quem é você? Por que veio para cá? Não viverá se lançar uma flecha contra aquele javali mesmo que por engano, esteja avisado. Eu o persegui e fiz com que

viesses para este lado. Que direito tem você de erguer o arco contra ele?’ Essas palavras penetraram direto no coração de Arjuna como um feixe de flechas, e ele sentiu-se terrivelmente magoado. Como um simples caçador poderia insultá-lo? ‘Esse indivíduo não conhece meu nome nem minha fama, pois de outra forma não teria me desafiado’, disse para si mesmo. Levantou o arco e atirou uma flecha no javali. Naquele momento o Bhil também atirou uma flecha.

“O javali rolou no chão, morto. O caçador ficou tomado pela ira e despejou-a em Arjuna. ‘Você aí. Você não conhece as regras da caçada. Quando havia fixado os olhos nele, persegui-o e selecionei-o como uma presa para as minhas flechas, como pôde ousar atirar uma flecha contra ele? Você é um bárbaro!’ Seus olhos lançavam fagulhas, tão incontrolável era a sua raiva. Arjuna também estava enfurecido. Gritou em resposta: ‘Cale-se, seu patife, ou vou despachá-lo para os domínios da morte. Salve-se calando esta língua. Volte pelo caminho que veio.’

“O Bhil parou diante daquela ameaça, mas não cedeu. ‘Não importa quem você seja, não tenho medo. Pode ter bilhões de deuses a seu lado, mas não vou recuar. Cuidado, você é o intruso. Quem lhe deu permissão para entrar aqui? Que é você para me dar ordens para sair? Esta floresta é nossa. Você é um ladrão que entrou aqui sorrateiramente e tem a audácia de nos mandar sair!’-respondeu.

“Com isto, Arjuna considerou que ele não era um caçador comum. Falou num tom mais calmo: ‘A floresta é propriedade de todos. Vocês vieram para caçar, eu vim para fazer sacrifícios para agradecer a Shiva. Matei aquele javali somente para escapar à fúria dele.’ Contudo, o caçador não se acalmou. ‘Não me importo a quem você adora, a quem deseja agradar. Aceite o erro que cometeu. Por que

matou o animal que eu estava à caça? Aceite e desculpe-se, faça uma compensação,' ele insistiu. Arjuna perdeu toda a paciência. A vida desse indivíduo deveria terminar como a do javali, disse a si mesmo. Sentiu que ele não seria tocado pelas palavras suaves.

“Então, selecionou uma flecha afiada, colocou-a no arco e atirou contra ele. Ela o atingiu, mas, como um espinho em uma pedra, caiu no chão, dobrada pelo impacto! O surpreso Arjuna pegou então uma flecha com a ponta em forma de crescente para atirar sobre a cabeça. Mas, esta foi dobrada pelo caçador com a sua mão esquerda, como uma folha de grama.

“Finalmente, Arjuna disparou uma chuva infinita de flechas que vinham da sua aljava sempre cheia. Isso também não surtiu efeito. Arjuna ficou desesperado, como um homem que foi roubado de todas as suas posses e privado de todos os meios de resistência. Permaneceu de pé, indefeso e cheio de raiva. Era como um pássaro com as asas cortadas, um tigre sem as presas e com as garras cortadas, um barco sem vela e sem leme.

“Ele esforçou-se para atingir o caçador com o arco, porém este se quebrou em pedaços com o impacto. Surpreso, Arjuna decidiu usar seus punhos, pois eram a única arma que lhe restava. Preparando-se para o esforço, caiu sobre o Bhil e lutou furiosamente por uma rápida vitória. O caçador recebeu este novo movimento com uma estrondosa gargalhada. Lutaram para superar um ao outro com quedas e socos tão terríveis que pareciam duas montanhas em combate mortal. Os pássaros da floresta ficaram tão assustados com os movimentos incomuns que voaram para bem longe no céu. Os habitantes da selva observavam paralisados, sentindo que alguma calamidade caíra sobre eles. A terra tremeu, incapaz de suportar tal combate.

“Apesar de tudo, o Bhil não dava mostras de cansaço; ria com absoluta despreocupação. Continuava tão ativo quanto no princípio da luta. Mas Arjuna estava banhado de suor, ofegante; seu punho estava machucado e sangrava. O Bhil não estava ferido e nem se mostrava afetado. Além disso, quando ele prendeu Arjuna em um aperto leve, este vomitou sangue! Com isto, Bhil soltou uma gargalhada cruel e exultou diante de sua consorte, ‘Você viu isso?’

“Arjuna cambaleou confuso. Perdeu o seu ponto de apoio. Murmurou para si: ‘Krishna, por que me humilhou dessa forma? Ah, será uma cena de seu Drama? Bhil não é um mortal comum. Talvez você tenha vindo sob esta forma para acabar com o meu orgulho. Ser vencido por um caçador habitante da floresta! Não, isto deve ser um estratagema, uma peça. Este Bhil não é um ser comum. Salve-me, pois acredito que ele seja você.’

“Ao dizer isso, voltou-se para o casal que estava diante dele e não viu Bhil e sua esposa, mas Shiva e Sua consorte Gauri. Eles o abençoavam com um sorriso cativante. Sua mão estava levantada, com a palma voltada para ele no gesto abhaya, assegurando que não havia razão para ter medo.

“Arjuna ficou tomado pela alegria. Correu para eles exclamando: ‘Oh, Shankara, oh, Mãe Gauri!’ e caiu a Seus pés. Implorou que o perdoassem pela sua raiva e ignorância. Gauri e Shankara, que eram personificações da Graça, levantaram-no pelos ombros e acariciaram sua cabeça amorosamente. ‘Filho’, disseram, ‘você atingiu o objetivo da sua vida, realizou o seu dever como deveria ter feito. Não há nenhum erro. Agora, tome isto, aqui está o sinal da Nossa Graça.’ E ele recebeu das mãos do próprio Shiva o Divino Pasupatha Asthra.

“Oh, Maharaja, como posso exaltar a coragem de seu avô que combateu Shiva armado com Seu invencível Tridente. A fonte de sua

coragem e ousadia assentava-se na Graça que o Senhor Krishna deramava sobre ele. Seus avós nunca cogitaram sequer um pensamento sobre o menor dos atos sem a ordem específica Dele. Na verdade, no Mahabharatha, Sua Graça foi conferida sem ser pedida, a cada momento e em grandes proporções. A profundidade do Amor que proporciona a Graça era conhecida somente por eles. Os outros não a podem medir.” Enquanto Vyasa estava recordando, derramava lágrimas pela boa sorte dos irmãos Pandavas. E não era só ele.

Quem estava ouvindo, ou seja, Parikshith, estava tomado pela admiração e agradecimento. Ele vertia lágrimas de alegria, seus lábios tremiam pela emoção, sua voz falhava pela excitação. Não se conteve e exclamou: “Como sou afortunado por ter nascido nesta linhagem. Como meus antepassados foram bravos, devotados e formidáveis. E vejam a minha sorte, pois posso ouvir as suas glórias de lábios de um divino sábio como o senhor. Sou, na verdade, três vezes abençoado. Quando ouço as façanhas de meus avós e as glórias do Senhor Krishna, nunca me contento. Gostaria de ouvir mais. Por favor, conte-me como o Senhor salvou e cuidou dos meus avós na batalha. Será uma fonte de contentamento para a minha fome, e saciará um pouco a minha sede.”



CAPÍTULO 23 -GUARDIÃO NO CAMPO DE BATALHA

Quando o Rei pediu desta forma, Vyasa disse: “Oh, Rei, os Pandavas, como foi dito, viveram doze anos de exílio na floresta e também completaram um ano inteiro de ‘vida incógnita.’ Quando finalmente revelaram-se (na ocasião do Rapto de Kine do domínio de Virata pelos perversos Kauravas), Duryodhana, o mais velho do clã cruel, aquele monstro de malícia, jurou que o ano não tinha terminado e que os Pandavas tinham rompido o contrato. Por isso, disse, eles deveriam receber uma cláusula penal, um outro exílio de doze anos e mais um ano de vida incógnita. Foi inflexível nessa exigência.

“Os mais velhos, Bhima e os outros, afirmaram que os Pandavas tinham, escrupulosamente, cumprido os termos do contrato; eles não tinham revelado o seu local de estada durante todo o ano; tinham permanecido no exílio por doze anos inteiros. Mas os Kaurava não aceitaram a verdade patente. Prepararam o caminho para a sua própria queda e destruição! Não ouviram a ninguém, não deram ouvidos a nenhum conselho. Juraram que somente o campo de batalha poderia resolver o assunto.

“O que poderia ser feito frente a esse decreto real? Portanto, ambas as partes começaram a se preparar para a guerra – o Rei dotado de poder soberano, Duryodhana; e os requerentes no exílio, os Pandavas! Mas a Verdade e a Justiça aliaram-se aos exilados e, com eles, alguns reis motivados pelos princípios morais. Os outros, em grande número, ficaram do lado do monarca regente, e os Kaurava puderam comandar onze akshauhinis, enquanto que os Pandava reuniram somente sete (um akshauhini consiste em 109.350 soldados de infantaria, 65.610 cavalos e cavaleiros, 21.870 elefantes e guerreiros neles montados e 21.870 carruagens e seu equipamento humano).

“Ouça! A carruagem de Arjuna tem o Senhor Krishna, o Gopivallabha, como condutor. E é só isso, Ele se tornou o condutor do destino dos Pandava. Portanto, os Pandava não tinham qualquer ponto fraco em sua armadura; Ele era toda a força de que precisavam. Mas, apesar disso, no grande drama do Senhor, o papel de Arjuna deu uma virada súbita e inesperada, que surpreendeu a todos.

“Quando o Senhor ordenou a Arjuna que examinasse, da carruagem que Ele mantinha estacionada entre dois exércitos prontos para a batalha, os líderes do inimigo com que ele tinha de se defrontar, Arjuna permitiu que seus olhos reconhecessem, em um relance, os heróis ansiosos para encontrá-lo na contenda; lágrimas imediatamente caíram de seus olhos. Ele as esmigalhou com desalento e pouca disposição. Foi uma cena que encheu os espectadores de vergonha.

“Mas observe que seu avô não foi afligido ou afetado pelo medo ou covardia. Ele viu diante de si Bhima, o avô reverenciado que adorava colocá-lo no colo e cuidava dele como se fosse um filho; viu seu respeitável professor, Drona, com quem aprendera a arte do arco de A a Z. Por isso seu coração lamentou: ‘Ai de mim, isso tem de ser enfrentado por mim, fazer esta guerra sangrenta contra estes grandes ancestrais, pessoas a quem eu deveria honrar com as flores da ternura? Como poderei atirar flechas sobre eles? Terei de ferir os pés aos quais deveria prestar reverência, prostrando-me diante deles?’ O sentimento que o tomou foi realmente o sentimento de adoração. Foi isso que o desanimou, e não qualquer outra emoção enfraquecedora.

“Os sentimentos de ‘eu’ e ‘meu’ cresceram tanto que ele se voltou para Krishna e disse: ‘Krishna, mande a carruagem de volta a Hastinapura, quero ir embora de tudo isso.’ Krishna riu zombateiramente, e comentou com uma ironia pouco disfarçada: ‘Meu querido

cunhado, evidentemente você está com medo de lutar. Bem, eu o levarei de volta a Hastinapura e trarei a sua consorte, Draupadi, no seu lugar; ela não tem medo. Venha, vamos voltar. Não sabia que era tão covarde, ou então não teria aceito o cargo de cocheiro em sua carruagem. Foi um erro grosseiro de julgamento da minha parte.’

“Enquanto Krishna dizia isso e várias outras palavras duras, Arjuna retrucou: ‘Você acha que eu, que lutei com o Senhor Shiva e ganhei a Pasupatha Dele, estou acovardado diante desses simples mortais? É um sentido de reverência e misericórdia que me faz desistir de matar estes parentes. Não é o medo que me retém.’ Arjuna falou muito, debatendo com base em ‘eu’ e ‘meu,’ mas Krishna não apreciou seus argumentos. Explicou a ele os princípios básicos de toda a atividade e moralidade e o fez pegar as armas que tinha deposto. Induziu-o a seguir os ditames da moral e das obrigações sociais da casta dos kshatriyas (guerreiros), à qual ele pertencia.

“Quando, durante a batalha, os guerreiros Kauravas dispararam flechas, simultaneamente, sobre Arjuna, Krishna salvou-o da chuva mortífera, como fizera antes quando ergueu o monte Govardhana para salvar os aldeões de Gokula e o gado das tempestades de granizo lançadas sobre eles pelo irado deus Indra. Ele atraiu todas as flechas para Si e resgatou Arjuna, sentando-o atrás da carruagem, a salvo do ataque mortal. O sangue correu dos ferimentos no Seu corpo mas, apesar disso, resistiu à chuva de flechas enviadas pelo inimigo. Seu objetivo era que Arjuna não se machucasse. Pretendia também reduzir o poder e o orgulho do perigoso oponente e aumentar a glória e a reputação de Arjuna.

“Ele não portava armas, efetuou a aniquilação dos inimigos e proclamou diante do mundo a magnificência do dharma, ao qual os irmãos

Pandavas aderiam. Com freqüência, durante a batalha, seu avô sofreu com o papel que Krishna assumira. ‘Oh, nós O estamos usando para um propósito insignificante, Tu a quem desejamos instalar no Lótus do Coração, estamos sentando-O no lugar do cocheiro. Nós Te reduzimos ao status de um criado. Nós Te desvalorizamos. Estamos reduzidos a este constrangimento!’ ele costumava lamentar-se.

“O mais constrangedor de todos foi um outro ato doloroso que Arjuna tinha de realizar intermitentemente. Sempre que tinha de fazê-lo, Arjuna era tomado por um grande remorso.” Ao dizer isto, Vyasa abaixou a cabeça, como se fosse desistir de falar. Isso acendeu a curiosidade de Parikshith ainda mais e ele pediu: “Mestre! Qual foi exatamente o dano inevitável que ele teve de provocar, apesar do sacrilégio?”

Com isso, Vyasa prosseguiu: “Oh, Rei, no auge da batalha, quando o Mestre tem de dar uma indicação para o homem que age como cocheiro, para qual lado virar, ele não pode esperar ser ouvido, mesmo gritando, se é para a direita ou para a esquerda. O barulho é muito alto e confuso. Por isso, quando está totalmente imerso na excitação selvagem de agarrar o inimigo, ele tem de aguilhoar a frente do cocheiro com o dedão do seu pé direito ou do esquerdo; ele mantém os dedos do pé sempre em contato com as extremidades da frente com esse propósito. O assento do cocheiro fica em um nível mais baixo. Se a carruagem tiver de ir para a frente, ambos os dedos deviam pressionar com a mesma força. Essa era a convenção.

“Como essa pressão tinha de ser aplicada com pés que usavam calçados pesados, ambos os lados da frente do Senhor mostravam, diariamente, sinais de arranhões. Arjuna atormentava-se pela absoluta culpa; odiava a própria idéia da guerra e orava para que o jogo maldito cessasse naquele momento. Ficava transtornado pela agonia, pois tinha de tocar com seus pés a Cabeça que sábios e santos adoravam.

“As palmas das mãos de Krishna, macias e suaves como pétalas de lótus, criaram bolhas, pois tinham de segurar as rédeas curtas, uma vez que os cavalos forçavam muito, quando eram freados ou controlados. O Senhor abriu mão de alimento e descanso, realizando tarefas elevadas e baixas, e mantinha prontos os cavalos e a caruagem em perfeito estado. Ele também realizou outras missões que foram fundamentais para a vitória. Banhava os cavalos no rio, cuidava dos seus ferimentos e aplicava bálsamos para curá-los (para que continuar com esta lista?). Agia como um criado na casa dos seus avós! Nunca assumiu o papel de Soberano Universal que era a Sua verdadeira natureza e posição Foi esta a medida do Seu afeto para aqueles devotados a Ele” disse Vyasa, o Sábio, ao Rei.



CAPÍTULO 24 -PARIKSHITH É AMALDIÇOADO

Parikshith ouviu do sábio Vyasa a sua descrição da profunda devoção e fé inabalável dos Pandavas; estremeceu quando ouviu sobre a Graça do Senhor Krishna que foi derramada sobre eles. O Rei ficou tão feliz que nem notou se era noite ou dia! De repente, foi acordado pelo doce chilrear dos pássaros e pelo canto do galo. Ouviu os cantos com que seus serviçais saudavam os deuses ao amanhecer; os sinos dos templos ecoavam por todo o palácio.

Vyasa também compreendeu que se iniciava um novo dia. Disse: “Filho, devo ir-me agora” e pegando a tigela de água que levava quando viajava, levantou-se e abençoou o Rei, que caiu a seus pés, com grande tristeza. “Oh, a madrugada chegou cedo. Ainda nem apreendi totalmente a grandeza e a glória de meus avós! Ainda preciso ampliar muitíssimo a profundidade de sua devoção e sentido de dever,” lamentou.

Ele revolveu em sua mente os incidentes que ouvira e apreciou a sua singularidade. Ficou tão exaltado que não conseguiu se voltar para os assuntos do reino. Na verdade, evitava tocar neles e buscava ficar a sós. Decidiu ir para a floresta caçar como uma alternativa. Instruiu sobre os arranjos a serem feitos para uma expedição na selva.

Logo depois, os homens trouxeram as notícias de que tudo estava pronto, e que os caçadores e os outros tinham reunido grandes forças. Com o coração pesado, ele arrastou seu corpo até a carruagem e se sentou. Os atendentes, com seus equipamentos, moveram-se tanto para frente quanto para trás da carruagem real. O Rei sentiu, por alguma razão, que não havia necessidade de tantos acompanhantes, por isso pediu que alguns retornassem. Quando eles avançaram, notaram algumas manadas movendo-se. Essa visão colocou o

Rei em atividade. Ele desceu da carruagem e, com o arco retesado, aproximou-se silenciosamente dos animais, seguido de alguns homens. A manada dispersou-se com medo, com os caçadores em seu encalço. O Rei fixou-se em um grupo de animais que fugia e apressou-se em persegui-los sem perceber que estava sozinho, afastado de sua comitiva, que tinha seguido outros rastros.

Já tinha caminhado alguma distância e não pegara nenhum animal. Uma sede terrível começou a atormentá-lo, estava exausto após a perseguição. Procurou freneticamente por água. Com sorte, viu um refúgio, uma cabana coberta de grama. Feliz, correu para ela. Não havia ninguém à vista. O local parecia vazio. Ele chamou, já inquieto, tão alto quanto pode. Com a garganta ardendo, gritou, “sede, sede” queixando-se. Não houve resposta. Quando entrou, encontrou Samika em profunda meditação. Foi até ele chamando-o pateticamente “senhor, senhor”. Mas Samika estava perdido nas profundezas da meditação e não deu nenhuma resposta.

Com isso, o Rei ficou tomado pelo ressentimento e um gosto amargo de ira. Tendo chegado a uma cabana e encontrado o eremita, ainda não obtivera ajuda e continuava com fome e sede; isso feriu o seu orgulho, pois ele era o Regente e o eremita ousara voltar-se para o seu interior quando ele estava ali diante dele, chamando-o. Ficou cego pelas regras da propriedade, e quase não controlou a sua ira. Seu pé tocou em um tipo de corda no chão. Viu que era uma cobra morta. Isso trouxe à sua mente uma idéia má, um desvio do destino. Colocou a cobra morta em torno do pescoço do eremita, sentado como uma estátua, desatento ao sofrimento alheio. E saiu, deixando a cabana, e correu buscando um outro lugar para aplacar a sua sede e conseguir algum alimento.

Alguns meninos viram-no sair da cabana e entraram nela para descobrir por que ele saía e o que acontecera ali, pois tinham visto um estranho vestido com belas roupas. E descobriram a cobra enrolada no pescoço do sábio Samika! Aproximaram-se para examinar e viram que ela estava morta. Perguntaram-se quem poderia ter feito aquela atrocidade. Concluíram que deveria ter sido o homem que acabara de deixar a cabana. Correram para informar Sringi, o filho de Samika, que jogava com seus amigos. Este não deu ouvidos à história, pois achou que ninguém iria insultar seu pai deste modo. Continuou a jogar, mas os meninos repetiram a história e insistiram para que fosse verificar a sua veracidade e confirmar a situação de seu pai com seus próprios olhos.

Sringi ficou surpreso com a insistência e temeu que o incidente realmente tivesse acontecido. Correu para a cabana e descobriu que o inacreditável realmente acontecera. Procurou descobrir o culpado que perpetrara essa atrocidade contra seu reverendo pai. Soube que um homem vestido com roupas reais tinha entrado e saído dali e que não passara ninguém mais por ali desde a manhã. Os meninos tinham concluído que fora obra dele. Com isso, ele correu na direção que eles indicaram para pegar o homem. Logo depois, viu uma pessoa vestida com roupas reais e sua raiva superou os limites. Atirou água sobre o Rei, e diminuindo o passo, lançou a maldição: “Que aquele que colocou uma cobra morta em torno do pescoço de meu pai seja picado por uma serpente no sétimo dia e que ele morra em consequência do veneno naquele mesmo dia.” Os meninos pediram que ele não fizesse aquilo, mas ele lançou a maldição sobre o Rei. Então, voltou para a cabana e deitou-se em um canto, com a cabeça ainda em chamas pela ira.

“Oh, por que meu pai teve de sofrer esta ignomínia se eu estou vivo e por perto? Eu deveria estar morto. Qual a utilidade de um filho estar vivo se ele não pode evitar que insultem seu pai?” condenou-se, lamentando o seu destino. Seus companheiros sentaram-se à sua volta e tentaram apaziguá-lo, pois não era um malfeitor. Tentaram confortar o desconsolado rapaz.

Enquanto isso, o sábio Samika emergiu da sua bem-aventurança interior e retornou ao reino da Consciência. Tirou a cobra morta do seu pescoço e colocou-a ao seu lado. Viu o filho chorando em um canto e acenou para que se aproximasse. Perguntou a razão da sua tristeza e o fez contar a história do estrangeiro e da cobra morta. Samika sorriu e disse: “Coitado! Ele fez isso por ignorância, e revelou essa ignorância. Não estou preocupado com honra ou desonra. O conhecimento do Atma capacita o homem a manter-se equilibrado, sem se elevar quando elogiado ou cair quando censurado. Alguma pessoa rude deve ter feito essa brincadeira boba; como vocês são ainda crianças, estão exagerando o crime; sucumbiram em uma montanha de tristeza. Levantem-se e vão brincar” disse. Fez o filho sentar-se em seu colo e gentilmente afagou sua cabeça para que a tristeza diminuísse um pouco.

Sringi disse ao pai: “Isso não foi uma brincadeira feita por um camponês. Foi um terrível sacrilégio cometido por uma pessoa intoxicada pelo ego vestido como um Rei.” Com isso, Samika perguntou: “O que está dizendo? Uma pessoa vestida como um Rei? Você o viu? O Rei teve essa má conduta? Essa coisa tola jamais deveria passar pela cabeça de um Rei.” Os amigos de Sringi uniram suas vozes à dele e testemunharam que também tinham visto a pessoa responsável por aquele sacrilégio. “Mestre! Vimos a cobra morta e corremos para

buscar Sringi e trazê-lo até aqui. Sringi ficou tão zangado que pegou a água de Kowsiki em sua mão e a atirou naquela pessoa que andava rápido, com a fórmula ritual da maldição: que a pessoa que colocara a cobra morta morreria de uma picada de cobra no sétimo dia a partir de hoje.”

Samika ficou chocado com as notícias e atônito com o comportamento do filho. Empurrou-o do seu colo. “O quê? Você atirou uma maldição dessas? Como o filho de um sábio se comporta dessa maneira? Que maldição calamitosa para uma ofensa trivial! O seu erro nunca poderá ser reparado. Você é uma desgraça para o seu grupo de companheiros, pois não consegue tolerar com fortaleza uma travessura insignificante! Tenho vergonha de dizer que esta criança é meu filho. Você não tem força mental para suportar pequenas afrontas. Oh, que pena! Que a sua infantilidade não atinja a fama de todos os sábios e ascetas; as pessoas dirão que não alcançamos sequer paciência e firmeza elementares! Não me mostre o seu rosto; vê-lo é um sacrilégio. Punir as pessoas pelos erros cometidos é dever de um Rei, não de um recluso na floresta. O recluso que pronuncia maldições não é um recluso.

“Movido pelo anseio de atingir a visão e a Presença do Guia e Guardião de todos os Mundos, o recluso desiste de todos os apegos e estabelece-se na floresta; vive dos frutos e das raízes; denuncia as provisões dos sentidos como um detrimento ao progresso espiritual. Que estas maldições terríveis nascidas da impaciência e do egoísmo tenham vindo à língua de um recluso é um sinal de uma catástrofe iminente: ela marca o início da Era de Ferro da Não Verdade” disse Samika.

“Oh, que grande pecado você acrescentou ao seu fardo hoje” observou. E descreveu para o filho e seus amigos o ato hediondo que Sringi cometera.

CAPÍTULO 25 -A COMPAIXÃO DO SÁBIO

As palavras proferidas pelo pai infligiram grande dor no coração terno de Sringi, o filho; elas foram como estocadas de uma espada ou golpes de martelo; o pobre menino não conseguiu mais suportá-las. Caiu no chão agarrando os pés do pai e pediu: “Pai, perdoa-me. Fui tomado pela ira de que o próprio Rei tivesse se comportado de modo tão ultrajante, tão irreverente e tão desumano. Não pude controlar o meu ressentimento com o insulto imposto a você. Não é apropriado que um Rei se comporte dessa maneira tendo vindo a uma cabana; não é?”

Vendo a sua súplica, Samika, o asceta, abraçou o filho e disse: “Filho, a compulsão do momento é inescapável. Os ditames da razão são muitas vezes afastados do homem devido a sua compulsão. O arrastão do destino destruirá os reinos da razão. A força do momento encara o homem com todos os seus poderes e ele nada pode além de ansiar. Este Rei é um dedicado teísta, um profundo devoto. Conquistou um esplendor espiritual. Estabeleceu-se com um comportamento moral. É o senhor de todas as regiões, sua fama permeou os três mundos. É servido por milhares de homens e mentes leais. Quando deixa a sua mansão e sai, é acompanhado de muitos guardas que o esperam de mãos postas e olhos fixos nele, ao seu menor comando, para que possam ganhar os seus favores executando-os para a sua satisfação. Assim que entrou no reino, o regente deu-lhe uma gloriosa recepção, ofereceu a sua hospitalidade e prestou suas homenagens. Uma pessoa acostumada a esta rica rotina ficou naturalmente chocada quando não recebeu nenhum sinal de boas-vindas aqui; ele não foi sequer reconhecido e honrado. A negligência foi

tão séria que ele não obteve sequer um copo com água para aliviar a sua sede. Ele foi torturado pelas dores da fome e da humilhação, pois não houve sequer resposta, embora ele tenha chamado várias vezes. Portanto, incapaz de suportar a sua agonia e o choque, ele foi levado a cometer este ato impróprio. Naturalmente é uma falha, uma má conduta. Mas você, ao reagir tão asperamente, trouxe um dano irreparável para toda a comunidade de ascetas e eremitas. Oh, que terrível calamidade você invocou!”

O velho eremita fechou os olhos e sentou-se em silêncio por um momento, buscando algum meio pelo qual o Rei poderia ser salvo da maldição. Não encontrando nenhum, e compreendendo que somente Deus poderia consertar este tipo de coisa, pois é todo poderoso e onisciente, orou com todo o seu coração. “Oh, refúgio de todos os Mundos! Esta pequena criança imatura, sem o conhecimento do certo e do errado, do que é dever e do que não é, levado pela ignorância, cometeu este grande dano ao Rei. Perdoe ou puna o menino, mas promova o bem-estar do Rei.”

O eremita abriu os olhos. Viu os ascetas e os jovens companheiros do seu filho à sua volta. Com tristeza disse a eles: “Vocês notaram o dano que meu filho fez? Não é certo que nós, eremitas, insultemos e prejudiquemos o Rei que é o guardião e guia da humanidade, não é?

“Portanto, peço a todos que orem a Deus para que o Rei não sofra danos e que somente coisas auspiciosas sejam-lhe acrescentadas.” Quando o rishi (sábio) Samika dirigiu-se a eles, um velho monge levantou-se do grupo. Era a personificação da paz e da resignação. Disse: “Grande Alma! Você está derramando grandes graças sobre este Rei. A pessoa que pronunciou a maldição é seu filho. Certamente as suas realizações espirituais são muito maiores do que as

do seu filho, e você poder atingir tudo através delas. Por que, então, está tão preocupado com a maldição que este menino lançou contra o Rei? Você pode torná-la ineficaz, não pode?” Com isso, o restante do grupo, os mais velhos e os mais jovens, exclamaram: “É verdade, é verdade! Ouça as nossas preces e perdoe o menino. Traga o bem-estar do Rei e salve-o do mal.”

O sábio Samika sorriu. Fechou os olhos. Viu, com a sua visão iogue interior, o passado e o futuro do Rei e examinou se o seu presente estava condicionado pelo seu passado ou pelo seu futuro. Descobriu que Parikshith teria de sofrer a picada da cobra, Takshaka, e que esse era o seu destino. Viu que tentar salvá-lo deste fim iria contra os ditames da Divindade; compreendeu que o mau comportamento do Rei e a reação zangada do seu filho eram ambos conseqüências daquela necessidade compulsiva. Concluiu que somente Deus, o artífice de todas as resoluções e realizações, poderia modificar os eventos e que qualquer esforço da sua parte seria uma exibição de egoísmo.

Sabia que o egoísmo era o pior adversário dos eremitas, mas ainda assim decidiu não reunir a sua indubitável força contra ele e destruí-lo completamente. Optou por enviar a pequena ajuda que lhe fosse possível para o infeliz Rei. Abrindo os olhos, olhou para os quatro lados para selecionar um discípulo inteligente entre os que estavam reunidos. Finalmente chamou um deles e disse: “Você deve ir imediatamente a Hasthinapura e retornar; prepara-se para a viagem e para voltar a mim novamente”. O aluno respondeu: “Estou sempre pronto para obedecer ao seu comando; que tenho eu com preparações? Estou sempre preparado. Posso partir agora. Diga-me o que devo fazer lá.” Com essas palavras, caiu a seus pés e ofereceu a sua obediência. O sábio levantou-se do seu lugar e levou o aluno para

o aposento interno. Disse em detalhes todos os pontos que teria de transmitir ao Rei. O discípulo novamente prostrou-se aos pés do Mestre e partiu para a capital.

Enquanto isso, o Rei chegara ao seu palácio e, após um pequeno repouso, despertou para a compreensão da enormidade do erro que cometera na cabana. “Oh, a que profundidade a minha mente caiu! É realmente um enorme pecado que eu, o imperador, tenha lançado um insulto sobre aquele asceta.” Lamentou-se consigo mesmo. “Como poderei reparar este crime? Devo ir até a cabana e pedir perdão? Ou deverei oferecer a minha cabeça para a devida punição? Qual será realmente o meu dever agora?”

Então, viu um guarda chegar até a porta e parar em silêncio com os braços cruzados. Perguntou-lhe por que viera até ali. O homem disse: “Um discípulo de uma cabana chegou e espera por uma audiência. Diz que foi enviado pelo sábio Samika. Também diz que a mensagem é urgente e importante. Está com muita pressa. Aguardo as suas ordens reais.”

Quando essas palavras chegaram aos seus ouvidos, o leito de flores de jasmim sobre o qual estava reclinado pareceu ser transformado em um leito de cobras com línguas ígneas, sibilando e enrolando-se em torno dele. Chamou o guarda e despejou pergunta após pergunta sobre o jovem que viera da cabana: como ele era? Parecia triste ou zangado? Ou trazia alegria e equanimidade?

O guarda respondeu: “Oh, Rei, o filho do sábio que veio para a audiência parece calmo e em paz. Repete as palavras: vitória para o Rei, vitória para o nosso Regente. Não vejo ira ou aflição em seu rosto.” Isto deu algum conforto ao Rei. Buscou descobrir qual a resposta que tinha sido dada às perguntas feitas pelo jovem discípu-

lo. O guarda disse: “Dissemos que o Rei havia ido à floresta e que acabara de retornar; estava descansando. Pedimos que esperasse por um momento pois, quando voltasse do descanso, nós o informariamos.” O Rei perguntou: “Qual foi a resposta que ele deu?”. O guarda disse: “Senhor! O jovem está ansioso para vê-lo o mais rápido possível. Disse que tem uma mensagem urgente para lhe comunicar e que seu Mestre aguarda a sua volta contando os minutos. Disse que quanto mais cedo o vir, melhor. Repete o tempo todo: “Que tudo esteja bem com o Rei, que haja segurança e prosperidade para o Rei”. Oferecemos-lhe um assento, mas ele não aceitou. Preferiu ficar em pé junto à porta. Está contando os minutos ali.”

Lágrimas de alegria umedeceram os olhos do Rei. Enxugando-os, ele correu para a entrada, sem colocar as insígnias e nem os mantos, sem sequer calçar as sandálias ou uma veste sobre o peito. Caiu prostrado aos pés daquele filho do eremita. Segurou as mãos dele entre as suas e conduziu-o aos aposentos internos onde o fez sentar-se em um assento elevado e ele mesmo sentou-se sobre o chão. Pediu que lhe fosse dito a razão daquela viagem.

O discípulo disse: “Oh, Rei! Meu Mestre, o Sábio Samika envia-lhe suas bênçãos especiais. Ele enviou-me para comunicar-lhe alguns assuntos especiais,” e dizendo isso, caiu em lágrimas. O Rei exclamou: “Bem, diga-me logo. Estou preparado para dar a minha vida para realizar as minhas obrigações. Meu reino corre algum perigo? Devo tomar alguma medida? Estou pronto para sacrificar tudo para salvá-lo.”

O mensageiro respondeu: “Oh, Rei! Nenhum perigo ameaça o reino ou os eremitas. Nenhum medo os incomoda. Você é a própria pessoa cujo perigo ameaça, a quem o mal atingirá.” Quando deu este aviso, o Rei exultou: “Sou realmente abençoado. Enquanto os

eremitas e os ascetas estiverem seguros, não me incomodo com o que acontecerá comigo. Inalo e exalo para que possa assegurar paz e prosperidade a todos eles.” O Rei aquietou-se e após algum tempo pediu ao discípulo: “Agora, diga-me o que o seu Mestre deseja que eu saiba.” Ele respondeu: “Rei! O meu Mestre está muito preocupado com um erro atroz que foi cometido pela ignorância. Esta é a principal razão pela qual me enviou.”

Ouvindo isso, Parikshith ficou muito agitado. Perguntou: “Qual o erro a que se refere, quem o cometeu? Diga-me, diga-me tudo,” suplicou.



CAPÍTULO 26 -MALDIÇÃO OU ENVIO DE DEUS?

O mensageiro do eremita disse: “Oh, Imperador, o nosso Preceptor tem um filho; embora ele seja de tenra idade, a sua realização espiritual é surpreendente. Ele reverencia o pai como seu Deus e como seu principal objetivo na vida, ele o serve e cuida dele. Seu nome é Sringi. O senhor veio até aquela cabana impelido por algum impulso inescrutável, e colocou uma cobra morta em torno do pescoço do pai de Sringi, que também é o meu Preceptor. Algumas crianças o viram e correram para relatar a Sringi, que estava entretido com alguns colegas. A princípio ele não acreditou e continuou a jogar. Mas as crianças repetiram a notícia com insistência e o sacudiram dizendo que ele continuava a se divertir enquanto o pai tinha sido grosseiramente insultado. Até os colegas riram dele. Então, ele correu o máximo que pode até a cabana e viu que a notícia era verdadeira.

Quando se virou, ele o viu saindo dali, sem qualquer senso de discriminação sobre o que era verdadeiramente significativo e o que era de interesse temporário, e, impelido pela paixão e pela ira, o adolescente perdeu o controle sobre si próprio e pronunciou uma maldição sobre o Senhor. Isso causou uma imensa dor em meu Preceptor.” O Imperador o interrompeu e perguntou: “Oh, filho do eremita, conte-me qual foi a maldição.” O jovem respondeu: “Senhor, é difícil dizer. Minha língua recusa-se a pronunciá-la. Mas devo comunicá-la, pois o meu Preceptor incumbiu-me de dizê-la. O filho do meu Preceptor pegou as águas do sagrado rio Kowsiki em sua palma e pronunciou: ‘Sete dias a partir deste, que o Rei seja picado pela cobra Thakshaka’, uma terrível maldição realmente.” O jovem parou pois a tristeza dominou-o e ele caiu em lágrimas.

Mas o Imperador somente sorriu. Disse: “Jovem eremita, isso é uma maldição? Ser picado por Thakshaka, e isso sete dias depois? Isto não é maldição, é um sinal da Graça! É uma bênção dos lábios do filho do Preceptor. Imerso nos assuntos do império, eu tornei-me omissos com os assuntos do espírito e de Deus, que são os objetivos da minha vida. Como resultado, o Senhor misericordioso, Hari, moveu a língua do filho do Rishi para articular essas palavras. E deu-me um intervalo de sete dias! Que grande bênção! Deve ser a Vontade Divina que eu passe cada momento desses sete dias na contemplação de Deus. A partir deste segundo dedicarei meu tempo e pensamento, sem interferências, aos Pés do Senhor. Jovem amigo, o que mais o seu Preceptor disse que me informasse? Diga-me logo. Meu coração está ansioso para ouvir.”

O jovem mensageiro prosseguiu: “Meu Preceptor sentiu que essa maldição era uma traição imperdoável, pois o Senhor segue o dharma e é um grande devoto do Senhor. Por isso pensou muito quais as conseqüências da maldição que poderia evitar; contudo, concluiu através das suas habilidades de iogue, que o Senhor está destinado a desistir da sua vida como resultado da picada de uma cobra e destinado a atingir a Morada do Senhor através da morte. Sentiu que isso seria um fim que valia a pena e que seria um pecado obstruir tal gloriosa consumação. Por isso enviou, através de mim, suas bênçãos para que possa atingir a Presença de Deus. Agora terminei a minha missão. Posso partir, assim que me liberar.”

Parikshith prostrou-se diante do jovem discípulo e pediu que a sua gratidão fosse comunicada ao grande santo Samika e ao seu filho. Com isso, o discípulo partiu e, chegando à cabana, informou ao eremita tudo que se passara na capital.

Enquanto isso, o imperador foi em grande alegria para os aposentados internos, parou diante da entrada do aposento das mulheres e pediu que seu filho Janamejaya fosse trazido diante dele. Ao ouvir o chamado, o filho perguntou-se o motivo de ter sido convocado tão subitamente e correu ao pai. Parikshith foi até um velho brâmane e, colocando a sua coroa na cabeça do filho, andou descalço com as roupas que usava no momento em direção ao Ganges, confiando o novo Rei ao velho sacerdote.

Em minutos a notícia espalhou-se pelo palácio e por toda a cidade; grupos de homens e mulheres, brâmanes e ministros correram atrás do Rei demonstrando pena. Mas tudo foi em vão. Eles choravam alto, caíram a seus pés, rolaram pelo seu caminho. Ele prosseguia com o Nome do Senhor nos lábios e o Objetivo da Realização em seu pensamento. Movia-se rapidamente em direção às margens do Ganges Sagrado. Ao ver que o Rei partira a sós e desacompanhado para o rio, o Elefante Real, a Casa Real e o Palanquim foram trazidos para que ele subisse em um deles, como era de praxe. Mas o Rei não prestou atenção a isso. A população estava surpresa ao ver o Rei descartar alimentos e bebidas. Ele estava envolvido, sem um minuto de interrupção, na recitação do Nome do Senhor. Como ninguém sabia a razão desta súbita resolução de renunciar, todos os tipos de rumores afloraram baseados na faculdade da imaginação de cada indivíduo.

Porém, algumas pessoas investigaram os antecedentes do evento da renúncia e descobriram que o discípulo de um eremita havia chegado com notícias importantes e, seguindo essa pista, soube-se que o Rei tinha somente mais sete dias de vida; o povo reuniu-se às margens do rio e lamentou pelo Rei, orando pela sua segurança.

As notícias trágicas espalharam-se rápido e chegaram até a floresta. Os ascetas e sadhakas (aspirantes espirituais), sábios e santos também

se deslocaram para as margens do Ganges, com potes de água em suas mãos. O local assumiu a aparência de um grande festival. Ressoava no ar o Pranava (sílabas sagradas), a recitação de hinos védicos e o cantar de um coro pela Glória do Senhor. Alguns grupos repreendiam o filho de Samika que era a causa de toda a tragédia. Logo, em um curto período de tempo, a margem ficou repleta de cabeças humanas, de modo que não podia se ver nenhum grão de areia.

Enquanto isso, um velho eremita, cheio de pena e aflição pelo Imperador, aproximou-se com lágrimas nos olhos e dirigiu-se a ele: “Oh, Rei, as pessoas falam todos os tipos de coisa. Há muitas versões passando de boca em boca. Vim para saber a verdade. Só consigo andar com grande dificuldade. Eu o amo muito e não posso suportar ouvir o que as pessoas estão dizendo a seu respeito. O que realmente aconteceu? Qual a razão deste súbito ato de sacrifício? Qual o mistério por trás da maldição que o filho de um eremita pronunciou contra uma alma tão elevada como a sua? Fale! Satisfaça a nossa ansiedade de conhecer a verdade. Não posso prosseguir enquanto as pessoas sofrem desta maneira. Você é como um pai para elas. Mas você não está prestando atenção aos seus lamentos. Afastou-se de todos os apegos e veio para cá. Pelo menos diga algumas palavras de consolo a elas. Com você sentado em silêncio e faminto às margens do rio, seguindo rigorosos ascetismos, as rainhas e os sacerdotes estão aflitos como peixes fora d’água. Quem é este jovem, cujas palavras causaram esta tempestade? Pode ele ser realmente o filho de um eremita? Ou será somente um disfarce? Tudo isso é um mistério para mim.”

O Rei ouviu as palavras pronunciadas com tanto afeto e equanimidade. Abriu os olhos e caiu aos pés do sábio. “Mestre! Mahatma (grande alma)! O que tenho a esconder de você? Não poderia, mes-

mo se quisesse. Saí para uma caçada na floresta. Vários animais selvagens foram avistados e se espalharam com a nossa aproximação. Um pequeno grupo de arqueiros que estava comigo também se espalhou em busca dos animais. Vi-me sozinho, na armadilha de um jogo, e estava longe do meu séquito. Não havia nada, eu estava sedento e com fome. A perseguição me cansara. Finalmente encontrei uma cabana e entrei. Depois soube que era o refúgio do Rishi Samika. Chamei repetidamente para ver se havia alguém ali. Não obtive resposta e ninguém apareceu. Vi um eremita sentado em meditação profunda, perdido em seu próprio dhyana (meditação). Ao sair da cabana, pisei em algo macio sob meus pés. Levantei-o com meus dedos e vi que era uma cobra morta. Logo que meus olhos a viram, minha inteligência corrompeu-se e ocorreu-me um pensamento tolo. Coloquei a cobra morta em torno do pescoço daquele eremita em dhyana. Isso foi de alguma forma sabido por seu filho e ele não pôde suportar a desonra. E então amaldiçoou-me: 'Que esta cobra em torno do pescoço de meu pai assuma a forma de Thakshaka e acabe com a vida do homem que insultou-o desta forma no sétimo dia a partir de hoje.'

“As notícias desta maldição e das suas conseqüências foram-me enviadas, provenientes da cabana. Estou consciente do pecado que cometi; acho que um Rei capaz deste pecado não tem lugar no reino. Por isso desisti de tudo, de todos os apegos. Decidi usar estes sete dias para uma contemplação contínua da Glória de Deus. É uma grande sorte que esta chance me tenha sido dada. Por isso vim para cá.”

Assim, quando os nobres, os príncipes, as rainhas, os sacerdotes eremitas e outros que estavam próximos a ele vieram a saber os fatos verdadeiros, caíram em si sobre as perspectivas que tinham levantado até então. E oraram em voz alta para que a maldição pudesse perder a sua fatal impetuosidade.

CAPÍTULO 27 -O SÁBIO SUKA

Alguns ascetas que ouviram a história da maldição dos lábios do Rei ficaram tão preocupados com o filho de Samika que declararam que ele devia ser um impostor, um filho indigno, pois nenhuma criança nascida de um Rishi à altura de Samika jamais pronunciaria tal maldição por um ato trivial. Ele devia ser um tolo ignorante ou uma pessoa muito impulsiva, pensaram. Como uma maldição vinda da língua de tal pessoa poderia causar mal? O Rei não deveria sofrer o mal como uma consequência dessa maldição, eles afirmaram. Tentaram convencer o Rei que ele não precisava temer nada.

Muitos que pensavam o mesmo argumentaram que o Rei não tinha razão de levar a maldição a sério, mas ele não se moveu. Respondeu a eles, unindo as mãos: “Vocês pensam e falam dessa forma levados pela compaixão e gentileza para comigo. Mas sei que o erro que cometi não foi trivial e sem importância. Haverá pecado maior do que lançar um insulto a quem merece ser reverenciado? Além disso, sou o Rei, responsável pelo bem-estar e manutenção da honra. Como o meu ato poderá ser esquecido sem ser considerado? E se o analisarem profundamente, a maldição pronunciada pelo menino não é uma calamidade, de forma alguma, mas uma grande bênção.

“Pois eu caí no poço do pecado chamado império. Iludi-me com a crença de que o prazer é tudo e a finalidade da vida. Levei uma vida de um animal. Esqueci-me de Deus e dos meus deveres para com Ele. O próprio Deus dirigiu-me por estes meios e através de um instrumento para o caminho correto. Deus abençoou-me. Isto é uma liberação e não uma punição por erros passados, como vocês imaginam.”

Quando o Rei disse isso, lágrimas de alegria e agradecimento correram dos seus olhos. Ele ficou visivelmente tocado pela extrema sin-

ceridade e devoção. Pronunciou o que sentia com um contentamento calmo e tranqüilo. Os ascetas e seus discípulos ficaram surpresos com a sua equanimidade. Sabiam que aquela declaração era verdadeira.

O asceta mais velho levantou-se diante da multidão, à qual se dirigiu da seguinte maneira: “Oh, melhor dos Reis! Suas palavras são raios de sol para o coração dos ascetas. Elas são apropriadas à sua linhagem e criação, pois você é um Pandava por nascimento. Os Pandavas nunca caíram no erro ou no pecado. Estavam sempre aos Pés de Hari, o Senhor. Quando o Senhor retornou à Sua morada, eles desistiram do reino como resultado de uma renúncia espontânea e partiram para as regiões do Norte. Você também está seguindo este caminho sagrado hoje, pois pertence a esse grande clã que herdou este modo de vida.”

Com isto, o Rei orou a eles com as palmas postas em adoração: “Oh, melhores entre os ascetas! Tenho somente uma dúvida, Por favor, retirem-na da minha mente. Tornem meus dias mais dignos.” “Fale, oh Rei,” responderam os ascetas. O Rei desejou que lhe dissessem o que um homem a quem a morte era iminente deveria fazer de melhor. Com isso, um sábio levantou-se e disse que, até quando o tempo permitisse, ele deveria realizar yajnas (sacrifício ritualístico), ou yagas (cerimônia religiosa), ou japa (oração e repetição do nome de Deus) ou tapas (austeridades), atos de caridade, peregrinações ou jejuns, ou rituais de adoração. Outro declarou que a liberação poderia ser adquirida somente através da aquisição de jnana (conhecimento) -Jnanadevathu Kaivalyam; um terceiro falou da suprema importância dos atos sagrados prescritos nos Vedas e Shastras (escrituras sagradas) -Karanyaivathi Shamsiddhi. Outros argumentaram que cultivar a devoção a Deus seria o melhor método a ser usado naquela semana -Bhakthirvasah Purushah -o Senhor é alcançado so-

mente através da devoção. Nesta confusão de opiniões conflitantes, o Rei buscou o verdadeiro caminho e os ascetas foram silenciados pela persistência dele em conseguir a verdadeira resposta para o problema que lhe fora proposto.

Enquanto isso, um jovem asceta, com uma face extraordinariamente brilhante e uma personalidade de atraente esplendor, moveu-se entre os sábios mais velhos como um regato rápido de luz e, chegando à presença do Rei, sentou-se em um ponto elevado. Os outros ficaram surpresos com aquela aparição. Alguns foram atingidos pela curiosidade sobre os seus antecedentes. Na aparência externa, ele era um munikumar, isto é, o filho de um asceta. Mas o seu modo, a pose e postura, a sua personalidade, todas afirmavam que era um Mestre. Pela idade, era muito jovem. Mas havia uma auréola divina banhando-o.

Logo um sábio mais idoso identificou-o e aproximou-se reverentemente com as mãos postadas. “A bênção caiu sobre nós realmente. Este raio de Divina efulgência não é outro senão Sri Suka, a cria preciosa de Vyasa Bhagavan.” Apresentando o desconhecido ao povo reunido, o sábio continuou: “Desde o momento do nascimento este ser está livre de todos os apegos. É o Mestre de todo o conhecimento.” O Rei, ao ouvir isso, derramou lágrimas de gratidão e alegria. Levantou-se como uma pipa no ar, tão leve e cheio de alegria e depois prostrou-se aos pés dele. Suas mãos estavam postadas em prece quando se levantou e estava ereto e silencioso como um pilar. Estava imerso em bem-aventurança. Visualizou o jovem à sua frente como o próprio Krishna. O esplendor de Suka era muito brilhante para os seus olhos. Seu encanto pareceu ao Rei igual ao do Deus do Amor. Os cachos de cabelo preto moviam-se como serpentes negras sobre a face ovalada e branca. Como estrelas entre nuvens escuras, seus

olhos tinham um brilho extraordinário. Um sorriso derramava gotas de alegria de seus lábios.

O Rei aproximou-se de Suka com passos lentos, sua voz estava baixa e indistinta, sua garganta vibrava pela emoção. Disse: “Mestre! Não tenho forças para descrever a profundidade da sua Graça. Cada ato seu visa ao bem-estar do mundo. É na verdade muita sorte minha que eu receba o seu darshan (bênção pela visão) hoje, com tanta facilidade, pois sei que ela só pode ser obtida através de prolongados e persistentes esforços. Oh, como tenho sorte. Devo atribuí-la ao mérito dos meus avós.” O Rei estava tomado pela alegria e gratidão com a presença de Suka. Colocou-se em pé com as lágrimas de alegria brilhando em seus olhos.

Com um sorriso pairando nos lábios, Suka dirigiu-se para o lado do Rei. Disse: “Oh, Rei, você segue, sem dúvida, uma conduta moral reta e firme. A sua intenção é servir ao bem e ao Divino. Sua vida de méritos reuniu este grande grupo de sábios à sua volta hoje. Se não, estes ascetas, que estão preocupados com a disciplina espiritual, não teriam deixado os seus afazeres para vir até aqui e orar para que você possa atingir a realização do mais Elevado. Isto não é um ato de caridade! Você ganhou este presente por várias vidas vividas apropriadamente e com virtude.

O Rei olhava com devotada admiração para o rosto de Suka, enquanto este lhe falava. De repente levantou a cabeça e dirigiu-se ao jovem sábio dizendo: “Senhor, tenho uma dúvida que me incomoda. Resolva-a e dê paz ao meu coração. Eu a estava colocando para a assembléia à sua chegada. Você pode resolvê-la rapidamente, eu sei. Deve ser uma brincadeira de criança para você.” Suka o interrompeu e disse: “Parikshith, a razão pela qual vim até você é resolver esta dúvida que o importuna.

Pode perguntar o que tem em mente. Eu a resolverei e garantirei a sua satisfação.” Quando o grande Suka pronunciou estas palavras, os sábios ali reunidos exclamaram: “Que grande sorte! Que seja abençoado.” E bateram palmas tão alto que o ruído atingiu o céu.

O Rei falou com humildade e evidente ansiedade: “Senhor! O que uma pessoa que está diante da morte e que está consciente do seu fim deve fazer? O que a sua mente deve encarar? Após a morte, ele não deverá nascer novamente. Sendo essa a sua súplica, como deverá passar os dias que tem à sua disposição? Este é o problema que me aflige atualmente. Qual o meu mais elevado dever?” O Rei novamente orou por uma orientação.

Suka respondeu: “Rei! Afaste a sua mente dos pensamentos mundanos e fixe-a em Hari, o Senhor que encanta todos os corações. Eu o instruirei na sabedoria do Divino, o Bhagavatathatwa. Ouça com todo o coração. Não há atividade mais sagrada do que esta. Não pode haver maior exercício espiritual, ou disciplina, ou voto. O corpo humano é um barco digno. A história de Hari é o leme, este mundo de mudanças, este fluxo constante, este Samsara (roda de nascimento e morte) é o mar. Hari é o barqueiro. Hoje este equipamento está disponível para você.

“O problema que você levantou não diz respeito somente a um indivíduo. O mundo inteiro preocupa-se com ele e busca a sua solução. É o mais vital de todos os problemas que merece uma pesquisa. O princípio do Atma é a panacéia para todos. Estabelecer-se na fé nos dias finais é dever dos seres vivos. É baseado nisto que a condição do próximo nascimento é determinado. Por isso, a questão que você fez e a dúvida que levantou são assuntos importantes para o bem-estar do mundo inteiro. A resposta não é somente para você. Ouça.”

CAPÍTULO 28 -A HISTÓRIA ENCANTADORA

O sábio Suka iniciou a sua mensagem extraordinária para o Rei. Disse:

“Maharaja! A grande árvore que o é o Bhagavata verdadeiramente inspira um profundo respeito. Tem nela incorporada todas as fontes concebíveis de augúrio e alegria. O Senhor Sri Narayana é a semente da qual ela brotou. O broto é Brahman. O tronco da árvore é Narada¹⁸. Vyasa constitui os ramos. Seus doces frutos são a história de néctar de Krishna. Aquelas almas ansiosas que buscam este néctar e definham lamentando, independente do conforto do corpo ou da passagem dos anos, até que atinjam o fruto e vertam a sua essência, estes são os verdadeiros santos e iogues.

“Oh, sim, ascetas e sábios. Hoje estou narrando para vocês o Bhagavata Shastra, a história encantada de Krishna; guardem-na em sua memória e salvem-se da ilusão e da tristeza. Vocês já ouviram a recitação de todos os Shastras. Também já dominaram todos os sadhanas (disciplinas espirituais). Mas ainda não conheceram o maior de todos eles. Agora, eu lhes darei o Nome Sagrado de Krishna e a doçura que Dele flui. É o Nome mais doce que alguém pode conceber. Quando Ele chega aos ouvidos, o coração se enche de alegria; quando é lembrado na memória, uma corrente de amor brota do coração. O Bhagavata inspira e promove uma profunda devoção pelo Senhor Krishna.

“O Universal Absoluto, Aquele que não nasceu, o Sem Forma, o Imanifesto, o Infinito, tomou as limitações do Nome e da Forma e

18 Narada: sábio celestial, conhecedor da lei e de textos sobre o dharma.

concretizou-se como Avatares (encarnações) em várias ocasiões e manifestou incontáveis casos da Intercessão e Graça Divinas. Através deles, assim como das características assumidas e das idéias propagadas, Deus salvou a humanidade da queda. Aqueles que cantam a história desta Glória, os que ouvem ansiosamente o recital, os que estão embebidos e digerem as lições transmitidas, estes são os verdadeiros devotos. Eles são os Bhagavatas, os que seguem o caminho estabelecido pelo Bhagavata. O Bhagavata liga bhakta (devoto) com Bhagavan (divindade). Isso significa que a história o preenche com Deus e o transmuta na Divindade.

“Deus encarna não meramente para a destruição dos perversos; isso é somente uma desculpa, uma das razões mais evidentes. Verdadeiramente falando, Deus encarna pelo bem dos bhaktas. A vaca tem leite primeiramente para manter seu bezerro, mas é usada pelo homem para manter a sua saúde e energia. Também Deus encarna primeiramente para o sustento dos que têm fé, dos devotos, dos virtuosos e dos bons. Porém, mesmo os que não têm fé e os maus utilizam a chance em proveito próprio. Portanto, no Bhagavata, as histórias destes fracos se misturam aos registros da Glória e da Graça de Deus. Isso não torna o Bhagavata menos sagrado. Quando o suco doce é extraído da cana de açúcar, o bagaço é descartado. Quando a doçura da Majestade Divina foi testada, o bagaço poderá ser atirado fora. A cana possui bagaço e açúcar, e não somente açúcar. Também os devotos devem se encontrar em meio aos que não têm fé; uns não existem sem os outros.

“Deus não tem limites de tempo e espaço. Para Ele todos os seres são iguais. Ele é o dono dos vivos e dos não-vivos. Na conclusão de cada éon, o processo de involução é completo no Dilúvio;

então, a evolução começa novamente e, como Brahma, Ele cria novamente os seres. Ele ilumina cada um com uma centelha da Sua própria Glória e cria o caminho da realização para cada um deles como Vishnu. É Ele novamente, como Shiva, que conclui o processo com a destruição de tudo. Portanto, vocês podem ver que não há limites para a Sua Força, para a Sua Potência. Não pode haver limites para a Sua Realização. Ele encarna de incontáveis maneiras. Ele vem como uma encarnação de Kala (fragmento) Dele ou como Amsa (parte) Dele. Vem como um inspirador interno com algum propósito definido. Vem para fechar uma época e inaugurar outra (Yuga Avatar). A narrativa destas Encarnações é o Bhagavata.

“O Principio Divino Único trabalha através de três Formas, como Brahma, Vishnu e Shiva para manipular e completar o processo de formação da existência chamado Srishti. Os três são fundamentalmente a mesma essência; não há maior ou menor, todos os três são igualmente Divinos. Associado à Criação, Ele é Brahma; com a proteção, Ele é Vishnu; com a Dissolução, Ele é Shiva. Quando vem assumindo uma forma especial, em ocasiões especiais para um propósito específico, é conhecido como Avatar. Na verdade, Manu e Prajapathi e outros Seres são Pessoas Divinas confiadas por Brahma com a missão de povoar o mundo. Tudo acontece em harmonia com a Vontade Divina. Portanto, podemos afirmar que os santos, os sábios, os ascetas e os homens bons e maus são todos Avatares da Entidade Vishnu. Os Avatares são incontáveis como são os seres vivos, pois cada um nasce como conseqüência da Vontade Divina. Mas somente a história de um Yuga Avatar é digna de uma leitura cuidadosa, pois o seu Advento é restaurar o dharma e a vida moral. A história de todo o resto nada mais é do que uma história de angústia e desespero.

“Brahma delegou Manu para vir à Terra e criar os seres vivos; Devi, o Princípio Feminino, iludiu-o e levou a Terra para as regiões inferiores. Brahma teve então que buscar ajuda de Vishnu (Hari) e Este assumiu a Forma de um Javali e trouxe a Terra daquelas regiões e colocou-a entre as águas. Mais tarde, a Terra ficou tão exasperada pelas atrocidades do Imperador Vena que manteve todas as sementes plantadas dentro de si e não permitiu que elas brotassem. Então todos os seres foram afligidos pela agonia da fome. A terra tornou-se uma miscelânea de colinas e vales sem verde. Então o Senhor assumiu a Forma de Prithu, que nivelou a superfície, adicionou fertilidade ao solo, induziu o crescimento da agricultura e promoveu o bem-estar da humanidade. Cuidou da Terra como a um filho e por isso ela é chamada de Prithivi. Diz-se que ele construiu as primeiras cidades sobre a Terra.

“Isso significa que é a Vontade do Senhor que deve ser seguida. É essa Vontade que é trabalhada. O Senhor originou os Vedas para a preservação do homem através das práticas da moral e dos exercícios espirituais. Os Vedas contém Nomes que liberarão os seres e as regras e regulamentos que guiarão os homens. Quando os Asuras, ou mentes más, ameaçaram roubar os Vedas, eles se esconderam nas águas e o Senhor assumiu a forma de um Peixe para pegá-los. Ele salvou os Sete Sábios e Manu destas mesmas águas. Esta é a razão de ser dito que o Senhor encarnou como um Peixe.

“Oh, ascetas! Oh, Rei Parikshith! Dúvidas podem surgir em suas mentes quando ouvem a história da Criação e o início da história do homem sobre a Terra. Os processos da Vontade Divina são maravilhas misteriosas. Elas não podem ser compreendidas pelas faculdades com as quais vocês medem os eventos terrenos. Com frequência podem senti-las como destituídas de qualquer base, mas o Senhor

nunca Se envolverá em qualquer ato sem uma causa apropriada. Essa Vontade não precisa ser explicada; é a sua própria causa. Tudo em todos os lugares é devido à Sua Vontade.

“Para iniciar a Criação é preciso haver alguma atração que agirá como estímulo. Por isso, Brahma teve de se tornar dois, corpo e atividade. O Corpo Único foi transformado em dois e, portanto, onde havia primeiramente uma Vontade, surgiram duas, uma que atraía e a outra voltada para a criação, o feminino e o masculino. A que atraía em centenas de maneiras distintas foi chamada Satharupa (mil faces) e a amada de Brahma (Brahmapriya). A outra foi chamada de Manu. Estas duas ganharam renome no primeiro estágio da Criação. Satharupa e Manu foram os primeiros progenitores.”



CAPÍTULO 29 -O DIÁLOGO INICIA

Descrevendo os estágios da Criação, o sábio Suka disse: “Satharupa e Manu, juntos, aproximaram-se do Senhor da Criação e perguntaram o que deveriam fazer. Brahma respondeu com um sorriso: ‘Sejam companheiros um do outro; procriem e povoem a Terra.’ Dotados da autoridade derivada dessa ordem, eles encheram a Terra de pessoas.

O Rei interferiu: “Mestre! Aprendi com a minha própria experiência que a origem de toda a tristeza neste mundo é a paixão, ou moha. Não desejo ouvir sobre estes assuntos, por favor diga-me como superar a paixão, a ilusão e o apego. Nos seus últimos dias, o que deve o homem fazer? Qual o Nome que deve manter constantemente na mente para evitar a roda do nascimento e morte? Fale-me sobre isto”, pediu.

Suka ficou feliz com a pergunta. Respondeu: “Oh, Rei! Você é uma alma espiritualizada. Serve aos sábios com devoção. Esta grande reunião de monges, ascetas e sábios é uma prova dos seus atos meritórios, pois eles não se reúnem em qualquer lugar.” O Rei interrompeu-o com protestos: “Não, não, meu Senhor. Sou um grande pecador. Não tenho sinais de progresso espiritual em mim. Se tivesse ao menos um mérito, se tivesse servido aos sábios com devoção, não teria me tornado o alvo de uma maldição do brâmane. A sorte que tenho agora, a companhia destes grandes sábios e a oportunidade de adorar os Seus Pés é a conseqüência dos atos meritórios dos meus antecessores. Sei muito bem que as minhas atividades não contribuíram para nada. A Graça que Shyamasundara (Krishna) verteu sobre meus avós é a causa. Se fosse de outra maneira, pessoas como eu, mergulhadas no poço de samsara, imersas na busca vã do prazer sensorial, que

não contemplam por um momento a Verdade, o Eterno e o Puro, poderemos um dia esperar vê-Lo diante de nós na forma coerente da sua presença, sussurrando nos silêncios das florestas, desconhecido do homem? Realmente isto é muito boa sorte. Tudo isso devido às bênçãos dos meus avós e a Graça de Shyamasundara (Krishna), nada mais. Você tem afeto por mim e por isso atribui a mim este mérito. Mas tenho plena consciência das minhas falhas.

“Por favor, continue a verter sobre mim o mesmo afeto e ajude-me a decidir de que deve desistir uma pessoa cuja morte é iminente, o que deve ser adotado e o que deve ser praticado. Aconselhe-me e torne meus dias mais dignos. Somente você pode resolver isto para mim. Relate-me o Bhagavata, como mencionou. Você disse que ele é a base para o progresso e a liberação, que destrói os pecados e que resulta em prosperidade. Deixe-me sorver o sagrado néctar do Nome de Krishna e refrescar-me deste calor efervescente,” pediu.

Suka sorriu para o Rei e disse: “O Bhagavata é uma referência valiosa aos Vedas, digna de estudo e observância. No final da era de Dwapara, na montanha de Gandhamadana, na cabana de meu pai Vyasa, ouvi este texto sagrado. Ouça.” Com isso, o Rei pediu com as mãos postas em prece: “Oh, incomparável Sábio! Ouvi que você foi asceta do desapego desde o momento do nascimento. Mesmo sem os tradicionais ritos cerimoniais que purificam e esclarecem o intelecto (tais como Jathakarma, Namakarma e Upanayana) você teve a total conscientização da Realidade e ouvi que você caminha na consciência da Verdade, longe dos homens, nas florestas. Portanto, estou surpreso que o seu coração tenha sido atraído para este texto que você diz ser saturado de devoção. O que causou o seu interesse neste caminho? Peço que descreva estas circunstâncias para mim.”

Suka começou a explicar com um imperturbável semblante: “Sim estou além das prescrições e proibições. Estou na emergência contínua do Nirguna Brahma sem atributos. Essa é a verdade sobre mim. Contudo, devo declarar que existe uma doçura inexprimível em Deus que me atrai e cativa para Suas Atividades e Atributos Esportivos. Devo confessar também que ouvi a descrição da beleza e da doçura de Deus. Minha mente deliciou-se ao ouvir e ler as Glórias de Deus, a manifestação dos Seus atributos divinos através de cada um desses. Não pude permanecer em paz. Exultei como um louco, trêmulo pela bem-aventurança derivada desse ouvir e ler. Suas travessuras e brincadeiras embriagaram-me com alegria infinita. Neste dia vim para cá, pois fiquei ciente de que havia uma oportunidade de relatá-las para um grupo de ouvintes ávidos que, em todos os aspectos, mereciam ouvi-las e compreender o seu significado. Portanto, relatarei esse Bhagavata sagrado a você e, através de você, aos personagens reunidos aqui. Você possui a avidez e a capacidade suficientes para ouvi-lo. Você resolveu atingir o objetivo mais elevado do homem.

“Aqueles que ouvirem esta narrativa com sincera devoção (não meramente ouvirem), refletirem sobre o seu valor e significado e agirem de acordo com a Luz lançada sobre suas mentes, esses mergulharão na Bem-Aventurança da qual Vasudeva, o Senhor, é a personificação. Seus corações ficarão repletos com o doce néctar da Personificação do Encanto Cativante (Madanamohana) e experimentarão Adwaitananda, a Bem-aventurança de ser Um Só. O mais elevado sadhana (disciplina espiritual) é a recitação do Nome de Deus com total vigilância de pensamento, sentimento e expressão (Manovakaya) e o canto em voz alta da Sua Glória. Não existe disciplina espiritual melhor.

“Oh, Rei, não se perca na ansiedade, pois o tempo é curto. Não há necessidade de muito tempo para ganhar a Graça de Deus. Os raios da Graça da Personificação da Compaixão podem verter sobre você tão rápido quanto um piscar de olhos. Eu o farei ouvir durante estes sete dias as histórias de várias pessoas que experimentaram a bem-aventurança espiritual, como Vasudeva os abençoou com o progresso espiritual, como atravessaram o Oceano do Nascimento e da Morte por terem ouvido essas histórias e cantado a Glória do Deus que está manifesto nelas. Não perderemos um único momento. Você tem consciência de só ter mais sete dias de vida. Portanto, desista do sentido de “meu” e “deles,” do corpo no qual vive e da casa na qual o corpo vive. Fique atento somente à história de Madhava, o Senhor do Universo; beba das narrativas doces das Encarnações do Senhor. É uma ocorrência comum que estas histórias sejam narradas e ouvidas por milhares de pessoas reunidas. Mas Jnana (conhecimento) pode ser atingido somente colocando-se uma fé inabalável naquilo que é ouvido. Essa fé deve resultar de uma mente limpa, de um coração puro.

“Outro ponto, oh Rei, é que existem inúmeros expoentes que discursam sobre os assuntos morais e materiais baseados no mero estudo; eles não têm nenhuma experiência daquilo que pregam. Não têm fé na autenticidade das várias Manifestações da Glória Divina sobre as quais discursam. Isso é tão ineficaz quanto a oferenda de ghee (manteiga clarificada) sobre cinzas em vez de sobre as chamas. Não curará a mente de suas falhas e fracassos.

“No seu caso, não há receio dessa ineficácia. O seu coração está imerso no fluxo ininterrupto do Amor por Shyamasundara (Krishna). Aquele que ouvir esta narrativa e beber do néctar da sua história com o coração radiante de alegria pelo anseio divino, com a fé ina-

balável em Deus e constante êxtase, poderá atingir a realização do Ser. Isso está além do reino da dúvida. Oh, Rei! Esta ocasião, este texto e este ouvinte são todos apropriados e excelentes”.

Dizendo “Oh, como você é afortunado!”, o sábio Suka colocou a mão sobre a cabeça do Rei, abençoando-o. Acariciou os abundantes cachos de seu cabelo. O Rei pediu com mais humildade: “Mestre! O senhor bem sabe que tenho pouco tempo diante de mim. Portanto”, continuou com as mãos postas, “dê-me a mais alta orientação e nela eu hei de me estabelecer nestes sete dias. Dê-me a fórmula sagrada para que eu possa repeti-la no curto tempo de que disponho, mantê-la fresca em minha mente e me salvar.”

O sábio riu. “Parikshith! Os que estão ligados aos prazeres sensoriais passam seus dias com pressa, ansiedade e dor, lamentam e choram por um longo período da vida, procriam como animais e pássaros, comem boa comida e a devolvem como urina e fezes. Esta é a vida sem propósito que a maioria das pessoas leva. Você pode chamar isso de processo de vida? Um número enorme de seres vivos existe sobre a Terra. Viver não é suficiente; não tem valor por si só. O que importa são os motivos, sentimentos, pensamentos e atitudes, que formam o dia-a-dia da vida. Se uma pessoa possui qualidades divinas manifestando-se como pensamentos, sentimentos, etc., então ela está viva. Ao contrário, se uma pessoa corrompe o seu encapsulamento sagrado (o corpo), utilizando-o para propósitos não sagrados que trazem a felicidade momentânea, ignorando a Providência que tudo sabe, que é toda poderosa, ela estará condenada, como uma negação calculada da sua humanidade. Veja o caso de uma pessoa que tem a mente voltada para os Pés de Lótus do Senhor (Hari). Não importa se a sua vida é curta. Durante esse período ela

pode torná-la frutífera e auspiciosa. Oh, Rei, para retirar a sua dúvida contarei a bela história de um Rajarshi. Ouça.

“Na dinastia solar, houve uma vez um regente que era poderoso nas proezas, heróico no campo de batalha, prolífico na caridade, correto no caráter e nas suas negociações. Seu nome era Khatvanga. Não tinha igual, ninguém que pudesse desafiá-lo. Enquanto isso, os malvados Daityas e Danavas reuniram suas forças para guerrear contra os Devas (deuses). Estes temeram ser superados. Compreenderam a sua fraqueza e vieram à Terra buscar ajuda com o Rei Khatvanga. Este ansiava pela aventura de uma batalha. Por isso, reuniu arco e flechas e, guiando a sua carruagem, rumou para o cenário da guerra. Ali, fez tremer os corações dos Daityas e Danavas por puro terror do seu valor. O inimigo fugiu em pânico, incapaz de enfrentar a terrível carnificina. Como é imoral subjugar um inimigo que foge, Khatvanga desistiu de outras manobras.

“Os deuses (devas) ficaram felizes por terem conseguido a vitória através da ajuda de Khatvanga. Eles louvaram a sua força e o seu sentido de retidão. ‘Oh, Rei, não há ninguém que possa ser comparado a você na história contemporânea. Você nos garantiu o sucesso nesta luta mortal contra as forças diabólicas. Desejamos que aceite de nós, em retribuição, qualquer ajuda que precise e que possamos prestar.’ O Rei disse a eles: ‘Sim, deuses! Yajnas e yagas são realizados pelo homens para agradá-los, não é? Esta batalha, na qual tive o privilégio de participar, é portanto um yajna até onde compreendo. O que mais preciso fazer do que esta Graça que derramaram sobre mim? Somente isso já é adequado.’ Declarando isso, caiu aos pés dos deuses.

“Não satisfeitos com esta resposta, os deuses insistiram para que pedisse uma dádiva deles. Embora não tivesse nada em mente, ele

foi forçado a formar um desejo, pois sentiu que não iria ser deixado em paz. Finalmente disse: ‘Sim, deuses! Revelem-me quantos anos mais viverei. Somente então poderei decidir qual a dádiva que posso pedir a vocês.’ Purandara (Indra), o monarca dos deuses, que tudo sabe, sem se demorar um momento, respondeu: ‘Oh, Rei, sua duração de vida está quase no final. Poderá viver somente por mais um muhurtha (período de alguns minutos).’ Ao ouvir isso, Khatvanga disse: ‘Não tenho nada a pedir. Não preciso de nada. Sinto que todos os prazeres deste mundo e do próximo são coisas menores a serem descartadas. Não entrarei mais na corrente do prazer sensual. Dêem-me a alegria de atingir a Sublime Presença do Senhor, da qual não há retorno, e para qual toda a vida é dedicada.’ Então, sentou-se com os olhos fechados repetindo o Nome de Deus e, no final do muhurtha, atingiu os Pés de Lótus de Hari (Deus).

“Veja como em poucos momentos ele retirou da mente todos os apegos aos prazeres objetivos. Khatvanga foi capaz de atingir os Pés de Lótus, onde poucos ousam se aproximar. Você tem sete dias, mas ele tinha somente alguns minutos. Portanto, não há razão para se sentir ansioso. Durante estes dias, purifique a sua consciência interior ouvindo atentamente a melhor e mais sagrada narrativa da manifestação de Deus.”

Com isso, Parikshith derramou lágrimas de alegria, lembrando-se da suprema bênção obtida pelo grande devoto Khatvanga. Exclamou: “Mestre! Instrua-me o que fazer agora. Não tenho palavras para expressar o meu anseio. Meu coração está inundado de bem-aventurança.” E sentou-se em pétreo silêncio.

Suka aconselhou: “Arme-se com a espada do desapego. Corte em pedaços o afeto ilusório pelo corpo. Desista do ‘meu’ que o faz agar-

rar-se à sua família. Sente-se firmemente às margens deste rio sagrado.” Então, quando Suka estava para iniciar sua narrativa, Parikshith pareceu ansioso para formular uma pergunta. Ao ver isso, Suka disse: “Você parece estar confuso com algo. Pergunte-me o que deseja saber e tenha a dúvida retirada da sua mente”. Imediatamente o Rei disse: “Mestre! Você é, sem dúvida, um Oceano de Compaixão. Como uma bela refeição para alguém faminto, suas palavras trazem um conforto refrescante ao meu coração ardente. Reverendo Preceptor, você me falou há alguns minutos sobre o início da Criação. Não o compreendi claramente. Por que Parabrahman, o Sem Atributos (Sem Forma, Imanente e Transcendente) assumiu a Forma e os Atributos? Fale-me a respeito disso”. O Rei sentou-se na expectativa, atento, orando sinceramente e ansioso para ouvir e aprender.



CAPÍTULO 30 -O CAMINHO DO BHAGAVATA

O sábio Suka acomodou-se e começou: “O Senhor Supremo e Soberano manifestou-se como Brahma, Vishnu e Maheswara, através da inspiração do Desejo Primordial (moha) ligada à criação, nutrição e destruição dos mundos. Portanto, naquilo que é criado existe sempre o princípio do Dualismo. Existe uma diferença e disparidade entre os dois. Se essas diferenças e disparidades forem harmonizadas com sabedoria, o mundo terá felicidade e paz. Se, por outro lado, os seres vivos se comportarem erroneamente, o mundo será mergulhado em ansiedade, miséria e confusão. Quando isso surge, o Senhor assume Formas apropriadas e traz a proteção e correção necessárias. Ele repara o mundo danificado, remove as forças do mal que causam o dano e instrui a humanidade na ciência de nutrir o correto e o bem.

“Não é possível limitar a liberdade de Deus de assumir Formas. Ele adota Formas intermináveis para Se manifestar no mundo e salvá-lo. Sua encarnação ocorre em conformidade com a necessidade da crise naquele momento. Quando a Terra lamentou a injustiça de Hiranyaksha, Ele surgiu como um Javali, assumindo a Forma e equipado com os atributos, embora em essência não tenha Forma e nem Atributos. A Vontade de Deus é misteriosa; não pode ser explicada por categorias ou como conseqüências. Está acima e além do raciocínio e imaginação humanas. Pode ser compreendida somente por aqueles que O conheceram, e não por aqueles que adquiriram uma erudição ou um intelecto aguçado. As causas e as conseqüências estão integralmente relacionadas.

“Um dia, quando Brahma estava repousando em Seu trono, viu um javali tão pequeno quanto a ponta de um dedo. Ele, que as-

sumira a exuberância na Forma humana, soube o porquê e a causa de tudo; mas fingiu não saber e olhou para o pequeno javali com surpresa. Enquanto isso, ele se desenvolvia cada vez mais rápido e maior como um sapo, um rato e um gato e nas proporções de um elefante monstruoso bramindo. Brahma sorria interiormente. Logo o Javali cresceu tanto que parecia cobrir a terra e o céu; deslizou para o mar e emergiu dele com a Deusa Terra (que se escondera sob as águas através da humilhação) sã e salva em suas presas.

“Enquanto isso, ouviu-se um grito vindo de trás: ‘Seu porco miserável! Para onde está fugindo? Pare onde está.’ O Javali não prestou atenção ao grito. Continuou como se nada tivesse ouvido. Então, Hiranyaksha, o chefe dos ogros de mente maligna, confrontou-o como um monstro terrível e desafiou-o a vencê-lo. Houve um combate mortal entre os dois. Testemunhando os golpes e contragolpes pavorosos, a Deusa Terra tremeu com medo, mas o Javali consolou-a dizendo: ‘Oh, Deusa, não se assuste. Eu acabarei com a vida deste ogro imediatamente. Assegurarei a segurança e a paz para você em um momento.’ Logo, tornou-se terrível contemplar o Javali, e a Deusa ficou muito agitada com o encontro. O Javali caiu sobre Hiranyaksha com um desempenho insuperável e a Deusa fechou os olhos em terror, incapaz de suportar a visão da Forma devastadora do Javali. O duelo foi de uma fúria indescritível, e no final Hiranyaksha foi dilacerado em pedaços e lançado sobre o chão.

“Assim, o Senhor assume várias Formas, segundo as necessidades da situação, as Formas melhor adaptadas para a destruição dos malignos Danavas (a Raça dos Ogros de mente maligna) e para a proteção do bem e do divino e para a preservação das Escrituras que revelam a Verdade, os Vedas. Dessa maneira, o Senhor encarnou

como Peixe, Tartaruga, o Homem-leão e o de Baixa-estatura (Matsya, Kurma, Narasimha e Vamana). Entre todas as encarnações, a suprema e mais bem-aventurada foi a forma de Krishna. Você deve ainda compreender que o propósito principal de todas as encarnações é a preservação do dharma.

“Aquele que instrui deve graduar as qualificações do aprendiz que recebe as lições. Será um esforço vão tentar comunicar o mais elevado conhecimento a uma pessoa que pertence ao nível mais baixo, pois ela não conseguirá apreendê-lo. Da mesma forma, se as instruções que devem ser passadas a níveis inferiores forem dadas aos de níveis superiores, elas não trarão satisfação. Para esclarecer, falarei sobre uma discussão que aconteceu uma vez entre Brahma e Narada. Ouça com atenção.

“Brahma uma vez dirigiu-se a Narada. ‘Oh, Filho Projetado da Minha Mente. A criação é tarefa Minha, a maneira como realizo a Minha Missão é Meu Tapas. Eu desejo, e a Criação acontece. Mas determinei certas regras e maneiras para cada espécie, e se elas forem apropriadamente seguidas, a Roda girará correta no dharma. Mas, se as maneiras e as regras forem negligenciadas e se avançarem lentamente para satisfazerem os seus próprios desejos em caminhos confusos e tortos, eles terão que sofrer várias misérias.

“ ‘Dia e Noite são Vontades Minhas, os Regentes dos Seres Vivos são partes de Mim. A necessidade que as pessoas têm de crescer e multiplicar é o reflexo da Minha Vontade. Algumas vezes, quando o mundo criado precisa ser sustentado, Eu próprio assumo Nome e Forma e inicio um Manvanthara (Eras do Manu) e dou à Terra as Personalidades e Sábios Divinos apropriados, que dão os exemplos a serem seguidos e indicam os caminhos do progresso.

“ Termino também com o aumento ilimitado de seres quando isso acontece. Para tal, assumo também a Forma de Rudra. Crio o mau para destacar e promover o bem. E para proteger o bem estabeleço determinados limites, tanto para o bom quanto para o mau, pois de outra forma eles vagueariam em caminhos errados e infligiriam grande dano.

“ ‘Sou imanente em cada ser. As pessoas esquecem de Mim, que está dentro e fora delas; Eu sou o núcleo interior de cada ser, mas elas não estão conscientes disso. Por isso, são tentadas a acreditar no mundo objetivo como real e verdadeiro, e buscam os prazeres objetivos, e ficam aprisionadas na tristeza e na dor. Por outro lado, se concentram toda a atenção somente em Mim, acreditando que o Senhor desejou tudo e todos, Eu os abençôo e revelo a eles a Verdade que eles são Eu e Eu sou eles. Milhares já foram assim abençoados. Eles são buscadores, aspirantes, Mahatmas, Sábios, os Divinamente Inspirados e as manifestações do Divino, os Guias que mostram o Caminho. Adquiriram a experiência de que a Verdade é Brahma.

“ ‘Falarei sobre alguns deles. Ouça. Sagara, Ikshvaku, Prachinabarhi, Rubhu, Dhruva, Raghumaharaj, Yayathi, Mandhatha, Alarka, Sathadhanva, Dilipa, Khali, Bhishma, Sibi, Pippalada, Saraswatha, Vibhishama, Hanuman, Muchukunda, Janak, Satharupa, Prahlada e vários Rajarshis, Brahmarshis, Príncipes, Nobres – que podem ser agrupados sob uma categoria, o Divino (Bhagavatas). Todos ansiavam por uma oportunidade de ouvir as glórias de Deus. Foram todos abençoados independente de casta, idade, status ou sexo. Havia entre eles brâmanes, sudras e chandalas mulheres.

“ ‘Eu sou a Causa de todas as Causas. Sou Eterno. Sou Sat-Chit-Ananda (Ser, Consciência e Bem-aventurança). Sou Hari e Hara também, pois transformo a Mim nestas Manifestações quando surgem

as ocasiões. A Criação, o Universo, nada mais são do que projeções da Minha Vontade. Não têm uma realidade básica. Meu filho, Eu declaro esta verdade para você como resultado do Meu profundo amor por você. Outros não serão capazes de apreender o mistério desta Criação. O que acabei de revelar é conhecido como o Bhagavata conciso.

“ ‘O Bhagavata compreende três seções de conhecimento: (1) a Glória e Majestade das Encarnações de Deus; (2) os Nomes daqueles totalmente devotados a Deus, e (3) a relação íntima entre Deus e o Divino. Onde estes três forem encontrados juntos, aí teremos o Bhagavata. Tudo que é visível não está além ou fora de Deus, portanto, falando sucintamente, tudo é Bhagavata! Portanto, tudo é digno de ser honrado.”

“Enquanto Brahma ensinava a Narada com grande alegria, este O interrogou surpreso e ansioso: ‘Senhor! Como estou dirigido por Você, fico ligado sem interferências a cantar a glória de Deus e possibilitando o mundo a receber a bem-aventurança decorrente disso. Mas este poder insidioso e grandioso de Maya (Ilusão) pode superar-me a qualquer momento, unir-me ao errado e criar obstáculos no caminho da minha missão. Haverá alguma medida que possa tomar para escapar a esta calamidade? Por favor, instrua-me e mostre-me mais este sinal de afeto de Pai.’

“Brahma riu da pergunta. Respondeu: ‘Filho! As suas palavras parecem infantis. As nuvens da Ilusão (Maya) não podem obscurecer a consciência interior daqueles que reverenciam a glória e a majestade de Deus, dos que conhecem e tornam conhecido que Deus é o Mestre de Maya, o Controlador das Forças Operativas que tanto iludem como destroem a ilusão, dos que realizam bons atos com fé

e devoção e daqueles cujo empreendimento é sempre manter a Verdade e a Retidão. Portanto, mova-se sem medo pelos três mundos com a vina em suas mãos, cantando em adoração a Deus. Ouça ao recital e a elaboração do mistério de Deus e do Divino, e os habitantes dos Mundos salvar-se-ão do ciclo de nascimento e morte.

“ ‘O Karma (atividade e atos dele resultantes) cria laços porque tem conseqüências que devem ser sofridas ou aproveitadas. Mas os atos de serviço estão livres dessa falha. Esteja sempre fixado em pensamento a Deus. Não há outro meio senão este para afastar a mente das buscas sensoriais e das atividades objetivas.’

Suka disse ao Rei: “Oh, Parikshith! Como essa sabedoria suprema não pode ser comunicada a todos exceto aos que atingiram um alto nível de pureza e compreensão, Brahma ensinou somente a Narada. E Narada também continuou, como fora aconselhado, a cantar e adorar a Deus através das suas canções que o Senhor que é imanente e também transcendente. Não ignorou ou descartou o ensinamento com o qual Brahma o favoreceu. Você também está qualificado a receber esta lição sagrada. Esta é a razão pela qual eu, que sou inacessível, vim espontânea e diretamente a você para descrever o Bhagavata. Não sou um menestrel comum. Nunca me aproximei de uma pessoa que não ansiasse pelo direito de me ouvir. Imagine o mérito que Narada atingiu para adquirir as qualificações necessárias para receber a instrução dos atributos do Deus Sem Atributos!”

Enquanto Suka seriamente explicava isto, Parikshith interveio: “Mestre! O Antigo Brahma Soberano de Quatro Faces dirigiu-se a Narada para cantar o Bhagavata, você disse. A quem Narada repetiu o canto? Quais foram estes personagens altamente favorecidos? Conte-me em detalhes.” Suka respondeu: “Oh, Rei, por que tanta

pressa? Seja corajoso e controlado. Relatarei tudo a seu tempo. Permaneça calmo e contido.”

O Rei explicou: “Mestre! Perdoe-me. Não estou agitado. Somente desejo fixar a minha mente no último momento da minha vida no sorriso encantador que dança nos lábios do Senhor Krishna, de beber profundamente nesse momento o néctar dos Pés de Lótus do Senhor. Não tenho outro desejo. Se não for capaz de fixar na minha mente na figura cativante do Senhor no momento da morte, terei que nascer novamente como uma das 8.400.000 espécies de seres vivos, não é? Como essa calamidade não deve acontecer, e como devo me lembrar com o meu último alento do Dispensar do sopra da vida, por favor torne a minha vida digna relatando as características divinas e as divinas atividades do Senhor”.

Suka riu e disse: “Rei! Como a mente pode se estabelecer aos Pés de Lótus do Senhor se os ouvidos ouvem as características e as atividades do Senhor? Qual a sua opinião sobre este ponto? Diga-me”. Parikshith disse: “Mestre! Acredito que não existe distinção entre Deus, o Seu nome e os Seus atributos. Não é correto? Quando a história do Senhor é narrada e ouvida, o Nome do Senhor e os Seus atributos penetram no coração através dos ouvidos e dispersam a escuridão da ignorância. Não é assim? Quando os leões entram na floresta, os tímidos chacais fogem com suas caudas entre as pernas, não é? O ouvinte sincero certamente fixa a sua mente no que ouve através do ouvido. Enquanto ouve enlevado os atributos encantadores do Senhor com um sorriso cativante, a mente ficará ligada à doçura derivada disso de modo que não será mais atraída pelos objetos baixos e vulgares. Não é? O ouvido e a mente agirão então em uníssono. Somente isso conduzirá a Ananda”.

O Rei estava entusiasmado narrando com entusiasmo os benefícios de se ouvir atentamente as atividades e a majestade do Senhor. Suka interrompeu-o dizendo: “Oh, Rei! A mente é inconstante pela sua própria natureza. Como pode afastar a sua natureza e ligar-se aos Pés do Senhor? Não é um fato impossível?” Suka tentava medir os sentimentos que preenchiam a mente de Parikshith. Este sorriu e respondeu: “Mestre! Devo responder, se me permitir e me orientar. A abelha gira em torno da flor, zumbindo até pousar para beber o néctar que ali está. Quando penetra na flor e prova o néctar, ela paira no ar e não zumbe mais. Não tem outro pensamento que perturbe esta bem-aventurança. Torna-se tão embriagada com a bem-aventurança que não cuida da sua própria segurança. Quando as pétalas se fecham e a flor se dobra, ela se deixa aprisionar ali. Da mesma forma, quando a mente se estabelece nos Pés de Lótus, daquela personificação da Beleza e da Bondade não se pode aspirar a nada mais do que ao Néctar dos Pés de Lótus”.



CAPÍTULO 31 -DÚVIDAS E QUESTIONAMENTOS

Quando o sábio Suka ouviu essa resposta, disse: “Oh, Rei! Como o seu coração está imerso em Shyamasundara, o Senhor Krishna, estou tão satisfeito que você pode me fazer todas as perguntas que o perturbam. Eu darei as respostas e explicações apropriadas. Agitarei e enaltecerei o seu anseio por Shyamasundara, o Senhor Encantador com a Compleição das Nuvens Escuras Carregadas de Chuva”.

Parikshith ficou feliz com as palavras do Mestre. Disse: “Ilustre preceptor, que qualificações tenho eu para questioná-lo? Instrua-me como achar melhor. Diga-me o que mais preciso durante estes dias críticos. Ensine-me o que for mais benéfico, mais digno de atenção, o mais importante. Você sabe isso mais do que eu. Discurse, independente do meu pedido e desejo. Naturalmente as dúvidas me perturbam, pois estou preso nas tentações da ilusão e da ignorância. Quando estas surgirem, eu comunicarei minhas dúvidas e mal-entendidos e receberei de você as explicações curativas. Oro para que não atribua outros motivos a mim. Não pese os meus apegos. Trate-me com afeto como a um filho. Transforme-me em uma pessoa tranqüila e em paz.

“Deixe-me apresentar, contudo, uma dúvida que tem estado comigo há muito tempo. As experiências do indivíduo neste corpo são direcionadas pela sua própria natureza ou pela soma das conseqüências dos atos do passado? E tenho uma outra: você disse que do Umbigo do Ser Primordial (o Purana Purusha) surgiu um lótus que floresceu e que toda a criação originou-se deste lótus. Deus surgiu com membros e órgãos como um Jivi individual? Havia alguma distinção entre o Jivi e Brahma (o indivíduo e o Absoluto personificado)?

“Deixe-me fazer uma outra pergunta: com que base o passado, o presente e o futuro são diferenciados? E, uma quarta pergunta: quais os atos dos Jivis que produzem os resultados e conseqüências no futuro? E a quinta: quais as características dos grandes (os Mahapurushas)? Quais são as suas atividades? Quais os sinais para serem reconhecidos? A sexta: quais as histórias das encarnações surpreendentes e encantadoras de Deus? A sétima: como podemos distinguir entre as yugas, ou eras, de Kritha, Thretha e Dwapara? Como podemos nomear assim uma yuga? A nona: quais as disciplinas que devemos realizar para imergir na Alma interior, que é a Sobrealma, ou Alma Universal? E, finalmente, a décima: quais são os Vedas e os UpaVedas? Quais UpaVedas estão ligados a quais Vedas?

“Dê-me a resposta a todas elas e também a outros assuntos dignos de atenção. Mestre, entrego-me a você. Não existe outro ser que possa iluminar-me sobre estes e outros pontos. Portanto, salve-me da perdição da ignorância.” O Rei sentou-se aos Pés do Mestre e orou pela Graça.

Com um sorriso de afeto, o sábio disse: “Levante-se oh Rei! Se empilhar todas essas perguntas, como poderá compreender as respostas? Além disso, você ainda não aplacou a sua sede e nem tomou qualquer alimento. Venha, coma algumas frutas e beba um pouco de leite pelo menos. Eles são os privilégios, os direitos do corpo físico. Com um corpo faminto, você poderá ir-se no meio do caminho, com dúvidas não resolvidas. Por isso, alimente-se,” ele ordenou.

O Rei respondeu: “Mestre! Aqueles a quem os últimos dias chegaram não preferirão o alimento que nutre a falsidade ao alimento da grande imortalidade, não é? Como poderei ir-me no meio, embora meu corpo esteja faminto, sem beber do néctar da imortalidade e quando você está me preenchendo com a exaltação de provar da doce panacéia para a

doença da morte? Não. Isso não acontecerá. Mesmo que o zangado Sringeri não tenha me amaldiçoado, mesmo que a serpente Thakshaka não tenha sido dirigida para me matar após sete dias, não irei enquanto não ouvir as histórias do Senhor. Eu as ouvirei sem pensar em comida ou bebida. Meu alimento, a minha bebida serão as histórias nectarinas de Krishna. Por isso, não pense no alimento e nem na bebida. Ajuste-me para a Bem-aventurança maior, o Estágio Supremo da Realização. Salve-me da queda. Prostro-me diante de seus Pés.”

O Rei derramou lágrimas de contrição e sentou-se orando ao Preceptor. O sábio disse: “Ouça, então. No início, Brahma lançou luz sobre o mundo manifestado por Maya, ou Ilusão. Brahma desejou que a criação proliferasse. Mas, uma voz do vácuo acima (Akasa) avisou: ‘tapas é a base essencial para tudo.’ Através de tapas a Ilusão desaparecerá!” Com isso, Parikshith interveio. Perguntou: “Qual o significado e valor de tapas? Por favor, esclareça-me.”

Suka aceitou a interrupção com gentileza. Disse: “Filho, tapas significa sadhana, disciplina, exercício espiritual. É através de tapas que os grandes processos da Criação, Preservação e Destruição estão acontecendo. Tapas é a causa da Realização do Ser. Isso significa que quando a mente, o intelecto e os sentidos estão submetidos a tapas ou ao cadinho do exercício da disciplina, o Ser será revelado. Eu lhe direi sobre esta técnica de tapas. Ouça. A mente, o intelecto e os sentidos estão sempre inclinados para os objetos externos. Estão perpetuamente voltados para fora. Quando chega algum som do mundo exterior, o ouvido o ouve. Logo que o ouvido ouve, o olho tenta vê-lo. Quando o olho o vê, a mente o deseja. Imediatamente o intelecto aprova a idéia e apronta-se para adquiri-lo, tão rápido quanto possível.

“Assim, todos os sentidos correm atrás dos objetos externos um após o outro, um apoiando o outro, inconstantes e miseráveis. É preciso controlar a mente, a faculdade de raciocínio e os sentidos que rugem sem direção atrás dos prazeres objetivos. É preciso treiná-los para assumir a tarefa de concentrar toda a atenção na glória e majestade de Deus e seguir o curso sistemático da disciplina unidirecionada. Juntar todos e conduzi-los para o Caminho Superior. O comportamento não direcionado precisa ser refreado. Eles devem ser educados através de japa, dhyana, do Bom Serviço ou de outra atividade elevada e dedicada que purifique.

“Esse processo de purificação dos equipamentos internos do homem no cadinho da fala, sentimento e atividade unidirecionada dirigida para Deus é chamado de tapas. A consciência interior será livrada de todas as manchas e defeitos. Quando a consciência interior tiver se tornado pura e imaculada, Deus ali residirá. Finalmente o buscador experimentará a visão do Senhor dentro de si.

“Oh, Rei, o que podemos imaginar maior que isso? Os grandes sábios, Mahatmas, todos se engajaram em tapas e como resultado ganharam um esplendor espiritual contínuo e raro. Por que mesmo os demônios malvados Ravana e Hiranyakasipu tiveram mestria sobre o mundo material e adquiriram poderes tremendos de destruição através da árdua disciplina de tapas, direcionado a canais agressivos? Se os seus esforços tivessem sido dirigidos para caminhos sátvicos, em vez do caminho rajásico que preferiram, eles teriam atingido a Paz e a Alegria da auto-realização. Baseado nessa necessidade subjacente, os tapas se classificam em três grupos: tamásico, rajásico e sátvico. Entre eles, para a visualização de Deus, o sátvico é o mais eficaz.

“Vasishta, Viswamithra e outros sábios adquiriram poderes surpreendentes através de seus tapas sátvicos, realizados com os mais

puros desejos altruístas. Eles também atingiram finalmente o status de Brahmarishis. Os tapas se classificam em outra série de três: mental, físico e vocal. Você pode perguntar qual o mais importante entre eles. Devo dizer que todos os três são importantes. Mas se o tapas mental for atingido, os outros dois o seguirão.

“A pessoa ligada ao desejo objetivo lutará de várias formas para realizá-los. Será um escravo dos seus sentidos e de suas buscas. Mas se retirar os sentidos do mundo e conseguir o controle do seu Mestre, a Mente, e engajá-la em tapas, então poderá estabelecer swarajya ou auto-mestria, ou ‘independência’ sobre si próprio. Permitir que os sentidos se liguem a objetos – isso é apego. Quando a mente que flui através dos sentidos para o mundo exterior se volta para dentro e contempla o Atma, atinge-se a Liberação ou Moksha.

“Oh, Rei! Todas as coisas que são vistas são passageiras, não são reais. Somente Deus é eterno, real. O apego aos objetos termina em dor. Deus é a única Realidade. Essa Realidade, o Deus em você, não tem relação alguma com o mundo objetivo transitório e em constante mutação. Ele é somente Consciência Pura. Mesmo se você criar alguma relação com relação a Ele, poderá somente ser do tipo que existe entre o sonhador e os objetos vistos e experimentados nos sonhos.”

Com isso, o Rei começou a questionar da seguinte forma: “Mestre, sobre essas questões existe uma dúvida me incomodando. Nos sonhos, aparecem somente as coisas que foram conhecidas diretamente no estado de vigília, e então deve existir uma realidade como base das falsas aparências, não é verdade? Enquanto se está sonhando, todos os objetos são tidos como verdadeiros. Ao acordar, compreende-se que não eram reais. Mas isso é a experiência nossa, dos homens. Será que Deus também pode ser iludido? Mais uma vez, se os objetos são um só e do

tipo uniforme, então pode-se dizer que Maya ilude e esse é o efeito. Mas eles são vários e de várias formas. Todos parecem reais e verdadeiros. Como isso pode ser comparado às experiências do sonho?”

Suka riu da pergunta. “Oh, Rei, a própria Maya gerou as formas múltiplas. Trata-se de uma inteligente peça de teatro no palco, uma espécie de vestuário elegante. O mundo objetivo da natureza assume várias formas através da manipulação de Maya, a Necessidade de Iludir. Em virtude do impulso primário da Ilusão ou Ignorância, os gunas surgiram e se misturaram, e o Tempo manifestou-se com a mudança, surgindo toda essa multiplicidade chamada Universo. Por isso os jivis devem dedicar-se ao Mestre desta ilusão, ao diretor da peça, ao manipulador deste tempo, ao ator que apóia os gunas (tipos de comportamento, grupos de qualidades, aglomerados de atributos), a mãe de todos os mundos (Maya). Deve preencher a si mesmo com a compreensão do Poder Imensurável e a Glória do Absoluto Imperecível (Akshara Parabrahma). Deve mergulhar na Bem-aventurança Dele derivada. Então poderá deixar cair todos os ajnanas e permanecer inatingível, mesmo quando usar as criações de Maya!”

O Rei ficou chocado com essas palavras do Sábio. Disse: “Senhor! Como aconteceu esta Criação no início? Qual era a substância original que Maya fez proliferar?” Suka pensou sobre esses pontos. Então respondeu: “A Criação está acontecendo desde antes do começo do Tempo. Primeiro, o Lótus surgiu do Umbigo do Ser Primordial, chamado nas escrituras de Narayana. Desse Lótus, o próprio Senhor manifestou-se como Brahma; Brahma sentiu necessidade de olhar as quatro direções, por isso desenvolveu as quatro faces.

“Brahma ficou consciente de que deveria ativar a Si mesmo para que a criação pudesse acontecer. Por isso, sentou-se na postura Pad-

masama do Yoga e, nutriu a Idéia de toda essa Criação. Parikshith, o mistério da Criação não pode ser desvendado com tanta facilidade, ou compreendido tão rapidamente. Não pode haver uma cadeia de Causa-Conseqüência nas atividades do Absoluto. Ninguém pode examinar ou inquirir com sucesso a faculdade criativa e as realizações do Supremo, que é onipotente e onisciente. Rei, quando eu estava começando a tentar responder as questões que fez antes, você surgiu com outras. Talvez pense que eu esqueci de dar aquelas respostas na minha ansiedade de responder estas últimas. Não, você certamente será esclarecido em todos esses pontos durante a próxima narrativa da história do Bhagavata. Todas as suas perguntas estão dentro dos Puranas.”

Quando estas palavras consoladoras e satisfatórias foram ouvidas por Parikshith, este inquiriu: “Mestre! O que são os Puranas? Qual o seu conteúdo? Quantos são?” Suka respondeu: “Os textos que desenvolvem as verdades concisas encerradas nos Vedas são chamados de Puranas. Eles são infinitos em sua extensão. Mas atualmente 18 deles são os mais famosos. Foram coletados e editados por meu pai, Vyasa. Possuem dez características comuns; os suplementos desses Puranas, chamados Upa-Puranas, possuem somente cinco características. Eu lhe direi quais são as dez antes que você pergunte. São elas: sarga, visarga, sthana, poshana, uthi, manvanthara, isanucharitha, nirodha, mukthi e asraya. Asraya é a mais importante entre as dez.”



CAPÍTULO 32 -PURANAS E ENCARNAÇÕES

Respondendo à pergunta do Rei, Suka disse: “Se essas dez características dos Puranas tivessem que ser descritas em poucas palavras, seria difícil. Cada uma deve ser explicada claramente, assim como, na descrição do processo da formação da manteiga, cada item da batida do leite deve ser mencionado. Cada etapa é importante. Os dez nomes estão relacionados aos atributos da maneira como é acentuado por seus significados. Mas o propósito de tudo é ganhar a “manteiga,” a liberação. É para atingir essa liberação que trabalhamos as dez características. Os Puranas todos se destinam a conferir ao ouvinte ansioso e buscador o apoio e sustento necessários para a peregrinação que leva à Liberação. Enquanto os Vedas (Sruthi) indicam através de uma frase aqui ou um axioma ali, ou por uma sugestão implícita em outro contexto, ou até por uma descrição direta de uma experiência real em alguma outra seção, os Puranas são elaborados para um melhor esclarecimento e inspiração”, disse Suka.

Surgiu uma pergunta na mente de Parikshith enquanto ele ouvia essas palavras. E ele a declarou: “Mestre! Você disse que me relataria um Purana. Portanto, gostaria de ouvir mais sobre essas características. Isso tornará a explanação mais feliz e mais benéfica.”

Suka aprontou-se para responder a pergunta, começando com a descrição das dez características dos Puranas. Disse: “Ouça, oh Rei! Decidi contar o Bhagavata Purana. Ele está repleto de respostas para todas as dúvidas que surgirem na sua mente e para todas as suas perguntas. Não há Purana mais elevado do que este.

“Entre as dez características, a primeira é sarga. Direi o seu significado. Quando os três gunas, ou atributos (satva, raja e tamas) estão

em equilíbrio, ela é chamada de prakrithi, a Substância Primordial, mula. Com as perturbações no equilíbrio, o desequilíbrio, são produzidos os cinco elementos: terra, água, fogo, vento e céu. E também os atributos sutis desses cinco: odor, sabor, forma, tato e som, criando também os cinco órgãos que podem reconhecer cada um: nariz, língua, olho, pele e ouvido. A mente e o ego também surgem do mesmo princípio. Esse processo de Criação é o significado da expressão sarga.

“A segunda característica de um Purana é visarga, isto é, sarga ou Criação em um sentido especial. A proliferação em inúmeras variedades de seres através da interação das várias singularidades e peculiaridades em atividade é o que é descrito com visarga. Ela está intimamente associada ao Super-Ser Todo-Envolvente em quem o Universo é imanente.

“Sthana é o terceiro conteúdo principal de um Purana. Tudo que é originado no Universo precisa ter um limite para que sirva a algum propósito. A fixação desses limites e o processo através do qual os limites são honrados são todos descritos na seção chamada de sthana, ou Estado. Uma máquina, por exemplo, possui uma única chave pela qual ela pode ser iniciada. Possui também mecanismos através dos quais ela trabalha e pára. Caso contrário, será uma fonte de perigo para si mesma e para os seus usuários. O estabelecimento desses mecanismos reguladores é o assunto de sthana.

“A característica distintiva seguinte de um Purana é a inclusão de uma seção de poshana: abrigar, guardar, preservar dos danos. Simplificando, todos os atos de abrigar, guardar e preservar a matéria estão incluídos no tópico abrangente da Graça Divina. O broto que é plantado precisa ser cuidado com amor e carinho, e toda a Criação é assim cuidada pela Graça do Criador.

“A seguinte é manvanthara, a Cronologia do Manu, que cada Purana contém. O dia é composto de 8 yamas¹⁹; 30 dias formam um mês; a reunião de 12 meses é chamada de ano. Um ano para este mundo é apenas um dia dos deuses. 360 desses dias formam um ano para eles. A Kali Yuga, ou Era de Kali, é composta de 1.000 desses anos. A Dwarapa Yuga, a era anterior, teve 2.000 desses anos, enquanto que a Thretha Yuga, que a precedeu, teve 3.000, e a Kritha, que foi a primeira das quatro, teve 4.000 desses anos. Cada yuga possui 200, 400, 600 ou 800 períodos de contato, ou períodos sandhya. 12.000 desses anos compreendem uma mahayuga, 1.000 dessas mahayugas formam um único Dia de Brahma! Cada dia de Brahma tem 14 Manus regendo o Universo. Portanto, cada Manu é Senhor de mais de 70 mahayugas. A história desses Manus e a sua linhagem é chamada de Manvanthara.

“Uthi é o signo seguinte do Purana. Uthi significa a conseqüência da atividade, o seu impacto sobre a natureza e a carreira. A natureza de cada vida é determinada pelo impacto das atividades da entidade nas vidas anteriores. Não é destinada por um Deus caprichoso. Deus trata a todos de modo igual; os homens forjam os seus destinos de maneira diferente através dos seus próprios caprichos e desejos. Uthi trata desse aspecto.

“Isanucharitha é outro assunto abordado nos Puranas. Significa as glórias de Isa ou Deus e as várias maneiras pelas quais os homens têm experimentado o poder e a majestade, a doçura e a luz que a Glória representa.

“Então encontramos nos Puranas o lakshana ou aspecto que lida com nirodha, ou Absorção. O Senhor absorve dentro de Si toda a

19 Yama: período de três horas.

Glória que Ele torna manifesta; depois Ele cai no ‘Sono do Yoga’ até que o Impulso Divino de se manifestar novamente perturbe o Equilíbrio Divino.

“Mukthi é outro assunto que todos os Puranas tratam. Significa liberação do homem dos elos da Ignorância, ajnana, que o mantêm preso. Isso significa que o homem deve ser liberado da consciência de que é o corpo no qual está enclausurado. Deve ficar consciente que é o Atma, a Alma que é a realidade assim aprisionada.

“Asraya é o aspecto final tratado nos Puranas. Significa ajuda, apoio, sustentáculo. Sem ajuda, a Liberação não pode ser atingida. O Absoluto é o Sustentáculo para o Universo. O Absoluto (Paratma) do qual tudo é emanado, no qual tudo existe, do qual tudo emerge é o apoio para atingir a Liberação. Aquele que conhece o adhi-bhowthik, o adhi-daivik e o adhi-atma²⁰ por esse próprio conhecimento co-nhece também Asraya ou o Paratma.” Parikshith interrompeu o sábio e pediu: “Mestre! Diga-me então o que são adhi-bhowthik, adhi-daivik e adhi-atma.”

Suka ficou feliz com a colocação da pergunta e preparou-se para respondê-la. “Oh, Rei! Eu vejo uma coisa. Essa coisa é adhi-bhowthik. Mas o que realmente a está vendo? Você pode dizer que são os olhos. E de onde esses olhos adquirem a capacidade de ver as coisas? Pense nisso! A deidade que preside o olho é o Sol (Surya). Ele confere ao olho o poder da visão. Sem o Sol, no escuro, o olho não pode ver, não é? O Sol é, portanto adhi-daivik. Mas existe mais um fator básico neste processo – o Jivi, o indivíduo por trás de todos os sentidos, por trás do olho e do ouvido e de todo o restante. Esse

20 Adhi-bhowthik, adhi-daivik e adhi-atma: respectivamente, que pertence ao mundo físico ou material, que pertence à divindade ou ao destino (desastres naturais) e que pertence à alma individual, ao espírito ou à manifestação do Brahman supremo.

indivíduo é o Atma, o adhi-atma. O Atma, a Deidade, os sentidos que trazem conhecimento das coisas; sem eles, o processo não pode continuar. O Atma é a testemunha.

“Agora, já lhe falei sobre as dez características do Bhagavata e dos outros Puranas. Diga-me o que mais deseja saber de mim e eu com alegria falarei. Estou sempre pronto”, disse o sábio.

Com isso, Parikshith disse: “Mestre! Pude entender as dez características do Purana. Soube o que é o Paratma que está em todos como o Atma que é a testemunha do Tempo, Espaço e Causação. Essa Testemunha Eterna assumiu várias formas para o bem do mundo e para manter a moral e a retidão. Gostaria de ouvir as narrativas divinas destas encarnações, de Rama, Krishna e de outras manifestações e dos profundos mistérios desses aparecimentos. Não pense que o tempo esteja curto. Deixe-me santificar cada momento disponível ouvindo intensamente à narrativa inspiradora destes incidentes. Peço que a minha sede seja aplacada e que meu coração seja dotado de contentamento pela sua Graça.”

Suka respondeu: “Oh, Rei! Eu ia iniciar esta narrativa. Portanto, ouça. Cada manifestação concreta de Deus é significativa, não pode haver uma superior ou inferior. A história de cada uma delas eleva. Cada uma é uma manifestação inteira. Ouvir estas histórias poderá fazê-lo sentir que uma é maior ou mais sublime que a outra. Pode parecer que você retira mais inspiração de um Avatar do que do outro. A manifestação é adaptada ao tempo, à tarefa, à circunstância e à necessidade. Ela é formada de acordo com o propósito.

“Ouça, oh Rei. Deus é onipotente. Não faz distinção entre o possível e o impossível. Sua Sabedoria, Esportes, Jogos, Brincadeiras não podem ser descritos com o vocabulário usado pelo homem. Embora

não tenha rupa, ou Forma, pode assumir uma Forma da Pessoa Universal, personificando toda a Criação na Sua Forma. Ele é Um, mas torna-Se vários. Matsya, Varaha, Narasimha, Vamana, Parasurama, Rama, Krishna, Buddha, Kalki – as pessoas comentam entre si que essas são Formas Divinas que Ele assumiu. Mas isto não O descreve, pois a Sua magnificência é vasta. Temos que visualizar todas as Formas como Ele. A vitalidade de cada ser é o Seu Sopro. Resumindo, cada pedaço da Criação é Ele, a manifestação da Sua Vontade. Não existe nada distinto ou separado Dele.

“Porém, para a proteção do mundo, para a manutenção do dharma, para a realização dos anseios dos devotos, Ele deseja em especial e assume uma Forma especial, com a qual se move no mundo. Ele confere grande alegria aos devotos com Seus atos divinos, que os convence do Seu Advento. Dessa forma, os devotos têm sua fé confirmada e são e impelidos a dedicar suas atividades a Deus e assim se salvarem e liberarem. Portanto as pessoas consideram as formas acima mencionadas, que foram assumidas com esta finalidade em vista, como especialmente sagradas e adoram a Deus nestas Formas encarnadas. Em certas ocasiões, para resolver certas crises urgentes, Deus encarnou com Formas personificando parte da Sua Divindade, com alguns poderes e potencialidades Divinos. Os exemplos dessas encarnações para a proteção do mundo são muitos.”

Quando o sábio Suka disse isso, Parikshith levantou o rosto iluminado por uma estranha alegria e exclamou: “Ah, o Senhor encantador assumiu essas Formas através de uma parte Dele? Naturalmente, tudo é um Jogo para Ele. Conte-me sobre essas Formas assumidas para a preservação do mundo; faça-me feliz ouvindo a narrativa.” Com isso, ele prostrou-se diante do preceptor.

Suka continuou: “Ouça, oh Rei. Kapila, Sattatreya, Sanaka, Sananda, Sanatkumara, Sanatsujatha e outros sábios, Rshabha, Narayana, Vishnu, Dhruva, Hayagriva, Prithu, Kachchapa, Dhanvanthari, Hamsa, Manu, Balarama, Vyasa e vários Personagens Divinos nada mais são do que Nomes-Formas assumidos pelo Senhor para garantir alegrias aos devotos, para salvar o mundo da ruína, para trazer o Código da Moralidade e do Comportamento Correto para a humanidade e para restaurar os ideais e modos tradicionais e bem-estabelecidos na humanidade. Existem muitos outros como amsa avatharas (encarnações parciais). Mas não temos tempo para descrições detalhadas. Além disso, elas não são tão importantes para merecerem uma consideração detalhada. Respondo a sua pergunta porque acho que uma pequena revisão será importante.”

Mas Parikshith interveio. Disse: “Mestre! Diga-me pelo menos rapidamente as razões pelas quais o Senhor encarnou, mesmo que somente uma parte Dele como Kapila, Dhruva, Dattatreya, Hayagriva, Dhanvanthari, etc. Diga-me sobre as suas realizações e o significado de cada Advento. Isso ajudará a purificar a minha iluminação.”

Então Suka disse: “Rei! Devahuthi, esposa de Kardama Prajapathi, teve nove filhas, e como o décimo filho nasceu a Forma Kapila. O Senhor aparecendo como Kapila tornou-se o Preceptor e guia espiritual para a própria mãe Devahuthi. Ele ensinou a ela o segredo de atingir a liberação e concedeu a ela o ensinamento que conduz à liberação final. A consorte do sábio Athri, de nome Anasuya, orou para que o Senhor pudesse nascer como o filho do seu ventre, e o Senhor respondeu ‘Concedido’ (Datta). Como o nome do pai era Athri, Ele foi chamado de Datta-athreya, Dattathreya. Ele verteu-se sobre Karthaveeryarjuna e Yadu, imperadores de renome dotados de toda

a glória, do grande tesouro da sabedoria iogue. Foi sob essa Forma que Deus, no início deste kalpa, ou Era, moveu-se como os quatro sábios crianças: Sanaka, Sanandana, Sanatkumara e Sanathana. Eles tinham cinco anos de idade, tão inocentes que não usavam roupas, tão divinos que espalhavam Sabedoria e paz à sua volta.

“O Senhor nasceu como os gêmeos Nara e Narayana que viveram nas florestas perto de Badri nos Himalaias praticando austeridades. Eles tiveram Murthidevi como mãe. O Senhor apreciou a intensidade da austeridade do menino Dhruva. Conferiu a ele a Bênção da Sua Visão na Forma concreta. Santificou as vidas dos pais de Dhruva. Coroou-o como o Senhor das regiões polares e colocou-o no céu como a Estrela Polar. Quando o maléfico Vena foi amaldiçoado e destruído pelos sábios, e quando o seu corpo foi sacudido, surgiu o primeiro soberano regente do mundo. Como o Senhor assumiu aquela Forma, Ele foi Prithu, o primeiro Iswara (Senhor) de Prithvi (a Terra). Pela sua austeridade e boa conduta, Prithu salvou seu pai do inferno. Restaurou a prosperidade e a moralidade no mundo inteiro. Construiu aldeias, vilas e cidades na terra e ordenou que os homens habitassem em paz nelas, cada um trabalhando em cooperação amorosa com o restante, seus deveres determinados por ele.

“O Senhor nasceu novamente como o filho de Nabhi e Sudevi. Manifestou-Se como um Paramahansa, um sábio realizado, e ensinou o medicamento supremo contra todas as doenças, a renúncia (thyaga) e os modos de cultivá-la. Mais tarde, o Senhor assumiu a Forma de Yajna, em um Brahmayajna, e depois, acima do pescoço, teve a Forma de um Cavalo, e foi chamado Haya-griva (cabeça de cavalo). A respiração de Hayagriva tornou-se manifesta como os Vedas. Enquanto isso, o astuto ogro Somaka roubou os Vedas e os

escondeu nas enchentes de pralaya (a grande Dissolução). Por isso o Senhor teve que assumir a Forma de um Peixe, procurar os Vedas nas profundezas do mar, destruir o ogro e trazer os Vedas para serem entregues a Brahma e assim restabelecer na terra o modo de viver estabelecido neles e o objetivo da vida ali mostrado. O Senhor teve que assumir várias formas apropriadas para cada necessidade e manifestou-Se em inúmeras ocasiões críticas e derramou a sua Graça sobre o Mundo. Destruíu o medo e a agonia da humanidade. Resgatou o bom e o divino. Inúmeras são as narrativas desses adventos. A Sua Vontade resultou no Seu advento. Por isso é tolice investigar as razões que O levaram a encarnar.

“Os que buscam conhecer ou estabelecer as causas para a Vontade do Senhor de uma maneira ou de outra são realmente tolos ao se aventurarem em um empreendimento impertinente. Também o são aqueles que afirmam que o Seu Poder e os Seus Planos possuem tais e quais características, qualificações e limites e os que reivindicam que o Senhor agirá somente de um determinado modo e os que declaram que o Princípio Divino é desta natureza e não daquela!

“Não pode haver limite ou obstáculo diante de Sua Vontade. Não pode haver limites para a manifestação do Seu Poder e da Sua Glória. Ele frutifica tudo que deseja. Pode manifestar-Se em qualquer Forma que deseje. É único, incomparável, igual somente a Si próprio. Ele é a Sua própria medida, testemunha e autoridade.

“Uma vez, o Senhor ficou tão tocado pela sinceridade da devoção de Narada por Ele que assumiu a Forma de um hamsa (Cisne Celestial) e elaborou para Si a natureza do devoto (Bhaktha), do Senhor (Bhagavan) e da relação entre os dois para que todos os aspirantes pudessem ser conduzidos e liberados. Colocou a Sabedoria e o

caminho em uma fundação forte o suficiente para sobreviver ao fim desta era atual, sem qualquer medo de derrota ou declínio. Fez com que os Sete Mundos brilhassem em pureza através do esplendor do Seu renome sem manchas. Durante a Grande Batedura do Oceano de Leite, o Senhor assumiu a Forma da Tartaruga para segurar o Pico da Montanha Mandara, que era a Vareta da batedura. Neste momento o Senhor tomou também uma outra Forma como Dhanvanthari para trazer o Recipiente Divino cheio com Amrith (o Néctar que Garante a Imortalidade). Como Dhanvanthari, Ele ensinou meios de vencer a doença e possibilitar aos homens que curassem os seus males físicos. Ele trouxe vários seres famosos como médicos habilitados para o diagnóstico e para a cura.

“Ele fez muito mais, oh Rei. Os médicos não podiam até então receber uma parte das oferendas feitas aos Deuses em sacrifício. Dhanvanthari estabeleceu que eles deveriam receber uma parte e desta forma elevou a posição deles na sociedade.

“Você notou a diversão inescrutável do Senhor evidente nessas manifestações? Deus! Deus apenas sabe as maneiras de Deus. Como podem os outros medir a sua grandeza e glória? Como podem avaliar com sucesso com seu pobre equipamento de intelecto e imaginação? Como os homens estão ligados pelas algemas da ajnana (ignorância), argumentam longamente e em alta voz sobre Deus e Seus atributos e se debatem no pecado do sacrilégio. Pelo contrário, o homem poderia ganhar a Graça de Deus se simplesmente se livrasse da dúvida quando visse a manifestação Divina, se a sua idéia de Deus não fosse atingida pelos humores e eventos passageiros e se transmutasse esses humores e atos em conformidade com as manifestações de Deus que tivesse o privilégio de testemunhar. Se agir de

outra forma não poderá esperar ganhar a Graça de Deus ou provar da Bem-aventurança.

“Entre elas, as encarnações de Rama e Krishna foram as mais significativas para a humanidade, pois o homem pode apreender seu exemplo, seguir suas soluções para os problemas e atingir ananda através da contemplação das suas excelências e ensinamentos. Eles se instalaram nos corações da humanidade e estão recebendo a adoração dos homens. Devo narrar o mais digno entre os incidentes na carreira dessas duas encarnações. Ouça.”



CAPÍTULO 33 -RAMAVATARA

O sábio Suka retomou a narrativa: “Primeiro, descreverei a qualidade de sowmya de Sri Rama. Por sowmya quero dizer a sua natureza gentil, suave e branda. Ele usava uma folha verde e um pano amarelo em torno do pulso; tinha um diadema dourado, mas andava com os olhos voltados para o chão, como se tivesse vergonha de olhar para cima; essa cena derretia os corações de todos que o viam. Ninguém o pegava no ato de lançar o seu olhar sobre os outros. Tinha sempre a visão interna, e não a externa. Sempre que alguém lhe oferecia alguma coisa, Ele não aceitava por completo. Costumava partir um pedaço ou porção para agradar a pessoa. Ou simplesmente tocava a oferenda com os dedos e a devolvia para a pessoa que a tinha trazido.

“Andava com o sogro e a sogra não como um genro, mas como um filho. Raramente abria a sua boca para falar com suas cunhadas ou suas criadas. Nunca levantava o rosto ou os olhos sobre elas.

“Todas as mulheres mais velhas ele reverenciava como reverenciava sua mãe Kausalya. Considerava todas as mais jovens como irmãs mais jovens; as da sua idade ele tratava como se fossem madrastas.

“Aferrava-se rigorosamente à Verdade. Supunha que, se seu pai quebrasse a sua palavra, a dinastia ganharia uma grande desonra; por isso, para manter a palavra empenhada do pai e para manter a sua reputação, ele foi para o exílio nas florestas por 14 anos. Seu pai não lhe pediu que fizesse isso, mas ele aprendeu com sua madrastra Kaikeyi. Nunca argumentava ou respondia. Desistiu do reino e ficou na selva. Agiu corretamente segundo as palavras pronunciadas por ele e adaptou sua ação estritamente à palavra.

“Rama tinha um coração cheio de compaixão. Dava refúgio a quem procurasse abrigo e se entregasse a ele. Quando os vanaras

(hordas de macacos) e os rakshasas (ogros) se uniram em um combate mortífero durante a batalha em Lanka com o malvado Ravana, alguns rakshasas transformaram-se em vanaras (macacos) e penetraram por trás das linhas; foram prontamente capturados pelos batedores e trazidos diante dele para uma punição drástica. Mas Rama impediu que os vanaras os torturassem. Disse que tinham vindo procurar refúgio nele e que fizera o voto de perdoar a todos que se entregassem a ele independente dos seus erros. Deu então refúgio ao irmão de Ravana e tratou-o como ao seu próprio irmão Lakshmana. ‘Se ele disser uma vez que é meu, ele será meu para sempre,’ anunciou. Rama viveu o dharma na prática e nos preceitos. Abrigava e protegia os bons homens (sadhus). Removeu os sofrimentos dos devotos, conservando-os consigo. Suas vidas foram preenchidas com a sua Graça. Não reconhecia distinção entre os altos e os baixos. Era Senhor de todas as Sastras. Sabia o significado de todos os Vedas.

“Rama transformou o mundo num reino de retidão através das suas várias atividades e exemplos. Durante o grande Sacrifício do Cavalo que realizou, todos os sábios e estudiosos do ritual que o assistiram honraram-no como um grande mantenedor da tradição e da cultura. Sua compaixão e suavidade de coração estão além de qualquer descrição, não há palavras que possam representar a extensão da sua profundidade. Ele colocou uma águia que estava morrendo – Jatayu –, uma ave, a quem ninguém normalmente notaria – em seu colo; limpou com o seu cabelo o pé que a cobria; quando ela deu o seu último suspiro, ele prestou suas condolências, como um filho faria a um pai.

“Sua aparência produzia encanto em todos que o viam. Amor, beleza e virtude irradiavam dele e se espalhavam à sua volta. Tratava os vanaras (tribo de macacos) com o mesmo afeto que tinha pelos seus irmãos Bharata, Lakshmana e Satrugna.

“Rama foi a manifestação total da Retidão, ou dharma. Os sábios o exaltaram dizendo que o Próprio Dharma assumira a forma humana. Não há necessidade de prosseguir para relatar mil e um detalhes. Para todos os chefes de família, Rama é o Ideal. Seu advento foi para restaurar os valores espirituais e salvar o mundo de um desastre moral. Ele agia com afeição a seus irmãos. Tudo estava pronto para a sua coroação, porém no último minuto, quando ele se exilou e foi para a floresta, a população de Ayodhya gemeu em uma angústia descontrolada, embora Rama tivesse saído da cidade e do reino com a mesma alegria e equanimidade que teve quando deixou o trono na coroação. É preciso maior exemplo do que este de sthithaprajna (pessoa que conscientemente mantém a calma além de todas as agitações)?

“Ele achou que a palavra empenhada era digna do sacrifício até da própria vida. Sofreu com perfeita equanimidade as passagens difíceis para preservar a palavra dada por seu pai. Sua sincera persistência em manter o compromisso do pai é uma inspiração e exemplo para cada filho do homem.

“Sita também insistiu em acompanhar o marido para a floresta, pois uma verdadeira esposa só se mantém viva na companhia do marido. Ela nunca antes tinha se exposto ao sol e à chuva, mas passou dias na floresta aterrorizante ligada por seu dever e com uma alegria imaculada.

“ ‘Aquele que nasceu com você é mais digno de afeto do que aquela que se uniu mais tarde’, foi a visão de Lakshmana quando se uniu ao irmão Rama, deixando sua esposa Urmila em Ayodhya.

“Bharata nada podia fazer além de obedecer ao desejo de Rama. Ele voltou para a capital com o coração pesado, pois Rama havia se recusado a vir e ascender ao trono. Bharata criou uma ‘floresta’ artificial para ele (isto é, ele levou uma vida de asceta, sem compulsão interior, pois sentia que deveria viver como o seu irmão exilado).

“Considerando a diferença entre Dasaratha, o pai, e Rama, o filho, eles eram tão diferentes quanto a terra e o céu. Para agradecer a esposa, para fazê-la feliz, o pai preparou-se para suportar a pior agonia. Finalmente mandou o próprio filho em exílio para a selva. O filho enviou a sua esposa para a selva como um exílio para respeitar a opinião de um cidadão no seu império. Pense nas maneiras diferentes que os dois realizavam as suas obrigações com o povo sobre o qual reinavam. Dasaratha estava tomado pela ilusão de que era o corpo físico. Rama foi movido pela realização de que era o Atma.

“Ah, as virtudes e excelências de Rama, sou incapaz de descrevê-las, oh Rei! Existem tarefa e missão na vida maior que um homem possa ter do que a contemplação deste Ser Supremo? Para salvar alguém da queda, o único exercício necessário é ouvir a narrativa gloriosa das vidas dos Avatares. Com isso, todos os pecados são lavados,” disse Suka.

Parikshith estava deliciado. Sua face brilhava de excitação. Disse: “Mestre! Enquanto você narrava a vida e as atividades, virtudes e encanto de Rama – a personificação do Dharma – conferiu-me tão grande ananda que me pergunto que maior ananda posso ter quando você descrever a carreira de Krishna! Ele é a beleza azul personificada. Como deve ser doce a narrativa das Suas travessuras de criança, de Suas aventuras de menino, Suas Divinas lilas, Sua conversa Divina de criança! Oro para me manter imerso no pensamento e contemplação do sagrado e da majestade, do encanto e da beleza do Próprio Krishna durante os dias que ainda tenho para viver. Oro para que possa ser salvo do ciclo de nascimentos e mortes com isso.”

CAPÍTULO 34 -KRISHNA AVATARA

Ouvindo essa prece, Suka disse: “Oh, Rei, verdadeiramente as lilas de Krishna são, como disse, surpreendentes, maravilhosas, porém doces e significativas. Não são manchadas pelo desejo de mostrar a natureza Divina. O homem comum é atraído pela pompa externa e pelos motivos aparentes. Por isso julga as lilas como comuns e até insignificantes. O significado e propósito interiores não são muito evidentes para todos. Mas o Senhor nunca pode Se ligar a atividades torpes e sem propósito. Seu advento é para elevar o mundo do pântano da fraqueza e da falta de retidão para preencher as necessidades daqueles a Ele devotados, para restabelecer a Retidão e a Moralidade e para reviver os Vedas; Ele leva em conta o mérito adquirido por cada um nas vidas anteriores e derrama a Sua Graça de acordo com isso; Ele Se torna disponível através da concessão de bênçãos; Suas lilas, ou atividades divinas, têm a forma para se adaptarem à época, pessoa, aspiração e compaixão que as faz verter as Graças. Portanto, quem poderá compreender e interpretar corretamente estas lilas?

“Costuma se dizer que as lilas surpreendentes de Hari são conhecidas somente por Ele. Podem ser interpretadas somente por Ele, por mais ninguém. Pode-se, contudo, fazer uma observação com confiança. As Encarnações Manifestas de Deus não se ligarão em absoluto para o seu próprio bem ou para o bem da realização de qualquer desejo pessoal! Toda atividade é para o bem do mundo! Embora sem essas Encarnações Manifestas o mundo não poderia existir e sobreviver, Elas se movem e agem como se o mundo nada tivesse a ver com sua presença. Em cada palavra e ato que pronun-

ciam e realizam, pode-se observar a corrente subjacente da renúncia total. Para Elas que mantêm o mundo na palma de Suas mãos, o que o mundo pode dar ou manter? Elas podem moldá-lo à Sua vontade.

“Tolos, pessoas sem fé, pessoas que negam a Deus, pessoas presas nas armadilhas da ignorância, os que não aprendem nada – estes podem ver as lilas de Deus como auto-centradas e até motivadas pela ilusão, como a ação dos mortais comuns. Mas os bhaktas genuínos as aproveitam como exemplos significativos e que sustentam a Graça. Como pode that (Aquele) ser apreendido por aqueles que se encontram absortos em thwam (isto, o ser individual) ?

“Rei! Os atos de Rama, Imperador de Kosala, e Krishna são, deve se lembrar, bem separados. Quando os inimigos maus e cruéis da retidão estavam para superar o bem, Krishna e Balarama, os dois irmãos, nasceram, um branco e outro preto (como os fios de cabelo, pretos e brancos) e por seus atos que transcendem a compreensão do homem, surpreenderam o mundo.

“As lilas de Krishna estão além da compreensão de qualquer um, erudito ou sábio. Seu movimento, andar, fala, sorriso, gargalhada, gesto, canção – cada um é um encanto como uma obra única.

“Para onde Ele ia, criava alguma estranha travessura. Como um tufão sobre a terra, deixava atrás de Si, em cada casa que visitava, uma série de agitações, disputas, lamentos e lágrimas!

“Não havia necessidade de convidá-Lo cerimoniosamente para cada casa. Ele entrava sem convite, sem Se anunciar. Todas as casas pertenciam a Ele. Ele entrava e pegava o que desejava de onde estivesse escondido e comia até se contentar.

“Era o parente mais querido de todos, o melhor camarada. Por isso podia pegar qualquer coisa de qualquer casa com impunidade.

Porém, não Se contentava com isso. Levava bem mais do que necessitava, pois dava também grandes quantidades a Seus companheiros. E eles eram em grande número. Os donos podiam lamentar as perdas e condenar os ladrões, mas Ele não se importava. Dava as coisas como se fossem Suas! Ninguém podia impedir o Seu esporte, ninguém podia ir contra a Sua palavra. Se alguém ousasse se opor ou ameaçar, os sofrimentos que recaiam sobre a sua cabeça eram indescritíveis.

“Mas a verdade deve ser dita. O menor ato Seu era saturado com a doçura suprema. Mesmo os sofrimentos que infligia sobre aqueles a quem desejava punir eram doces. Por isso, ninguém sentia a menor ira contra Ele. Pelo contrário, ansiavam pare encontrá-Lo mais vezes, para brincar mais com Ele, falar com Ele e ficar com Ele o máximo possível. Quaisquer que fossem as suas brincadeiras e jogos, as vítimas nunca se aborreciam com Ele.

“A razão era Prema, a corrente subjacente do Amor, que motivava todas as Suas palavras e ações. As pastoras corriam em Sua direção com varetas para Lhe bater, mas quando se aproximavam e O viam, seus corações se enchiam com Prema e elas voltavam com uma prece nos lábios. Tudo que Ele fazia aparecia como jogo Divino, uma lila.

“E a sua maneira de falar! Era tão agradável e tão inteligente. Pretendia mesmo confundir e causar engano! Colocava areia em Sua boca diante de todos os seus companheiros, mas quando Sua mãe o repreendia, Ele negava e colocava a língua para fora para comprovar a sua negativa. Tornava as frases verdadeiras falsas e as falsas, verdadeiras! Ia diariamente a Vrishabhendrapura, a aldeia onde Radha vivia. Muitas pessoas O viam na estrada indo e vindo. Entretanto, quando Sua mãe O interrogava e O desafiava, dizendo: “Por que vai todos os dias a lugares tão distantes? Você não tem amigos aqui,

neste lugar, para brincar?”, Ele respondeu: “Nem conheço esta estrada!” Causava confusão em todas as casas, criava divisões entre sogra e nora, colocava uma contra a outra e Se divertia. Raramente ficava em um único lugar, desde o amanhecer, quando pulava da cama, até o anoitecer quando ia dormir. Este pequeno gerador de confusões ia de casa em casa sem parar.

“Apesar de tudo isso, os aldeões não suportavam a sua ausência nem por um instante! Se não aparecia um dia, as pastoras esperavam pela Sua visita perscrutando a estrada, olhando pelas janelas ou observando à distância, subindo nos terraços. Esse era o encanto do Amor Divino que Krishna vertia sobre eles e o Amor dessas pessoas por Ele. Suas brincadeiras aqueciam o coração, eram inspiradoras e significativas.

“O Menino Azul era o Mestre do subterfúgio e da diplomacia. Via por trás de cada artifício, mesmo arditosamente camuflado. Quando a ogra Puthana aproximou-se Dele como uma mãe para alimentá-Lo em seu peito, Ele agiu como se aceitasse o estratagemas. Sugou a vida dela e a fez cair ao chão. Vários asuras se aproximaram Dele para destruí-Lo, alguns assumindo formas familiares de pastores da aldeia. Ele descobria as suas identidades e os despachava para a Cidade da Morte. Um asura assumiu a forma de um bezerro e ficou entre os outros animais que Krishna cuidava, esperando a oportunidade de matá-Lo. Mas o Divino infante, com três anos, percebeu a armadilha. Segurou-o pela cauda, levantou-o, girou-o e jogou-o contra o chão, de modo que ele deu o seu último suspiro.

“Essa força e habilidade eram muito além das proporções de uma forma infantil. Mas Ele demonstrou a Sua Divindade de milhões de maneiras para converter e convencer os homens. Ensinou a cada um, fosse mais velho, mulher ou malfeitor, seus companheiros ou amigos.

Aconselhava-os com bons modos. Colocava alguns em dilemas. Seu tio materno, Kamsa, estava bêbado com o poder imperial e com uma audácia selvagem. Ele o pegou pelo tufo do cabelo, tirou-o do trono, apertou-o até a morte. E arrastou o corpo pela rua principal até a margem do Yamuna. Toda a população da cidade de Mathura viu cada ato Seu, uma maravilhosa mistura do surpreendente, da maravilha, do doce, do encantador, do sedutor, do belo e do simples.

“Enquanto criança, Ele acabou com a vida de Puthana, Thnavartha e Sakatasura. Era então um pequeno ladrão em busca de manteiga em cada casa! Quando Sua mãe o prendeu com uma tira de madeira, Ele arrastou-a atrás de Si, e com ela abateu duas árvores gigantes que cresciam juntas. Refreou a idéia e a fúria da serpente Kaliya, que envenenava as águas do Yamuna tornando-as impróprias para os homens e o gado. Quando Sua mãe tentou prendê-Lo com uma corda em torno do Seu pulso, Ele revelou a ela a Sua Forma Universal, a Forma da qual todo o Universo era apenas uma parte. Os pais e o povo de Gokula ficaram maravilhados com a experiência notável da Sua Divindade. Com um bocejo, mostrou a eles o macrocosmo e o microcosmo, ao mesmo tempo!

“Ele mostrou aos Seus companheiros vaqueiros o Seu Paraíso, onde não havia tristeza ou perda (Vaikunta). Persuadiu Nanda a parar com o puja usual a Indra e oferecer no lugar adoração à Montanha Govardhana. Quando o Deus da Chuva, Indra, atizado pela negligência infligiu chuvas terríveis sobre a aldeia, Krishna levantou com o Seu dedo mínimo a Montanha Govardhana, convidando toda a aldeia para se abrigar embaixo dela!

“Elevou os pastores e pastoras ao êxtase por meio de suas brincadeiras e da música melodiosa da sua flauta. Interpretar isso como baixo e sensual é um sinal de ignorância.

“O fato de Krishna ter dançado à luz do luar com as moças, cada uma tendo um Krishna concreto ao seu lado, é interpretado pelas pessoas de mente estreita como falta de moral e como um passatempo vulgar. Não há nenhuma base para essa inferência. Krishna tinha somente cinco ou seis anos quando esses incidentes milagrosos ocorreram. Como a experiência pode ser condenada como lasciva? O Senhor não tem atributos ou qualidades. O Rasa Krida, como esse incidente é chamado, é um meio de tornar as gopis dignas da Graça um exemplo da Devoção e do fruto da Devoção, da Dedicção. O Senhor verteu sobre elas a Graça que ganharam com seus atos meritórios. Foi uma dádiva, uma bênção.

“Quando a Manifestação Divina sobre-humana é tomada como meramente humana, ela pode ser vista como lasciva e a desonesta. Mas, considere, qual se humano poderia atingir um iota do que Ele fez? Ele salvou o mundo do tormento de seres maléficicos como Pralamba, Dhenuka, Kesi, Banasura, Arishta, Mushtika, Kuvalayapida, Kamsa, Naraka, Poundraka, Dwividha, Jarasandha, Dantavakra, Sambara, Kambhoja, Kuru, Matsya, Kaikaya e de vários heróis poderosos. Isso poderia ser atribuído à capacidade de um simples homem?

“Neste Avatar único, cada ato é um milagre surpreendente. Mesmo quando zangado, não fazia nada além de demonstrar seu prema. No Amor, a Sua Compaixão fluía sem parar. Através do Seu darshan, sparshan e sambhashana (visão, toque e conversa), atingia-se a Libertação. Ele garantia a Imortalidade para aqueles que lembrassem a si mesmo de Seu Nome. Os pastores entre os quais viveu e andou provavam do néctar do êxtase sempre que testemunhavam Seus atos ou lembravam deles.

“Oh, Rei! O Bhagavata não é meramente a narrativa da história do Senhor, nos cenários de Mathura, Brindavan, Gokula, os bancos

do rio Yamuna, Nanda-Yasoda, Vasudeva-Devaki e outros. O Bhagavata inclui as histórias de todas as encarnações de Bhagavan, ou o Senhor. Todas as encarnações foram as manifestações do mesmo Gopala, Krishna, do GoLoka ou Vaikunta. A história de cada um não é mais que a história de Vaasudeva, emergindo Dele e fundindo-se Nele. Esse Poder Divino é o elemento de sustentação para todas as encarnações, assim como para todos os seres vivos.

O sábio fechou os olhos novamente. Estava em samadhi, provando da doçura da encarnação de Krishna. Havia um belo sorriso em seus lábios. Parikshith ficou surpreso ao ver as ondas de alegria que cobriam o grande sábio sempre que ele permitia que a sua mente fosse para a carreira Divina de Krishna. Desejou também com impaciência ouvir os incidentes e atividades cativantes do Senhor.

Quando Suka retornou, Parikshith também perdeu a consciência do ambiente; foi atingido por tal maravilha que não podia acreditar que alguns incidentes tivessem realmente acontecido! Isso lhe deu imensa dor e causou uma agonia insuportável ao pensamento da sua própria inconstância. Por isso, colocou o seu problema diante do sábio e atingiu a paz mental após ouvir a explanação e a elaboração. Enquanto isso, em uma ocasião, o Rei desenvolveu sérias dúvidas sobre a bhakti (devoção) das gopis. Debateu-se internamente e buscou afirmativas que resolvessem o dilema através de sua própria compreensão e fé. Mas as dúvidas não passaram. Ele não tinha coragem de perguntar ao Sábio, com medo de que considerasse as dúvidas muito infantis. Ele sofria e escondia o seu sofrimento. Isso ficou evidente para o Sábio, que perguntou ao Rei com um sorriso: “É evidente que alguma idéia insana o está distraindo. Nesse caso, não é benéfico sofrer pelas emoções reprimidas. Se alguma dúvida

o atormenta, ou se a sede de saber algo o está incomodando, não hesite em me perguntar. Eu resolverei a dúvida e matarei a sede e assegurarei a alegria e o contentamento da mente.” Quando o Sábio encorajou o Rei desse modo, ele resolveu falar: “Mestre! Você conhece o Passado, o Presente e o Futuro. Tem a visão e a capacidade de me curar da dúvida que me perturba. Portanto, não me compreenda mal. Ouça-me e resolva a dúvida. Cure-me da angústia que a justifica. Restaure a paz mental que tive antes que ela penetrasse em meu coração.” O Rei caiu aos pés dos Sábio e continuou: “Mestre! Ouvi muito, em várias versões, sobre o jogo e as brincadeiras da Rasakrida (A Dança de Rasa) de Krishna com as gopis de Brindavan. Pareceria um passatempo sensual para os mortais comuns. Se esses incidentes aconteceram de verdade, como podem ser interpretados como Divinos? Não são desaprovados pelo mundo? Esses incidentes em Brindavan, às margens do Yamuna, onde esses atos lascivos, sensuais aconteceram, mancham a natureza Divina de Krishna. Estou preocupado. Diz-se que a liberação final, ou moksha, pode ser atingida somente por aqueles que transcendem as gunas, ou qualidades. Estas gopis receberam essas qualidades, e os desejos nasceram delas, principalmente os sensuais e os objetivos. Quando se diz que a gopis também eram capazes de atingir moksha, isso causa surpresa. Na verdade, parece até ridículo. Se, contudo, essas atividades imorais têm algum significado interior que justifica elas serem aceitas como louváveis, por favor me esclareça.”

Quando Parikshith pediu, Suka riu alto. Disse: “Oh, Rei. Não pense estar afligido por uma dúvida; é muito pior! Pois aqueles que compreenderam que Krishna é o próprio Senhor não dão lugar a essas dúvidas. Este é o período final da Era Dwapara; logo terá início a Era

de Kali. É o espírito de Kali, a Era da Maldade que penetrou em você, que o levou a alojar essas idéias em sua mente. Se não, você teria uma fé inabalável de que Krishna é o Deus Supremo e Soberano. Cada incidente em Sua careira brilharia em seu coração com Fulgor. Ao pronunciar o Seu Nome, você ficaria tomado pela alegria e seus pensamentos se mesclariam com Ele. Por isso, essas dúvidas não podem surgir em alguém como você. Você está definindo a sua personalidade com elas. Novamente, considere o tipo de pessoa que eu sou. Sabe que não há lugar em meu coração para as atividades nascidas das gunas ou dos impulsos criados por essas qualidades. Considere agora quanto uma pessoa como eu fica tomada pela alegria suprema quando contempla o Jogo Divino de Krishna com as gopis! Considere como louvo a boa sorte das gopis que tiveram a Sua companhia preciosa. Poderia ser um jogo sensual comum? Ou seria a exuberância pura e genuína da embriaguez Divina? Pense um instante. A exaltação sensual e a alegria Divina podem parecer iguais na suas manifestações externas para o olho não treinado. Mas, quando os sentidos são transcendidos, quando o Indivíduo e o Universal emergem no único Pensamento e Consciência, quando toda a conscientização do corpo foi negada – interpretar essas atividades como objetivas e sensuais é, no mínimo, uma completa insensatez.

“Uma faca nas mãos de um assassino é carregada de perigo para todos; uma faca nas mãos de um cirurgião confere a liberdade da dor, embora em ambos os casos exista uma mão que segura uma faca. Por isso, também os atos daqueles cujo ser está centrado no corpo devem ser condenados. As pessoas centradas no Atma, ou Realidade Interna, são altamente benéficas e dignas de louvor.

Tudo parecia tão peculiar, tão extraordinário. Muitas vezes, pare-

cia ilegalidade e brincadeira. Enquanto andava na direção leste, sua atenção estava fixa na direção oeste! Ele conversava através de Seus olhos; o clarão nos Seus olhos falava de Seus planos e intenções. Não se importava com as limitações e disciplinas humanas. Não reconhecia a distinção entre novos e velhos conhecidos. Tratava a todos de forma igual. Não respeitava o parentesco nem cedia às demandas das convenções.

“Em seguida, o mistério da encarnação de Krishna! Essa personificação da doçura é cativante! Um encanto extraordinário, uma doçura sem rival, um amor incomparável – a Forma de Krishna foi a concretização de tudo isso! Essa Forma foi o tesouro da Bem-aventurança, o Oceano da Virtude. Oh, que Inocência! Que excelência sobre-humana! A mera visão Dele é suficiente; ouvir Suas palavras é suficiente; meramente tocá-lo é suficiente. A vida terá encontrado o seu objetivo. Todos os rituais, sacrifícios, cerimônias das escrituras têm como seu objetivo isso, essa visão, esse ouvir, esse toque. Os ganhos advindos dos rituais, etc. não são nada se comparados ao ganho da visão e do toque e de ouvir a Sua voz. Não, eles não são nada. Ah! Que imensurável doçura!” Contemplando essa Forma, colhendo o encanto e o amor, o Sábio começou a derramar profusas lágrimas de alegria; estava tão repleto de bem-aventurança interior que parou a narrativa e perdeu toda a consciência de si e dos seus ouvintes.

Os ascetas ao redor e o próprio Rei ficaram tomados pela maravilha da rara visão do samadhi do sábio; a iluminação em sua face causou grande impacto sobre todos. Ficaram sentados como estátuas, temerosos de perturbar o sábio imerso em sua própria maravilha e alegria.

Após algum tempo, Suka abriu os olhos e exclamou: “Como foram afortunados os gopas e as gopis (os pastores e as pastoras) que vive-

ram então. Seus corpos devem ter brilhado com a alegria que experimentaram quando estavam em Sua companhia, brincando com Ele, falando com Ele, cantando com Ele e partilhando da suprema ananda com Ele! Os deuses invejaram sua sorte, pois foi uma oportunidade que não puderam ter. Essas pessoas simples e iletradas puderam obter a singular boa sorte como consequência do mérito adquirido por elas em vidas anteriores. Esses gopas e gopis não eram homens e mulheres comuns. À primeira vista, pareciam simples pessoas iletradas, nada mais. Mas tinham com eles um vasto tesouro de sabedoria revelada que somente poucos podem apreciar e compreender. De outro modo, como poderiam garantir a bem-aventurança do Toque do Senhor que nem Rukmini e Sathyabhama puderam ganhar com facilidade? Pode-se dizer que os gopas e as gopis foram mais afortunados do que essas rainhas. Sua boa sorte foi o fruto das boas ações realizadas por eles durante, não uma, mas três vidas anteriores!”



CAPÍTULO 35 -GOPALA, GOPAS E GOPIS

O sábio Suka se entusiasmou ao fazer o Rei Parikshith ver os jogos divinos do Senhor da perspectiva correta. Disse: “Maharaja! Parikshith! Quem pode descrever o encanto supramundano de Krishna, cuja Forma amorosa foi a própria personificação da doçura? Como se pode descrevê-la em palavras? Você deseja que eu lhe conte histórias de Krishna, mas elas pertencem a um reino além do alcance do vocabulário humano. Deus tem encarnado com freqüência e demonstrado, em cada evento, muitos milagres supramundanos, mas nesta encarnação de Krishna, Ele mostrou uma atração incomparável. Ele sorria uma vez, revelando a linha de pérolas dos Seus dentes? Aqueles que tinham a fonte do amor em seus corações, aqueles que tinham a forma da devoção em seus corações e até aqueles que dominaram seus sentidos e superaram as reações interiores sentiam um golpe de emoção sobre eles, um golpe de adoração apaixonada! Ele os tocava, apenas, suavemente com a Sua tenra Mão? Eles perdiam toda a consciência de seus corpos, ficavam tão imersos na bem-aventurança que, por uma vez, viveram em sintonia com Ele! Ocasionalmente, Ele fazia brincadeiras e contava histórias de humor. Nessas ocasiões, os ouvintes sentiam que havia poucos mais afortunados que eles, poucos superiores a eles em todo o mundo!

“Os gopas e as gopis, homens e mulheres de Vraja, podiam estar em suas obrigações diárias, mas tendo visto Krishna uma vez, enquanto trabalhavam, entravam em transe pelo Seu Amor, presos em seu interior como imagens gravadas em pedra. As mulheres de Vraja entregaram suas mentes, seu próprio alento a Krishna, a quem reconheceram como o amor e a compaixão personificados. Nenhum erudito

de alta realização poderia encontrar uma linguagem adequada para descrever suas naturezas e experiências. Na verdade, a linguagem tem de ser muda, pois só pode falhar.

“A devoção e dedicação dos gopas e gopis, repleta de emoções elevadas, não conheceu limites ou fronteiras. O próprio Uddhava exclamou ao vê-los ‘Ora! Tenho desperdiçado todos esses anos de minha vida, não é? Tendo estado na presença calmante e confortante de Krishnachandra por tanto tempo, tão perto Dele, e não tive acesso ao Seu Amor e à Sua Glória. Meu coração ainda não está iluminado por sequer uma fração da devoção e amor que estas gopis têm pelo Senhor. Na verdade, se alguém assume o nascimento, deve nascer como um gopa ou gopi! Para que nascer de outra forma e viver uma vida sem significado? Se não tive a sorte de nascer como gopa ou gopi, deixe-me ser um caramanchão verde com flores ou um pé de jasmim, ou se não merecer esta sorte, deixe-me pelo menos crescer como um talo de grama na relva freqüentada pelos gopas, gopis e Krishna.’ Ele lamentava em devotada angústia. Seu coração estava cheio de anseio. Na verdade, ele foi salvo por essa angústia.

“Afirmar, portanto, que esta relação entre Krishna e a gopis era baixa e lasciva é somente revelar que a pessoa cai muito facilmente em conclusões erradas. Essas afirmações não são dignas de atenção.

“Maharaja! Somente os puros de coração podem compreender os jogos de Krishna.”

Parikshith ficou feliz ao ouvir isso. Perguntou ao sábio com um sorriso nos lábios: “Mestre! Quando Uddhava prosseguiu para Brindavan? Por que foi até lá? Qual a razão que o impeliu a deixar a presença de Krishna e partir? Por favor, descreva-me esses fatos.”

Suka iniciou a descrição, conforme desejado. “Oh, Rei! Uddhava nunca pode ficar longe de Krishna nem por um momento. Nunca

deixou a Sua Presença. Mas o próprio Krishna o enviou a Brindavan para comunicar a Sua mensagem às gopis. Por isso, ele não teve escolha. Teve de ir, a separação foi inevitável. Mas Krishna deu a ele um dia para realizar a sua missão; disse que ele não deveria ficar mais do que um dia. Apesar disso, aquele dia de separação pareceu uma era para Uddhava quando ele foi para Brindavan.

“Contudo, ao chegar lá, Uddhava lamentou que as horas corriam e que ele teria de deixar o lugar tão cedo. ‘Que pena ter que deixar estas pessoas tão rapidamente! Seria feliz se toda a minha vida fosse passada em suas companhias. Infelizmente não conquistei esse mérito’ – esses foram os tristes pensamentos que preocupavam Uddhava.

“Você notou, Maharaja, que não há diferença entre o Senhor e o bhakta? Uddhava sentiu mais angústia quando teve que deixar a presença das gopis do que quando teve que deixar a presença do próprio Krishna! Sua ananda em ambos os lugares foi a mesma. Não havia realmente distinção ente as gopis e Gopala, o bhakta e Bhagavan. Os corações das gopis tinham se transformado em altares onde Ele estava instalado. Seus anseios interiores eram saciados ao beber o néctar de Krishnarasa. Uddhava foi capaz de compreender a agonia delas com a separação de Krishna, a sinceridade da sua ligação apaixonada com ele, sua avidez em ouvir sobre Ele, sua ansiedade com relação a Ele e o seu desejo de ouvir e obedecer a Sua mensagem. Os gopas e gopis nunca, nem por um momento, permitiram que a sua atenção vagasse para longe das histórias de Krishna, das descrições de Suas lilas e das narrativas das Suas atividades e realizações. O esplendor da doçura de Krishna tinha uma influência tão poderosa sobre Vraja que a vida parecia sem vida e o sem-vida parecia vivo! Uddhava viu com seus próprios olhos as pedras de

Govardhanagiri derreterem em lágrimas de alegria. Viu também as gopis paralisadas como imagens de pedra, quando seus corações se encheram da alegria divina. Ele considerou essas experiências suas como maravilhosas e iluminadas.”

Ao descrever essas características da devoção das gopis, o sábio Suka ficou tomado pela alegria, e lágrimas caíram de seus olhos, e perdeu a consciência de todas as coisas externas e entrou em samadhi tão rapidamente que os homens santos e os rishis que o estavam ouvindo se encheram de êxtase e anseio irrepreensível de visualizar Krishnachandra, que fazia Suka fremir tão profundamente.

Enquanto isso, Suka abriu os olhos e disse: “Maharaja! Como Uddhava teve sorte! Enquanto mostravam a ele os lugares dos jogos de Krishna, as gopis o levaram também a Govardhanagiri. Quando ele viu o local, a surpresa de Uddhava cresceu ainda mais, pois ele pode ver nas pedras e no chão duro as pegadas de Krishna, dos gopas e das gopis tão claras quanto estavam quando eles andaram nesta área tanto tempo atrás. Quando se aproximaram de Govardhanagiri, as gopis sentiram a agonia da separação de Krishna tão fortemente que começaram a soluçar. Só tinham consciência da presença Dele, mergulhavam somente nos pensamentos Dele. Quando todas chamaram a uma só voz ‘Krishna’, as árvores próximas tremeram de horror. Elas abriram os braços e começaram a lamentar com tristeza. Uddhava observou com seus próprios olhos como a separação de Krishna tinha afetado e afligido não somente os gopas e gopis de Brindavan, mas até as colinas e as árvores. Maharaja! O que mais posso dizer? Uddhava viu as cenas que transcendiam a crença. Ficou tomado pela surpresa, e também sentiu-se humilde.”

Com isso o Rei quis saber mais. Pediu: “Mestre! Como isso aconteceu? Se não houver objeção, por favor, esclareça-me também este

ponto.” Com esse pedido, Suka respondeu: “Raja! A consciência das gopis tornou-se una com a consciência de Krishna. Por isso, não viam nada mais, ninguém mais. Cada pedra, cada árvore que viam, viam como sendo Krishna. Apoiavam-se nele chamando Krishna, Krishna. Isso fazia as pedras e as árvores sentirem a agonia da separação e elas também eram atingidas pelo calor daquela agonia, e lágrimas caíam das pontas de suas folhas. As pedras suavizaram-se com as lágrimas que vertiam. Que cenas surpreendentes devem ter sido essas? O axioma ‘Tudo está vivo’ (sarvam sajivam) provou-se verdadeiro desta maneira para ele. As pedras e árvores de Brindavan demonstraram a Uddhava que não havia nada sem consciência e vida.

“Aqueles que são incapazes de apreender a Glória das gopis, a Bhakthi que derretia as pedras e arrancava soluços de tristeza das árvores não têm o direito de julgar e pronunciar um veredicto. Se o fizerem, revelarão somente que a sua inteligência é mais inerte do que as pedras ou caramanchões. Mentes inertes nunca podem apreender os esplendores de Krishnachandra, que é o soberano do Universo, que cativa o Universo pela Sua Beleza e Poder. Somente a inteligência mais clara e pura pode aprender isso.

“Semelhantermente, Uddhava notou em Brindavan naquela tarde uma característica nova. Quando os brâmanes e outras pessoas nascidas duas vezes procederam, ao pôr-do-sol, a fazer a adoração do Fogo através do ritual cerimonial, as gopis acenderam as lareiras em suas casas, trazendo brasas ou chamas vivas das casas vizinhas em conchas ou pratos de barro. Mas Uddhava notou que a primeira casa a acender a lamparina e a lareira foi a casa de Nanda, a casa onde Krishna crescera e brincara. Viu que, assim que a luz brilhou na casa de Nanda, as gopis foram para aquele lugar, uma seguida da outra,

com lamparinas nas mãos para acendê-las auspiciosamente. Depois as carregaram já acesas para as suas casas. Uddhava sentou-se no degrau da Sala de Reuniões da aldeia e viu as lamparinas passarem.

“Enquanto isso, uma das gopis levou muito tempo para acender a sua lamparina na casa de Krishna; as outras que estavam atrás, se impacientaram. Ainda não tinham tido a oportunidade de acender as suas. Yasoda, que estava nos aposentos internos, saiu e, ao vê-la, gritou: ‘Oh, que calamidade é essa’ e tentou despertá-la com uma batida nas costas. Mas ela não abriu os olhos. Os que estavam próximos afastaram-na gentilmente da lamparina e deitaram-na para que pudesse repousar um pouco. Seus dedos tinham se queimado e carbonizado. Com grande esforço ela foi trazida de volta à consciência. Ao lhe perguntarem, ela revelou que vira Krishna na chama da lamparina e na feliz experiência não notou que seus dedos estavam sobre a chama e se queimavam. Não sentiu dor alguma.

“Uddhava ficou estarelecido com este incidente, que foi uma outra demonstração da devoção das gopis.”



CAPÍTULO 36 -COMPANHEIRO E REI

“**M**estre! Estou ansioso para ouvir as travessuras de criança, os jogos e aventuras que Krishna, como pastor vaqueiro (Gopala), realizou com Seus companheiros da comunidade de Vraja nas grutas e florestas durante os onze anos que passou em Brindavan, após chegar vindo da prisão de Mathura, onde escolheu nascer.”

Quando Parikshith pediu, Suka aquiesceu com alegria. Sorriu e disse: “Não é possível para mim descrever todas as lilas daquele Divino Gopala a você, cada uma enchendo a mente com doçura. Os meninos vaqueiros de Vraja foram realmente abençoados. O Senhor não prestou atenção às distinções externas, ao nome do indivíduo, sua nacionalidade, sua casta, sua profissão, sua atitude. Qualquer que fosse a atitude com que alguém se aproximasse Dele, Ele o recebia bem, puxava-o para perto e realizava os seus desejos e conferia felicidade. Essa era a natureza de Gopala.

“Desde que foi deixado na casa de Nanda por seu pai Vasudeva, Krishna trouxe muita alegria para Nanda e muitos gritos de ‘Vitória’ ecoaram naquela casa como resultado das Façanhas Divinas da criança. Ele crescia a cada dia com cada vez mais encanto. Brilhava como um tesouro muito amado da mãe e brincava em seu colo, engatinhava e atravessava o batente da porta. Segurava o dedo do Seu pai ou mãe e se aventurava a dar alguns passos. Embora os pais tentassem resguardá-lo da vista para que os vários embaixadores da morte enviados sempre por Kamsa não o apanhassem, Ele se fazia sempre disponível. Costumava adiantar-se para recebê-los e se apresentar. Quem poderia manter Gopala, o que provê e protege o Universo, escondido – e onde? Quem poderia levá-Lo, e como? Oh, Parikshith, tudo é o Esporte Divino!

“Crescendo a cada dia, Ele começou a ir para as margens sagradas do sagrado rio Yamuna com as crianças da Sua idade das casas dos vaqueiros para brincar; os pais tentaram interrompê-Lo, mas não conseguiram. Como Seus companheiros, Ele levava o gado para os pastos. Realmente os olhos que viram a cena – quando Gopala estava no meio do rebanho das vacas e bezerros macios – são dignos de serem reverenciados, pois viram a Visão das visões. Imagine, oh Rei. O gado branco e sem manchas de bezerros e vacas, o Divino menino escuro! Eles eram atraídos para Ele, não O deixavam e nem se extraviavam. E nem Krishna os deixaria, pois Ele os amava como a irmãos e irmãs, ou como Seus próprios filhos. Se a Sua mão tocasse seus dorsos de leve, os bezerros e suas mães esqueciam tudo sobre si mesmos, abriam suas bocas, empinavam a cauda, esticavam a língua e amorosamente lambiam Sua face e mãos. Gopala também muitas vezes agarrava seus pescoços e Se balançava de um lado para o outro em grande alegria – com os olhos fechados, Sua face brilhando com um sorriso radiante. Os bezerros tocavam o Seu corpo macio com seus cornos recém-nascidos. Nas areias sempre frescas e viçosas do frio Yamuna, Ele brincava com Graça, sem pensar se era dia ou noite, com Seus amigos: os bezerros e os vaqueiros. Os pais tinha que enviar empregados para buscá-los e trazê-Lo com Seus seguidores felizes para casa.

“Assim, os dias passaram, dentro e fora de casa, e Ele cresceu e se transformou em um menino encantador. Embora os pais não quisessem, Ele tirava as vacas e os bezerros dos estábulos e os dirigia ao longo do caminho tomado pelo gado da aldeia e os colocava na estrada até o pasto verdejante. Como os outros meninos, Ele levava uma varinha no ombro e uma tira de pano enrolada na cabeça.

Caminhava com muita confiança e parecia tão esplendoroso como um filhote de leão real.

“Ele se divertia com os companheiros, cantava em um tom doce com a palma da mão esquerda cobrindo a orelha esquerda. Com isso, as vacas que pastavam vorazmente, paravam como se estivessem em transe e se viravam para ouvir a melodia Divina. Elas paravam, as orelhas alertas para não perderem a Mensagem chamando-as para a bem-aventurança, com os olhos semicerrados, como se imersas nas profundezas de dhyana. Os bezerros que cabeceavam ávidos os úberes paravam para beber as gotas divinas da canção de Krishna. Era uma cena fantástica para todos que a testemunhavam.

“Oh, Rei! Não posso lhe dizer o número ou a natureza das lilas de Gopala. Todas foram maravilhosas e inspiradoras, repletas de ananda, conferindo ananda. Algumas vezes Ele desafiava os companheiros e girava com a varinha nas mãos tão rapidamente que os olhos não conseguiam vê-Lo! E os companheiros se reuniam em torno Dele, pedindo que Ele os ensinasse a girar tão rápido. Para Ele, que gira o Universo com todos os seus componentes tão rápido, girar uma varinha não é um feito especial. É uma façanha que nenhum ensinamento pode conferir. Os pobres companheiros não conseguiam entender esta Realidade por trás do companheiro de brincadeiras.

“Com freqüência, ele brincava nas árvores o jogo de “pega ladrão”! Quando os companheiros subiam atrás Dele, Ele se refugiava nos ramos mais altos, um galho fino e fraco que vergaria até com um esquilo! Ele não podia ser capturado! Sim, como Ele poderia ser pego por alguém? Somente os puros de coração podiam pegá-lo.

“Pelas aparências, Gopala estava com os companheiros nas florestas e clareiras, brincava com eles, fazia-os felizes com uma brinca-

deira ou jogo hilariante. Andava com eles, com Suas mãos colocadas sobre seus ombros, mas em um momento ele desaparecia de vista. Enquanto isso, Ele aparecia em um disfarce tão perfeito que eles O julgavam um estranho com quem não deveriam falar. Ele os surpreendia com uma explosão de riso e a exclamação: ‘Sou Eu, sou Eu, vocês não conseguiram Me descobrir.’ Isso deixava os meninos surpresos, e algumas vezes até assustados.

“Os dias se passavam dessa maneira. Quando a noite caía, Ele voltava para a aldeia com os colegas, com um ar inocente como se nada tivesse acontecido para perturbar a Sua equanimidade. Em certos dias, a mãe insistia que Ele ficasse em casa e não fosse para os pastos. Nesses dias, os vaqueiros e as vacas e os bezerros andavam cabisbaixos com tristeza, lentamente. Ficavam debaixo das árvores, mudos e sós, sem comer e nem beber, e com os olhos ansiando pela chegada de Ananda Krishna, pois só Ele trazia a vida.

“Muitas vezes Kamsa, o tio perverso, enviou seus emissários, os ogros, disfarçados com brinquedos e doces. Os meninos reuniam-se em torno dos mascates e perguntavam pelo preço das coisas que desejavam. Mas o ogro estava atento a uma oportunidade para pegar Krishna, aguardando o momento em que este se aproximaria. Krishna não olhava para os brinquedos e os doces. Ele esperava até a noite e então se aproximava dos malvados, fazendo-os pensar que Ele caíra em sua armadilha, mas somente para cair sobre eles, despedaçá-los e jogar suas carcaças longe! Essas aventuras enchiam os habitantes da aldeia de surpresa, medo e maravilha, além de deliciá-los com a feliz escapada do perigo.

“Outro dia, a aldeia recebeu carros cheios de mangas! Krishna sabia que era um outro plano malvados dos ogros, os emissários de Kamsa. Ele pegou as frutas e matou aqueles que as trouxeram. Sentiu que não

seria apropriado recusar as frutas que o tio mandara, por isso as aceitou. Mas não deixou ninguém vivo para informá-lo do que acontecera. Esse era o destino de todos a quem o tio enviava em missão do mal.

“Oh, Rei! Desde o dia que o Senhor assumiu a residência na região de Vraja, o lugar mudou para uma casa de tesouro da Deusa da Riqueza e do Bem-estar, Lakshmi. Parecia que Ela espalhava os Seus sorrisos Graciosos sobre todo o lugar. Havia milhares e milhares de vacas; não havia falta de coalho, de leite ou manteiga. Na verdade, havia tanta fartura que eles não sabiam como consumir tudo o que tinham ou como mantê-los ou preservá-los para o consumo futuro. Gopala amava tanto as vacas que não tolerava nenhuma idéia de jogar fora o presente precioso. Por isso, Ele ficou feliz em receber tudo em Seu próprio estômago. Este ato da Graça é a base do apelido: Ladrão de Leite e de Manteiga!

“Observando que Ele era chamado por esse apelido, Indra decidiu demonstrar para o Mundo que Krishna era, na verdade, Deus na terra. Então manipulou uma situação em que o Indra Puja foi cancelado pelo povo de Vraja e Indra retaliou com pesadas chuvas, e Krishna teve que elevar o Pico Govardhana para abrigar os vaqueiros e as vacas do ataque violento da chuva. Tudo era parte de um jogo. Indra não tinha raiva e nem a idéia de vingança ou retaliação! E nem Krishna aconselhou o povo a desistir do puja. Esses milagres eram decididos para fazê-los identificar o Divino entre eles. Esses incidentes confirmavam a visão de que nada podia acontecer sem um propósito subjacente.”

Então Parikshith interveio com uma exclamação alegre, dizendo: “Oh, como são doces as lilas, os jogos e as travessuras do menino Divino, Gopala! Quanto mais ouvimos, mais cresce o nosso apetite. Mestre, deixe-me ouvir um pouco mais para atingir o estado de Liberação.”

CAPÍTULO 37 - O DESTINO DOS DEMÔNIOS

Na verdade, lembrar as travessuras infantis de Krishna e permitir que as pessoas ouvissem as suas descrições era uma realização que dava grande prazer a Suka! Portanto, logo que lhe foi pedido, ele começou: “Oh, Rei, não existe um curso superior para você durante ou poucos dias que restam de vida do que devotá-los à contemplação de Deus, não é? Os feitos do Senhor são gotas de Néctar. Cada uma é fonte de ananda. Diga-me qual delas deseja ouvir. Eu descreverei a verdade e a glória que vi.”

Com isso, o Rei Parikshith disse: “Mestre! Desejo ouvir sobre a maneira maravilhosa que Gopala andava entre os vaqueiros. Isso me dará tal alegria que me liberarei do ciclo de mortes e nascimentos.”

Então Suka disse: “Rei! Gopala trabalhava cedo, durante o Brahma muhurtha (entre 4 e 6 horas da manhã). Ele se lavava rápido, ia para o estábulo para selecionar e separar as vacas e os bezerras que deveriam ser levados ao pasto naquele dia e dava-lhes água para beber. Colocava grama diante dos animais que seriam deixados para que pudessem se alimentar. Afrouxava as cordas que prendiam as vacas que levaria e as conduzia para fora do estábulo para o pátio defronte de Sua casa. Então, entrava em casa e pegava o Seu ‘pacote de arroz frio e coalhos com um pouco de conserva’ e avisava a Seu irmão mais velho que era hora de ir. E, para alertar os companheiros para que se aprontassem para ir com Ele, soprava uma corneta e ficava na estrada. Ao ouvir o chamado, os vaqueiros ficavam repentinamente ativos. Terminavam suas tarefas em casa com pressa; faziam os pacotes para a refeição do meio-dia e se apressavam para a casa de Yashoda, a mãe, prontos para as tarefas para as quais Krishna os chamava.

“Os meninos prosseguiam tocando flautas, cantando canções melodiosas. Alguns deles respondiam aos kokils que cantavam nas árvores, ecoando as suas canções. Outros corriam junto às sombras dos pássaros que voavam acima. Alguns subiam nas vacas e cantavam suas canções favoritas, sempre olhando o que Gopala fazia e onde estava. E assim iam para a floresta.

“Gopala, então, colocava a flauta nos quadris, levava a refeição do meio-dia na mão esquerda e elevava a Sua voz cantando uma canção encantadora e andando lentamente. As vacas andavam com a música, como se estivessem mantendo o ritmo. Levantavam as orelhas para ouvir a Melodia Divina. Empinavam a cabeça em admiração e adoração silenciosas. Finalmente chegavam às margens do tanque.

Então, era a hora de partilhar a refeição. Eles se sentavam embaixo das árvores, desfaziam os nós dos pacotes que continham arroz frio misturado com coalho, creme e leite, e outros itens de acordo com o gosto e a necessidade de cada um. Os meninos esperavam até que Gopala abrisse o seu pacote e começasse a comer para então dar a sua primeira mordida. Assim que Gopala enchia a boca, os meninos começavam a comer. Ocasionalmente, Ele dava aos companheiros um pouco do seu farnel e recebia de cada um bocado do seu próprio farnel! Ele ia a cada um e pedia que partilhassem o seu farnel. Os meninos relutavam e até temiam em dar a Gopala um bocado de seus pratos, pois tinha se tornado cerimonialmente impuro já que eles haviam comido do prato. Ao ver isso, Gopala assegurava que o Uno reside em todos eles e que eles não deviam sentir que Ele era separado dos outros. Como poderia haver uma impureza cerimonial se todos são um só? Então pegava uma fruta já mordida para Ele mesmo mastigar. Como poderia o Senhor que comera com gosto o

resto do prato de Sabari na encarnação de Rama desistir de comer junto com os companheiros vaqueiros? Ambos eram intimamente devotados a Ele.

“Um dia, sentado nas pedras, à sombra das colinas, eles comeram a sua refeição e lavaram suas mãos. Gopala então correu para o grupo de vacas que pastava. Seus companheiros se perguntaram o que estava acontecendo. Notaram entre o rebanho um bezerro grande e belo. Gopala foi direto ao animal. Levantou-o segurando as pernas traseiras e girou-o rápido sobre a Sua cabeça até que o animal bateu pesadamente sobre uma pedra. Ele deveria ter se esfacelado, mas, com um barulho terrível, transformou-se em um rakshasa (ogro) espirrando sangue e dando o seu último suspiro. Os meninos ficaram surpresos e correram para Gopala para que Ele lhes dissesse qual fora o mistério. Gopala virou-se com um sorriso radiante nos lábios e disse: ‘Um ogro malvado assumiu esta forma e veio aqui instado por Kamsa para Me matar. Ele se misturou ao nosso rebanho de vacas e desempenhava o seu papel no drama pelo qual se decidira. Dei a ele a devida punição agora.’

“Com isso, os meninos exaltaram a perspicácia de Gopala, sua bravura e força, e exclamaram: ‘Gopala, Você deu a ele o que ele merecia.’ Pulavam em torno dele excitados e alegres. Procuraram no rebanho outro bezerro ou vaca estranhos, suspeitando de outros ogros que poderiam estar disfarçados.

“Ficaram também apreensivos que suas vacas pudessem ter sofrido algum dano ou que tivessem sido engolidas vivas por algum ogro malvado disfarçado. Examinaram vigilantes para descobrir, antes que fosse tarde, qualquer sinal de perigo.

“Enquanto isso, chegaram a uma colina rica em pastagens por volta do meio-dia. As vacas foram levadas à sombra, abaixo das

enormes pedras que sobressaíam, para se livrarem do sol inclemente, e os meninos também descansaram um pouco esticando-se sobre a grama. Logo veio a tarde e, quando chegou a noite, um menino levantou-se e aproximou-se do rebanho para recolher as vacas para retornarem para a aldeia. Viu um grou gigantesco pegando os animais e os engolindo inteiros em seu estômago cavernoso. Ele gritou: ‘Krishna, Gopala!’ Ao ouvir o grito desesperado de socorro, Gopala chegou em um instante. Pegou o bico do grou (que Ele sabia que era um ogro chamado Bakasura disfarçado) e pegando as partes inferior e superior, dividiu o grou em dois. As vacas que estavam no estômago foram libertadas.

“Assim Gopala destruía os mensageiros despachados por Kamsa, a cada dia um novo milagre, uma maravilha! Os meninos vaqueiros viam isso como um jogo supremo. Não mais se maravilhavam, pois compreenderam no fundo de seus corações que Suas habilidades e poderes eram sobre-humanos e incompreensíveis. Por isso estavam prontos a qualquer momento para acompanhá-Lo a qualquer lugar sem medo.

“Ouvindo que Gopala matara seu irmão Bakasura, que planejara aproximar-se Dele e engoli-Lo inteiro, o irmão de Bakasura ficou tão zangado que jurou vingança e foi para a floresta onde estavam as pastagens como uma píton. Ficou atravessado na trilha da selva, com a boca bem aberta para engolir tudo: as vacas, os vaqueiros e também Balarama e Krishna. Para todos, ele parecia uma profunda caverna, sem saberem que se tratava de uma armadilha. Vacas e vaqueiros caminhavam para lá. Gopala o reconheceu como um outro ogro. Ele também entrou no corpo da píton somente para abri-la e salvar as vidas que tinham sido aprisionadas. Eles perderam todo o medo e voltaram para casa, seguros da proteção de Gopala.

“Daquele dia em diante, os vaqueiros não tiveram mais medo. Acreditavam que Gopala certamente os protegeria contra todos os perigos, pois era Onipotente. Não se importavam com as coisas que apareciam no caminho, nunca olhavam para os lados das estradas e andavam confiantes na direção tomada por Krishna.

“O jogo do Menino Krishna era em todos os momentos uma maravilha, um milagre, um evento surpreendente, uma aventura heróica. Como posso descrevê-los? Os seres humanos comuns realizam essas maravilhas? Os que não têm fé, apesar de ver esses eventos, apenas sobrecarregam a terra, são frutos sem sabor e sem utilidade.”

Suka ficou com a face iluminada por um profundo sorriso interior quando disse isso; seus olhos brilharam como se tivesse tido uma visão do Resplandecente, pois ele os tinha fixado intensamente em um ponto.

Parikshith pediu: “Mestre! Se até os danavas (monstros sub-humanos) desenvolviam a fé em Deus e a adoração a Ele, como pode ser que os seres humanos O esqueçam e negligenciem Sua adoração? Eles dão confiança aos ouvidos que ouvem mais que aos olhos que vêem. Considero isso a conseqüência de algum grande pecado que cometeram. Ou o efeito de alguma maldição.”

Com isso, Suka disse: “Oh, Rei, suas palavras são verdadeiras. Monstros individuais como Kamsa, Jarasandha, Salya e Sisupala viram com seus olhos a evidência dos poderes sobre-humanos de Krishna, mas a falsidade de que era somente um menino vaqueiro ecoava tão poderosamente dentro de seus ouvidos que eles estavam conscientes sempre somente do akashvani que ouviam do céu em vez do que viam com seus olhos. Como conseqüência, perderam suas vidas ignominiosamente. Ignoravam os milagres, os eventos maravilhosos, as realizações surpreendentes que testemunhavam,

os reveses sucessivos que seus emissários sofriram nas mãos Dele e negligenciavam o dever ao Deus diante deles; que outra explicação podemos dar para isso senão que foram amaldiçoados a se comportarem assim? E essa maldição deve ter caído sobre eles como resultado do pecado.

“Gopala é Lokapala, e não um menino vaqueiro (go significa vaca; pala significa aquele que abriga e protege; loka significa o Mundo.) A Forma que assumiu foi Humana, de um menino vaqueiro, só isso. Mas realmente falando, é a forma mais auspiciosa que libera os Jivis do elo tendo em Suas mãos sakthi (poder), yukthi (meios de realizar) e mukthi (libertação do elo).”

Parikshith estava feliz com essas palavras do sábio. “Meus avós tiveram a boa sorte única de estar na companhia divina de Gopala; brincaram com Ele; falaram com Ele; tiveram a felicidade da sua companhia e Presença. Bem, estou pronto para ouvir pelo menos uma fração da Sua Glória e desfrutar da bem-aventurança. Isto também é muito boa sorte. Esta oportunidade de ouvir tudo vindo de um sábio como você é também devido às bênçãos destes avós. Esta oportunidade poderia ser ganha sem uma sorte especial?” disse Parikshith, com as lágrimas descendo pelo rosto.

Ele disse: “Mestre! Ouvi que Gopala esmagou a serpente Kaliya e humilhou o seu orgulho. Qual o significado interior desse jogo? Que grande verdade está por trás desse milagre? Como ocorreu que ele foi considerado um sinal da Sua glória? Por favor, descreva esse evento para mim e retire a dúvida que me aflige,” orou.

CAPÍTULO 38 -A SERPENTE KALIYA

“Ouçã, oh Rei, este grande evento”, disse Suka. “O Menino Divino, Gopala, era Deus que assumira a forma humana em um jogo absoluto. Cresceu como uma criança humana e atingiu os cinco anos. Um dia, ninguém compreendeu o significado dos Seus movimentos. Ele não tinha o hábito de comunicar os outros sobre os Seus jogos ou lilas, antes ou depois. Tinha-se somente que observar e obedecer. Ninguém poderia supor a sua natureza ou sondar o seu significado quem quer que fosse, independente das suas realizações. Um dia, Ele reuniu secretamente o gado de modo que nem os pais notaram alguma coisa. A cada dia, pelo menos o irmão mais velho sabia que teria companhia, mas naquele dia até ele não soube o que acontecia. Krishna reuniu os companheiros e seguiu com a gado até as margens do rio Yamuna. Levou-os para uma piscina funda no rio, que as pessoas geralmente evitavam.

“Essa piscina tinha uma história sinistra. Piscinas como essas eram naturalmente estagnadas e lamacentas, mas esta era de cor azul e com água quente, borbulhando sem cessar, soltando vapor para o ar. Por isso, sobre ela havia uma nuvem. Quem respirasse daquela atmosfera ficava envenenado pelo gás e dava o seu último suspiro para consternação e surpresa de todos. Os pássaros que voavam inocentemente sobre ela ficavam fatalmente envenenados e batiam as asas em desespero até caírem mortos.

“Todos em Gokul sabiam sobre essa armadilha mortal, essa maravilha mortífera. Evitavam se aproximar e avisavam as crianças. Vigiam para que o gado não pastasse próximo dela. Naturalmente os companheiros protestaram veementemente e pediram a Krishna que não

se aproximasse da piscina. Pediram, mas foi em vão. Ele assegurou que iria até a piscina, estava predestinado a ir naquele dia. Os meninos O seguraram e fizeram o possível para evitar o ‘desastre.’ Ele os afastou, tirou as roupas e anunciou que nadaria na piscina envenenada.

“Os meninos não conseguiram reunir coragem para aconselhá-Lo contra os terrores da piscina; os seus brandos protestos, Ele afastou. Com uma certa Vontade perversa Sua, Ele subiu em uma árvore na margem e pulou na horrenda piscina, ao lado da margem. Não voltou por um longo tempo. Os meninos vaqueiros, para quem Krishna era o próprio alento de vida, ficaram tomados pelo medo. Reuniram-se em torno da piscina e começaram a chamá-Lo em agonia, soluçando e lamentando-se.

“Enquanto isso, Gopala apareceu acima das águas, sacudindo a piscina (como se fosse um terremoto) com as Suas braçadas. De repente, ele viu uma serpente enorme seguindo-o, cuspidando veneno e vomitando fogo como um vulcão através dos olhos brilhantes. Os meninos não conseguiam olhar para a cena terrível sem gritar em uma angústia descontrolada: ‘Krishna! Vem para a margem, vem por aqui.’ Krishna nadava como se não ouvisse os gritos. Estava feliz na piscina, vibrando de alegria. Finalmente, a serpente conseguiu se aproximar de Krishna através das ondas formadas. Enrolou-se em torno do Seu corpo, apertando cada vez mais o abraço. Ao ver isto, alguns meninos correram o mais rápido que puderam para Gokul e deram a notícia a Nanda e Yasoda, pai e mãe de Krishna. Choravam alto enquanto relatavam o que tinha acontecido.

“Imediatamente Nanda e Yasoda, com todos os gopas e gopis e toda a população de Gokul, correram para a piscina envenenada, tomados pelo medo de que alguma calamidade enorme estivesse

para cair sobre Krishna. Balarama, o irmão mais velho, também estava entre eles. Ele conhecia a força e habilidade de Krishna, por isso acalmou a ansiedade dos pais; assegurou a eles que nenhuma calamidade poderia afetar a Krishna. Consolou-os e passou confiança de várias maneiras. Dentro de pouco tempo, a margem do rio estava repleta de pessoas, de todos os lados, em desespero. ‘Krishna, Krishna!’ era o grito que saía de todas as gargantas. Muitos desmaiaram e perderam a confiança quando olharam para Krishna e a serpente. Era realmente uma visão desgarradora!

“Muitas gopis não conseguiam ver Krishna preso nas alças daquele monstro imenso, arrastado para as águas sanguinolentas em um momento, erguendo-se no seguinte, lutando valentemente com a serpente que emitia partículas ígneas de veneno. Yasoda e várias gopis desmaiaram e caíram na areia. Receberam apoio dos outros e recuperaram a consciência. Então choraram muito e chamavam pelo nome do bem-amado Krishna. ‘Meu filho querido, onde essa serpente se escondeu esse tempo todo? Por que emergiu agora?’ lamentou Yasoda em desespero.

“Alguns dos Seus companheiros soluçaram. ‘A serpente não poderia lançar suas presas sobre nós em vez de ferir Krishna? Não poderia libertar Gopala?’ Algumas gopis se prepararam para pular na piscina para que a serpente soltasse Krishna e as atacasse. ‘Desistimos de nossas vidas para que Krishna possa ser salvo,’ declararam. Mas Balarama ficou no caminho assegurando a elas que Krishna se livraria, que nenhum mal poderia ocorrer a Ele. Chamou Krishna para que viesse ter com eles assim que triunfasse sobre o monstro.

“Muitas gopis oraram ardentemente pela vitória de Krishna, pois ‘a segurança de Krishna era a segurança dos mundos. Nosso Krishna é o

único Soberano de todos os mundos. Portanto, que Ele possa ser libertado rapidamente do estrangulamento da serpente.’ Suas preces foram endereçadas ao próprio Krishna, a quem queriam salvar por meio das preces! Abriram seus olhos enquanto oravam para ver se Ele já tinha Se libertado. O grande ajuntamento esperava na margem do rio, sem sequer piscar, pela libertação que poderia acontecer a qualquer momento. Estavam tomados pelo medo e pela ansiedade, esperança e fé.

“Naquele momento – oh, como posso contemplar e descrever a cena para o Rei?” Suka não conseguiu prosseguir. Não pôde impedir o fluxo de bem-aventurança, a tristeza, a maravilha e a adoração que surgiam do seu coração. Ficou de tal forma que cobriu sua face com as palmas das mãos, em um esforço vão de suprimir as lágrimas.

Parikshith viu isto e exclamou: “Mestre! Mestre! Que maravilha foi esta? O que aconteceu depois? Que calamidade sobreveio para você ficar assim? Por favor, conte rápido!”

Suka recuperou a compostura, limpando o fluxo de lágrimas dos olhos com a ponta da túnica ocre. Disse: “Maharaja! Não ocorreu nenhuma calamidade, mas aconteceu uma maravilha. Krishna cresceu tanto, tão rápido e alto em um só momento que a serpente teve que se desenroscar Dele, alça por alça. Quando os gopas e as gopis viram a pequena criança crescendo diante de seus olhos ficaram deslumbrados e alegres. Finalmente, a serpente teve que libertar a sua presa. Foi muito exaustivo, mas não causou dano. Mas a sua ira não terminara, e ela vomitou veneno na água e no ar. Abriu o capelo várias vezes e fixou seu olhar em Krishna como se o seu desejo de exterminá-Lo não tivesse acabado.

“Enquanto isto, Krishna pegou-a pela cauda e a enrolou rapidamente. Golpeou a superfície da água com o seu corpo. Isso forçou

a serpente a abaixar a cabeça, mas com grande esforço ela tentava mantê-la acima das águas. Então Krishna pulou sobre ela e segurando a cauda em uma das mãos, decidiu dançar sobre a linha do capelo! A serpente não suportou o peso do Senhor pulando com alegria de um lado do capelo para o outro. Sangrava profusamente pelo nariz e pela boca. Choramingava de dor e de vergonha. Quase não podia respirar. Estava quase morrendo.

“Ao ver isso, o povo reunido na margem gritou em alegria e confiança: ‘Krishna! Venha para a margem agora. Você nos salvou deste monstro. A crise está superada. Você conseguiu a vitória. Nossas preces foram ouvidas. Ganhamos o fruto dos nossos bons atos.’ Enquanto as gopis exultavam com a reviravolta dos acontecimentos, as serpentes fêmeas, que eram consortes do monstro, surgiram das profundezas da piscina, gritando em grande angústia. Caíram aos pés de Krishna e oraram: ‘Senhor! Você encarnou com o objetivo de punir os maus e os viciosos; por isso andar sobre este monstro e dobrar o seu orgulho foi certo e apropriado. É inteiramente. Você meramente realizou a Sua Tarefa e Missão. Mas, embora nosso marido fosse cruel, temos certeza de que a sua natureza foi transformada quando os Seus Pés ficaram plantados sobre a cabeça dele. Perdoe-o, oh Senhor, e nos dê nosso marido de volta, com suas graciosas bênçãos. Salve-o e abençoe-o para que ele não mais cause dano algum a qualquer coisa viva.’

“O Senhor condescendeu e aceitou suas preces. Perdoou o monstro Kaliya. Liberou-o com um aviso: ‘Daqui em diante, não cause nenhum dano a ninguém sem provocação, seja sátrico em sua natureza. Eu o abençôo para que ninguém lhe cause mal e nem o provoque para uma vingança. Você carregará em seu capelo as marcas dos Meus Pés, por isso até mesmo o seu inimigo natural, a águia Garuda, não lhe fará mais mal. Vá e viva em paz.’”

CAPÍTULO 39 -O ONISCIENTE COMO ALUNO

“**G**rande Mestre! Não me sacio, não importa quanto ouça sobre as travessuras de criança de Krishna! Realmente, este amado menino Krishna é o Divino, que tinha dentro Dele tudo o que existe, e contudo Ele brincou como se fosse uma criança humana comum. Que boa sorte a minha. Quando penso, sinto que isto foi concedido a mim não como mérito ganho nesta vida. Ah! Estou passando os meus últimos dias ouvindo as proezas Dele, que teve o Sessa velado como Seu divã! A maldição daquele sábio ajudou-me a limpar os meus pecados através deste meio. Agradeço novamente com um milhão de vênias à ira do sábio que me possibilitou esta benéfica oportunidade.

“À medida que os momentos finais se aproximam cada vez mais, meus centros anseiam beber as doces narrativas das brincadeiras de Krishna. Isso me embriaga, torna-me ‘insano.’ Ardo por este desejo, então dê-me o refrescante conforto através das poucas horas que restam da duração da minha vida.”

Parikshith, o Rei, aos pés de Suka, tomado pelo ardor da devoção em seu coração, orou por mais histórias do menino Krishna. A fonte da compaixão no sábio transbordou com esta prece. Pediu: “Oh, Rei, quais entre os incontáveis incidentes divinos deliciosos você deseja ouvir de mim? Seu número é tão grande que mesmo que prosseguisse por um milênio, muitos não poderiam ser relatados. Ninguém, não importa quão competente, poderia comprimir a narrativa em algumas horas.”

Parikshith respondeu: “Mestre! Ouvi que o nosso querido Krishna aprendeu várias habilidades e assuntos, com Balarama como seu companheiro, do muito feliz preceptor Sandeepani. Isso significa

que havia a necessidade de uma pessoa iletrada instruí-Lo, Ele que é o Mestre de todos os ramos do conhecimento, o Mestre e Soberano de tudo? Deve ter sido um jogo. Somente o Diretor Gopala sabia que seria abençoado e salvo, por qual meio e quando. Deve ter encenado esta peça para liberar Sandeepani das algemas do nascimento e da morte através do mérito da associação com o Senhor. Deixe-me ouvir os incidentes em torno de Sandeepani. Serei salvo ao ouvi-los.” Suka respondeu: “Oh, Rei! O que disse é uma verdade incontesteável. Sim, tudo foi um Jogo Dele. Para o drama que Krishna dirigiu, o Universo é o palco onde existem incontáveis cortinas, acessórios, abrigos e compartimentos para encenar Seus vários atos destinados a salvar e a liberar. Como o destino propício de Sandeepani tinha amadurecido, Ele deu ao sábio a grande chance e abençoou-o desta maneira. Ouça! Relatarei esse Drama Divino.

“Balarama e Krishna, os irmãos divinos, cresciam como o Sol a caminho do zênite, e brilhavam com incrível esplendor. Os pais, Nanda e Yasoda, estavam preocupados com o futuro deles, pois eram confundidos pela ilusão natural. Decidiram que seus filhos deviam aprender as artes e ciências, as habilidades e realizações apropriadas ao seu status e posição. O sacerdote da família, Garga, foi chamado e consultado, e um dia e hora auspiciosos foram fixados para os ritos necessários. Eles celebraram com grande pompa e cerimonial o rito de iniciação na sabedoria bramânica chamado Upanayana, ou “rito de conduzir o aluno ao preceptor.” Naquele dia, foram feitos inúmeros atos de caridade e muitas coisas foram dadas segundo as injunções sástricas. O povo de Gokula se entregou feliz aos entretenimentos que foram providenciados para ele.

“Os pais convidaram vários Pundits e pediram a eles e a Garga que descobrissem o preceptor mais eficiente e desejável para a

educação das crianças. O sacerdote da família, Garga, pensou por um momento e declarou que seria melhor enviar as crianças para o grande Sandeepani, um pundit de Avanthi, que vivia em Kasi, a Cidade Sagrada no sagrado Ganga.

“Sandeepani, disse, era uma pessoa santificada. Os pais não podiam enviar seus filhos amados para um lugar tão distante, mas sabiam da verdade que aprender sem um preceptor era somente um aprendizado cego. Por isso, concordaram e eles mesmos viajaram a Kasi com Balarama e Krishna. Chegando ao lugar sagrado, levaram os irmãos para Sandeepani e fizeram os preparativos para que eles ficassem com o famoso preceptor. Retornaram logo depois para Gokula, com o coração pesado.

“Daquele dia em diante, Balarama e Krishna estudaram com Sandeepani, reverenciando-o. Oh, Rei, existem dezenas de milhares, milhões de crianças que estudam com professores, mas os que se comportam de maneira a dar satisfação e alegria ao professor são muito raras, nem mesmo uma centena. Satisfazer o professor, estudar bem o que foi ensinado, evitar a busca do prazer sensorial e ligar-se somente a adquirir conhecimento, mesmo com consciência que estudar é tarefa e que estudar é dever – é assim que um aluno deve ser. E Balarama e Krishna eram assim.

“Eles nunca, em nenhuma ocasião, interrompiam o discurso do preceptor ou interpunham sua vontade à dele. Não excediam a sua vontade ou direcionamento em nenhum instante. Nunca desafiavam a sua autoridade ou ousavam desobedecer as suas instruções. Embora fossem recipientes da autoridade suprema sobre a Terra e o Céu, eles obedeciam e respeitavam o preceptor devido a sua eminência e posição.

“Eram cheios de seriedade e devoção; não permitiam que nada os distraísse da sua lição. Observando a sua disciplina e entusiasmo em aprender, Sandeepani sentiu grande alegria surgindo em seu coração. Quando ele os viu, teve um anseio de treiná-los em vários ramos do conhecimento. Ele os fez mestres dos quatro Vedas, a Vedanta, a ciência da lógica, da gramática, da jurisprudência e da economia. Ensinou a eles tudo o que sabia. Rei! O que posso dizer? Como posso descrevê-los? O mundo pode ter conhecido gênios que podiam dominar um assunto em cinco anos, em um ano ou em um único mês, mas ouça! Balarama e Krishna estavam com Sandeepani há somente sessenta e quatro dias, e naquele curto tempo, eles dominaram as sessenta e quatro artes e ciências! Foi como representaram o drama do estudo, foi somente um jogo para eles. Como podemos explicar esta lila histriônica e divina, surpreendente e difícil de acreditar? Meros mortais poderiam aprender tão rapidamente? Poderiam aprender tanto em tão poucos dias?

“Embora exultasse com a humildade e lealdade dos irmãos, embora aceitasse suas saudações e homenagens tão genuinamente oferecidas e embora participasse de conversas maravilhosas com eles, Sandeepani costumava derramar lágrimas apesar dos seus esforços persistentes para superar a tristeza que surgia dentro dele. Balarama e Krishna observaram isso e hesitaram bastante em questioná-lo sobre a razão. Finalmente, um dia, Krishna parou diante do preceptor com as mãos postas e dirigiu-se a ele: ‘Oh, maior entre os mestres! Enquanto conversamos com o senhor, vimos que seus olhos ocasionalmente ficavam cheios de lágrimas sempre que contemplava algum incidente. Se considerar apropriado que possamos saber a razão desta tristeza, conte-nos.’

“Quando ele ouviu essa prece, a tristeza encerrada em seu coração jorrou; tomado pela tristeza incontrolável, ele segurou Krishna com as duas mãos e chorou alto com angústia incontrolável. Krishna conhecia toda a história, embora fingisse não conhecer. Disse: ‘Guruji! Diga-nos a razão desta agonia. Nós nos esforçaremos da melhor maneira para aliviá-lo. Nenhuma missão pode ser tão santa e importante para nós quanto esta – restaurar a alegria no coração do Guru. Informe-nos sem delongas sobre qualquer dúvida. Não nos considere como meninos, continuando a hesitar.’ Quando Krishna confirmou isso, Sandeepani ficou aliviado. Recobrou-se e puxando os dois para mais perto, fê-los sentar um de cada lado.

“Disse: ‘Meus queridos! É uma sorte minha tê-los aqui. Já retiro de suas palavras a alegria de realizar o meu desejo. Minha consciência me diz que vocês não são crianças comuns. Sinto que talvez seja possível para vocês realizar esta missão. A fé me impulsiona; algumas vezes fico tomado pela dúvida. Não sei o que me aguarda.’ Dizendo isso, ele parou e novamente as lágrimas correram. Balarama caiu a seus pés, dizendo: ‘Guruji, por que duvida de nós e não confia? Somos como seus filhos. Para lhe dar ananda, estamos preparados para sacrificar nossas vidas.’ A ansiedade dos meninos e a firmeza da sua resolução causou um sentimento de vergonha no preceptor, e ele não segurou mais a razão da sua tristeza. ‘Meninos! Tive um filho após vários anos de casamento. Eu o criei com amor e com o mesmo cuidado que cuidava da minha vida. Um dia, ele foi para Prabhasakshetra, no mar, e, enquanto mergulhava nas ondas sagradas, afogou-se. Senti grande consolo e até alegria observando vocês, a sua humildade e senso de disciplina. Quase esqueci a perda. Vocês aprenderam tudo que existe para ser aprendido, e com rapidez. Agora, não poderão ficar comigo

por mais tempo. A quem cuidarei e amarei após a sua partida?’ O preceptor soltou longos soluços.

“Krishna ficou diante dele, ereto e forte. Disse: ‘Oh, melhor dos mestres! Temos que oferecer a nossa gratidão por nos ensinar de uma maneira incomparável todas as artes e ciências. Este é o seu único dharma, não é? Vamos partir imediatamente e lutar contra o mar que engoliu o seu filho precioso, e recuperá-lo. Vamos trazê-lo de volta e também a sua alegria. Vamos dedicar este ato como nosso Guru Dakshina (presentes cerimoniais dados ao preceptor pelo aluno). Abençoe-nos para que possamos partir nesta expedição.’ Ele caiu aos pés dele, levantou-se e esperou de pé. Sandeepani estava confiante de que eles não eram meninos comuns. Tinha fé que seriam bem-sucedidos.” O Rei disse: “Mestre! Como meus avós foram afortunados por poderem testemunhar isto! Krishna era o Divino que agia no papel de um ser humano, embora tivesse nele a imanência de tudo o que existe, existia e existirá.”

“Recebendo a confirmação e a bênção do Preceptor, Balarama e Krishna foram para o mar, pararam majestosamente na beira e comandaram com voz potente: ‘Oceano! Devolva o filho do Guru! Faça isso imediatamente, ou sofrerá a punição que pretendemos lhe infligir.’ O oceano recuou temeroso assim que ouviu as palavras. Tocou os pés de Balarama e de Krishna e disse: ‘Perdão! Não foi falta minha. Quando o menino se banhou, o destino o levou a um vértex e o empurrou para as profundezas. Enquanto isso, o ogro Panchajana, que vivia nas cavernas por ali, engoliu-o e o mantém em seu estômago. Esta é a verdade do que aconteceu. Deixo o restante com vocês.’

“Quando o mar falou isso, Krishna balançou a cabeça. ‘Certo. Já ouvi o seu relato’, e mergulhou nas profundezas para ir até a caverna

do ogro. Atacou-o em um combate mortal. O ogro entregou o menino para o Deus da Morte antes de ele mesmo dar o seu último suspiro. Por isso, Krishna não pode recuperá-lo quando abriu o seu estômago. Enquanto procurava nos intestinos em grande ansiedade para saber se o menino estava ali, uma enorme Concha veio até as suas mãos. Segurando-a, Krishna emergiu do mar e foi direto para a Cidade dos Mortos. Parando na entrada, Krishna tocou a concha de Panchajana que tinha trazido. O som produzido foi como um trovão no ar.

“Yama, o Deus da Morte, correu para o portão em terror. Viu Balarama e Krishna e inquiriu, polidamente, a razão de terem vindo a um lugar tão longe. Os Irmãos exigiram que ele trouxesse o ‘filho do Guru,’ e o colocasse sob a custódia deles. ‘Como ordenarem’, respondeu Yama com as mãos postas. Chamou os seus serviçais e em segundos o filho consagrado do preceptor foi colocado em suas mãos divinas. Os meninos imediatamente o levaram ao eremitério, colocaram-no ao lado de Sandeepani e ficaram ao lado. ‘Este é o nosso Guru Dakshina, por favor aceite-o como tal,’ pediu Krishna.

“A alegria dos pais foi além das palavras. Eles ficaram tomados pela explosão súbita de felicidade. Ninguém que contempla estas realizações divinas – a volta à vida do filho do Guru, que estava nos braços da Morte e outros milagres – pode continuar acreditando que eles eram mortais e não divinos. O que podemos dizer de Sandeepani? Ele sabia, compreendeu que eram os gêmeos Nara e Narayana.

“Ele ficou tomado pelo êxtase quando se lembrou que tivera a sorte de ter seres divinos como alunos e que podia ser chamado de Guru. Prostrou-se mentalmente diante deles; com lágrimas correndo pela face, ele os abraçou e organizou a saída deles do ashram.

“Balarama e Krishna subiram em sua carruagem e, após levar o Guru e sua esposa, chegaram à cidade de Mathura. Os habitantes, ao ouvir

como os irmãos haviam demonstrado a sua gratidão ao Guru, exaltaram-nos pela sua compaixão divina e por suas capacidades.

“Oh, Rei, reflita por um instante em como é inspirador este exemplo de Gopala Krishna enquanto recebia educação e como a sua conduta e determinação contribuíram para a alegria dos mais velhos. Cada ato de Krishna, embora pequeno e sem importância na superfície, tinha um profundo significado. Os tolos não conseguem descobri-lo, por isso os tratam como insignificantes. Existe alguém neste mundo que possa afirmar que pode ensinar a arte de nadar a um peixe? Da mesma forma, quem pode ensinar e se tornar o preceptor de Deus? Embora todo aprendizado emane Dele e deva ser obtido através da Sua Graça, Ele desempenhou o papel de aluno, como uma representação do aluno ideal, para mostrar ao mundo, pelo Seu próprio exemplo, a maneira como um Guru é escolhido e servido, a qualidade da humildade que a educação deve passar e a gratidão e o respeito que o aluno deve mostrar pelo professor. É com a intenção de guiar e advertir os alunos de hoje que o próprio Krishna passou pelo processo educacional e viveu o ideal. Observe como é sutil o mistério de Deus e de Suas lilas!” Enquanto Suka proferia estas palavras, lágrimas de alegria corriam pelo seu rosto.



CAPÍTULO 40 -DE MRITA A AMRITA

O Rei, que ouvia a excitante narrativa da gratidão de Krishna por Seu Guru, de repente abriu os olhos, e vendo o sábio diante de si, disse: “Ah, as lilas de Krishna! Seus atos cheios de maravilha excediam um ao outro em milagre e mistério. Deus está preparado para assumir qualquer fardo com o objetivo de corrigir e melhorar o Mundo; por este meio, Ele proclama a Sua genuína Majestade e Sacralidade. Mas a fumaça escura de maya cai sobre os olhos do homem, tornando-o incapaz de reconhecer a Divindade. Portanto, ele perde o significado interior destas lilas.”

Suka compreendeu o trabalho da mente do Rei. E respondeu: “Rei! A influência confusa de maya é a conseqüência das atividades acumuladas nas vidas anteriores. Pode-se escapar dela através de conseqüências boas; sucumbe-se a ela se as conseqüências forem malignas. Se as vidas anteriores forem marcadas por atividades boas, qualquer tendência ao pecado será superada pelas tendências virtuosas nesta vida e haverá a fé na Divindade. O ser se ligará ao Divino e passará a sua vida baseado Nele.

“Por outro lado, aqueles que cometeram crimes horríveis nas vidas passadas possuem uma visão escura e pavorosa que impede que vejam o Divino. Esse ser nunca se lembra de Deus e de Seu trabalho, nunca anseia pelo seu próprio ‘bem’ e pelo bem dos outros. Ele vê tudo sob uma perspectiva falsa. Ele se diverte na perversidade e se envolve em atos perniciosos. A fé em Deus é a colheita de sementes plantadas nas vidas anteriores. Ela não pode crescer e ser colhida em um impulso momentâneo.”

Ouvindo isto, o Rei ficou ansioso para saber mais sobre punya (mérito alcançado através de atividades boas) e papa (demérito

alcançado por atividades más) e o seu impacto sobre as vidas do homem; por isso, pediu ao Sábio Suka que lhe contasse mais um incidente da carreira de Krishna que lidasse com uma maldição e a sua cura, ilustrando o princípio do destino.

Suka riu do pedido! “Rei, inúmeras são as curas que Krishna realizou naqueles afetados por maldições. Os Rakshasas, a quem Ele matou enquanto ainda era uma criança e depois como rapaz, já lhe contei, foram todos amaldiçoados para nascerem desta forma como punição por alguma ação má, e quando se depararam com a morte, foram liberados da maldição.” O Rei levantou uma sugestão neste ponto: “Já ouvi que ‘desenraizar a árvore’ foi um incidente surpreendente de suma importância; se puder falar sobre isto, terei muita alegria.” E Suka, que estava sempre pronto para condescender, começou a história:

“Rei! Embora não houvesse escassez de servos, era Yasoda, a dona da casa, segundo o costume tradicional, quem realizava as tarefas do lar. Ferver o leite, coalhá-lo, batê-lo para obter a manteiga – todas essas atividades eram feitas pessoalmente por ela. Um dia, ela levantou como de costume, no início do Brahma Muhurtham (4:30 da manhã), tomou banho e foi realizar as tarefas da manhã, e depois, colocando o pote de leite diante de si, começou a bater vigorosamente puxando as cordas que mantinham a pá firme no líquido enquanto cantava doces hinos a Deus.

“Enquanto isto, Gopala (Krishna) chegou de mansinho até o lugar onde a mãe batia o leite e, de repente, deu um puxão na ponta do seu sari. Yasoda se sobressaltou com o puxão inesperado, virou-se e ficou agradavelmente surpresa quando viu seu travesso filho Krishna! Parando de bater, ela pegou-O em seus braços e O acariciou.

‘Querido filho, ainda não amanheceu! Por que saiu tão cedo da cama? Vá, meu querido, durma novamente por mais alguns minutos!’ Mas a Criança Divina balbuciou encantadoramente que estava com fome e começou a soluçar pateticamente para confirmar a sua ânsia para ser alimentado. O coração da mãe derreteu. Colocou a pá de lado e cobriu o pote com uma tampa. Depois, pegou Krishna no colo e sentou-se no mesmo lugar onde estava. Enquanto O alimentava em seu seio, passava gentilmente a mão em Sua cabeça com suavidade. Então, ouviu um barulho do pote rolando do fogão na cozinha lá dentro. Suspeitou que fosse uma brincadeira do gato. Levantou Krishna do colo e colocou-O no chão. Pois tinha que correr para verificar o que acontecera! Quando Yasoda desapareceu na cozinha, Krishna ficou enraivecido com o comportamento dela, parando no meio de Seu alimento. Viu o pote diante de Seus olhos, e entornou sobre ele toda a Sua ira. Bateu na pá, e quando os coalhos caíram pelo chão, Ele pegou a manteiga, colocou-a dentro de Sua boca, e fugiu da cozinha, para não ser repreendido. Quando Yasoda voltou, viu o pote quebrado e os coalhos no chão, a manteiga perdida! E Krishna desaparecera! Sabendo que fora uma arte Dele, procurou-O em cada canto.

“Não conseguia encontrá-lo em lugar algum. Foi até as casas vizinhas e perguntou se alguém O tinha visto. Todos declaram que não tinham passado pelo menino, que não sabiam onde Ele se encontrava.

Yasoda ficou realmente assustada. ‘Ele deve ter fugido com medo da punição por ter quebrado o pote e derramado todo o seu conteúdo. Pobre criança! Fugiu para a escuridão’ – pensou. Procurou em todas as casas, na rua inteira. Finalmente surpreendeu-O no ato de pegar um pote de manteiga de um gancho onde a dona da casa guardava vários potes cheios de leite, coalho e manteiga. Krishna estava sobre

um almofariz virado ao contrário para que pudesse levantar o pote e descê-lo com segurança para partilhá-lo com seus companheiros!

“Ao vê-Lo, Yasoda gritou: ‘Seu ladrãozinho! É assim que se comporta em cada casa? Quando as pobres gopis reclamaram dos seus furtos, eu costumava responsabilizá-las sem verificar a culpa e as mandava embora. E agora vejo com meus próprios olhos! E mal posso acreditar. Oh, como estava enganada. Não posso deixar que escape. Não. Se eu O deixar impune, com a desculpa de que é uma criança, mais tarde isto poderá levá-Lo a um crime calamitoso. Devo puni-Lo agora e não perdoá-Lo. Quando o filho de uma família ilustre se torna um ladrão, é uma desgraça para todo o clã. A má fama não será apagada com facilidade. A reputação da nossa família sofrerá.’ Sua agonia estava além das palavras. Nunca havia sofrido humilhação como esta. Entregou-se a um grande surto de ira. Pegou uma corda comprida e grossa e aproximou-se Dele com a intenção de amarrá-Lo ao pesado almofariz.

“Gopala, sabendo da sua intenção, entrou e saiu por todas as portas esquivando-Se das suas tentativas de capturá-Lo. A Mãe corria atrás Dele por todos os becos e ruas. Mas era mais pesada e nunca corria tão rápido antes. Por isso, logo ficou exausta. Seu ritmo logo diminuiu e ela começou a arfar. Homens, mulheres e crianças começaram a rir da sua vã tentativa de pegar o menino. Divertiam-se muito com a travessura de Krishna e da tentativa da mãe de agarrá-Lo.

“Gopala é onisciente, e não havia nada que Ele não soubesse. Compreendeu que a mãe estava muito cansada para prosseguir, e permitiu ser apanhado. Yasoda não pôde levantar a mão para bater nele. Pegou-O firmemente dizendo: ‘Venha para casa, seu ladrãozinho. Não será bom eu bater em você diante de todos. Eu ensinarei a lição em

casa, e arrastou-O. Lá, ela O puxou para um grande almofariz de pedra para que pudesse atá-Lo com a ajuda de uma corda forte. Mas a corda que arranhou era muito curta. Procurou outra para unir à primeira. Teve que fazer isto várias vezes, independente do comprimento da corda. Krishna parecia crescer tanto que nenhuma extensão era suficiente. Era sempre preciso mais um pedaço para amarrá-Lo. A mãe admirava-se com este desenvolvimento. Qual seria o milagre? Ela não sabia. Finalmente conseguiu dar um nó, deixando-O preso ao almofariz. Yasoda entrou na casa e retornou para as suas obrigações.

“Enquanto isso, Ele arrastou o almofariz e foi para o jardim com ele rolando atrás. Lá havia uma árvore com dois troncos lado a lado, bem próximos um ao outro. O almofariz foi colocado entre os dois troncos, e quando a Criança Divina deu um pequeno puxão para retirar a sua carga, a árvore saiu pela raiz que caiu com grande barulho. Isso atraiu a todos na casa de Yasoda, onde a árvore caíra embora não estivesse chovendo e nem houvesse uma tempestade. Yasoda correu para ver o que acontecera. Ficou surpresa com a cena. Ela viu Gopala no meio da folhagem caída, entre os ramos emaranhados. Gemeu alto e correu para a criança. Afrouxando o nó, pegou a criança e sentiu-se aliviada ao ver que Ele escapara de outra calamidade terrível.

“ ‘Meu filho! Você se assustou? Oh, como fui má!’ — a mãe lamentou. Mas enquanto lamentava, duas Formas Divinas, ambas masculinas, emergiram da árvore. E caíram aos pés de Gopala. Uniram as mãos e disseram: ‘Oh, Senhor, somos os filhos de Kubera, somos os irmãos gêmeos Nalakubara e Manigriva. Pela maldição do Sábio Narada fomos transformados nesta árvore. Este dia foi o fim da maldição, através da Sua Graça. Se nos permitir, gostaríamos de voltar para o nosso lugar.’ E assim dizendo, as duas Formas Divinas

desapareceram. Ao ver estas figuras estranhas, o povo de Gokul se surpreendeu, e todos ficaram felizes.

“Embora eles ouvissem ouvido a glorificação de Gopala como Deus, embora tivessem evidências concretas da Sua Divindade, eles recaíram na Maya (ilusão) e retomaram as velhas conversas de Gopala ser filho de Nanda e Yasoda, e sentiam que ele fosse seu amigo vaqueiro. Foram pegos nas tramas da ilusão.”

Quando Suka disse isso, o Rei fez uma pergunta: “Mestre! Como Maya consegue este poder tão forte? Quem a dotou com a capacidade de esconder a Glória do próprio Madhava (Deus)? Qual é exatamente a natureza verdadeira de Maya? Por favor, diga-me.” Então Suka explicou: “Rei! Esta Maya não é uma coisa separada, com a sua forma própria. Deus é perceptível somente com um revestimento de maya. Ele é evidente porque utilizou uma veste de maya. É Seu Upadhi. Isto é, Maya obstrui a Realidade. Sua natureza é esconder a Realidade e fazê-la parecer irreal. Somente aquele que a remove, a destrói, a conquista, a atravessa pode alcançar a Deus. Maya faz sentir que o inexistente existe. Mostra a água na miragem. Ela o faz ver como Verdade o que é imaginado e desejado. A ilusão não pode afetar o homem se ele for capaz de desistir do desejo ou de imaginar e planejar.

“Ou então, como poderia Yasoda, que tinha visto com seus próprios olhos, em várias ocasiões, a Divindade de Krishna, escorregar para a crença de que Ele era seu filho? A imaginação, o desejo foi a causa dessa ilusão. O corpo é do filho e da mãe, mas a essência verdadeira, o dehi, a Personificação — esse não tem filho nem mãe! O corpo da mãe está ligado ao corpo do filho, mas não há mãe-dehi, nem filho-dehi. Se alguém permanecer firme em sua fé, não haverá mais desejos de prazeres externos. Inquire e investigue, e você co-

nhecerá esta Verdade. Sem a inquirição, a ilusão crescerá e o intellecto será lentamente subjugado.

“Ah! O papel que a Divindade assume traz resultados que são realmente monumentais. A Vedanta ensina que se deve penetrar por trás do papel até a Realidade. Esse é o seu significado interior. Iludido pelo papel, o homem busca o desejo. Acreditando que o corpo assumido é o real e verdadeiro, o homem cai em Maya. Para os que têm a atenção concentrada no Corpo, a Pessoa interior não fica visível, não é? Quando as cinzas cobrem, as brasas vermelhas ficam escondidas. O musgo que cobre as águas do lago dá a ilusão de que é terra firme sobre a qual a vegetação cresceu. Quando o olho está com uma catarata, a pessoa não pode ver nada. Da mesma forma, quando a noção do corpo como Realidade predomina, o Residente nele não é notado.”

“Mestre! Nestes dias, em verdade, o véu caiu da minha mente. Os seus ensinamentos, como uma lufada de vento, sacudiram as cinzas que estavam sobre as brasas vivas. A ilusão de que este composto dos cinco elementos, isto é, o Corpo, é a Realidade, foi totalmente aniquilada e exterminada. Sou abençoado, realmente abençoado.” Com estas palavras, o Maharaja Parikshith caiu aos pés do Guru Suka.

Enquanto isso, a reunião de Rishis e dos cidadãos comuns caiu em uma conversa animada. “Quando o tempo corre rapidamente para o final, o corpo também precisa se aprontar para sair, não é? O corpo cai quando o ar vital pára de fluir nele, mas a mente não o deixa. Por essa razão, novos corpos precisam ser assumidos até que a mente se esvazie, sem contentamentos e querer. “Neste dia, o Maharaja diferenciou a mente do corpo. Agora, ele está em tal bem-aventurança que nem o ar vital produz impacto. Quando a mente está sempre imersa em Madhava (Deus), o corpo será toda Divindade, seu caráter de humanidade não pode ser identificado”.

“O ensinamento conferido por Suka hoje não é dirigido somente a Parikshith. É para todos nós,” eles disseram. “É para todos os atingidos pela ilusão de que são o Corpo que eles encerram. Este tipo de ilusão é a causa do cativo. Mas o outro tipo, a crença de que somos o Atma, esse é o caminho para a Liberação. É isto que os Vedas e os Sastras declaram. A mente que recebe a ilusão ou que alimenta a idéia da Realidade é, portanto, o instrumento tanto para o cativo quanto para a liberação. ‘Mana evamnushya anam karanam bandha mokshayoh.’ Esta frase do Sruthi é a Verdade.” Pensando sobre isto, o povo permaneceu sentado com os olhos fechados, imerso em oração. Quando o sol ia se pôr, os sábios andaram para a margem do sagrado Ganga, levando o pote de água (kamandalu) e o bastão (danda) em suas mãos para que pudessem realizar os ritos vespertinos.



CAPÍTULO 41 - A MENSAGEM DO ADVENTO DE KRISHNA

O Rei, que tinha alcançado a destruição das agitações causadas pelo desejo e assim conseguira eliminar a “mente”, juntou as mãos e orou, com um único último desejo: “Mestre! O tempo se aproxima do meu fim, no que diz respeito ao corpo. O auge da maldição do sábio me atinge. Naturalmente, estou preparado de todas as formas para recebê-lo. Contudo, enquanto estou nesta habitação física, prometo, voltar-me-ei para os pensamentos do divino, na recapitulação do divino, ouvindo o divino. Que este voto não seja de nenhuma forma quebrado. Que o curto equilíbrio do tempo seja usado para gravar em meu coração a face encantadora de lótus de Nandanandana, a amada Criança Divina que iluminou o lar de Nanda. Que a Forma esportiva encha a minha consciência totalmente, conferindo-me imensa ananda. Descreva-me a chuva de auspiciosidade que deve ter marcado o momento do Seu nascimento. Quais foram os eventos e acontecimentos milagrosos que revelaram ao mundo que Deus tinha vindo à terra? Como Kamsa desenvolveu a cruel determinação de matar a Criança Divina, e como esta determinação atizou as chamas da ira com o passar dos dias? Conte-me a história do nascimento desse Kamsa e o do Senhor como Krishna. Que a minha hora final seja abençoada por esta sagrada história. Ela certamente fará com que o meu alento sagrado encontre a consumação em Gopala.”

Com isto, Suka ficou ainda mais feliz. “Maharaja!” ele disse, “eu também estou cheio de alegria pela perspectiva de passar as poucas horas que restam recitando sobre o nascimento e os jogos divinos de Gopala. Gopala assumiu o nascimento para estabelecer o dharma, ou Retidão. Esteve repleto de grande mistério. Somente os que amadureceram pela sabedoria através do processo da atividade divina

podem desenrolar o mistério e apreender o seu significado. Para os outros, a própria palavra é um redemoinho do mal. Eles divertem-se em suas profundezas. Mergulham e flutuam para finalmente dissolverem-se nele. Não devemos cair na compulsão de dedicar um pensamento sequer a essas pessoas.

“Maharaja! Há muito tempo, o mundo era governado por um Rei da dinastia Yadu, chamado Ahuka. Um grande número de servidores rodeava o trono e esperava as suas ordens, prestando homenagens, buscando a paz e a prosperidade através do seu comando benéfico. Ele tinha dois filhos, Devaka e Ugrasena. Quando eles cresceram o suficiente para assumir as responsabilidades da administração, o Rei os casou e colocou sobre suas cabeças uma parte das suas preocupações. Os anos passaram. Devaka teve sete filhas e Ugrasena nove filhos. Devaki era a mais velha das filhas de Devaka, e Kamsa, o mais velho dos filhos de Ugrasena. Eles tiveram papéis vitais na história na qual estamos interessados.

“Antigamente, Mathura era a capital da dinastia Yadu. Dentro dos limites da cidade morava um regente tributário, um príncipe yadu, chamado Surasena. Tinha dez filhos e cinco filhas. O filho mais velho chamava-se Vasudeva. Kunthi era a filha mais velha. Esta família de príncipes morava perto, e as crianças cresceram. O fluxo do tempo passou rápido, e instado pela força da causa histórica, produziu conseqüências que fizeram a época.

Devaki, a filha do tio paterno de Kamsa, tinha sido dada em casamento a Vasudeva. O casamento foi celebrado em grande escala. Regentes, reis e imperadores, eruditos, sábios e santos reuniram-se em grande número. A cidade estava lotada de príncipes e personagens importantes. Kamsa teve um interesse especial em lidar com uma hospitalidade prolífica e pomposa com todos. Não tinha irmãs

peçoais, e amava Devaki como sua irmã, por isso cobriu-a com trajes caros, jóias preciosas e toda a parafernália de glória real. Todos ficaram encantados com a grandiosidade da festa. No terceiro dia, a noiva tinha que ser enviada à casa do noivo com todos os presentes e dons caros. Por isso o próprio Kamsa levou os recém-casados em uma magnífica carruagem. Quando prosseguiram em uma procissão colorida pelas ruas decoradas da cidade, de repente houve um clarão brilhante sobre a carruagem. Ouvia-se a explosão de um som terrível, como se o mundo estivesse sendo destruído por uma inundação de uma só vez. O clarão e a explosão fizeram com que príncipes e o povo ficassem paralisados. Naquele instante, o silêncio foi rompido por algumas palavras bem claras que explodiram no céu.

“As palavras foram: ‘Oh, Imperador Kamsa! Você se comporta como um tolo, sem saber dos próximos eventos. Esta irmã a quem você ama como a si próprio, a quem leva agora tão apaixonadamente na carruagem com tanta pompa e prazer – ela terá como seu oitavo filho a pessoa que o levará à morte! Reflita sobre esta calamidade.’

“A figura brilhante que pronunciou estas palavras fatídicas desapareceu no céu. O povo, os príncipes e os eruditos que ouviram a terrível notícia perderam a alegria. Kamsa, na carruagem, ficou tomado de uma fúria ígnea. Perdeu o autocontrole. Foi tomado pela confusão e deixou as rédeas caírem. Seu coração bateu com raiva. Seus pensamentos foram de medo. Finalmente, tomou uma decisão. Com a irmã viva, o matador nasceria. Se a vida da irmã fosse tirada, ela não poderia dar a luz à pessoa que traria a sua morte. Pensando desta forma, ele levantou a irmã do assento na carruagem, agarrando-a pelos cabelos! Forçando-a a ficar de pé, puxou a espada afiada da bainha com a vil intenção de cortar sua cabeça.

“Até o coração mais duro estremeceu com esta cena. Que coisa terrível: ele tentava matar a própria irmã a quem amava tanto e a quem escoltava com tanto gosto, que grande contraste! Ninguém podia fazer nada para evitar o desastre.

“Enquanto isso, o noivo, Vasudeva, levantou-se e segurou ambas as mãos de Kamsa com força. ‘Querido cunhado. Eu também ouvi voz no céu. Se o perigo vier a você, nós dois o partilharemos, não queremos que nada de mau o atinja. Oramos pelo seu bem-estar sem interferência. Nunca lhe causaremos um dano. Para um irmão como você, não é apropriado se permitir um desastre como este, quando todos estão alegres. Solte sua irmã. Se tiver uma fé inabalável na Voz que declarou que você morrerá pela criança que irá nascer, afirmo solenemente que você cuidará de cada criança que nascer dela. Eu juro. Isso resolverá o seu medo. Se, por outro lado, você participar da matança de sua irmã, apesar da minha oferta, ela trará um desastre para você como reação deste pecado monstruoso.’

“Quando Vasudeva falou com piedade, Kamsa sentiu um pequeno alívio, compreendendo que havia alguma validade no que o seu cunhado dizia. Afrouxou a mão e deixou que Devaki se sentasse. Disse: ‘Fiquem avisados! Mantenham a palavra empenhada comigo. Com isso, passou para o seu irmão mais novo as rédeas e retornou ao palácio. Naturalmente ele voltou, mas dividido entre o medo da morte e o afeto pela irmã. Embora a sua cama fosse de penas e bem macia, sofreu como se ela fosse feita de brasas quentes. Não teve apetite e nem conseguia dormir. Ficou mergulhado no terror da morte. Kamsa passou um ano inteiro neste estado. Os cunhados mantinham um contato constante entre si.

“Enquanto isso, Devaki ficou grávida e o nono mês aproximava-se. Ela teve um filho. ‘Eu dei a minha palavra para salvar a sua vida’, disse Vasudeva para Devaki quando pegou o recém-nascido enrolado em

mantas quentes para levar para a mercê de Kamsa.

“Contudo, Kamsa não pretendia matar o bebê. Ficou feliz de o cunhado ter mantido a palavra. Disse: ‘Meu querido cunhado, este bebê não pode me causar mal. A voz do Céu me avisou somente contra a oitava criança. Portanto, leve seu filho de volta.’ E Vasudeva pegou o bebê e colocou-o nas mãos de Devaki. A mãe ficou feliz com o fato do seu primeiro filho ter-lhe sido devolvido. Abriu o seu coração em gratidão a Deus pela bênção recebida. Ela concebeu novamente, e os pais foram afligidos pela tristeza do medo de Kamsa e do que ele faria com a criança. Eles queriam filhos, mas temiam o destino que poderia cair sobre eles.

“Enquanto isso, o sábio Narada, que vagava entre os mundos louvando o Senhor, apareceu na corte de Kamsa. Perguntou pelo Imperador, se ele estava bem, e se o reino estava seguro e próspero. Durante a conversa, Narada revelou que os Yadavas eram deuses vindos como homem, e que Kamsa era uma encarnação de Kalanemi, um famoso Asura. Disse também que o oitavo filho de Devaki iria arruinar a descendência dos Asuras e seria o destruidor da vida do próprio Kamsa. Isso foi como derramar óleo na fervera. Não contente, adicionou ao deixar Kamsa: ‘Viva cada dia que tiver como uma década ou mais. Não desconsidere a morte como uma contingência distante!’

“Ao ouvir o aviso, Kamsa mergulhou em uma profunda ansiedade. Temeu que os próprios bebês pudessem trazer a morte, e enviou um recado a Vasudeva para vir até ele. O pobre Vasudeva veio com terror, temendo que alguma calamidade recaísse sobre a sua cabeça. Quando surgiu, Kamsa se inflamou de raiva e soltou a pergunta direta: ‘Quantos filhos tem agora?’ Vasudeva não conseguiu responder. Temendo que algo terrível pudesse acontecer se a sua resposta não agradasse, seus lábios tremeram quando respondeu: ‘Agora temos seis.’ Kamsa gritou: ‘Bem, amanhã pela manhã você deve trazer to-

dos os seis e entregá-los a mim.’ Ele não disse nenhuma palavra. Tinha que honrar a sua palavra. Mas o apego à sua prole o fez se retirar. Moveu-se como se fosse um corpo sem vida que tinha que permanecer vivo. Foi até onde estava Devaki com os seis filhos no colo. Quando contou a ela que Kamsa pedira os filhos, ela os abraçou sofrendo uma agonia inimaginável.

“Maharaja! Para prolongar uma única vida, veja quantos inocentes foram sacrificados. Pode se perguntar por que este pecado horrível! Mas quem pode desvendar os mistérios do Divino? Para o olho externo, parece ser um infanticídio imperdoável. O olho interno pode perceber o fruto de pecados cometidos por aqueles mesmos bebês no passado, ou a culminação de alguma maldição lançada sobre eles. Poderia ser uma passagem para um nível superior de nascimento. Quem sabe o que repousa nos recessos do passado ou nas cavernas do futuro? Quem sabe por que eles nasceram, por que viveram e por que morreram? O mundo observa somente o intervalo entre o nascimento e a morte; preocupa-se somente com este período limitado. Mas, o Mestre e Soberano de todos os Mundos, passado, presente e futuro não age desta forma. Ele é mais compassivo do que todos os homens. Verte a Sua Graça pesando os três tempos, as três camadas do espaço e os três traços do caráter. Ele sabe o melhor, mais do que qualquer homem. Portanto, o único recurso para o homem é acreditar que tudo é a Vontade Dele e ficará em paz, e mergulhar na contemplação da Sua Glória e Graça.

“Maharaja! No dia seguinte, assim que o sol surgiu acima do horizonte, Vasudeva pegou as crianças contra a sua vontade e com a ajuda dos criados, e com os olhos firmemente fechados entregou-os para Kamsa, caindo depois em pranto. O maníaco egocêntrico pegou cada um pela perna e os desfigurou batendo-os com força sobre

o chão! Sem poder interferir, o infeliz Vasudeva retornou para casa com o coração pesado, lamentando o gigantesco pecado que trouxera esta recompensa. O casal real foi desgastado no corpo através da terrível agonia que passou e os dois ficaram juntos em silêncio. Sentiam cada momento de vida como uma culpa insuportável. ‘A Vontade de Deus deve prevalecer. Deve-se viver até a vida terminar,’ consolavam-se. Atingidos pelo sentimento, dissolveram sua força e psique nas correntes de lágrimas derramadas.

“Enquanto isto, a sétima gravidez! E, surpreendentemente, foi abortada no sétimo mês! Seria necessário informar a Kamsa? Em caso afirmativo, como? Não descobriram a resposta. Quando Kamsa soube, suspeitou que a irmã fosse capaz de algum estratagemas para iludi-lo, e encerrou a ela e o marido em uma prisão bem guardada.”



CAPÍTULO 42 -CONSUMAÇÃO EM NANDA-NANDANA

O Sábio começou narrando o evento mais glorioso, revelando a Realidade da encarnação de Krishna. Disse: “Devaki e Vasudeva, que passavam os dias na prisão, não ficaram diferentes das pessoas loucas. Os cabelos não eram penteados, ficaram magros e fracos sem apetite e sem recurso para alimentar o corpo. Não tinham vontade de comer e nem de dormir. Eram lentamente consumidos pela tristeza dos filhos que tinham perdido. Quando sua vida na prisão entrou no segundo ano, Devaki concebeu pela oitava vez! Oh, foi maravilhoso. Que transformação isso trouxe! Os rostos de Devaki e de Vasudeva, que tinham secado, de repente floriram como um lótus em plena floração. Eles brilhavam com um estranho esplendor.

“Seus corpos, que tinham sido reduzidos a pele e ossos, como se estivessem desidratados, engordaram, ficaram suaves e brilhavam com um halo dourado. A cela onde estava Devaki tinha agradáveis fragrâncias. Emitia uma luz fantástica e restava repleta de uma música inexplicável e a batida de passos de dança. Visões e sons realmente surpreendentes! Devaki e Vasudeva perceberam esses acontecimentos, mas tiveram receio de informar a Kamsa, de temor que em sua fúria vingativa ele despedaçasse o ventre que acolhia a criança. Estavam ansiosos quanto ao estranho futuro do filho que nasceria e inquietos com os misteriosos presságios.

“E Kamsa? Ele sabia que o seu fim se aproximava rapidamente. Estava dilacerado pela ganância de continuar como inquestionável Imperador do Reino. Foi tomado pelo espírito da conspiração. Percorreu os territórios dos principados de Yadu, Vrishni, Andhaka e Bhoja e adicionou-os ao seu domínio. Tentava estabelecer um regime ditatorial e atirou o próprio pai já idoso, Ugrasena, na prisão. A partir daquele momento, sua vontade era soberana.”

Quando Suka relatou essa história, Parikshith interrompeu-o: “Mas que bobagem é essa? Sabendo muito bem que o seu fim se aproximava, sabendo que na oitava gravidez, a Pessoa que iria destruí-lo crescia, sabendo que a Voz que falara do Céu não poderia ter dito outra coisa senão a Verdade, Kamsa se resolveu por esses atos de ganância incomum e maldade indizível? Isto é realmente inacreditável!”

Ao ouvir isto, Suka deu uma gargalhada. Disse: “Maharaja! Evidentemente você pensa que todos aqueles que sabem que o seu fim está próximo farão como você, utilizando a tempo que lhes resta buscando compreender a Visão Dele que é a personificação do Tempo! Mas o seu anseio pode surgir na mente somente como uma consequência de um equilíbrio favorável de méritos adquiridos nas vidas anteriores. Não pode surgir de repente. Considere a vasta diferença entre aquilo a que você se ligou quando soube que a duração da sua vida estava chegando ao fim e os atos de Kamsa quando soube que o seu fim estava próximo. Estas duas atitudes chamam-se Deva e Asura, Divino e Demoníaco. Para os equipados com as virtudes Divinas ou Dévicas com a ansiedade de realizar bons atos, ter bons pensamentos, fé em Deus, compaixão por todos os seres, arrependimento para não se desviar do caminho reto, da verdade, da não-violência e do amor, somente os pensamentos de Deus e necessidades de realizar atos santificados surgirão nos últimos dias.

“Mas, os que estão imersos no egoísmo, ganância, vícios, violência e ações incorretas sofrerão de necessidades malignas nos últimos dias e se destruirão. O primeiro atinge Kaivalya, ou beatitude; o segundo atinge somente o inferno, Naraka.

“O olho do observador vê a mesma consumação – a morte. Mas o objetivo atingido por ambos é distinto, é invisível aos que estão à sua

volta. O objetivo é determinado pelos pensamentos que surgem na mente do que está morrendo. A destruição da vida é comum, o darshan de Deus é algo que deve ser ganho, e conquistado. É único. Por isso o provérbio: ‘Vinasa Kale, vipareetha buddhi’: quando o desastre é imane, o intelecto se volta em contra! Somente aqueles que estão prestes a ser destruídos terão e aceitarão essas más intenções. Aqueles que são abençoados com a visão de Deus rumarão rapidamente para o puro e o elevado em seus últimos pensamentos.”

Quando Suka terminou, o Maharaja Parikshith, com toda a sua sinceridade, falou: “Não, isto não é o resultado do meu esforço, ou a consequência de mérito adquirido por mim em vidas anteriores. O fruto da bondade de meus avós e pais está me direcionando para o caminho correto. Mais que tudo, a iluminação lançada pelas gemas da sabedoria como a sua e o efeito consagrado da Graça de Krishna – isso está elevando a devoção e dedicação que surgem em mim. Naturalmente, a associação com que somos privilegiados ou à qual somos compelidos a compartilhar tem um efeito promocional (ou adverso).

“Mas felizmente, desde o momento do nascimento, a Graça de Deus tem me guiado e guardado. Fui formado e sustentado pela associação com bons homens, companheirismo com pessoas justas de moral, realização com grandes eruditos e a inspiração de atos magnânimos de meus ilustres avós. Devo reconhecer também a ajuda dos ministros sábios e com excelente discernimento que me serviram e ganharam e desfrutaram do amor e consideração do meu povo. Tudo isso não poderia ser a consequência dos meus esforços. Contudo, mesmo que a semente seja excelente, se o campo não for fértil, a colheita seria proveitosa? Embora meus ideais sejam elevados, se o meu reino não tivesse a tradição lançada pelos meus antecessores, nem sábios e erudi-

tos para instruir e inspirar, nenhum ministro para executar e elaborar a nação, nem povo para apreciar e agir conforme os ideais, seria somente um recipiente de leite estragado pelas gotas de ácido, não é?

“Se não fosse por eles, meus ideais teriam evaporado e eu teria caído nos vícios das pessoas que me elogiam, tornando-me um outro Kamsa de coração pétreo. Portanto, concluo que os pecados de Kamsa devem ser atribuídos até certo ponto aos vícios inerentes aos estudiosos, aos mais velhos, ministros e ao povo do seu reino.

“Naturalmente você é mais competente para se pronunciar sobre a correção dessa inferência. Bem, por que devo gastar as minhas últimas horas da minha vida buscando as falhas nos outros ou analisando suas causas e conseqüências? É melhor que eu santifique cada segundo. Diga-me, Mestre, sobre o momento sagrado do Nascimento, quando o meu alento, Gopala, apareceu sobre a terra.” Ao dizer isto, Parikshith prostrou-se aos pés de Suka e sentou-se, com os olhos fechados, ansioso para ouvir. Encontrava-se em grande expectativa para aprender com Suka o mistério surpreendente do Nascimento.

Suka relatou a história: “Maharaja! O feto da sétima gravidez foi tomado e transferido para o ventre da esposa de Vasudeva, de nome Rohini, que estava em Gokula, sob a proteção de Nanda. Isso foi feito para que a criança pudesse crescer e ser companheiro e colega de Gopala. Rohini deu a luz a um filho, que recebeu o nome de Balarama, dado por Garga, o Preceptor da família, pois era extraordinariamente forte no corpo e encantou a todos com sua inocência e inteligência. Como foi transferido do ventre de Devaki para o de Rohini, foi também chamado de Samkarshana (Aquele que foi atraído, descido).

“Enquanto isso, a oitava gravidez completou nove meses. Devaki e Vasudeva tinha suas vidas postas nas palmas das mãos, pois sofriam

pelo que poderia acontecer a qualquer momento — quando ocorreria o parto? O que Kamsa faria para puni-los ou destruir o inimigo que temia! Eles estavam desesperados, em grande angústia, sem comer ou dormir. Quando Kamsa soube que tinha se passado o nono mês, tomou precauções extras para que a criança não lhe escapasse. Ordenou que Vasudeva e Devaki ficassem algemados nas mãos e nos pés. Trancou as portas da prisão com cadeados ainda maiores. Colocou um número maior de guardas alertas e capazes em volta da prisão. Determinou que a cada cinco minutos examinassem os prisioneiros para se certificarem de que continuavam entre as paredes da prisão. Kamsa estava permanentemente preocupado e ansioso sobre o nascimento e com o que aconteceria com ele depois.

“Mas, quem pode pôr obstáculos à inescrutável operação da Vontade de Deus? Será que o Divino Mistério pode ser penetrado e desvendado? Os tolos que não conseguem apreender a Verdade, que não podem reconhecer a Divindade e a medida do Poder de Deus, que não têm fé em Deus, vivem na ilusão de que seus míseros planos os salvarão e que poderão triunfar pelos seus próprios esforços! O fato é que nem o sucesso mais ínfimo pode ser obtido sem a Graça de Deus.

“Embora isso seja verdade, não devemos nos sentar de braços cruzados acreditando que tudo se realizará por si, se e quando Deus desejar. O esforço humano é essencial e o homem deve sempre tentar. Deve usar a força e as habilidades com que foi dotado e decidir-se a prosseguir com o trabalho, colocando a responsabilidade do sucesso em Deus. Pois, sem a Graça de Deus, todo esforço será infrutífero.

“Uma noite, deitada no chão da prisão, Devaki entrou em trabalho de parto. Fixou sua mente em Deus e olhou intensamente a chama de uma pequena lamparina, perguntando-se ansiosamente: ‘O que acontecerá comigo? O que o futuro me reserva?’ De repente, a chama se

apagou e a cela ficou mergulhada na escuridão. Então ela observou uma Forma resplandecente que lançava um estranho esplendor diante dela. Ela perguntou-se quem seria. Chamou Vasudeva, com medo de que fosse Kamsa com outra forma. Estava perdida na confusão e na dúvida, sobre a identidade do Fenômeno diante dela.

“De repente, a Forma ficou clara! Estava armada com a Concha, o Escudo e a Maça; a Quarta Mão estava na pose abhaya (a pose que indica que não é preciso ter medo). E disse com suavidade e doçura: “Não se preocupe. Sou Narayana. Devo nascer em alguns minutos como seu filho, com a intenção de acabar com as suas dores, em resposta à promessa que fiz quando você Me visualizou como resultado do seu maior ascetismo. Não fique ansiosa por minha causa. Seja apenas a testemunha do drama que será encenado. Em todos os quatorze mundos não há ninguém nascido ou por nascer que possa Me causar o menor dos males: esteja certa disso. Mesmo quando alguma aflição a afetar como conseqüência do afeto pela criança que nascerá e pela ilusão que obscurece a mente, você testemunhará imediatamente milagres que revelarão a Minha natureza.

“ ‘Assim que Eu nascer, as algemas cairão dos seus pés e mãos. As portas da prisão se abrirão por si só. Tire-Me daqui sem o conhecimento de ninguém e leve-Me para a casa de Nanda em Gokula, e coloque-Me ao lado de sua esposa Yasoda, que está em trabalho de parto neste momento. Traga a menina que ela parirá novamente para esta prisão, e mantenha-a com você. Depois envie um aviso a Kamsa. Até que ele receba a notícia, ninguém em Mathura ou Gokula perceberá ou capturaré você. Cuidarei para que isso ocorra.’ ‘Ele brilhou em Divino Esplendor e, abençoando Devaki e Vasudeva, entrou ao ventre de Devaki como um Orbe de Luz. Em minutos, a Criança nasceu.

“Eram 3h30min da madrugada, a hora auspiciosa de Brahma Muhurtham. O Vishnu-maya (Divino Poder de Iludir) trouxe um sono repentino e pesado a todos os guardas, espíões e vigias. Caíram nos seus postos, vencidos pelo sono. As grossas argolas de ferro que atavam as mãos e os pés de Vasudeva partiram-se em três. As portas e portões se abriram. Embora fosse a hora mais escura da noite, o cuco cantou com alegria, os papagaios anunciaram a felicidade celeste que sentiram. As estrelas piscavam, pois cada uma delas sorria com alegria interna. O Deus da Chuva verteu gotas de flores de chuva sobre a terra. Em torno da prisão, revoadas de pássaros se uniram em suave melodia.

“Vasudeva compreendeu que tudo era manifestação do encanto de Deus. Pousou os olhos sobre o recém-nascido e ficou surpreso com o que viu. Seria verdade? – perguntou-se. Ou uma ilusão mental? Ficou paralisado como um pilar. Pois, Maharaja! O Bebê riu olhando a mãe e o pai. Parecia que ia falar alguma coisa. Sim. Eles ouviram as palavras, ‘Agora, sem demora, leve-Me para Gokul.’

“Vasudeva não hesitou. Cobriu uma cesta de bambu com um velho dothi e colocou o Bebê nela. Rasgou uma tira de um sari velho de Devaki e cobriu o Bebê. Saiu então pelas portas e portões abertos e passou pelos guardas adormecidos.

“Notou as pequenas gotas de chuva que caíam do céu e ficou triste porque o Bebê logo ficaria encharcado. Mas quando se voltou, viu a serpente Adishesha seguindo as suas pegadas, evitando que a chuva molhasse o Bebê, mantendo seus capelos abertos sobre o Menino! Em cada passo da estrada, Vasudeva percebeu sinais auspiciosos e favoráveis. Embora o Sol ainda não tivesse saído, os lótus abriam suas pétalas nos tanques e se inclinavam em suas hastes para Vasudeva. Embora fosse uma noite sem lua, talvez com anseio de ver o Bebê Divino, a lua cheia saiu detrás das nuvens e os seus raios

iluminaram somente a cesta de bambu onde o Bebê estava durante todo o caminho! O Bebê que atraía todos esses sinais auspiciosos foi levado para a casa de Nanda, e a menina que acabara de nascer foi trazida para as mãos de Devaki. Assim que isso foi feito, Vasudeva começou a chorar. Não conseguia parar de soluçar.”

Mesmo enquanto essas palavras saíam dos lábios de Suka, Parikshith exclamou em voz alta: ‘Krishna! Krishna!’ Todos se voltaram para o Rei e correram para ele. Viram uma cobra afastando-se rapidamente após ter picado o dedão do pé direito do Maharaja!

Estava claro para todos que o fim chegara. Todos fizeram eco às palavras de Parikshith repetindo: “Krishna! Krishna!” e “Oh, Dwarakavasa! Brindavana-vihara!” A vasta assembléia não tinha outro pensamento senão o de Deus, e nenhuma outra palavra senão o nome de Deus.

O Maharaja caiu no chão repetindo “Krishna! Krishna!” Os homens aprenderam nos Vedas a recitar as preces védicas. Os bhaktas cantam a Glória de Deus em coro. Os ascetas e sábios mergulharam em Japa e Dhyana.

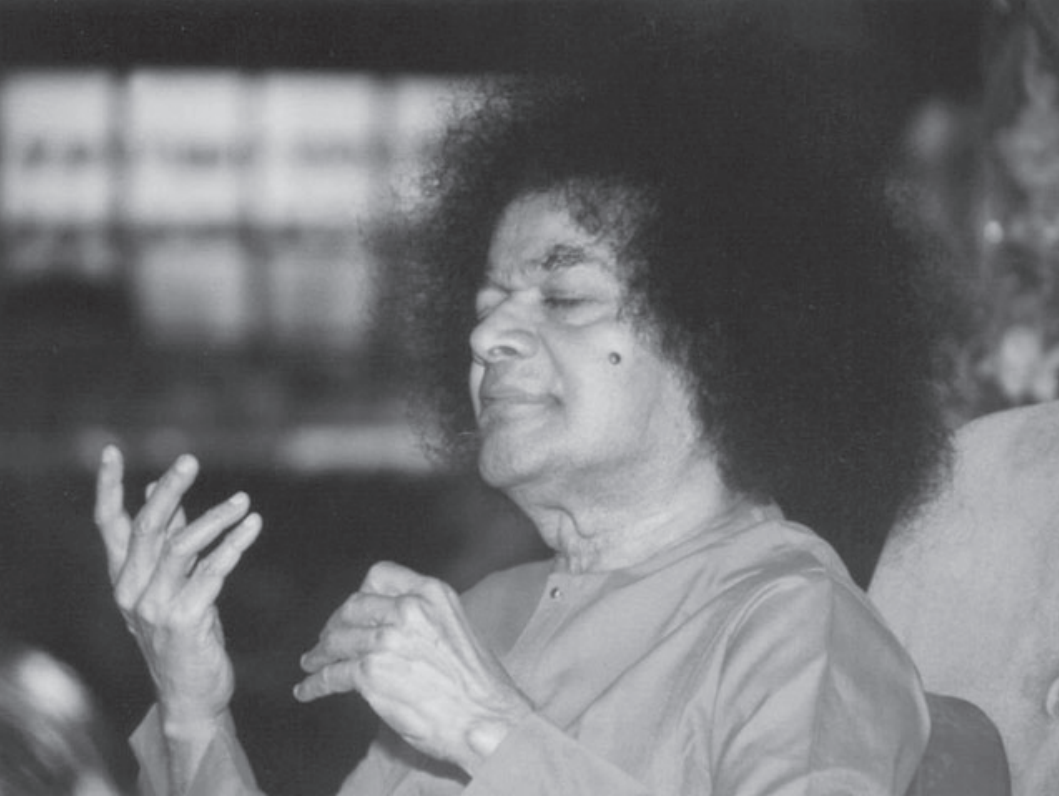
Suka verteu lágrimas de bem-aventurança interior. E anunciou: “O Maharaja atingiu Gopala!” Pediu que providenciassem os ritos funerários e saiu, sem ser notado.

A palavra Suka significa papagaio. Sim, ele foi o papagaio que colheu o fruto maduro do néctar chamado Bhagavata da Árvore dos Vedas e possibilitou que o mundo o provasse e fosse nutrido por ele. Que o mundo possa saborear o Fruto e fortalecer-se através dele, e provar da Bem-aventurança Átmica que ele pode conferir.

Que a humanidade atinja Nanda-nandana!







OM SRI SAI RAM



